

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MEMÓRIAS DE PROFESSORES/AS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE FORMAÇÃO E
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS (1950 à 1970).

Joélcio Fernandes Pinto

Belo Horizonte
2012

Joélcio Fernandes Pinto

MEMÓRIAS DE PROFESSORES/AS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE FORMAÇÃO
E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS (1950 à 1970)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Educação

Programa de Pós-graduação em Educação:
Conhecimento e Inclusão Social

Linha de pesquisa: História da Educação

Orientador: Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago

Belo Horizonte
2012

Joélcio Fernandes Pinto

MEMÓRIAS DE PROFESSORES/AS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA SOBRE FORMAÇÃO
E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS (1950 à 1970)

Tese defendida e aprovada em 21 de março de 2012 , pela banca examinadora
composta pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago - Orientador

Profa Dra. Eustáquia Salvadora de Sousa- PUC/Minas

Prof. Dr. Valter Bracht - UFES

Profa. Dra. Thais Nívia de Lima Fonseca – FaE/UFMG

Prof. Dr. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira - UFMG

Profa. Dra. Maria do Carmo Xavier (convidada especial) – PUC/Minas

Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho (suplente) – FaE/UFMG

RESUMO

A pesquisa teve como objeto de investigação memórias de 10 professores/as de Educação Física com formação inicial e experiência docente em Belo Horizonte, entre 1950 à 1970. O propósito foi explorar indícios de formação familiar, social e profissional, contemplando vivências de infância, juventude, graduação e atuação docente, em uma temporalidade marcada por circunstâncias políticas, sociais e culturais peculiares. O movimento de ouvir esses protagonistas que, em suas experiências, pensaram, organizaram e implementaram ações e práticas pedagógicas, envolvidos em representações de Educação Física e de esporte, foi imprescindível para problematizar em que medida as circunstâncias influenciaram (ou não), suas intervenções pedagógicas. Tentou-se compreender, com as memórias destes/as professores/as, uma ambiência social e cultural, as condições materiais e políticas que cercaram especialmente a formação inicial e a atuação profissional em Educação Física. Para tanto, foram mobilizados procedimentos teórico-metodológicos indicados por estudiosos de História Oral, tanto para a eleição da colônia de entrevistados como para a realização das entrevistas, além do respeito aos protocolos legais e éticos exigidos. Outros documentos também foram examinados, tais como: legislação do ensino, material didático dos professores, livros, apostilas, produções do Ministério da Educação, dentre outros. Neste conjunto documental interessou também perceber a circulação de modelos didáticos de intervenção em Educação Física, com os quais tiveram contato. Foi possível compreender a existência de um entrelaçamento entre histórias de vida de docentes, as iniciativas oficiais para a área e a ambiência social e cultural daquela temporalidade. As reminiscências destes/as professores/as permitiram pensar, por exemplo, que um movimento de *esportivização do social*, tanto na capital mineira, onde atuaram, como em suas cidades de origem (Lavras, Moeda, São João Del Rey e Caratinga), encontrava-se em pleno desenvolvimento nas décadas de 1940 e 1950, e nas seguintes. Mas que tal enraizamento do esporte nas práticas sociais dava-se de modos diversos e peculiares. A formação profissional em Educação Física que realizaram em Belo Horizonte nas décadas de 1950 e 1960, aparece em seus relatos como precária, empírica, generificada e militarizada. Eles permitem especular ainda que o currículo daquele que era então, o único curso de formação existente (e o primeiro de Minas Gerais), foi também marcado não por ‘uma *esportivização*’, mas por variadas *esportivizações* – na aparência do igual, a presença do diverso. As lembranças sobre suas ações docentes evidenciaram vestígios de práticas pedagógicas que reforçavam uma dada tradição profissional da área – de hierarquia, de práticas sexistas, de crescente predominância de conteúdos relacionados aos esportes. Em menor escala aparecem iniciativas de incentivo ao encontro entre meninos e meninas nas aulas, a luta por direitos de igualdade, a pluralidade de conteúdos e tentativas de aproximação da comunidade local. As memórias que aqui foram trazidas exigem pensar que as experiências humanas, tão singulares e únicas, tornam impossíveis generalizações e esquematizações simplistas.

Palavras-chaves: História, Memória, Educação Física, Esporte, Formação e Práticas.

ABSTRACT

The present study has elaborated and analysed the memories from teachers of physical education teachers that have worked in the city of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil, in the middle 20th century. The aim was to follow the evidence of familiar, social, and professional formation and teacher work of ten teachers of that discipline, through a movement of profound political interventions (decades of 1950, 1960 and 1970). In that movement, we were interested in giving voice to the professionals that in their anonymous daily life have thought on, organized and implemented actions and pedagogical practices that have circulated and/or constructed representations of Physical Education and Sports. It was also important to observe and problematize the evidences of formation (familiar, social and professional) that could have or not influenced the possible pedagogical interventions. For such, it was indispensable to identify, through the memories of the teachers, the evidences of the social and cultural ambience, the material, structural and political conditions of training and professional actuation. In order to elaborate such memories, we have used the Oral History methodology, understanding it not only as the interview moment, but as a set of procedures and pervades the election of the respondents colony, the legal/ethical forms, the interview questionnaire, the local, the recording technical device, the transcription techniques, the theoretical grounding of analyse and the devolution of the results to the teachers and academic community. Other sources have been analyzed, as the didactical material donated by a professor which was part of her professional training. Among those sources, we were interested in identifying didactical models of professional intervention, as well as in the contents that have circulated in the academic milieu at the time. As we investigated the remembrances of those professors it was possible to think and problematize the interlacement of the life stories of the teachers, the policies of the federal government for the area and the social and cultural ambience of the period. In synthesis, the memories of those professors allowed for us thinking that the movement of sportivization of the social practices of the capital of Minas Gerais, Belo Horizonte, as well as the countryside cities (Lavras, Moeda, São João Delrey and Carating), was already in full development at the decade of 1950. The professional training in Physical Education at the decades of 1950 and 1960 would have been precarious, empirical, sexist and militarized. Despite the reports of the contents of Recreation and Dance (for the girls), the unique curricula of the formation course in Minas Gerais would have gone under several types of sportivizations. The reminiscences evinced pedagogical practices that have reinforced a given hierarchical professional tradition of sexist and callisthenic practices, as well as the introduction of sportive content. To a lesser extent, we have also observed evidences of Professional actions that stimulated the encounter between the sexes, the fight for equality rights, the plurality of contents, the approximation with the local community. The study of the memories allowed for us thinking that human experience, being so singular and unique, cannot bear simplist generalizations schematizations

Palavras-chaves: History, Memory, Physical Education, Sport, Formation, Pedagogical Practises

AGRADECIMENTOS

Como para a História nada pode ser perdido, tão pouco, podem ser esquecidos os preciosos auxílios que recebi durante o doutoramento. A todos e todas que de alguma forma participaram dessa jornada, a minha mais profunda gratidão.

Em especial meu estimado e querido orientador Tarcisio Mauro Vago que, com exemplos próprios, incitou-me a admirar a beleza da humildade, saborear o prazer de boas leituras, a respeitar as precariedades humanas e a enfrentar os desafios, em tempos modernos, de fazer do afeto nosso principal norte.

À Thais Nívia de Lima Fonseca e Marcus Aurélio Taborda de Oliveira pelas preciosas aulas, pelas orientações prestadas no parecer do projeto de pesquisa e por aceitarem compor a banca de defesa desta Tese. À Marcus, meu especial agradecimento pela participação também em minha qualificação.

À Eustaquia Salvadora de Sousa, Valter Bracht, Luciano Mendes de Faria Filho e Maria do Carmo Xavier que acolheram carinhosamente o convite para compor a banca de defesa de tese. À Maria do Carmo, meu carinhoso reconhecimento pela participação também em minha qualificação.

Aos/às professores/as Élcio Paulinelli Guimarães, Marluce Guimarães Gomes, Januário Schimit de Andrade, Wilson Camelier, Guido Agenor Rodrigues, Reginaldo Gomes Dias, Maria Helena Vitorino, Marialva José da Silva, Elisabete de Fátima Rossete e Lúcia Aparecida Guilherme Canhedo, que aceitaram fraternalmente compartilhar suas experiências humanas em prol desta investigação.

Aos professores Lucio Martinez Alvarez, Nicolás Bores Calle e Alfredo Miguel Aguado pelo precioso e acolhedor acompanhamento do estágio de doutorado sanduíche em Palencia/ES.

Aos funcionários/as do programa Rose, Ernane e Janice sempre dispostos a ajudar com simpatia e alegria.

Aos colegas do CEMEF, do GEPHE e de disciplinas que com questões e discussões ajudaram a qualificar a investigação. Perdoem pelo momentâneo afastamento.

Aos brasileiros que, por meio da CAPES, concederam-me bolsa de doutorado sanduíche por seis meses.

Aos cidadãos de Minas Gerais que, por intermédio da FAPEMIG, proporcionaram a concessão de seis meses de bolsa de aperfeiçoamento profissional (PMCD).

À minha mãe Joêmia Fernandes Pinto e ao meu pai Joel Nascimento Pinto que com escassos recursos financeiros, mas com grande afeto e carinho, incentivaram sempre o cultivo de uma vida digna.

À minha segunda mãe Fernanda pela presença marcante em minha família, por sua fraterna, carinhosa e valiosa atenção às minhas filhas.

À minha querida esposa Martha pela confiança, pela parceria- sempre dedicada - pelo carinho e pela compreensão de minhas escolhas e ausências. Continuo desejando sua eterna companhia.

HOMENAGEM ESPECIAL

Dedico este trabalho à:

delicada e sensível Fernanda,

à arredia e graciosa Ana,

à intensa e fraterna Júlia e

à iluminada e doce Beatriz.

Minhas princesas, minhas filhas, minha vida.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA I – APRESENTAÇÃO DA APOSTILA DE RECREAÇÃO MINISTRADA POR ODILON BARBOSA E NELLA TESTA TARANTO, 1969 (GRIFOS DO ORIGINAL).....	94
FIGURA II - APOSTILA DE RECREAÇÃO MINISTRADA POR ODILON BARBOSA E NELLA TESTA TARANTO, 1969 (GRIFOS E ANOTAÇÕES DO ORIGINAL).....	95
FIGURA III - APOSTILA DE RECREAÇÃO MINISTRADA POR ODILON BARBOSA E NELLA TESTA TARANTO, 1969 (GRIFOS DO ORIGINAL).....	96
FIGURA IV - APOSTILA DE RECREAÇÃO MINISTRADA POR ODILON BARBOSA E NELLA TESTA TARANTO, 1969 (GRIFOS DO ORIGINAL).....	97
FIGURA V - APOSTILA DE RECREAÇÃO MINISTRADA POR ODILON BARBOSA E NELLA TESTA TARANTO, 1969.....	98
FIGURA VI - APOSTILA DE RECREAÇÃO MINISTRADA POR ODILON BARBOSA E NELLA TESTA TARANTO, 1969.....	99
FIGURA VII - APOSTILA DE RECREAÇÃO MINISTRADA POR ODILON BARBOSA E NELLA TESTA TARANTO, 1969.....	100
FIGURA VIII – PARTES DAS PÁGINAS 56 E 57 DO 6º VOLUME DA COLEÇÃO “EDUCAÇÃO FÍSICA MUNDIAL – TÉCNICAS MODERNAS”, 1972. (GRIFOS DO ORIGINAL).....	102
FIGURA IX – PARTES DAS PÁGINAS 58 E 59 DO 6º VOLUME DA COLEÇÃO “EDUCAÇÃO FÍSICA MUNDIAL – TÉCNICAS MODERNAS”, 1972. (GRIFOS DO ORIGINAL).....	103
FIGURA X – 6º VOLUME DA COLEÇÃO “EDUCAÇÃO FÍSICA MUNDIAL – TÉCNICAS MODERNAS”, 1972. (GRIFOS DO ORIGINAL).....	104
FIGURA XI – 6º VOLUME DA COLEÇÃO “EDUCAÇÃO FÍSICA MUNDIAL – TÉCNICAS MODERNAS”, 1972. (GRIFOS DO ORIGINAL).....	105
FIGURA XII – 6º VOLUME DA COLEÇÃO “EDUCAÇÃO FÍSICA MUNDIAL – TÉCNICAS MODERNAS”, 1972. (GRIFOS DO ORIGINAL).....	106
FIGURA XIII – 6º VOLUME DA COLEÇÃO “EDUCAÇÃO FÍSICA MUNDIAL – TÉCNICAS MODERNAS”, 1972. (GRIFOS DO ORIGINAL).....	107
FIGURA XIV – 6º VOLUME DA COLEÇÃO “EDUCAÇÃO FÍSICA MUNDIAL – TÉCNICAS MODERNAS”, 1972. (GRIFOS DO ORIGINAL).....	109
FIGURA XV – 6º VOLUME DA COLEÇÃO “EDUCAÇÃO FÍSICA MUNDIAL – TÉCNICAS MODERNAS”, 1972. (GRIFOS DO ORIGINAL).....	110
FIGURA XVI – CAPAS DAS REVISTAS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DEDINHO.....	112
FIGURA XVII – DOCUMENTO DA DIRETORIA DE ESPORTES DE MINAS GERAIS, 1960.....	140
FIGURAXVIII – DOCUMENTO DA DIRETORIA DE ESPORTES DE MINAS GERAIS, 1960.....	141
FIGURAXIX – MONTAGEM DE FOTOS DE AULAS DE EF NO CEFET, 1960.....	143
QUADRO 1 - ESQUEMA DOS MOMENTOS DE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DOS PROFESSORES/AS.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE	ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO
ACM	ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS
CAPES	COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR
CEFET	CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
CEMEF	CENTRO DE MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA, DO ESPORTE E DO LAZER
CISM	CONSEIL INTERNATIONAL DU SPORT MILITAIRE
CNED	CAMPANHA NACIONAL DE ESCLARECIMENTO DESPORTIVO
COEP	CONSELHO DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFMG
DED	DEPARTAMENTO EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTO
DEF	DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DI	DEPARTAMENTO DE INSTRUÇÃO MILITAR
EEFEMG	ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ESTADO DE MINAS GERAIS
EEFFCMG	EDUCAÇÃO FÍSICA DAS FACULDADES CATÓLICAS DE MINAS GERAIS
EEFFT0	ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL
EEFMG	ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE MINAS GERAIS
FAFICH	FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FMFS	FEDERAÇÃO MINEIRA FUTEBOL DE SALÃO
GRUGIM	GRUPO DE GINÁSTICA MODERNA
IEMG	INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS
JEB'S	JOGOS ESCOLARES BRASILEIROS
JUB'S	JOGOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
PATEF	PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E FINANCEIRA A PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PIDIC	PROGRAMA DE INTERCÂMBIO E DIFUSÃO CULTURAL
PRODED	PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
SESI	SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA
UNE	UNIÃO NACIONAL DE ESTUDANTES
USAID	UNITED STATES AGENCY FOR INTERNATIONAL DEVELOPMENT

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	8
I - OBJETO, CIRCUNSTÂNCIAS E JUSTIFICATIVAS DA PESQUISA	8
II - OBJETIVOS, APORTES TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
III - APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES E ORGANIZAÇÃO DA NARRATIVA.....	22
CAPÍTULO I.....	30
“O ESPORTE ESTÁ NO SANGUE”: ESCOLHENDO SER PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM UMA AMBIÊNCIA SOCIAL ESPORTIVIZADA.	30
1.1 - AMBIÊNCIA SOCIAL ESPORTIVIZADA: ESPAÇOS, AGENTES E REPRESENTAÇÕES DIVERSIFICADAS.....	39
1.1.1 - <i>Espaços de vivência esportiva, agentes disseminadores e esportes praticados.....</i>	39
1.2 - SIGNIFICADOS E REPRESENTAÇÕES DE PRÁTICAS ESPORTIVAS	40
1.3 - EDUCAÇÃO FÍSICA E PRÁTICA ESPORTIVA: REPRESENTAÇÕES SIMILARES	43
CAPÍTULO II	50
“SEMPRE VIVI EM UM REGIME MUITO DISCIPLINAR” // “A POLÍTICA NÃO FAZIA PARTE DO NOSSO UNIVERSO”: SABERES DE UMA FORMAÇÃO PROFISSIONAL MILITARISTA E ESPORTIVIZADA	50
2.1 - PROFESSORES E REPRESENTAÇÕES.....	53
2.2 - CURRÍCULO, ESPAÇOS DE AULAS E AULAS	66
2.3 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS PRESENTES NO CURSO DE FORMAÇÃO	73
2.3.1 - Da bibliografia de uma professora de Educação Física em formação: indicação de contatos com leituras, autores, representações.....	92
2.3.1.1 - Apostila de Recreação	93
2.3.1.2 - O 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”	101
2.3.1.3 - Materiais da Campanha de Esclarecimento Esportivo do DED/MEC.....	111
CAPÍTULO III.....	116
MEMÓRIAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ESPORTIVIZANDO A ESCOLA, ESCOLARIZANDO O ESPORTE.....	116
3.1 - LEMBRANÇAS DAS CONDIÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS, ESTRUTURAIS, MATERIAIS E FINANCEIRAS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	117
3.2 - MEMÓRIAS DA ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE: PLANEJAMENTO, MÉTODO, CONTEÚDO E AVALIAÇÃO	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	171
REFERÊNCIAS.....	179
ANEXOS.....	188

APRESENTAÇÃO

I - OBJETO, CIRCUNSTÂNCIAS E JUSTIFICATIVAS DA PESQUISA

A presente pesquisa tem como objeto de investigação memórias de dez professores/as de Educação Física sobre suas experiências de formação (inicial e profissional) e de ações/práticas pedagógicas¹, em escolas públicas e particulares de Belo Horizonte em meados do século XX.

O interesse por tal temática origina-se na minha experiência profissional, ministrando aulas de Educação Física em escolas particulares e públicas de Belo Horizonte, durante a década de 1990. O fato peculiar desta experiência foi o desconforto causado pelo número acentuado de resistências, por parte de alunos e pais, quando da implementação, em 1997, de um programa pedagógico de ensino da Educação Física², que propunha, dentre outras mudanças, a ampliação de conteúdos, a utilização de diferentes metodologias de aulas e também de diferentes instrumentos de avaliação.

Tais reformulações pedagógicas nascem das insatisfações com a prática profissional, que reduzia as vivências corporais de nossos alunos às práticas esportivas, com significados muito próximos do esporte de alto rendimento e/ou espetáculo. Ou seja, as aulas tinham como objetivo ensinar as regras e aperfeiçoar as técnicas e táticas dos cinco esportes básicos: Atletismo, Futebol de salão, Vôlei, Basquete e Handebol. Tais insatisfações encontraram conforto em produções acadêmicas que tentavam difundir concepções diferenciadas de Educação Física, tais como Mauro Betti (1991), Valter Bracht (1992) e Coletivo de Autores (1992). Além disso, em 1996 o Congresso Nacional aprovava a LDB da Educação, na qual a Educação Física passava a ser entendida como uma área de conhecimento, *status* diferente da última Lei de 1971, que a concebia como uma atividade escolar. Foi, então, nessa relação entre o particular (insatisfação pessoal) e o coletivo (ambiência acadêmica e legal), que um grupo de professores elaborou um projeto de reforma curricular, proposto inicialmente para uma escola particular de Belo Horizonte e, posteriormente, para uma escola da rede de ensino municipal da qual eu fazia parte.

¹ Por *ações pedagógicas*, entendemos todas as intervenções realizadas por professores de Educação Física, principalmente, na escola. Assim sendo, pretende-se perceber e problematizar as memórias destes professores sobre as aulas, eventos esportivos, gincanas, festivais e demais atividades das quais os professores e professoras participaram e/ou organizaram. Tal posicionamento se justifica em função de entender que o processo de ensino e aprendizagem se dá em todo o espaço escolar, e não somente nas aulas. Dessa forma, todas as possíveis ações pedagógicas que teriam sido realizadas por tais professores, teriam contribuído no processo de construção de determinadas representações que são importantes para a pesquisa em questão.

² Cf. PINTO, Joelcio & SILVEIRA, Guilherme. na perspectiva da Cultura Corporal: uma proposta pedagógica. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v. 22, n. 3, maio 2001.

Em grande medida, as resistências, próprias de qualquer mudança, relacionavam-se com a presença de representações cristalizadas sobre a função social da Educação Física, seus conteúdos e métodos. Via de regra, alunos/as e professores/as consideravam as aulas de Educação Física um espaço e tempo para o desenvolvimento da saúde, de habilidades técnicas e também de compensação física, pois acreditavam que o corpo tem necessidade de se movimentar, depois de tanto tempo “parado” nas aulas “teóricas”. Para atender a tais finalidades, o esporte era considerado conteúdo perfeito pois, por meio da prática esportiva, seria possível desenvolver satisfatoriamente tais aspectos, bem como valores considerados essenciais para a vida em grupo.

Entretanto, o conflito gerado por este movimento de reformulação cultural das aulas de Educação Física foi tão desestabilizador que três professores de um grupo de seis, sendo eu um deles, decidiram fazer um curso de pós-graduação, em 1999, visando encontrar justificativas para nossa ação pedagógica naquele momento. Este curso nos possibilitou avaliar melhor a situação, reforçando as potencialidades do projeto e alertando sobre alguns exageros. E foi aí também que consegui formular um projeto de pesquisa histórica, apresentado e acolhido em 2001 pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFMG. Tal projeto visava conhecer o movimento de inserção e/ou consolidação do esporte na escola, investigando as práticas dos professores de Educação Física no período da ditadura militar (1964-1985). A temporalidade e a eleição das fontes tiveram forte influência das leituras de Mauro Betti (1991), Lino Castellani Filho (1988), e Ricardo Lucena (1991), pois se referiam ao período da Ditadura como o momento de “*esportivização*” das aulas de Educação Física, tema que muito me interessava.

Todavia, durante as discussões de orientação e uma revisão bibliográfica mais aprofundada, foi possível perceber que estes trabalhos não eram propriamente estudos históricos, e que até então havia poucas produções sobre a História da Educação Física durante a ditadura militar brasileira. Apenas duas dissertações de mestrado foram encontradas na época: a de Lenir Miguel de Lima (1992) e de Dalva Marim Beltrami (1992). Esta circunstância fez com que eu adiasse minhas intenções de investigar as práticas dos professores/as, pois outras dimensões (Leis, Políticas, Discursos, etc.) da história da Educação Física na Ditadura Militar ainda estavam por ser analisadas, também.

Diante de tais circunstâncias, a pesquisa de mestrado³ acabou por investigar representações de Educação Física e Esporte presentes em políticas públicas do regime da Ditadura Militar propostas para esta área, bem como as estratégias utilizadas para a circulação e divulgação de representações a respeito dela. Aquela pesquisa teve como objetivo conhecer os argumentos utilizados para justificar a presença do esporte nas aulas de Educação Física e, principalmente, as ações adotadas para materialização destas representações. O trabalho indicou que agentes públicos do governo militar brasileiro, naquela temporalidade, protagonizaram um duplo movimento: *esportivizar* a sociedade e *escolarizar* o esporte. Para tanto, várias foram as estratégias adotadas.

A primeira delas, ainda em 1969, foi a produção de uma avaliação sobre a realidade da Educação Física, da prática esportiva no Brasil e seus órgãos diretivos, visando fundamentar as ações nestas áreas. Tal mapeamento ficou conhecido como o “Diagnóstico de 1969”⁴ e foi a partir dele que, em 1970, ocorrem as primeiras transformações no ordenamento legal (geral e específico), que vislumbravam, dentre outros aspectos, a reformulação dos órgãos diretivos, dotando-os de mais poderes e melhores condições financeiras para elaboração de políticas públicas de impacto nacional.

Assim, a antiga Divisão de Educação Física (DEF) passa a ser denominada Departamento Educação Física e Desporto (DED). A incorporação do termo *desporto* ao nome do novo órgão já era um sinal importante da ideia de aproximação de tais áreas. Este novo departamento era vinculado diretamente com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e dispunha de verba própria (porcentagem da loteria federal). A partir de tal reestruturação administrativa, em 1971, o DED trabalhou na formulação de um amplo plano de ação conjunto da Educação Física e do Esporte, com a “*grande missão*” de enfrentar os problemas identificados no *Diagnóstico* que eram, dentre outros, modernizar a estrutura administrativa e elevar o nível do Desporto Nacional. Para tanto, os autores enumeraram vinte e seis objetivos gerais que deveriam ser cumpridos por três grandes programas, a saber: 1) o PRODED (Programa de Desenvolvimento da Educação Física e Desportos); 2) o PATEF

³ Cf. PINTO, Joelcio Fernandes. *Representações de e Esporte na ditadura Militar brasileira: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho (1968 à 1974)*. Dissertação de mestrado da Faculdade de Educação da UFMG, 2003.

⁴ Três meses após a *Reforma Universitária* de 1968, o Ministério da Educação e Cultura, pela Portaria Ministerial n. 94-A, de 28 de fevereiro de 1969, instituiu um grupo de trabalho para estudar e propor medidas para a expansão da Educação Física e do esporte em todo o País. O resultado desses estudos foi o denominado *Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil*⁴. Esse trabalho teve início em maio de 1969, quando foi firmado um convênio entre o Conselho Nacional de Recursos Humanos, órgão do Ministério do Planejamento e Coordenação Geral, cujo secretário-executivo era Arlindo Lopes Corrêa, e a então Divisão de Educação Física (DEF), do Ministério de Educação e Cultura, dirigida pelo tenente-coronel Arthur Orlando da Costa Ferreira⁴ (PINTO, 2003).

(Programa de Assistência Técnica e Financeira a Programas de Educação Física); e 3) o PIDIC (Programa de Intercâmbio e Difusão Cultural).

Este ambicioso projeto planejou intervir em vários segmentos da sociedade, tais como: na construção de instalações esportivas, na formação do profissional de Educação Física, na formação continuada, na sociedade, por meio da Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo, dentre outros. Assim, a pesquisa de mestrado investigou centralmente um dos impressos mais importantes da Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo (CNED), praticada pelo DED/MEC e coordenada pelo Capitão Roberto Jenkins de Lemos, a Revista de História em Quadrinhos DEDINHO:

As iniciativas e os documentos produzidos durante a CNED estavam fundamentados no pressuposto de que a prática esportiva era sinônimo de saúde, ordem social e progresso, que deveria ser incentivada em todos os espaços possíveis, ensinada na escola, por intermédio dos professores de Educação Física, e com múltiplas funções, dentre elas a melhoria da condição física da população e a preparação dos alunos para o cumprimento do serviço militar; para minimizar os efeitos maléficos da vida moderna; e para aumentar o número de atletas em várias modalidades, procurando melhorar a representatividade esportiva brasileira. Assim, pretender forjar uma “mentalidade desportiva” no País, partindo do pressuposto de que a população não era ‘esclarecida’ sobre o esporte, não foi outra coisa senão organizar detalhadamente uma intervenção para esportivizar a sociedade.

Para conseguir o intento, a importância dada à propaganda foi grande e é percebida não só pela quantidade de informações a respeito do esporte, mas principalmente pela diversidade visual e material dos veículos de comunicação. Foram adotados mecanismos inéditos de circulação de mensagens a respeito do esporte, tal como a literatura de história em quadrinhos (projeto das cartilhas desportivas, no qual produziu-se a *RHQ Dedinho*), que, ao combinar códigos de diferentes naturezas (a mensagem escrita e as imagens), procuravam construir significados e sentidos diferenciados, aumentando as possibilidades de leitura e qualificando a recepção das mensagens (PINTO, 2003).

É importante que se registre que o movimento pretendido pelo governo brasileiro nesta época (1970) não parece ter acontecido de maneira monolítica e sem resistências. Durante a elaboração de documentos oficiais, aparecem muitas dúvidas sobre o potencial do esporte em atingir as metas propagadas. Vários são os alertas sobre os cuidados que deveriam ser tomados para que práticas esportivas não desviassem os cidadãos de um caminho “*correto*”.

Tal pesquisa foi interessante por vários aspectos, dentre eles, pela possibilidade de perceber com mais detalhes os discursos e as estratégias utilizadas pelo governo brasileiro para justificar a presença do esporte nas aulas de Educação Física, além de perceber algumas resistências apresentadas no confronto a tal política.

Apesar das contribuições destas investigações, é sempre importante indagar sobre as possíveis aproximações e distanciamentos entre o que a política planejou realizar e o modo como os/as professores/as agiram. Assim, as questões iniciais apresentadas no projeto para esta nova pesquisa foram: a política do governo militar trouxe algo de ‘novo’ para a Educação

Física (em síntese: torná-la um lugar de aprendizagem de esportes) como ele próprio pregava e anunciava? Ou foi uma oficialização de algo que já vinha sendo construído em períodos anteriores? Que acessos tiveram os/as professores/as ao material produzido por tal política? Em que medida esta política influenciou práticas escolares e professores/as de Educação Física? O que teria influenciado suas intervenções pedagógicas? Que conteúdos, metodologias e instrumentos de avaliação teriam sido utilizados pelos/as professores/as?

Estas questões são aventadas por vários motivos. Um deles é a desconfiança de que a política do governo militar não teria passado de uma continuidade e expansão de iniciativas já anteriormente praticadas. Pesquisas, como a de Meily Assbu Linhales (2007), indicam a presença do esporte nas práticas sociais desde a década de 1920 no Brasil. Ocorre que os protagonistas envolvidos na elaboração das políticas do regime militar para o DED/MEC propalavam uma espécie de inovação, pois, tais políticas é que induziriam a inserção do esporte na Escola e nas práticas sociais – pois que o Diagnóstico que realizaram em 1969/70 indicou que a sociedade encontrava-se pouco “*esportivizada*”⁵.

Todavia, após um contato mais refinado com aportes teóricos que indicam, de um lado, que a intervenção profissional pode sofrer influências não apenas de uma política oficial apresentada para a área, mas também de uma formação que envolve e entrelaça experiências familiares, culturais e profissionais e, de outro, que a experiência humana é singular e em movimento constante de transformação, o conjunto de questões foi ampliado para abarcar conhecimentos sobre os momentos anteriores à atuação profissional e suas possíveis influências. Assim, interessou-se questionar também: que vivências teriam experimentado professores/as em suas infâncias e adolescências? Que motivos os levaram a escolher a profissão? Como teria sido a formação profissional? Que representações de Educação Física teriam sido propagadas? Que intervenções pedagógicas teriam sido realizadas? Que aproximações poderiam ser feitas entre a ação docente, a formação anterior e a política daquele período?

Dessa forma, “Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência” (Nietsche, citado por Walter Benjamin na tese doze do ensaio sobre “O Conceito de História”, 1984). Precisamos da História, pois, “[...] qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita” (Adorno, 1995, p. 119). Então, precisamos da História para que nenhum dos princípios (preconceitos de qualquer natureza, relações sociais autoritárias, etc.)

⁵ Cf. MEC. *Diagnostico de Educação Física/Desportos no Brasil*. 1971.

que nortearam a existência de Auschwitz se repita em qualquer prática social – assim também na Educação Física.

A escolha de tal objeto de investigação e em tal temporalidade se justifica, em primeira instância, pela importância de “*articular historicamente o passado*” da disciplina Educação Física. Entendendo como Walter Benjamin (1987a), que isso não significa “*conhecê-lo como ele de fato foi*”, pois tal situação é impossível. Mas “*significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento do perigo*”. Considera-se importante o esforço de apropriação de memórias de professores/as de Educação Física sobre sua formação e atuação profissional. Observar e problematizar as reminiscências do que teriam vivenciado, pensado, como teriam agido, o que teriam feito em um período marcado por circunstâncias políticas específicas, em que um “regime de exceção” mobilizou diferentes estratégias políticas para difundir representações de Educação Física e de Esporte⁶.

Como indica Walter Benjamin (1987), entende-se que “[...] o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. As lembranças de professores/as de Educação Física são aqui tomadas como oportunidade para compreender as circunstâncias que teriam balizado suas formações e ações docentes..

A ainda pequena produção sobre história de Educação Física realizada com fontes orais que contemplem o período da Ditadura Militar brasileira é também outro aspecto que ancora esta investigação. Até o momento, foram encontrados quatro trabalhos de investigação teórica a respeito do tema e do período em questão: a dissertação de mestrado de Lenir Miguel de Lima (1992), a dissertação de mestrado de Dalva Marim Beltrami (1992), a tese de doutorado de Marcus Aurelio Taborda de Oliveira (2003) e a minha dissertação de mestrado - PINTO (2003). A Tese de Marcus Taborda de Oliveira (2003) trata do mesmo tema, no mesmo período e utiliza fontes semelhantes, circunscritas à cidade de Curitiba, no estado do Paraná.

Este pesquisador considera existir uma bibliografia de forte impacto na área que, para ele, recorreu à História para “*justificar posições, construir interpretações e alguns até mesmo estabelecer prescrições*” sobre Educação Física na escola. Nesta bibliografia ele inclui os trabalhos de Bracht (1992), Betti (1991), Coletivo de Autores (1992), Guiraldeli Júnior (1988) e Mariz de Oliveira (1988):

Todos esses estudos caracterizam-se por uma visão estrutural extremamente ampla e um tanto arbitrária: a Educação Física estaria em crise porque – dentre outras razões

⁶ Cf. PINTO, 2003.

– o governo autoritário instalado no Brasil pós-64, na tentativa de consolidar sua ideologia, fez uso das atividades desportivas (e da Educação Física em geral) no sentido de anestesiar a consciência e amainar a participação popular nos processos reivindicatórios e decisórios. Então teria o governo produzido e divulgado uma certa abordagem de uma Educação Física que se consolidou de uma forma incontestável, sem que os profissionais da área pudessem contrapor-se às suas medidas arbitrárias e autoritárias. (OLIVEIRA, 2003, p.45).

Esta investigação também procurou dialogar com esta produção, trazendo-a para examinar seu objeto – memórias de professores/as de Educação Física –, inclusive aquelas sobre suas experiências docentes durante a Ditadura, quando o governo militar prescreveu ordenamentos legais e produziu diversas políticas para tentar intervir na área. Não é pretensão retomar o debate já realizado por Taborda de Oliveira(2003). A ideia é, como ele próprio sugere, matizar esta produção teórica, principalmente as obras de Valter Bracht (1992) e do Coletivo de Autores (1992), reconhecendo e respeitando a historicidade destas proposições teóricas – considera-se a argumentação que então apresentaram foi um significativo avanço no momento de sua emergência. E trouxe contribuições para questionar duvidosos consensos da área.

Afastando-nos de um entendimento utilitarista da História, acredita-se que uma compreensão histórica das tensões, contradições, dos acordos e conflitos que marcaram a constituição e o desenvolvimento da formação e das intervenções pedagógicas em Educação Física possibilita a ampliação do campo de conhecimentos, permitindo desencadear um movimento de desnaturalização das práticas da área – movimento fértil para instigar em seus protagonistas (professores, alunos e comunidade) a necessidade de reflexões permanentes sobre as inúmeras possibilidades de experiências escolares, no tempo e no espaço das aulas de Educação Física, principalmente no que diz respeito às finalidades de suas ações, as influências sociais, os conflitos de interesses, os conteúdos, as metodologias, os sistemas de avaliação, dentre outros aspectos, buscando qualificar o agir pedagógico em tal disciplina.

II - OBJETIVOS, APORTES TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo central dessa pesquisa foi investigar as memórias sobre a formação e ações/práticas pedagógicas de dez professores/as de Educação Física que atuaram em escolas públicas e particulares de Belo Horizonte, entre 1950 e 1970, visando construir uma narrativa histórica sobre a disciplina Educação Física contata a partir de seus protagonistas. Tal meta visou compreender, a partir das memórias destes/as professores/as, as circunstâncias que envolveram o movimento de formação e atuação profissional, relacionando-as com os sentidos que teriam sido atribuídos a tais movimentos. Assim, essas memórias se configuraram como fonte privilegiada, pois nos permitiram aproximar dos significados atribuídos às tais movimentos, ou seja, a formação inicial, a formação profissional e as intervenções pedagógicas.

Tal temática traz para o centro da reflexão a discussão sobre o que vem a ser “memória” e qual a sua legitimidade nas práticas de investigação teórica. Assim, é preciso ter claro que, como toda fonte de pesquisa, a memória pode informar, de maneira falaciosa e/ou ingênua, fatos que não aconteceram, ou ainda, que aconteceram, mas exatamente da maneira como são lembrados, pois, a memória é uma reconstrução do passado no presente.

Em relação aos estudos sobre memória, são várias as produções que tratam de debater conceitos e usos, dentre eles Maurice Halbwachs (1950), Ulric Neisser (1988), Herbet Marcuse (1955), Michel Foucault (1980), e Walter Benjamin (1987). É importante destacar que nenhum deles entende a memória somente como uma mera “lembrança do passado”; de um lado, todos discutem aspectos fundamentais sobre o trabalho com memórias, como por exemplo, de que ela “[...] tanto é construída como reconstrói, que tanto coage como liberta, que tanto é individual como coletiva” (SANTOS, 1993, p.30). Por outro lado, cada investigação utilizou-se de formas absolutas, o que estreita o olhar de cada abordagem sobre a temática em questão.

A análise do processo de rememoração dos testemunhos utilizada nessa pesquisa vai ao encontro da compreensão de Walter Benjamin (1987), que entende a memória não só como um produto da razão, mas também dos sentimentos, da intuição, do movimento humano e de “experiências comunicáveis”. Reconhecemos que o filósofo Walter Benjamin mais formula questões do que as resolve, o que torna difícil encontrar verdades fáceis e/ou panacéias em suas reflexões. Todavia, o autor oferece pistas que nos ajudam a pensar historicamente o presente. Pode-se extrair de sua obra, dentre outros aspectos, o grande potencial da memória como elemento fundamental da criação do passado, em uma perspectiva

de implosão do “*continuum da história*”, ou seja, de que a idéia de progresso da humanidade estava a serviço de mecanismos de exploração e acomodação de determinada classe social:

Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo (BENJAMIM, 1987, p.224)

Entende-se assim, que cada reminiscência relatada nas entrevistas corresponde às mais diversas formas pelas quais cada professor/a deu conta de rememorar suas respectivas experiências no passado, afastando-nos, desta maneira, da escrita de uma história universal (oficial) e aproximando-nos de uma história repleta de contradições, tensões e “barbáries”. Situações que necessitam ser interpretadas de forma a perceber não só a barbárie, para que ela não volte a acontecer, mas também a astúcia, muitas vezes obscura, daqueles que estavam em uma condição de dominação.

Esse movimento de rememoração tem não apenas a potência de reconstituir fragmentos de um passado, mas também de dar sentido à experiência vivida. Não é à toa que todos/as participantes se emocionam e reconhecem o valor do momento da entrevista, das questões realizadas. Percebe-se, então, que entre o inconsciente e o consciente, nossos colaboradores construíram e reconstruíram a trama social de suas experiências. A análise dessas memórias teve como princípio a relação, sempre conflituosa, do indivíduo com o seu tempo, com suas práticas sociais, sem perder de vista as condições humanas de produção e, principalmente, os aspectos do passado que são reconstruídos e transformados pelo presente, bem como a maneira como o presente é impactado por eles à medida que tentamos reinterpretar o passado.

Entendendo assim o movimento de rememoração, tal investigação não teve a intenção de confrontar as lembranças de tais protagonistas com qualquer outro tipo de fonte para verificar a veracidade dos fatos, visando identificar distorções e lacunas. A idéia foi sempre registrar, relacionar e compreender o que foi relatado. Como Eclea Bosi nos relata, “[...] nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1987). Todavia, a análise de outras fontes não foi negligenciada; ao contrário, procurou-se ampliar o universo das fontes escritas que fizeram parte do processo

de formação e intervenção profissional de tais professores/as, como, por exemplo, livros e cadernos da formação profissional de uma professora, bem como alguns planos de aulas.

Dessa forma, o número de dez entrevistados não teve a intenção de se configurar como uma amostragem significativa do que foi a Educação Física em Belo Horizonte, nas décadas de 60 e 70 do séc. XX. A intenção foi registrar a voz de professores/as sobre o que rememoram de suas vidas em relação com a Educação Física. Se entrevistássemos outros tantos professores/as, poderíamos encontrar outras tantas e distintas lembranças, mas para esta pesquisa registraremos as rememorações destes dez protagonistas, sem a pretensão de dizer que foi esta a Educação Física deste período, mas sempre questionando porquê tais práticas foram lembradas e não outras. Registrou-se e analisou-se então, indícios de possíveis representações e práticas pedagógicas de Educação Física existentes naquela época, porém formuladas no tempo presente.

Para a produção destas memórias adotou-se principalmente os procedimentos metodológicos da História Oral, que prevê, dentre outros aspectos, a atenção e o cuidado que o pesquisador necessita ter em relação às versões construídas pelos seus entrevistados/as, tendo em vista que elas não correspondem exatamente ao que aconteceu, mas são construções cognitivas do que o/a entrevistado/a acredita ter acontecido, ou seja, são representações elaboradas no tempo presente.

Os procedimentos da “história oral” vêm sendo aperfeiçoados e discutidos internacionalmente. Existe um intenso debate na literatura sobre os conceitos, aplicações, cuidados e abusos da História Oral, dentre eles, Paul Thompson (1992), Amado e Ferreira (1996), José Carlos Meihy (1996), Philippe Joutard (2000), Alistair Thomson (2000), Verena Alberti (2004), Danièle Voldman (2002). Para Paul Thompson (1992), este método se constitui interdisciplinarmente, sendo “[...] um caminho cruzado entre sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura”. Todavia, existem aspectos importantes que diferenciam o uso destes procedimentos para cada área de investigação. O autor enfatiza, então, que os depoimentos orais constituem importantes escolhas metodológicas para o historiador, pois contribui na construção de sua narrativa, mesmo conhecendo algumas das limitações dessa metodologia. Como, por exemplo, a de que tais depoimentos tratam daquilo que professores/as disseram que faziam, e não do que efetivamente realizavam. Prevendo dar conta deste aspecto lacunar, esta pesquisa promove um cruzamento de fontes.

Em uma proposição mais metodológica, José Carlos Sebe Meihy (1996) conceitua a “história oral” como “[...] um conjunto de procedimentos que vão desde o planejamento do

projeto, a definição da colônia, a eleição das redes, o estabelecimento de uma pergunta de corte, a elaboração das entrevistas, a feitura dos textos e a devida guarda, a conferência e a devolução do documento à comunidade que o gerou” (MEIHY, 1996).

Já em uma discussão sobre o conceito e os usos de tal terminologia, Danièle Voldman (2006) entende que se a história oral for pensada como um método, “[...] ela deve ser incluída na história do tempo presente, e se ela serve para designar a parte pelo todo, a expressão deve ser abandonada em prol da história feita com testemunhas”, um termo que pretende distinguir o ofício do historiador com o do sociólogo e também o do antropólogo.

Nesta investigação, optou-se por trilhar o caminho metodológico proposto por José Carlos Meihy (1996), que orienta para os cuidados que o historiador deve ter para que a utilização destes procedimentos tenha êxito. Assim, foi formada uma **colônia de entrevistados** de dez professores/as que atuaram em escolas particulares e/ou públicas de Belo Horizonte, durante o regime militar brasileiro, precisamente nas décadas de 1960 e 1970. Considerando que já se passaram quase trinta anos - de 1970 até 2010 - e que muitos/a professores/as tinham, na época, entre 22 e 30 anos de idade, hoje estes/as atores/as sociais se encontram entre os 60 a 78 anos, ou seja, em boas condições para participar de tais entrevistas, o que foi comprovado nos encontros realizados.

A escolha destes/as professores/as foi orientada pelos seguintes critérios: deveria haver uma relação proporcional de professoras e professores, professores/as com algum vínculo político na época, professores/as que atuaram em instituições particulares e públicas, professores/as que ministraram aulas para diversas faixas etárias e professores/as que estavam em momentos diferentes do exercício profissional. A intenção de adotar critérios de gênero foi a identificar e problematizar eventuais diferenças de assimilações, iniciativas, intervenções entre homens e mulheres.

As questões (ANEXO 1) apresentadas nas entrevistas para os professores/as englobavam assuntos como: experiências anteriores à entrada no curso de formação, aulas que tiveram no ensino básico, motivo da escolha pelo curso, identificação das escolas de atuação, níveis de ensino, contato com as políticas públicas, conhecimento das leis, filiação a partidos políticos e outros tipos de militância, proximidade e conhecimento dos atos políticos da ditadura militar, ano de formação, condições de trabalho, expectativa em relação à profissão, concepção de escola e de Educação Física, realização das aulas (se existia um padrão de aulas, qual o conteúdo que predominava, quais eram os objetivos, como era a recepção das mesmas, se eram planejadas) e como se deu construção de eventos escolares (gincana, olimpíadas, torneios, festivais), seus objetivos, suas formas, como eram recepcionados, dentre outros.

Além disso, foram encontrados outros tipos de fontes, a partir das indagações aos entrevistados, como por exemplo: se eles/as guardaram algum tipo de registro do que fizeram, tais como, imagens, planejamentos de aulas e eventos, recortes de jornais, etc. Para os/as alunos/as, as questões foram no sentido de identificar qual o significado daquele momento político, o que viram, o que ouviram, quais os sentimentos em relação aos militares, o nível social e econômico, as escolas nas quais estudaram, o nível de ensino, as condições de execução das aulas, a percepção sobre como os professores/as ministravam as aulas, o que lhes ensinavam, os impactos dessas aulas em suas vidas cotidianas.

Em relação **às entrevistas**, ao todo foram gravadas treze em locais escolhidos pelo/a entrevistado/a. Tentou-se então adequar o espaço escolhido às condições de uma boa gravação de áudio. A escolha do local levou em consideração um ambiente que permitisse ao entrevistado rememorar os acontecimentos de interesse da pesquisa. Assim, a residência particular e/ou o ambiente onde são guardados os pertences profissionais foram os locais de preferência. Os locais foram preparados tendo em vista uma confortável posição para o entrevistado e o entrevistador, bem como para outros participantes do processo.

Antes da realização das entrevistas, os depoentes foram comunicados, através de formulário próprio (ANEXO 2), sobre os propósitos da pesquisa, o sigilo de todas as informações e a autorização de divulgação dos dados por eles/as revelados (ANEXO 3). Tais colaboradores poderiam desistir de participar do trabalho em qualquer momento da pesquisa, ou seja, tratava-se de uma participação voluntária. As entrevistas equilibraram momentos de depoimentos livres onde o entrevistado/a teve muita liberdade de expressão, com momentos de questões objetivas a respeito de assunto em questão. Elas não ultrapassaram mais de duas horas de duração e foram interrompidas a todo o momento que os/as entrevistado/as sentiram necessidade. Toda a intencionalidade (objetivos) e materialidade (métodos) de tal investigação foram enviadas e aprovadas pelo Conselho de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP).

Sobre o **tratamento das entrevistas**, em virtude do grande número de entrevistas, elas foram transcritas por profissionais específicos e experientes neste tipo de trabalho, sendo por mim revisadas com o objetivo de retirar os vícios de linguagem, elaborando assim, um texto escrito mais fácil para leitura e análise.

As transcrições e/ou fitas de vídeo foram encaminhadas para os/as seus/as respectivos/as autores/as para eles lessem, analisassem e autorizassem a devida análise. Após a autorização por parte dos entrevistados, as partes autorizadas das transcrições foram examinadas com um quadro de análise para facilitar a visualização dos dados apresentados

por cada professor/a e aluno/a. As transcrições foram impressas e cada colaborador recebeu uma cópia com uma carta de agradecimento pela participação.

A **guarda do material construído** - Todo material produzido e encontrado em virtude das entrevistas realizadas pela pesquisa será doado, após a conclusão, ao Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (CEMEF) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTTO) da UFMG.

A realização desta pesquisa combina dois procedimentos basilares: o primeiro deles é a produção e análise de fontes orais de professores/as e alunos/as envolvidos com o ensino de Educação Física na temporalidade tratada; o segundo, é o exame de uma documentação produzida tanto pelos/as professores/as nas escolas pesquisadas (planejamentos, relatórios de aula, cadernos de anotações, registros de imagem, dentre outras), como por órgãos do governo (Leis, Decretos, Prescrições e Políticas Públicas)

A centralidade nos depoimentos de professores/as tem a ver com a escolha de um aporte teórico que entende estes protagonistas como parte fundamental do processo ensino/aprendizagem. Entende-se que as leis, as políticas, a direção escolar, as condições de trabalho são aspectos que também interferem em tal processo. Todavia, as memórias de suas experiências se relacionam com os aspectos acima citados de forma diferenciada, constituindo realizações, quando não muito inovadoras, pelo menos distintas.

Ao examinarmos tais memórias, foi possível perceber formas distintas com que professores/as entenderam e se envolveram na profissão, as intervenções construídas ao longo de seus percursos profissionais que, em seus anonimatos, expressaram comportamentos e produziram representações diversas a respeito não só da Educação Física e do Esporte, mas também concepções de vida e formas de ver e de estar no mundo. O trato com tais fontes orais permitiu trazer para a reflexão o exercício anônimo da profissão de professores/as, possibilitando a visibilidade de práticas humanas “comuns”, que constituem importantes momentos de construção de uma sociabilidade. Acolher e problematizar memórias de professores/as significou conhecer vestígios de práticas escolares que possibilitaram um movimento de aproximação das circunstâncias que os envolveram com a área, suas ações/práticas e seus significados.

No movimento de análise das reminiscências de professores/as observa-se o anúncio de que algumas intervenções pedagógicas foram baseadas em produções teóricas oriundas da Europa (Alemanha, Espanha, Inglaterra, França, dentre outros países), ora trazidas por professores/as que foram agraciados com bolsas de estudo no exterior, ora

publicadas em revistas especializadas aqui no Brasil⁷. Professores/as entrevistados/as salientam que leram artigos sobre o ensino de esportes e que muitos deles estavam em espanhol, mas tais professores/as não se lembram dos nomes de tais estudos, afirmaram apenas serem da Europa. Um dos professores/as entrevistados relatou que durante uma viagem à Europa para participar de cursos de aperfeiçoamento desejou ir à Madri para adquirir bibliografia de um espanhol que estava se destacando no âmbito internacional. Para esse professor, era uma excelente oportunidade, pois tal bibliografia poderia ser lida com relativa facilidade, pois ele compreendia bem a língua espanhola.

Esse dado da memória de professores/as brasileiros/as foi interpretado como indício de uma possível circulação de um dado modelo pedagógico europeu sobre o ensino do esporte nos meios acadêmicos e cotidianos escolares de professores de Educação Física brasileiros. Ainda que pairassem dúvidas a respeito da procedência de tais produções, ou seja, se elas foram elaboradas na Espanha, ou se foram apenas traduzidas por professores espanhóis e depois enviadas ao Brasil, tal vestígio sugeriu algumas indagações, como por exemplo: que produções espanholas foram elaboradas sobre Esporte e Educação Física neste período? Quais representações de Esporte e Educação Física estavam presentes nestas produções? Professores/as espanhóis traduziram bibliografias estrangeiras? Que práticas escolares professores/as de Educação Física espanhóis realizaram nesta temporalidade (décadas de 1960 e 1970)?

As tentativas de respostas para tais questões em muito contribuiriam para uma reflexão sobre aproximações e distanciamentos de práticas escolares de Educação Física no Brasil e na Espanha durante as décadas de 1960 e 1970, possibilitando identificar e problematizar a hipótese de uma dada apropriação brasileira de modelos pedagógicos estrangeiros e seus possíveis desdobramentos.

Tal situação originou um projeto de pesquisa do autor para um doutorado sanduíche intitulado “*Memórias de professores de Educação Física: histórias de escolarização*” cujo interesse central era identificar bibliografias espanholas sobre as temáticas de Esporte e Educação Física que tiveram repercussões internacionais nas décadas acima mencionadas, bem como produzir, reunir, organizar e analisar memórias de professores/as de Educação Física espanhóis a respeito de suas intervenções pedagógicas escolares, principalmente aquelas relacionadas ao esporte, durante o mesmo período. Tal projeto foi apresentado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -

⁷ Cf. OLIVEIRA, Marcus Aurélio Tabora de. Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968- 1984): entre a adesão e a resistência. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CAPES em 2010 e aprovado. No primeiro semestre de 2011 foi realizada então esta investigação. As memórias destes professores/as serão contrastadas com as memórias dos/as professores/as brasileiros no decorrer do presente texto.

Importante registrar que o interesse em investigar as memórias que aproximam do cotidiano de professores/as vai ao encontro das reflexões propostas por André Chervel (1990), Annie-Marie Chartier (2000) e de Dominique Julia (2001) a respeito dos trabalhos em História da Educação que prestam excessiva atenção aos estudos das normas escolares em detrimento aos estudos de práticas escolares. Tais reflexões rejeitam a idéia da escola como um lugar apenas de reprodução social, convidando os historiadores da área a se preocuparem também com o funcionamento interno de tal instituição, pois entendem que é nesse espaço que se materializam representações sociais sobre a escola. Outros trabalhos de pesquisadores nacionais e estrangeiros como, por exemplo, Alice Bitencourt (2003), Marcus Tabora (2003), Ivor Goodson (1990), e Jeán Hebrard (1990) investigaram disciplinas escolares distintas em seus diversos aspectos, tais como: as demandas sociais para constituição de currículos escolares, as condições de aparecimento das disciplinas, os conteúdos ministrados, as metodologias, a avaliação, a difusão e a consolidação de saberes no interior do ambiente escolar. Em todos os trabalhos percebe-se a preocupação fundamental de identificar e entender como se deu o processo de transformação de um saber em uma disciplina escolar, bem como com os bens culturais construídos no interior da escola.

Para a pesquisa em questão cabe um destaque para as produções de Andre Chervel (1990) em que o autor, em seu artigo “*História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*”, relata que muitas disciplinas foram constituídas a partir de demandas sociais, não apresentando nenhuma relação com o mundo acadêmico. O autor aponta ainda a significativa autonomia dos/as professores/as na condução de suas respectivas disciplinas e, por fim, destaca os dois principais entraves na renovação pedagógica, que para o autor são os colegas de trabalho e o “corpo a corpo” com o alunado. Tais aspectos aparecem de forma muito evidente nas memórias dos/as professores/as entrevistados/as e serão discutidos ao longo dos capítulos.

III - APRESENTAÇÃO DOS COLABORADORES E ORGANIZAÇÃO DA NARRATIVA

Os/as professores/as que rememoraram suas experiências para este trabalho estão apresentados a seguir por ordem de formação profissional. Todos/as os colaboradores/as prestaram seus testemunhos em suas residências e de um modo geral foram muito prestativos. As entrevistas transcorreram de forma muito tranqüila, sem nenhum incidente de qualquer natureza.

O professor **Élcio Guimarães Paulinelli** nasceu em 25/12/1933, na cidade de Bambuí/MG, e bem cedo veio para Belo Horizonte. Passou sua infância e adolescência no bairro Sion, zona sul da cidade. Fez seus estudos básicos no *Colégio Arnaldo*, foi atleta de Voleibol no Clube Atlético Mineiro e formou-se em Educação Física na recém inaugurada Escola de Educação Física de Minas Gerais⁸ (EEFMG) no triênio 1954/55/56. Após se formar, atuou no Serviço Social da Indústria - SESI (projeto de iniciação esportiva) e no América Futebol Clube. Depois disso, fez parte da rede municipal de ensino de Belo Horizonte e também da rede de ensino federal ministrando aulas no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Ainda na década de 1960 ingressou na carreira de professor de ensino superior na EEFMG, onde havia aluno na década de 1950. Aposentou-se na década de 1990 pela Universidade Federal de Minas Gerais.

A professora **Marluce Guimarães Gomes** nasceu em 13/03/1933, na cidade de Cataguazes/MG, onde passou sua infância. Na adolescência veio para Belo Horizonte, onde estudou no Colégio Sagrado Coração de Maria no bairro Serra (zona sul da capital). cursou o ensino superior em Educação Física na EEFMG no triênio 1954/55/56 sendo, portanto, contemporânea do professor Élcio G. Paulinelli. Logo após se formar, foi auxiliar das professoras Guiomar Meirelles e Nela Testa Taranto (sua professora do Ginásio) na EEFMG. Na década de 1960 atuou na rede municipal de Belo Horizonte nas escolas da unidade do São Cristovão e do Salgado Filho. Aposentou-se no fim da década de 1980.

Já o professor **Januário Shimidt de Andrade** nasceu em 21/02/1933, na cidade de Belo Horizonte/MG, onde viveu sua infância e adolescência. Ao término da educação básica, em 1952, fez o curso de oficiais na Escola de Oficiais de Minas Gerais. Desde jovem atuava

⁸ Em 1952 são fundadas em Belo Horizonte duas escolas de ensino superior em Educação Física. Em ordem cronológica a Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais (08/02/1952) e a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas (Maio/1952). A primeira foi fundada para atender o decreto Federal 1.212 de 1939, que passa a exigir diploma de nível superior em Educação Física para todos/as aqueles/as que se interessassem em ministrar aulas no sistema escolar (municipal, estadual, federal e profissional). Tal escola tinha em seu quadro funcional professores médicos, militares e poucos especialistas em Educação Física. A segunda é fundada pelo interesse de Dom Cabral (arcebispo de Belo Horizonte e diretor das Faculdades Católicas) em elevar o status de tal instituição, de Faculdade à Universidade. Os professores eram médicos e especialistas. Nos anos anteriores, os cursos que atendiam à demanda de formação deste profissional especialista eram: a) Curso de normalista do Instituto de Educação (antiga escola Normal), e b) cursos de instrutores e monitores de Educação Física do Departamento de Instrução Militar da Polícia Militar, que preparavam professores para atuar no corpo da tropa e não em escolas. Por questões financeiras, políticas e administrativas aconteceu a fusão destas duas escolas, em novembro de 1953. Passou a se chamar Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEFMG) com uma administração mista. As Faculdades Católicas com responsabilidade pedagógicas e o Estado com responsabilidades financeiras e administrativas. Para uma leitura mais aprofundada consultar a monografia de Roberto Kanitz (2003).

no Voleibol e, em 1954/55, passou a fazer parte do quadro da Federação Mineira de Voleibol (FMV). Foi árbitro internacional de voleibol e depois diretor de árbitros da FMV. Fez o curso superior de Educação Física no triênio de 1957/58/59. No início da década de 1960 foi professor substituto na rede municipal de ensino, e em 1964 passou no concurso para professor efetivo desta mesma rede. Em 1965 foi convidado para ser professor no CEFET. Em 1978 fez o curso de Pedagogia para se tornar diretor da Escola Municipal Marconi. Aposentou-se no início da década de 1990.

O professor **Wilson Camelier** nasceu em 21/10/1938, na cidade de Nilópolis/RJ. Viveu sua infância e adolescência nesta mesma cidade e por motivo de aposentadoria de seu pai (militar), seu tio convidou a família para vir para Belo Horizonte, alegando ser uma cidade grande, porém tranquila e boa de viver. Sempre participou de práticas esportivas, principalmente o Basquete. Jogava em um clube em Resende (bairro da cidade natal). Era funcionário de um banco quando foi incentivado por um colega a fazer Educação Física, alegando que era uma área que estava em ascensão. cursou o Ensino Superior de Educação Física no triênio 1964/65/66, também na Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEFMG). Após se formar, ministrou aulas de Educação Física na Escola Estadual Governador Milton Campos (Estadual Central); em 1972 entrou para o CEFET e também na década de 1970 foi treinador de voleibol no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG). Aposentou-se na década de 90.

O professor **Reginaldo Gomes Dias**, natural de Nova Lima/MG, nasceu em 19/10/1942. Foi atleta de natação do Cruzeiro Esporte Clube, iniciando sua vivência com natação por imposição de seu pai, que era médico, e entendia ser imperioso aprender a nadar. Fez o ensino superior em Educação Física no triênio 1964/65/66 e atuou como professor de Educação Física primeiro na Escola Estadual Augusto de Lima, em Nova Lima, depois no CEFET e, na década de 1970, integrou o grupo de professores de Educação Física da então recém federalizada Escola de Educação Física de Minas Gerais.

O professor **Guido Agenor Rodrigues** nasceu em Moeda/MG, em 06/08/1939, onde passou sua infância e adolescência. Praticou natação e fez parte de equipe de competição. Formou-se em Ciências Biológicas, e ministrava aulas desta área em um curso de alfabetização em Moeda/MG. No período da tarde reunia a garotada da escola para ensinar esportes. Em função deste trabalho voluntário é sugerido a ele que fizesse o curso superior de Educação Física. Aceitando a sugestão de sua colega de trabalho, fez o curso no triênio 1967/68/69, também na escola de Educação Física de Minas Gerais. Na década de 1970 teve a oportunidade de fazer uma especialização em Educação Física Infantil na Argentina. Após a

formação, atuou em uma unidade do projeto Ginásios Polivalentes, ministrou aulas no Centro Universitário UNA, na Escola de Engenharia Kennedy, no Colégio Zila Frota e no Estadual Central). Aposentou-se na década de 1990.

A professora ***Maria Helena Vitorino***, natural de Lavras/MG, nasceu em 07/10/1944, e viveu sua infância e adolescência naquela cidade. Estudou em escola pública e veio para Belo Horizonte fazer o curso de Educação Física Infantil, em 1966. Em 1967 inicia o curso superior de Educação Física na EEFMG, e terminando em 1969. Logo após sua formação inicia sua profissão ministrando aulas no CEFET e também em uma Escola Estadual de Sete Lagoas, onde fixou moradia.

A professora ***Lúcia Aparecida Guilherme Canedo*** nasceu em 24/05/1945, em Ouro Fino/MG. Viveu sua infância e adolescência em Caratinga/MG, onde iniciou a prática do Voleibol. Veio para Belo Horizonte em 1968 realizar o curso de um ano em Educação Física Infantil, e no triênio de 1969/70/71 fez o ensino superior de Educação Física na mesma escola que os demais, ou seja, EEFMG. Iniciou sua vida profissional em Lafaiete/MG em uma unidade dos Ginásios Polivalentes, fruto de um programa do MEC denominado PREMEM. Trabalhou também no Educandário Santo Antonio em Rio Branco/MG, na escola Estadual de Nova Lima/MG, na escola Nossa Senhora da Piedade em Juiz de Fora/MG e aposentou-se na Escola de Educação Física da UFMG, em 2002.

A professora ***Marialva José da Silva*** nasceu no dia 24/03/1943, na cidade mineira de São João Del Rey, onde passou grande parte de sua infância. Filha e irmã de atletas famosos como Telê Santana e Gilson Santana, veio para Belo Horizonte com nove anos de idade e iniciou sua vivência esportiva no América Futebol Clube, jogando Voleibol. Foi atleta deste clube até os 18 anos, quando terminou o curso normal e passou a ministrar aulas no ensino primário em escolas de Governador Valadares. A partir de sua vivência esportiva, passou a ministrar também aulas de Educação Física para o primário, quando foi indicada a fazer o curso superior de Educação Física. Retornando a Belo Horizonte em 1969, ela fez vestibular para Educação Física, curso que terminou em 1972. Logo depois de formada inicia sua nova profissão no Colégio Tito Novais, no Colégio Arnaldinum e em 1978 entra para o Colégio Santo Antonio. Aposenta-se no final da década de 90.

Por fim, apresentamos a única professora entrevistada que iniciou sua formação na década de 1970: ***Elisabete de Fátima Costa Rossete***, natural de Ribeirão das Neves/MG. Nasceu em 20/07/1950 e passou infância e adolescência na mesma cidade. Educada em um ambiente tradicional e rígido, sua única experiência com atividade física foi na escola. Fez o

curso de Educação Física no triênio 1970/71/73 na Escola de Educação Física da UFMG. Mesmo antes de se formar, já atuava na academia GRUGIM (Grupo de Ginástica Moderna) fundado pelo casal Ivany de Moura Bonfim e Therezinha Ribeiro Bonfim (professores da Escola de Educação Física da UFMG). Logo após sua formação trabalhou no colégio Fernão Dias em Contagem/MG e no Instituto Clapared. Atuou no Centro Pedagógico da UFMG e, em 1978, passou a atuar simultaneamente na Escola Municipal São Cristovão e no CEFET.

A seguir apresenta-se um quadro esquemático sobre os dados dos/as professores/as apresentados anteriormente. Tal quadro visa facilitar a visualização dos campos de formação e atuação dos/as nossos/as colaboradores/as.

QUADRO 1 - Esquema dos momentos de formação e atuação dos/as professores/as

Professor/a	Déc. de 1930	Déc. de 1940	Déc. de 1950	Déc. de 1960	Déc. de 1970	Déc. de 1980/90
Élcio G. Paulinelli	25/12/1933 BambuÍ	Adolescência Belo Horizonte	Formação EEFMG	SESI E.M.Salgado Filho - EEFMG	UFMG	UFMG
Marluce G. Gomes	13/03/1932 Cataguazes	Adolescência Caratinga	Formação EEFMG	E.M. São Cristovão E.M. Salgado Filho	UFMG	UFMG
Januário Schimit de Andrade	21/02/1933 BH/MG	Adolescência Belo Horizonte	Formação EEFMG	Árbitro de Voleibol da FMV e CEFET	CEFET	CEFET
Wilson Camelier	21/10/1938 Nilópolis/MG	Adolescência Nilópolis	Formação EEFMG	Estadual Central Instituto de Educação CEFET	Estadual Central e CEFET	Estadual Central e CEFET
Guido A. Rodrigues	06/08/1939 Moeda/MG	Adolescência Moeda/MG	Formação em Biologia	Formação EEFMG	Ginásios Polivalente (publico federal), Estadual Central e Zila Frota	Ginásios Polivalente (publico federal), Estadual Central e Zila Frota
Reginaldo Gomes Dias		19/10/1942 Nova Lima/MG	Adolescência Nova Lima	Formação EEFMG	Estadual Augusto de Lima CEFET	CEFET UFMG
Maria Helena Vitorino		07/10/1944 Lavras/MG	Adolescência Lavras/MG	Formação EEFMG	E.E. Sete Lagoas CEFET	CEFET
Lucia Aparecida Canedo		24/05/1945 Ouro Fino/MG	Adolescência Caratinga	Formação EEFMG	Ginásios Polivalente E.E Nova Lima	UFMG
Marialva José da Silva		24/03/1943 São João Del Rey	Adolescência BH	Formação EEFMG	C. Santo Antonio Colégio Arnaldinum Colégio Tito Novais	Colégio Santo Antonio Colégio Arnaldinum
Elisabete Rosseti			20/07/1950 Ribeirão das Neves	Adolescência	UFMG (formação) E.M. Funec, Col. Roma, Centro Pedagógico UFMG	CEFET E.M. São Cristovão

Durante o estágio de doutorado na Espanha foi possível localizar cinco professores/as de Educação Física que atuaram na cidade de Palencia/ES, em meados do século XX. As entrevistas seguiram o mesmo roteiro de questões utilizado nas entrevistas no Brasil, bem como todo o procedimento legal e ético. As transcrições ainda não foram finalizadas, em virtude dos altos custos deste trabalho na Espanha. Desta forma, elas estão sendo realizadas aos poucos. Os dados apresentados neste texto são frutos da audição destas entrevistas.

Os/as professores/as entrevistados foram: Herminio Fernandez, sua esposa Mariangela Fernandez, Aracenia Laez Daldone (conhecida por UCA), José Ignacio Barbero e Marcelino Juan Vaca Escribano. Nesta temporalidade, a cidade de Palencia possuía pouco mais de 30.000 mil habitantes. No ano de 2011, sua população aproximada é de 80.000 habitantes. Segundo os professores/as entrevistados havia no máximo seis professores de Educação Física formados atuando nesta cidade. E outros quatro profissionais que atuavam na Educação Física, porém sem formação profissional. Estes profissionais eram convidados por escolas particulares para treinarem equipes esportivas e acabavam ministrando aulas de Educação Física. Dessa forma, o universo de cinco professores corresponde aproximadamente 60% dos professores/as que atuavam na Educação Física, nesta cidade.

O texto está organizado em três capítulos que se relacionam entre si, porém, tratando de temas diferenciados.

No primeiro capítulo, intitulado **“O ESPORTE ESTÁ NO SANGUE”**: **escolhendo ser professor de Educação Física em uma ambiência social esportivizada**, problematizou-se as circunstâncias que balizaram as escolhas dos/as professores/as em relação ao ingresso no curso de Educação Física, examinando suas experiências escolares na educação básica, na educação familiar, bem como a ambiência do período.

O segundo capítulo tem como título **“SEMPRE VIVI EM UM REGIME MUITO DISCIPLINAR” / “A POLITICA NÃO FAZIA PARTE DO NOSSO UNIVERSO”**: **saberes de uma formação profissional militarista e esportivizada**. Nele são identificadas e problematizadas representações sociais de Educação Física e Esporte apresentadas pelos/as professores/as em seus respectivos cursos de formação. O propósito é o de perceber em que medida o curso de formação teria impactado as representações da formação inicial, visando analisar as tensões entre os dois momentos.

O terceiro capítulo recebe o título de **MEMÓRIAS DE AÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES/AS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: esportivizando a**

Escola, escolarizando o Esporte, onde procurou-se identificar nas memórias dos/as professores/as o que eles teriam organizado em suas aulas, que conteúdos teriam eleitos, que metodologias teriam sido utilizadas e as condições para tanto. A intenção foi problematizar o momento de intervenção profissional, em contraste com à ambiência política da época, às condições sociais da escola em que estavam inseridos e a formação profissional e familiar de cada professor/a. Além disso, examinou-se como teriam sido as condições materiais, de infraestrutura, a organização do tempo de aulas e eventos, e em que medida tais aspectos influenciaram na organização dos conteúdos, das metodologias e da avaliação.

Nas **CONSIDERAÇÕES FINAIS** retoma-se os propósitos iniciais da investigação relacionando os temas de cada capítulo, apresentando, dessa forma, os aspectos centrais da rememoração de professores/as sobre suas experiências neste período.

CAPÍTULO I

“O ESPORTE ESTÁ NO SANGUE”: escolhendo ser professor de Educação Física em uma ambiência social esportivizada⁹.

⁹ Entende-se por esportivização e/ou esportivizado/a práticas corporais de competição que apresentem, no todo ou em partes, códigos, características e/ou princípios, de uniformidade de regras, de movimentos técnicos, de espaços de práticas, de hierarquização dos resultados e de premiação do ganhador. Assim, o jogar bola com os pés, desprovido das regras oficiais, fora dos espaços determinados, sem a intenção primeira de saber quem é o ganhador e muito menos premiá-lo não será aqui considerada uma prática corporal esportivizada e sim um jogo com os pés.

Olha, o esporte está no sangue... O motivo que me levou a fazer Educação Física foi a minha rápida vivência como professora de esporte em Valadares e a minha vivência esportiva com minha família. (MARIALVA, testemunho, 2010)

1) o desenvolvimento do desporto como um dos principais meios de criação de excitação agradável; 2) a transformação do desporto, em termos de função, num dos principais meios de identificação colectiva; e 3) a emergência do desporto como uma fonte decisiva de sentido na vida de muitas pessoas (In: ELIAS & DUNNING, 1992: 322-323).

As instituições familiar, educacional e as redes de relações sociais que antecedem a formação profissional são, segundo Maurice Tardif (2005), fontes variadas de saberes que as professoras mobilizam para ensinar o que ensinam. As fontes de aprendizagem de professores são plurais e a formação acadêmica é apenas uma delas, não a única. As outras fontes são família, a escola, e os grupos sociais que, numa relação complexa, dinâmica e persistente formam e conformam representações de mundo em cada pessoa. Assim, é possível perceber que as professoras iniciam suas carreiras profissionais com representações e práticas muito diferentes das do término das respectivas profissões. Ao longo do processo de intervenção profissional tais fontes não se esgotam, pois estão em uma constante relação de trocas sociais, caracterizando assim um processo temporal e social de formação. O movimento de formação profissional é então construído ao longo da história individual e profissional de cada professor e em relação com outras histórias de vida presentes nas instituições e/ou rede social docente e social.

Na análise das entrevistas foi possível perceber que a vivência de práticas corporais anterior à formação profissional teria sido, em grande medida, responsável por tal escolha, mas não a única. As reminiscências dos colaboradores/as destacam, com peculiar descrição, que a relação familiar, a condição social, as relações profissionais e sociais, enfim, a ambiência do momento constitui um conjunto de fatores que influenciam nas respectivas escolhas profissionais e impactam a intervenção docente.

O Professor Élcio Paulinelli relata com riqueza de detalhes suas vivências escolares, seu contato com práticas esportivas e as circunstâncias familiares que influenciaram sua escolha profissional:

Nas aulas de Educação Física tinha futebol, era o professor sargento Mário que era nosso professor de Educação Física do Colégio Arnaldo na época [1950]. Aconteceu o seguinte: a Educação Física na época tinha tido uma evolução grande aqui em Minas Gerais. Nós inclusive fomos, parece que, doze anos campeões brasileiros de natação infante-juvenil. Foi exatamente um trabalho que o governador Benedito

Valadares¹⁰ criou e se não me engano foi a diretoria de esportes – isso aí eu não tenho bem certeza não – Creio que ela fez um convênio com a polícia militar e que os sargentos deixavam a caserna, ou seja, o quartel e iam fazer aula de Educação Física. Então a grande maioria dos professores de Educação Física na época eram sargentos da polícia militar. Inclusive fizeram um trabalho excelente, maravilhoso em todo o Estado de Minas Gerais. Eles iam pras quadras de esporte¹¹ e realizavam os trabalhos. E este trabalho maravilhoso que deu esses doze anos de campeonato brasileiro seguidos de infanto-juvenil. Tanto é que era muito comum você chegar pra dar aula e a garotada te chamava de sargento – porque eram sargentos que davam aulas antes da gente. O Adolfo Guilherme é um produto desta época. O Adolfo Guilherme começou nesta época. Ele começou a mexer com o esporte no Duque de Caxias, que era o clube da polícia militar e ele exatamente como sargento beneficiado por esta condição que o governador deu.

Isso foi na década de [19]50. Quer dizer fim da década de [19]40 e início da década de [19]50. Aqui em Belo Horizonte, os clubes fortes de voleibol eram o Minas [Tênis Clube], o [Clube] Atlético [Mineiro], o Mackenzie [Esporte Clube] e só. O Minas, o Atlético, o Mackenzie. Ah e o Olímpico [Club], isto. As grandes equipes eram destes clubes. Era um campeonato disputadíssimo. O Olímpico tinha uma quadra de terra em frente ao Colégio Sagrado Coração de Maria. A gente vinha jogar aqui nesta quadra de terra. Eram outros tempos. Bom foi por isso que eu fui jogar o voleibol, levado pelo meu primo, ele jogava voleibol e eu joguei voleibol no juvenil do Atlético e no voleibol eu tive pouca coisa.

E nas aulas de Educação Física era futebol. O negócio era mais futebol, porque era numa época em que todo mundo tinha campo de futebol. Era uma coisa fácil de ter. O colégio Arnaldo era a quadra inteira. O colégio Batista tinha um campo enorme, o colégio Estadual também. Então todo mundo tinha o futebol. O negócio era futebol... Tinha quadras de vôlei e basquete, mas lá a gente praticamente nunca jogou. Era só o futebol. Chegava, botava a bola, dividia a turma, uns ficavam do lado de fora, dividia os times, uns pra cada lado, aquela coisa, jogava um pouquinho, uns depois os outros e ali não passava disso. Mas a gente que mexia com Educação Física tinha outra mentalidade.

Eu fui fazer esse curso de Educação Física, pois minha tia me ligou e falou assim: – ah, Elcio o fulano vai fazer Educação Física e você é bom de matemática, então você podia fazer o vestibular também. E eu fui fazer o vestibular exatamente pra dar cola pra esse meu primo. Pra ele poder entrar. E por curiosidade nós dois passamos no vestibular, eu continuei na Educação Física até aposentar e ele parou. Ele foi fazer Direito. Então eu fui fazer Educação Física por isso, pra ajudar o meu primo a passar no vestibular, pois ele tava querendo fazer o vestibular de Educação Física... São as coisas que acontecem na vida da gente e que mudam completamente os rumos que a gente tá prevendo. Fui fazer Educação Física me apaixonei por Educação Física. Eu já praticava esporte. Eu joguei voleibol no juvenil do Atlético. (ÉLCIO PAULINELLI, testemunho, 2010).

A professora Marluce Gomes também relata que sua escolha profissional foi fortemente influenciada pelos comentários de sua professora de Educação Física do ensino de 1º e 2º graus [atualmente ensinados fundamental e médio], que à época ministrava aulas no curso de formação profissional e também no ensino básico. Tal professora rememora com alguma dúvida a presença de práticas esportivas, jogos e ginástica nas aulas de Educação

¹⁰ O jornalista Benedito Valadares na época deputado federal (1933), foi indicado por Getúlio Vargas para ser o interventor provisório de Minas Gerais devido a morte de Olegário Maciel. Em 1935 foi eleito presidente de Minas Gerais e governou até 1945.

¹¹ Giovana Camila da Silva (2009) investiga as ações da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927 a 1937), onde percebe a influência deste órgão na política de elaboração das “Praças de jogos”, também conhecida como “Praça de esportes”.

Física e destaca o pioneirismo de sua professora de Educação Física, a senhora Nella Testa Taranto:

É realmente a época em que eu estudei e me formei, por volta de 1953, era aquela época em que mulher com esporte não combinava muito bem ((risos)). Eu fui fazer balé, que também moça de família não fazia. Mas eu estava sempre um pouquinho à frente da minha geração. Eu fui fazer balé com Carlos Leite e tive uma professora dona Nella Testa Taranto. Quando eu entrei no colégio *Sacré-Coeur de Marie* [Colégio Sagrado Coração de Maria] e como – tem um termo que a gente usava ou mesmo os professores usavam. Eu não cheguei a usar. Era muito graciosa, muito jeitosa pra fazer a ginástica, então a dona Nella falou: – Ah, Marluce eu acho que você deve fazer Educação Física. Então foi influenciada pela dona Nella. E fui fazer Educação Física e quando eu comecei eram duas escolas uma da Polícia Militar uma coisa mais ou menos assim ((risos)) e a outra era da Católica. Então houve a fusão das duas.

Nas aulas de Educação Física na minha adolescência [década de 1950], no *Sacré-Coeur*, nós tínhamos ginástica, eu lembro de ginástica com bola, com arco. Coisa que eu acho que a dona Nella era muito adiantada também no tempo, sabe? Nós tínhamos Vôlei. Basquete não. Era vôlei e esses jogos, joguinhos. Eu lembro mesmo da ginástica. E era só feminino também. Então era ginástica feminina moderna que chamava e hoje é ginástica rítmica. (MARLUCE GOMES, testemunho, 2010).

O professor Januário Shimidt de Andrade relembra que sempre foi um praticante de esporte, que tinha três opções de curso em vista e que sua escolha pela Educação Física foi influenciada por seus professores de Educação Física:

Eu desde pequeno pratico esporte. Gostava de esporte e fui influenciado pelo senhor Luis Afonso e pelo Fernando [Furtado]. Eu tinha em mente fazer vestibular pra odontologia, ou pra administração de empresa, ou pra educação física. E optei pelo terceiro, educação física. Fiz vestibular e entrei na escola, na faculdade em 1957 e me formei em 1959. Depois em 1961 eu fiz especialização em voleibol e basquetebol (JANUÁRIO SHIMIDT, testemunho, 2010).

O professor Wilson Camelier, natural de Nilópolis/RJ, descreve como sua vivência praticando esportes em quadras cariocas com colegas influenciou sua escolha pelo curso superior de Educação Física:

A escola não era como hoje. Ainda mais naquela época, década de [mil novecentos e] cinquenta. Nós não tínhamos professores especializados, nós não tínhamos nada. Então aquilo estava engatinhando. Tinha a Educação Física que a gente nem gostava. Não tinha valor ela era assim no último horário acabava aula onze horas ou meio dia e aí ia ter Educação Física e quem podia fugia até porque tava indo pra casa almoçar era uma coisa assim muito precária. A aula era muito diferente. Jogávamos bola e também tinha prática de atletismo que era carregar um saco pesado, subir numa corda, até terminar tudo em um salto à distância. Eram essas coisinhas assim. Mas muito simples não existia um incentivo, um ensinamento, nada.

A escola lá em Rezende que eu estudei era particular. Lá tinha a academia militar e eu frequentava muito lá com os cadetes. Ainda muito menino a gente ia para as quadras. A gente ia muito às quadras e ficava batendo bola. Algum outro ensinava alguma coisinha e nós fomos aprendendo e gostando muito do basquete principalmente.

Havia um clube lá em Rezende. Nós tínhamos também um colega que estudou no [Instituto Metodista] Granbery¹² [Juiz de Fora] e sabia muito bem Basquete que aprendeu com americano e ele era quase um professor nosso. Nós começamos a praticar o basquete. O vôlei não. Eu não ligava. Daí foi me dando gosto, eu gostava de correr eu fazia corrida de longa distância e daí foi dando gosto pelo Esporte pra Educação Física. Jamais eu pensei em fazer um curso desse.

Eu gostava muito de esporte e então tive um colega que me incentivou. Ele me perguntou: – por que você não faz Educação Física? Eu estou fazendo educação física. Passei num concurso e tal... Vai haver um segundo exame. Nessa época eu trabalhava no banco e como eu não sabia bem o que ia fazer. E meu colega dizendo: – por que você não faz educação física? É um campo que tá subindo... Eu falei para mim mesmo: vou entrar nessa e graças a Deus me saí muito bem nessa escolha. Aí eu peguei e fui fazer estas provas e passei. E desde então me dediquei muito a educação física porque sempre gostei do esporte. (WILSON CAMELIER, testemunho, 2010)

O professor Guido Agenor Rodrigues, natural de Moeda/MG (1939), rememora como aconteceu sua escolha pelo curso de Educação Física no final da década de 1960:

Eu era professor de Ciências. Ciências biológicas. E dava aula no interior por opção. Como eu tinha vindo do esporte especializado, da natação, eu gostava muito de esporte. E lá nesta cidadezinha do interior chamada Moeda eu dava aula na parte da manhã e na parte da tarde eu tinha de folga. Uma pequena folga porque estava começando um processo de educação lá. Só existia o primário e estava iniciando o segundo, ou melhor, o ensino básico. Aí as tardes eu ficava estudando pra dar aula. Pois eu era recém formado. Eu estudava até duas, três horas e depois disso a gente ia pra um campo de futebol e começava a mexer com esporte. Era futebol, vôlei e tinha um riacho lá, tinha não, tem ainda. A gente punha os meninos pra nadar e começamos a construir quadra de vôlei, de handebol e outras coisas do esporte especializado. E aí toda tarde a gente ia pra lá com a meninada da cidade e fazíamos alguma coisa lá. Como eu já tinha um conhecimento prático do esporte eu achava por bem fazer aquilo. Aí um dia a diretora virou pra mim e falou – oh professor Guido por que o senhor não faz educação física? O senhor gosta tanto de mexer com esporte!! Eu falei – é uma boa ideia, mas tem que fazer isso em Belo Horizonte. E por acaso um dia eu chego aqui em Belo Horizonte eles perguntaram, ou melhor eu encontrei com um amigo e perguntei o que ele iria fazer? E ele me respondeu que iria fazer vestibular de Educação Física. Aquilo cresceu na minha cabeça e eu fui para a escola. Na época o vestibular era feito na própria escola, eu me escrevi no vestibular e passei. E larguei tudo lá no interior e vim fazer Educação Física aqui. Na época era na escola da Gameleira. E aí eu fazia o curso de Educação Física durante a semana e dava aulas de ciências no sábado e domingo. Isso aconteceu até que eles pudessem arranjar um professor. Era uma dificuldade de arranjar professor naquela época! (GUIDO AGENOR RODRIGUES, testemunho, 2010)

Já o professor Reginaldo Gomes Dias, natural de Nova Lima/MG (1942), destaca o seu envolvimento com a prática esportiva profissional em virtude de uma orientação médica de seu pai, que considerava tal atividade algo essencial para a saúde. Além disso, ele salienta a inexistência de uma base científica para o ensino e o treinamento de tal prática esportiva:

Naquela época não existia uma progressão pedagógica oficial. Então eu fui atleta de natação primeiro por necessidade de praticar qualquer coisa, segundo pelo risco que as brincadeiras em rio, lagoa, apresentavam. Então aprendia assim, empiricamente.

¹² O Instituto Metodista Granbery foi fundado em 1889, na cidade mineira de Juiz de Fora pelo professor J. M. Lander, e teve como primeiro nome: Colégio Americano Granbery, em homenagem ao Bispo com o mesmo nome. Uma de suas características marcantes no início do século XX foi o incentivo à práticas esportivas.

Quer dizer não tinha uma diretriz. Como meu pai era médico e eu comecei a despontar na natação, ele começou a me levar pra treinar. Então eu não fui pelo espírito lúdico, foi quase uma imposição familiar. Meu pai falava: – já que você é bom, você vai pra frente. Foi mais ou menos desse jeito. Eu comecei treinando lá no Rio de Janeiro, depois eu vim para o Cruzeiro e fiquei no Cruzeiro em Minas.

...a educação física na época era dada por militares. Eram sargentos que eram professores de educação física. Então o militar tem normas, tem disciplina, tem objetivos. E eu, por exemplo, tive a oportunidade de ser atleta de nível internacional. Então eu acho que com aquela obrigatoriedade, com aquela disciplina, eu conseguia alguma coisa.

Eu tenho uma formação na área da saúde, em fisioterapia. Eu nunca fui muito adepto de curar. A minha família toda é da área da saúde. Meu pai era médico e meus irmãos também. E eu aprendi que prevenir é melhor do que remediar. Então na prevenção e numa discussão familiar com os irmãos - inclusive eles eram médicos e eu fisioterapeuta - eles falavam que Educação Física ((correção)), que a fisioterapia não era nada. Que dependiam da medicina. Eu pensava que existia uma profissão e que se ela funcionasse os médicos morreriam de fome. E eu entendia que esta profissão era a Educação Física. Porque era uma medicina preventiva. Então o que me levou a fazer Educação Física foi a consciência de que a Educação Física é uma medicina preventiva.

O negócio é o seguinte, foi uma inversão total que houve. Porque naquela época nós tínhamos muitos clubes amadores e os campeonatos eram disputados mesmo. Tinha futebol, futebol de salão, voleibol, basquete e todas as cidades tinham os seus clubes e todo mundo participava porque havia um incentivo. Não digo que era do governo nem nada, era da própria família que queria que seu filho tivesse uma pungência física qualquer. Então havia uma valorização do corpo. O corpo como meio de produto de resultados. Então isso cobrava do menino, quem era o melhor, quem consegue mais e com isso você sentia motivado. Então nós tínhamos uma filosofia mais ou menos parecida com a filosofia americana que quem conseguia um bom resultado lá, consegue sucesso na vida (REGINALDO GOMES DIAS, testemunho, 2010).

Outra professora que escolheu a profissão em função de sua experiência esportiva e por indicação de sua professora de Educação Física foi Maria Helena Vitorino, que nasceu em Lavras e estudou em um Colégio fundado e dirigido por americanos:

Eu fui fazer Educação Física influenciada pela minha professora. Eu estudava no Instituto Gammon¹³, onde, na época, era colégio de americanos. Onde o Esporte era levado muito a sério e todo ano até hoje tem, em agosto, que é aniversário da Escola. Tinha apresentação de Ginástica com a escola inteira. Então, na época, minha professora era dona Edna Campos e eu e mais umas três influenciadas pelo trabalho da dona Edna e de seu marido que era professor dos rapazes. Foi quando eu comecei a praticar Esporte. Foi com ele. Ele me convidou pra praticar Atletismo. Eu nunca fui aquela atleta esperta em nada, não. Mas sempre fui razoável em tudo. Então eu fazia Atletismo, Basquete, Natação, Ginástica, Vôlei, isso por volta de 1962/63/64. Tudo com esse tamanho todo, lindo e maravilhoso. Então eu fui influenciada pela minha professora de Educação Física (MARIA HELENA VITORINO, testemunho, 2010)

¹³ Segundo o portal digital da instituição: “O Instituto Presbiteriano Gammon nasceu de um sonho, da visão e da dedicação de missionários presbiterianos procedentes dos EUA. Fundado em 1869, na cidade de Campinas, São Paulo, O Gammon foi a primeira escola evangélica do país. O surto de febre amarela que atingiu o país no final do século XIX, principalmente em Campinas quando milhares de pessoas perderam suas vidas, levou o denominado Colégio Internacional a transferir-se definitivamente para lavras em 1893, através do esforço abnegado de pessoas como Samuel Rhea Gammon, Carlota Kemper, Eduardo Lane, George Morton, dentre tantos outros ..(site www.gammon.br, acessado em 15/11/2011)

A professora Marialva José da Silva, natural de São João Del Rey (1943), aumenta a lista de professores/as que escolheram a profissão em função da vivência esportiva anterior à formação profissional. Todavia, tal escolha aconteceu depois de anos trabalhando com regência para alunos/as de 1ª a 4ª série, pois ela havia feito o magistério. Vejamos como ela responde quando indagada sobre sua experiência social e cultural anterior à escolha profissional, e o que a influenciou para tal formação:

Olha, o esporte está no sangue. O meu pai já era atleta, foi jogador de futebol, goleiro. Fundou um time de futebol onde meus irmãos jogavam. O time chamava América Recreativo Futebol Clube lá em São João Del Rey. O clube foi fundado em 1943, exatamente no ano em que eu nasci. E então eu passei a maior parte da minha infância praticamente, até 8 anos de idade, lá em São João Del Rey, acompanhando o futebol. Papai era presidente, tesoureiro, técnico e pai dos jogadores (risos). Então assim já estava no sangue. Não joguei futebol porque na época não tinha futebol feminino. Era meu sonho. Depois viemos para BH, na faixa de 1956, mudamos para Santa Efigênia e comecei a frequentar o América que era na Alameda. Lá eu pratiquei o Voleibol. Foi uma realização esportiva minha. Joguei no América, fui convocada para a seleção mineira juvenil, duas vezes. E não participei dela por falta de estrutura do clube que eu jogava e também a timidez, embora não muito aparente, mas em relação aos clubes Minas, Mackenzie eu me sentia inferior. Eu fui convocada, inclusive na época quando o técnico era o Elcio Nunam. Depois do Voleibol, tive um destaque na escola no curso de magistério jogando pelo colégio. Quando formei em magistério eu fui dar aula em [Governador] Valadares aula de primário e lá e eu tive algumas dificuldades e aí eu percebi que eu tinha condições de dar aulas de Educação Física e comecei a dar aulas de EF no colégio e na praça de esportes de Valadares. Quando eu fui obrigada a fazer um curso para que eu tivesse a licenciatura. E aí o moço lá da ADEC falou que eu tinha todas as condições para fazer o curso de EF. Aí entusiasmei voltei para BH, fiz o vestibular e passei na UFMG. Naquela época o vestibular era muito diferente do atual. Naquela época era português, biologia e matemática, teoria. E o resto tudo era prática: salto ginástica ritmo, corrida, natação e eu me saí melhor em todas elas em relação às teóricas. E depois comecei, com seis meses de universidade comecei a substituir nos colégios Santa Maria, Santo Antônio, Estadual. E aí fui adquirindo uma experiência dentro dos colégios. Algumas decepções, algumas coisas que dentro do aprendizado você vê que do lado de fora não é a mesma coisa. Eu entrei na Universidade em 1969. Eu tinha 30 anos, eu era a mais velha da turma e por incrível que pareça eu me destaquei na ginástica rítmica e de solo. Eu tinha alguns destaques e me motivava ainda mais a fazer o curso. Eu entrei em 1969, o curso era de 3 anos, então formei em 1972. Assim o motivo que me levou a fazer EF foi a minha rápida vivência de professor de esporte em Valadares e a minha vivência esportiva com minha família. Papai era um motivador e tanto. Era americano doente. E quando eu entrei para o América ele já me via atleta. Ele já via os outros irmãos jogando Futebol de salão no América. Ele formou um time de Futebol de Salão lá dentro de casa com os meus irmãos, chamava Cometa e disputava vários campeonatos. Depois o próprio Cometa representou o América em alguns torneios. Esta motivação esportiva eu tenho da família e por onde eu andei, onde eu me destacava. (MARIALVA JOSÉ DA SILVA, 2010)

Envolvida com práticas esportivas desde os doze anos de idade, a professora Lucia Aparecida Canhedo, nascida em Ouro Fino/MG, em 1945, rememora que o envolvimento com práticas esportivas na adolescência teria influenciado também sua escolha profissional:

Eu sou do interior. Do sul de Minas. E passei minha adolescência em Caratinga, no Vale do Rio Doce. Atualmente é considerado Vale do Rio Doce. Sempre fui uma pessoa muito ativa, sempre fiz atividade física. E eu comecei a praticar uma atividade física regular com doze, treze anos. Jogava vôlei. E no interior o que oferecia eu fazia. Eu sempre fui avançada pra minha época. Eu sempre pensava que eu queria estudar. Eu pensava em fazer jornalismo, pra ser jornalista esportiva... E depois eu optei pela Educação Física porque era o que era mais acessível pra mim na época. Mesmo assim com muita dificuldade vim pra Belo Horizonte. Em [mil novecentos e] sessenta e oito fiz um ano de curso infantil, que era chamado. Era uma preparação da professora primária pra poder trabalhar nas escolas no ensino básico como é chamado hoje. Fiz este curso na própria Escola de Educação Física da Católica. Que naquela época era da Católica. Um ano de curso. Depois é que eu fui fazer o curso superior. Mas a atividade física sempre esteve presente na minha vida. E no interior o que tinha pra fazer eu fazia. Eu fui jogadora de vôlei, numa época que não existia... como é que eu vou dizer? Não tinha muito acesso às informações e tudo. Na época eu fui uma jogadora especial, eu tinha altura, tinha condição física, então eu sobressaía. Sem modéstia eu posso falar isso que eu marquei uma época em Caratinga. Com quinze, dezesseis anos eu jogava muito vôlei era uma prática onde parecia mais a força e técnica. E fui assim... Fui muito bem. Joguei durante muitos anos em Caratinga. Eu estudava em uma escola de Caratinga... era uma escola mista. Era um casarão antigo e na frente tinha uma área, uma quadra de tênis – engraçado que outro dia tava me lembrando disso – era uma quadra de tênis de saibro tinha um espaço onde tinha um aparelho enorme que era chamado de combinado alemão e tinha uma quadra cimentada poliesportiva. Então as aulas de Educação Física eram dadas lá. As aulas desse colégio eram dadas nessa quadra. Então você fazia tudo que você quisesse ali. Era fora da escola, da sede do colégio e você podia fazer tudo que queria e eu morava perto, então eu fazia a aula. Eu matava muita aula pra poder ficar lá jogando bola, aprontando e de tarde eu voltava pra ocupar o tempo. E naquela época Caratinga não oferecia tanta coisa também. Tinha outros colégios e aí o voleibol era muito incentivado, porque tinha um time do colégio das irmãs, tinha um time do colégio do reverendo Liel Leitão. Do colégio Caratinga. Tinha o time do Colégio Estadual e o do Colégio Nossa senhora das Graças, que era o colégio que eu estudava. Então era uma competição muito boa uma rivalidade até boa, porque quatro colégios, com quatro times. Fazíamos muita farra, sabe? Pratiquei muito vôlei até mesmo quando eu me formei e eu terminei o segundo grau já com vinte e um anos, por aí. Até esta época eu jogava vôlei (LÚCIA APARECIDA CANHEDO, testemunho, 2010).

A professora Elisabete Rossete, natural de Ribeirão das Neves/MG (1950), descreve que foi por meio de um jogo de sorte que ela decidiu fazer o curso de Educação Física e teve que enfrentar dilemas sociais próprios de uma família tradicional onde o papel da mulher se restringia ao espaço familiar privado:

Eu tenho treze irmãos, nós somos quatorze e de uma família muito tradicional. Onde a mulher era preparada pra ser a doméstica. A do lar. Então quando eu vim pra Belo Horizonte e comecei a estudar eu não tinha nenhuma certeza do que eu ia fazer. Mas eu tinha a grande esperança de fazer um curso superior. Mas eu não sabia que curso e terminado a época do científico eu quis fazer vestibular. Mas não sabia que curso. Aí eu coloquei várias opções assim (demonstração com gestos) e fiz – a mamãe mandou falar que...vai dar este aqui. Quer dizer foi um joguinho e aí caiu Educação Física. Eu não tinha vivência nenhuma, algumas vezes eu ouvia a minha professora do ensino médio dizendo – olha a Elisabete é uma menina muito jeitosa, que menina expressiva!!! Professora Dulce Romano foi, inclusive, minha colega de trabalho. Ela pode ter me influenciado porque muitas vezes ela me despontava no grupo dizendo que eu tinha um quesito a mais, quer dizer que eu me diferenciava do grupo na questão da criatividade, na questão da expressão e isso pode ter, de certa forma, me alegrado quando a educação física foi a disciplina que caiu ali naquele joguinho ... Naquela época ela trabalhava muito com ginástica musicada. Era ginástica com

música... Ginástica natural. Ginástica sueca... Aquelas linhas que vieram da Educação Física Francesa e Sueca. Essa minha professora trabalhava muito com aquela ginástica de aparelho, música e movimento. Então ela me via diferente quando pedia pra criar um movimento diferente eu sempre ajudava as minhas amigas. Então ela percebeu e muitas vezes falou – menina você tem que fazer Educação Física – pois bem, mas caiu foi num joguinho e eu acredito que Deus tinha essa trajetória pra mim. Naquela época as aulas eram separadas nós fazíamos aulas separadas e eu muitos anos da minha vida trabalhei com turmas com aulas separadas, tanto no Municipal, quanto no CEFET. Nós tínhamos alguns momentos em comum como eu vou te relatar depois no festival de dança. Para o masculino tinha muito mais esporte. Tinha futebol, voleibol, handebol e muito mais. Eu não presenciei enquanto aluna nunca os alunos fazendo ginástica a não ser aquele pré aquecimento para o esporte aquela forma de aquecer mesmo de se preparar para a atividade. E nós, as meninas não aprendíamos futebol de salão. A gente aprendia vôlei, ginástica, handebol e muito pouco. Enquanto eu era aluna era só isso. Ah, e de primeira a quarta série era só brincadeira e correria mais nada. Não tinha nada definido assim – hoje a gente vai ter uma aula de expressão, de ritmo e movimento ou vamos trabalhar com a coordenação motora -- nada disso era correria joga a bola pra lá e tal e mais nada.

Pois bem e aí foi o grande problema. Minha família não queria que eu fizesse educação física. Meus irmãos, tenho sete irmãos homens. Sete irmãos, todos comerciantes, muito tradicionais e falavam para minha mãe: – oh mãe, a senhora não vai deixar... Lá só tem prostituta – era o que eles diziam – Educação Física é um curso de prostituta – era a visão dos meus irmãos. Que coisa retrógada. Mas era assim que eles viam na época. Falavam: – não faz Educação Física, não.

Eu já tinha perdido meu pai. Eu perdi meu pai muito cedo com cinquenta e quatro anos de ataque cardíaco. Então minha mãe ficou sozinha com essa filharada e os homens nos assumiram como pais, foi uma loucura, a gente era tolhida de tudo, porque o regime era militarista na minha casa.

Pois bem aí pra convencer a minha mãe eu tive que pedir a irmã de Glaucia. Doutora Glaucia é minha prima. E aí eu pedi a irmã mais velha dela, que é meu grande amor. Branca, ela se chama Branca. Pedi a ela pra vir aqui convencer mamãe que eu tinha direito de fazer um curso superior. Ela veio e convenceu e aí mamãe deixou e pra minha grande alegria eu fiz esse curso. E hoje eu vejo que eu não poderia ter feito outro. Foi a minha grande paixão e eu exerci a minha profissão com amor e eu acho que eu também deixei um legado nessa minha profissão. Eu tenho certeza de que eu pude ajudar muito as pessoas nessa trajetória na educação física (ELIZABETE ROSSETI, testemunho, 2010)

Os testemunhos indicam as variadas formas com que os/as candidatos a professores/as de Educação Física vivenciaram as práticas sociais presentes na época. Destaca-se dentre elas, a presença do esporte nas práticas sociais de divertimentos e passatempos, bem como os espaços de vivências esportivas, a diversidade de significados atribuídos à atividade esportiva e à Educação Física e a aproximação inequívoca destas duas áreas.

É possível notar que circunstâncias muitas vezes aleatórias fazem parte do momento de decisão profissional; todavia, acredita-se que a vivência física (esportiva ou não) seja algo que teria respaldado a escolha e a permanência na área destes/as professores/as.

1.1 - Ambiência social esportivizada: espaços, agentes e representações diversificadas.

Norbert Elias (1994) destaca que a construção de uma individualidade humana com formas de pensar e agir próprias se dá na relação com outras individualidades. Ou seja, é na relação com os “iguais” que o ser humano se torna um indivíduo diferente. Isto é o que o autor denomina de “*paradoxo da sociedade*”. Os testemunhos indicam que, durante a infância e a adolescência dos entrevistados, a educação do gosto, dos hábitos corporais, dos sentidos da atividade física e esportiva e do entendimento do que viria a ser Educação Física e Esporte, foram se construindo na relação com os pares, ou seja, na rede de sociabilidade estabelecida nestas idades da vida.

A rede de amigos, parentes, professores/as impacta a forma de pensar, de agir, de falar, de sentir, de raciocinar (prática e teoricamente), construindo dessa forma o que Lahire (2002) chama de “*disposições sociais*”. Todavia, a incorporação de tais “*disposições sociais*” acontece na relação com o já existente, ou seja, na relação das circunstâncias sociais com a bagagem cultural de cada pessoa. De forma complexa e dinâmica, tal relação estabelece formas híbridas de ser e de estar no mundo.

Para os propósitos desta investigação tornou-se interessante identificar como as *disposições sociais* referentes ao esporte vão sendo construídas e reconstruídas na relação de grupos sociais, bem como os espaços culturais construídos, os agentes disseminadores e as representações elaboradas – tratados a seguir.

1.1.1 - Espaços de vivência esportiva, agentes disseminadores e esportes praticados.

Segundo os entrevistados, os espaços para práticas esportivas nas respectivas cidades eram diversos. Os clubes sociais inaugurados nas décadas de 1920, 1930 e 1940 em Belo Horizonte, tais como: Minas Tênis Clube (1937), América Futebol Clube (1913), Mackenzie Esporte Clube (1943), Cruzeiro Esporte Clube (1921), Clube Atlético Mineiro (1908), Olympico Club (1940), dentre outros, teriam participado de maneira efetiva do movimento de disseminação de uma cultura de esportes na capital mineira. Exemplar é o testemunho da Professora Marialva ao relatar que seu pai fundou um time de futebol, chamado América Recreativo Futebol Clube na cidade de São João Del Rey, em 1943. Tal iniciativa indica uma aposta feita neste tipo de organização social para que pudesse propiciar à família de dez filhos alguns momentos de sociabilidade, inclusive incentivando também as

filhas a participarem de tais práticas esportivas. Importante observar que a maioria dos clubes citados nasceu da associação de grupos de amigos, que se organizavam coletivamente para encontros sociais, onde podiam vivenciar atividades de divertimentos e passatempos, tais como: jogos diversos, dança, esportes, dentre outros.

Identificam-se também relatos como o da professora Lucia Guilherme, que participou na cidade de Caratinga de jogos de voleibol pelo colégio em que estudava e que vivenciou torneios esportivos entre três outras escolas que possuíam equipes desta modalidade. Ainda segundo tal professora, os espaços esportivos presentes nas comunidades, como a quadra poliesportiva cimentada, em frente a sua escola, eram apropriados em momentos diferentes do das aulas e para “*ocupar o tempo*”. Tal fato está presente também no testemunho do professor Wilson Camalier, que descreve o costume de ir com colegas de escola, desde muito jovem, às quadras da academia militar existentes próximas à escola, em Resende (Nilópolis/RJ), para jogar basquete com um colega que havia aprendido o esporte com um professor americano.

O professor Élcio Paulinelli cita uma política pública do governo de Minas que teria estimulado a prática esportiva em “Praças de Esportes”. Investigando a Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927 a 1937), Giovana Camila da Silva (2009) identifica que tais praças, denominadas primeiramente “praças de jogos”, eram resultado de uma política do governo mineiro que tinha como executantes agentes da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais. A princípio tais praças deveriam ser construídas como anexos das escolas estaduais, como forma de propiciar atividades de jogos e ginástica para comunidade, mas sob o controle de agentes da instituição escolar. Com a expansão da incorporação de atividades esportivas às práticas sociais, as “praças de jogos” passam a receber também instalações esportivas, como quadras de Vôlei e Handebol.

Enfim, é possível perceber desde a década de 1930 e 1940 a preocupação com a construção de espaços próprios para práticas esportivas em diversos lugares da cidade (escolas, clubes e praças). É possível que a construção de tais espaços tivesse intenções de atender uma crescente demanda social pela prática de esportes, ao mesmo tempo em que contribuiria para a disseminação de códigos específicos de uma dada prática esportiva. Todavia, os usos destes espaços podem não ter seguido as intenções imaginadas para eles.

Observa-se também que teriam sido diversos os protagonistas disseminadores de práticas esportivas. No caso da professora Marialva, o pai teria sido o primeiro responsável por incentivá-la a praticar esportes. Já no caso do professor Élcio, teria sido um sargento da Polícia Militar que trabalhou em uma das praças de esportes. Já no caso do professor

Reginaldo, o seu professor de natação. A professora Lúcia Aparecida relata a figura do professor de Educação Física como possível incentivador da prática do Voleibol. Essa diversidade de agentes disseminadores indica também uma diversidade de argumentos e formas para incentivar a prática esportiva.

Pelo menos no meio social frequentado pelos entrevistados, as práticas de Futebol, Voleibol, Basquete e Natação se destacaram como as atividades esportivas presentes na época. As vivências em tais modalidades teriam sido responsáveis pela escolha da profissão.

Enfim, há fortes evidências de que práticas de esportes já se configuravam como atividade cultural bem conhecida nas cidades de origem dos sujeitos da pesquisa, muito embora aparentemente de acesso ainda restrito a grupos sociais frequentadores de escolas, clubes e praças de esportes.

1.2 - Significados e representações de práticas esportivas

Os motivos para o envolvimento em atividades culturais de esporte teriam sido diversos. Para uns, teria sido um divertimento, passatempo, como relata o professor Wilson Camalier que foi adquirindo gosto pela prática esportiva a partir dos encontros com os colegas de escola, após as aulas. A professora Lúcia Aparecida relata também que ia à quadra poliesportiva após as aulas para “*ocupar o tempo*”; para outros, uma necessidade de manter a saúde e evitar acidentes, como destaca o professor Reginaldo, quando comenta sobre a imposição do pai (médico); e outros ainda, pela satisfação do jogo, da convivência no grupo e de ser reconhecida pela sua boa performance técnica. A professora Marialva relembra com emoção a partida de Voleibol que ela perdeu, mas na qual teve seus méritos reconhecidos. Para ela, foi como se tivesse ganhado o jogo, pois ela sentiu-se realizada pelo seu feito:

Praticava pelo prazer da prática, o prazer da convivência, o prazer de fazer uma jogada boa, o prazer de ser cumprimentada por ter feito uma jogada boa, mesmo perdendo. Teve um jogo que nós fizemos contra o Mackenzie, nós estávamos perdendo de quase 13 a zero e eu fui para o saque e eu fiz 13 pontos de saque e empatamos o jogo. No décimo quarto ponto eu errei o saque e nós perdemos o jogo, ali. Pra mim quando eu peguei o jornal e li no dia seguinte que o América tinha como ponto forte o saque, eu fiquei emocionada, pois, quem fez os pontos de saque tinha sido eu. Eu tinha muito prazer, como tenho até hoje de tudo que eu faço. Se eu faço é por que faço com prazer. Acho muito importante este prazer. Você se sentir capaz de fazer alguma coisa legal (MARIALVA JOSÉ DA SILVA, testemunho, 2010).

Estes relatos apresentam indícios de que tais vivências esportivas se desenvolviam permeadas por múltiplas e díspares representações sobre seus significados sociais. Tais candidatos a professores/as fizeram suas escolhas em razão de vivências que lhes pareceram

significativas. Inclusive abandonando carreiras profissionais já em andamento, como foi o caso dos professores/as Guido, Marialva e Wilson Camelier. Nestes três percursos de vida, os comentários de outras pessoas sobre a possibilidade de vir a fazer Educação Física foram ao encontro de suas significativas vivências esportivas.

Peculiar é o relato do professor Guido, o qual, ainda atuando como professor de Ciências, se sentiu no “dever” de propiciar às crianças da escola onde trabalhava, os saberes do esporte que ele teria adquirido em sua adolescência com a vivência esportiva. Ele teria então iniciado suas intervenções de ensino de esportes, tais como o Futebol e o Vôlei, no campo de futebol, e a Natação no rio próximo à escola onde ministrava aulas de Ciências. Os espaços “improvisados” teriam sido aos poucos transformados em quadras esportivas de Voleibol e Handebol.

Para Walter Benjamin (1987), *experiência* não é aquilo que acontece, que passa, e, sim, aquilo que nos acontece, que nos toca, aquilo que nos transforma, aquilo que nos torna diferentes. Dessa forma, a prática esportiva para estes protagonistas foi uma vivência que, ao tocá-los e transformá-los, constituiu-se em experiência significativa, que impactou suas tramas sociais e culturais a ponto de escolherem ser professores/as de Educação Física. Outros/as tantos/as podem ter sido tocados/as por tal vivência, mas não ao ponto de quererem ser professores/as de Educação Física, pois outras vivências culturais estavam em jogo. Interessante é perceber por que as vivências destes professores se tornaram significativas e teriam impactadas suas escolhas profissionais para a Educação Física.

É importante pensar tais acontecimentos em contraste com outras circunstâncias, e numa escala mais ampla. Os estudos sociais de longa duração desenvolvidos por Norbert Elias e Eric Dunning (1992), que assinalam que a prática esportiva era uma forma “civilizada” das pessoas continuarem a vivenciar seus impulsos violentos e de excitação corporal, porém dentro de regras sociais pré-estabelecidas, possibilitou o entendimento da ascensão do significado social da prática esportiva na sociedade moderna. Este movimento teria legitimado a apropriação dos passatempos e dos divertimentos na constituição dos esportes, dotando-os de princípios próprios, regulados por instituições específicas. Acredita-se, portanto, que o aparecimento de clubes sociais, de políticas de incentivo à prática esportiva, bem como o sentimento de “dever” manifestado pelo professor Guido para “*esportivizar*” os passatempos das crianças na pequena cidade de Moeda, tenha relação com este movimento maior, de ascensão do significado social da prática esportiva e de suas possibilidades de satisfazer os desejos humanos dentro de um padrão de civilidade.

Vale a pena registrar que o percurso do professor Guido em muito se aproxima das histórias esportivas contidas na Revista DEDINHO, por mim investigadas na dissertação de mestrado. Ou seja, uma turma que está de férias em lugar bucólico, brincando de “pega-pega”, de “patinho na lagoa”, etc., é convidada/intimada a organizar aquelas atividades, dotando-as de características próprias da atividade esportiva. A justificativa dada para tal ação é que não se pode perder tempo com brincadeiras, pois elas não levam a nada. Ao contrário do esporte.

Todavia, este movimento de “*esportivização*” dos divertimentos não parece acontecer de forma unívoca, uniforme e avassaladora. O conjunto de testemunhos possibilita perceber que existiram diversas formas de esportivização de atividades de lazer, algumas formas bem amenas, com o entendimento de que somente o movimento corporal similar ao do esporte já era suficiente para ser considerada uma prática esportiva. Este foi o caso da *natação*, que na impossibilidade de contar com uma estrutura física própria, nomeou os divertidos banhos no rio/lagoa como atividade esportiva.

Devemos registrar também que estas *esportivizações* não teriam suprimido outras práticas corporais do cotidiano social. A professora Marialva relata sobre os jogos que não deixou de brincar, como o jogo de “finca”, os jogos de “pega-pega”, dentre outros.

Destaca-se, então, a tensão entre a expansão cultural do esporte em proporções mundiais, pulverizado de significados sociais diversos e táticas de apropriação dos indivíduos que, mergulhados em circunstâncias sociais e culturais locais, jogam e vivenciam os esportes da forma como os convém.

1.3 - Educação Física e prática esportiva: representações similares

Os testemunhos apresentados acima apontam uma estreita relação entre as práticas esportivas e a formação do profissional de Educação Física. Observa-se a necessidade de qualificar o ensino dos esportes com objetivos relacionados à de formação do caráter, de integração das pessoas e de desenvolvimento da saúde, dentre outros. Além destes significados atribuídos à prática de esportes, as vivências esportivas dos protagonistas teriam sido capazes de construir um saber prático que qualificava tais pessoas a iniciarem o curso de formação profissional. Este saber era um sinal de sucesso na profissão de professor/a de Educação Física, pois não se imagina um/a professor/a que não saiba fazer o que ensina, ou tenta ensinar. Uma representação que se aproxima do entendimento de que para saber ensinar práticas corporais (esportivas) é necessário saber praticá-las.

São exemplares os testemunhos de professores/as que relatam terem escolhido o curso de Educação Física em razão de suas vivências esportivas, embora para cada um os significados atribuídos às práticas de esportes fossem distintos.

Acredita-se que tal diversidade de significados atribuídos à prática esportiva e à Educação Física constituiu o que Bronislaw Bazko (1995) denominou de um “*imaginário social*” a respeito destas duas áreas. Ou seja, um conjunto de representações, alguma vezes diferentes, mas que culmina em um entendimento comum. Nas palavras do autor, um conjunto de,

[...] outros tantos pontos de referência no vasto sistema simbólico que qualquer coletividade produz e através da qual ele se percebe, divide e elabora os seus próprios objetivos. É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e expõe crenças comuns. Constrói uma espécie de código de bom comportamento, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do chefe, o bom súbdito, o guerreiro corajoso, etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma ordem em que cada elemento encontra o seu lugar a sua identidade e a sua razão de ser (BACZKO, 1985).

A representação global e totalizante da sociedade seria a aproximação inequívoca da prática esportiva com a prática profissional de Educação Física, como se fossem duas peças amálgamas de um sistema societário global.

Tal imaginário social parece ser fruto de um movimento mundial e que se desenvolve no Brasil desde pelo menos as primeiras décadas do século XX. Tarcisio Mauro Vago (2002), investigando as disciplinas “*Educação Physica*” e “*Gymnastica*”, em Minas Gerais no período de 1906 e 1920, anuncia uma reconfiguração do primado da *Gymnastica*, da correção à eficiência. Tal movimento tinha como cerne o aparecimento de outras práticas corporais para serem escolarizadas, dentre elas os *desportos individuais e coletivos* presentes no Método Francês de ginástica:

Um novo momento para a história escolar da *Gymnastica* (aliás, cada vez mais designada “*Educação Physica*”) estava começando em Minas Gerais.

Um dos indícios mais fortes da reconfiguração do primado regulador da Ginástica, da correção à eficiência, é a ampliação de seu programa de ensino com a escolarização de outras práticas corporais.

[...] na Reforma do Ensino Primário de 1927, o programa já incluía os “exercícios naturais, exercícios respiratórios”, “jogos gymnásticos”, a *gymnastica rítmica* [...] Neste programa pode-se notar uma forte influência do método francês de ginástica. (VAGO, 2002, p.352)

Meily Assbu Linhales (2009) destaca que, nas décadas de 1920 e 1930, havia um intenso debate sobre a relação entre o esporte e a instituição escolar. Movimento este que

mobilizou vários segmentos da sociedade e que encontrou na Associação Brasileira de Educação (ABE) um dos lugares desta discussão:

[...] busquei compreender como e por que as práticas esportivas participaram de um projeto cultural que, nas décadas de [19]20 e [19]30, apostou na eficiência da escola como possibilidade de organização e disciplinarização da vida social. A partir da Associação Brasileira de Educação (ABE) foi possível apurar o olhar sobre o encontro entre o “surto dos sports” e o “movimento de renovação pedagógica” que, na mesma época, buscava constituir a escola como uma experiência moderna, ativa, eficiente, tecnológica e sintonizada com o mundo do trabalho urbano-industrial. (LINHALES, 2007, p. 251)

A autora salienta que o fenômeno esportivo, ao se enraizar socialmente, foi debatido por pensadores da instituição escolar e promoveu uma “*pluralidade de ideias, mentalidades e perspectivas que estiveram, muitas vezes em confronto*”, e que tal movimento se apresentou em duas dimensões aparentemente antagônicas:

Por um lado, o esporte se apresentava como um elemento educativo, um modelo pedagógico capaz de incrementar, dentre outras coisas, o sentido de coletividade e o aprendizado da vida social moderna. Uma promessa de aperfeiçoamento do povo ou, dito de outra forma, de “*energização do caráter*” dos brasileiros, por vezes representados como “*sem nenhum caráter*” [...] uma *aceleração cultural* [...]

Por outro lado, a escolarização das práticas esportivas apresentava-se como medida corretora do curso civilizatório, pois o esporte praticado pelo povo era considerado repleto de vícios e deformações. Assim, a escola teria como responsabilidade civilizar os costumes esportivos existentes, tomando para si a tarefa de melhor apresentá-los às novas gerações. Nessa campanha, seria necessário não só moralizá-lo, mas também conferir eficiência pedagógica à sua aprendizagem e realização. Um *afastamento cultural* [...] (LINHALES, 2007, p. 252)

Giovana Camila da Silva (2009) investigando as ações da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937) destaca a preocupação do governo mineiro em produzir espaços para abrigar práticas esportivas que estavam em ascensão social:

A atividade esportiva também teve sua reserva na praça, com a construção dos campos de vôlei e basquete. Como no parque escolar Olegário Maciel o público não se restringia aos alunos dos grupos escolares Caetano Azeredo e Francisco Sales, haja vista a organização de seções para rapazes e para moças, é possível inferir que a construção das quadras esportivas guardam relação com o estímulo e a intensificação das práticas de esportes entre a mocidade da Capital. Preocupação esta que já havia sido levantada pelo Inspetor de Educação Física (SILVA, 2009, p.189)

Nos testemunhos dos/as professores/as é possível encontrar vestígios destes trabalhos envolvendo o Esporte e a Educação Física na escola. Aliás, as fontes aqui privilegiadas anunciam indícios de fatos que estavam sendo (in)corporados. São emblemáticas as falas de professores/as que relatam estar o esporte no “sangue”, ou que se sentia no “dever” de ensinar os esportes, que teve uma “missão” e a cumpriu com êxito.

Importante destacar que as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por intensas decisões e movimentos políticos. Nos anos de 1960 foi promulgada a Lei de Diretrizes e

Bases 4.024/61, que manteve a obrigatoriedade da disciplina Educação Física nos níveis de ensino da educação básica dos currículos escolares brasileiros. Além disso, em Minas Gerais, tal década foi marcada por fortes reivindicações do movimento docente por melhores condições de trabalho em virtude da crescente demanda por vagas no ensino público de 1º e 2º graus (atualmente ensinos fundamental e médio, respectivamente). Brito (2010), ao investigar o movimento docente, identifica uma expansão de escolas públicas no município de Belo Horizonte, principalmente no ensino primário, no período do regime militar. Seus estudos se concentram no movimento de professores reivindicando melhores salários e plano de carreira nos anos anteriores ao golpe de 1964:

Mas em toda a década de [19]60, os professores de Minas Gerais continuam a reivindicar aumento de salários e inserção no modelo de organização trabalhista previsto para outras categorias de trabalhadores, com plano de carreira específico, hierarquizado. A legislação do município pesquisado, em 1968, responde às reivindicações por plano de carreira com o estabelecimento de gratificação quinquenal, abono e progressão horizontal, segundo tempo de serviço. (Lei 1508, de 11 de julho de 1968). Se houve nas décadas de [19]50 e [19]60 criação de inúmeras escolas municipais, a expansão efetiva ocorreu na década de 1970, com a criação de escolas e reestruturação no funcionamento do sistema de ensino, acentuando-se o processo de municipalização do primeiro grau. (BRITO, In: PBH/SMED, 2006).

Embora não tenha sido mencionado em nenhum dos testemunhos, especula-se que a escolha pela docência, neste período, também teria passado pela aposta em uma ascensão social, haja vista o quadro político e econômico que se apresentava.

Não podemos desconsiderar que a maioria destes/as professores/as era do interior de Minas Gerais, e que a vinda para a capital era sempre permeada de muitos conflitos e sacrifícios (financeiros e sociais). Assim, a escolha de um curso superior teria que levar em consideração estes aspectos. A professora Lúcia Aparecida em seu testemunho salienta que escolheu a Educação Física também em função daquilo que era possível para ela à época. Podemos entender que escolher um curso como Direito, Medicina, Engenharia, significaria assumir outros enfrentamentos.

Percebe-se que um processo de transformação do status profissional da disciplina Educação Física já se desenhava pelo menos desde o final da década de 1950 da década de 1960. Há indícios de que esta alteração foi impactada pelo crescimento do fenômeno esportivo no Brasil, e especialmente em Belo Horizonte, em virtude da existência do “*imaginário social*” de que as práticas esportivas são constituintes e constitutivas da Educação Física. Todo esse movimento teria sido potencializado pelo momento sócio-político pelo qual passava o setor educacional municipal, o que teria motivado ainda mais a procura pelo curso superior de Educação Física.

Parece notório que a vivência de atividades físicas e práticas esportivas antes da formação profissional teria influenciado os protagonistas a escolherem o curso de Educação Física, impactada talvez pelo “*imaginário social*” de que tais práticas eram constituintes fundamentais da profissão de Educação Física.

Entretanto, além de influenciarem nessa escolha, as vivências esportivas produziram também representações sobre os sentidos da prática esportiva para a vida destas pessoas. Assim, enquanto para um a prática esportiva poderia ser aprender a nadar no riacho próximo da escola para não se afogar, para outro, era uma “medicina preventiva”; para outra, a satisfação de ser reconhecida pelo seu trabalho, e para outras ainda, uma forma “graciosa” de estar no mundo. Importante salientar que tais representações, algumas vezes tão díspares, coexistiram em uma mesma temporalidade. Algumas delas se distanciavam, por exemplo, das representações propagadas pela política do governo militar nos anos 1970, que indicava a seleção de talentos e o desenvolvimento da saúde. Importa que estas representações teriam circulado no cotidiano social de tais pessoas, as quais depois escolheram ser professores/as de Educação Física. Tais representações podem ter impactado suas ações pedagógicas de forma também distinta.

Em síntese, os testemunhos apresentados nos dão pistas para perceber representações que anunciavam aproximações entre prática esportiva e formação profissional em Educação Física. Tal relação teria sido influenciada pelo fenômeno esportivo em expansão social. Esse fenômeno teria sido apropriado pelos sujeitos da pesquisa com diversos significados construindo representações diversas do que era praticar esporte e da maneira com a qual ele poderia contribuir para a vida social das pessoas. Tais representações, por sua vez, teriam construído um *imaginário social* de que a prática esportiva era algo constituinte da Educação Física e quando não, um correspondia ao outro, o que teria influenciado as escolhas profissionais dos candidatos/as a professores/as.

Observa-se, também, uma forte tendência de transformar as práticas sociais de divertimentos e passatempos em práticas sociais esportivas, todavia, com significados bem distintos.

As memórias de professores/as espanhóis dão conta de uma distinta forma de desenvolvimento do fenômeno esportivo. A professora **Aracenia Laez Daldone** que nasceu em Palencia, em 14/12/1930 e viveu sua infância e adolescência na mesma cidade, lembra que brincava com vários jogos nas ruas com seus primos e vizinhos. Ela relata que foi uma infância e adolescência muito tranquila, pois, não existiam tantos carros pelas ruas, então as crianças tinham trânsito livre para ir e vir. As práticas corporais vivenciadas neste

período não tinham aproximações com as práticas esportivas. Ela rememora que foi na escola, já nos anos 40, que começou a praticar Basquete, Voleibol, Handebol e fazia Ginástica, mas as aulas não eram ministradas por professora formada em Educação Física. Seu contato com a prática esportiva foi apenas na escola, onde fazia parte de equipes esportivas.

O professor **Herminio Fernandez** nasceu em Palencia, em 1946, mas viveu sua infância em um povoado próximo desta cidade. Ele relata que suas vivências corporais na rua foram marcadas por brincadeiras próprias de uma cidade rural, ou seja, de confecção própria de jogos com a palha do milho, de pega-pega, de andar a cavalo, etc. Já na escola de sua infância o professor de sala é quem organizava o horário da Educação Física. Como não era formado, ele liberava uma bola de futebol e os meninos jogavam por uma hora, mais ou menos. Algumas vezes este professor organizava aulas de jogos populares. Na adolescência (1956), Herminio conta que veio estudar em escola de freis maristas, onde havia uma Educação Física mais “reglada”. Os instrutores eram profissionais formados pelo movimento Franquista, conhecido também pelo nome de falanges. As aulas de Educação Física aconteciam duas vezes por semana e faziam muita Ginástica. A estrutura de quadras era bem humilde e não havia ginásio. Todas as aulas eram ministradas ao ar livre. Assim, no inverno as aulas de Educação Física eram ministradas em salas de aula com jogos de xadrez e outros. Os esportes eram ministrados de forma muito solta. Quem queria jogar Basquete, jogava Basquete, quem gostaria de jogar Handebol, jogava Handebol. Nas aulas de Ginástica não eram agradáveis. Os alunos preferiam aulas livres de esportes. Nas aulas de Ginástica tinha avaliação de desempenho físico e alguns alunos não se davam bem na execução de saltos, por exemplo. Os professores de Educação Física eram instrutores formados pelo Regime Franquista e ministravam aulas de espírito nacional (formação política) e de Educação Física.

Filha de sindicalista, a professora **Mariangela Fernandez** nasceu em 1948, também em Palencia, e passou toda sua infância e adolescência nesta cidade. E segundo ela, suas vivências na rua foi bem parecida com a da professora Aracenia, ou seja, de brincadeiras populares com irmãos e primos. Na escola primária não haviam aulas de Educação Física. Nos estudos de bachierato (ensino médio), em 1962 estudou em escolas de “Monjas” (Freiras), e lá sim, tinham aulas de Educação Física, duas vezes por semana. As aulas consistiam de Ginástica, Atletismo e Bailes de folclore popular. Havia também equipes de Voleibol e Basquete, para participar dos torneios provinciais e nacionais. O treinamento acontecia durante as aulas de Educação Física. E ela participava da equipe de voleibol.

Os professores José Ignacio Barbero e Marcelino Juan Vaca Escribano, rememoram suas infâncias e adolescências da mesma forma que o professor Herminio relata, ou seja, com vivências corporais típicas de cidade rural e com contato com as práticas esportivas somente na instituição escolar.

Ao contrastar memórias de professores brasileiros com as de professores /as espanhóis, observam-se diferenças no que diz respeito às formas e espaços de desenvolvimento das práticas esportivas. Ao que tudo indica, na cidade espanhola de Palência o esporte antes de ser apresentado para a população teria vivenciado um processo de escolarização, ou seja, as práticas esportivas teriam se desenvolvido sob a tutela da instituição escolar, enquanto que em Belo Horizonte, tal instituição só passou a ensinar as práticas esportivas depois que elas já teriam sido apropriadas pelos cidadãos, via organização de clubes sociais e práticas de lazer. Acredita-se que esta diferença de apropriação e divulgação do fenômeno esportivo teria impactado significativamente a forma de ver, pensar e vivenciar as práticas esportivas. Estudos históricos de longa temporalidade poderiam problematizar tal diferença.

CAPÍTULO II

**“SEMPRE VIVI EM UM REGIME MUITO DISCIPLINAR” // “A
POLÍTICA NÃO FAZIA PARTE DO NOSSO UNIVERSO”: saberes de
uma formação profissional militarista e esportivizada**

Você fazia a aula, recebia o conhecimento do jeito que vinha e elaborava do jeito que você pudesse e quisesse. Mas você não podia falar dessas coisas. A Escola de Educação Física era reduto de militares. E a prática profissional eu fui aprender na prática (LÚCIA APARECIDA GUILHERME, testemunho, 2010).

“e não é raro ver a massa de práticas pedagógicas acumuladas numa disciplina oculta, para numerosos professores, alguns dos objetivos últimos que eles perseguem” (CHERVEL, 1990).

Neste capítulo, o propósito é identificar os seguintes aspectos nas memórias dos professores: disciplinas, espaços, professores, referências bibliográficas e representações de Educação Física e de Esporte presentes em seus respectivos cursos de formação. Analisamos, então, as reminiscências dos protagonistas sobre o único espaço institucionalizado de formação profissional em Educação Física que existia em Belo Horizonte, nas décadas de 1950 e 1960. Sabe-se que cursos de curta duração e outras experiências pessoais fizeram parte da formação destes professores/as; todavia, focou-se na formação inicial de nível superior em Educação Física, pois esta oportunizou as respectivas licenças para o exercício profissional em tal disciplina.

Os trabalhos de Eustáquia Salvadora de Sousa (1994), Roberto Kanitz (2003) e Marcos Campos (2009) investigam o aparecimento do curso de formação superior em Educação Física em Belo Horizonte. De acordo com tais investigações, tem-se que em 1939 é promulgado o Decreto Federal 1.212, tornando obrigatório o diploma de nível superior em Educação Física para ministrar aulas de tal disciplina no sistema educacional público (federal, estadual e municipal) e privado. Por questões políticas, por interesses de apadrinhamentos e pela falta de professores com titulação, a fundação da primeira Escola superior tardou 12 anos para acontecer:

A partir deste panorama, interesses políticos se entrecruzaram, no sentido de dificultar e, em outros momentos, no sentido de facilitar tal empreitada [...] Em 1940, o governador Milton Campos instalou uma comissão para tratar da criação da primeira Escola de Educação Física no Estado. Entretanto, não houve tempo hábil para isto, já que o governador estava no final do mandato. [...] dois grupos distintos passaram a discutir este assunto. Porém, um dos grupos começou a “amarrar o processo”, já que as pessoas envolvidas neste grupo, do qual ele não fazia parte, não tinham a formação necessária para compor o quadro funcional da sonhada Escola. Este grupo era composto por médicos do Hospital Militar e por militares do Departamento de Instrução. Eram amigos do então Governador Juscelino Kubstichek, que foram enviados ao Espírito Santo para adquirirem diplomas compatíveis à exigência do Ministério da Educação e Cultura. A partir daí, o processo para a abertura da Escola do Estado transcorreu sem grandes dificuldades (CAMPOS, 2009).

Em fevereiro de 1952 é fundada a Escola de Educação Física do Estado de Minas Gerais (EEFEMG), vinculada à Diretoria de Esportes e subsidiada pelo Estado com verbas da

Loteria Federal. Segundo Roberto Kanitz (2003), o currículo desta escola seguia as determinações do Decreto Federal 1.212/39, que indicava disciplinas diferenciadas para homens e mulheres, sendo oferecidos ao todo quatro cursos: “*Superior em Educação Física, Educação Física Infantil, Medicina Especializada e Massagem Especializada*”. O corpo docente era constituído por militares e médicos próximos ao então Governador Juscelino Kubstichek. Para assumir as cadeiras das “disciplinas femininas” foram convidadas as professoras Guiomar Meirelles Becker e Odete Meireles.

Segundo Marcos Campos (2009), um outro projeto de fundação de uma Escola superior de Educação Física se desenrolou paralelamente. Com interesse de elevar o *status* das Faculdades Católicas de Minas Gerais à Universidade, Dom Cabral (então arcebispo de Belo Horizonte) convida o médico Sylvio Raso a fundar, também em 1952, a Escola de Educação Física das Faculdades Católicas de Minas Gerais (EEFFCMG), mantida pela Igreja Católica. Por questões financeiras e interesses políticos, em 1953 acontece uma fusão destas duas, formando a Escola de Educação Física de Minas Gerais, que passa a ser custeada pelo Estado, mas coordenada pelas Faculdades Católicas. Nesta fusão, o currículo permanece o mesmo, e grande parte do corpo docente é mantido, porém com acréscimo de alguns professores especialistas em Educação Física.

Essa circunstância permanece até 1969, quando a escola é federalizada, passando a pertencer à Universidade Federal de Minas Gerais. Esse movimento de transição foi permeado por muitos embates políticos. Somente em 1978 foi inaugurada a sede da Escola de Educação Física da UFMG no campus universitário na Pampulha.

Com exceção da professora Elisabete Rossete, todos/as professores/as entrevistados/as iniciaram o curso de formação na Escola de Educação Física de Minas Gerais ainda antes da federalização (décadas de 1950 e 1960), ou seja, quando o curso ainda estava sob a tutela do Estado e da Igreja. Quatro professores/as formaram-se na década de 1950 (Élcio Paulinelli, Marluce Gomes, Januário Shimidt e Wilson Camalier), cinco concluíram no final década de 60 (Guido, Lúcia Aparecida, Reginaldo, Marialva) e a professora Elisabete iniciou e terminou o curso na década de 1970, momento em que a Escola já havia sido federalizada. A seguir apresentamos os tópicos que foram recorrentes nas reminiscências dos/as professores/as.

2.1 - Professores/as e Representações

A partir dos testemunhos, foi possível perceber as distintas relações construídas entre alunos/as e professores/as no curso de formação profissional, bem como, representações presentes e as diversas formas com que os/as colaboradores relacionaram-se com os aspectos políticos da Ditadura. A apresentação das memórias dos/as professores/as está em ordem cronológica de formação, procedimento necessário para se tentar perceber as permanências e transformações ocorridas a cabo dos 15 anos que separam os primeiros professores/as formados, nos anos iniciais a década de 1950, e os que formaram nos anos finais da década de 1960.

Dos dez professores/as entrevistados/as, Élcio Paulinelli foi o primeiro professor a cursar o ensino superior de Educação Física. Ele fez o curso no triênio 1954/55/56. Seu testemunho é rico em reflexões sobre o campo de formação profissional na época:

Os sargentos tinham pouco conhecimento técnico porque eles fizeram alguns cursinhos pra poder atuarem na área. E, na época, tinha muito pouca gente que lidava com isso. Para você ter uma ideia, quando a escola de Educação Física foi criada em 1952, os professores formados em Educação Física eram o Silvio [José] Raso [Médico] - que foi o pioneiro - o Gilson Santana, o Ciro Marinho de Paula Mota, o Herbert [de Almeida Dutra] e o Valdomiro ((correção)) Teodomiro Marcellos. O Teodomiro era inspetor do Ministério. Estes eram os professores de Educação Física que existiam em Belo Horizonte. Eram cinco professores com curso superior em Educação Física. Então eles buscaram na Polícia Militar os professores para completar o quadro da escola de Educação Física. Esses professores possuíam cursos rápidos de Educação Física. O Ellos Pires [de Carvalho], o Pedro [Veado Filho], enfim os militares que tinham esses cursos. E os médicos como o Doutor Meinberg [Coronel Francisco Veloso Meinberg]. Ele era médico coronel da polícia, mexia com biometria no Minas e era médico do Minas. Então foi ser professor de biometria. Não existiam muitos professores de Educação Física no Estado. Pelo interior do Estado você podia contar nos dedos quantos professores de Educação Física existiam – isto em 1952. Porque o primeiro curso de Educação Física foi criado em 1939 que foi na Universidade do Brasil. O primeiro curso de Educação Física de nível superior foi a Escola de Educação Física da Universidade do Brasil em 1939. O nosso curso foi criado treze anos depois. Nesta época (década de 40) tinha também uma Escola de Educação Física no Espírito Santo e um curso de Educação Física da Polícia Militar de São Paulo. Eram os três cursos de Educação Física que existiam no país em 1939. Então estava começando a Educação Física. Estava dando os primeiros passos. Em 1952 o número de escolas era muito pequeno realmente nós tínhamos pouquíssimas. Se não me engano eram sete escolas em 1952. Mas não sei se eram!!!! Mas eram sim, sete escolas em 1963, quando foram os JUBEEF's Jogos Universitários Brasileiros de Escolas de Educação Física, que aconteceu em Goiânia. Eu me lembro que estavam presentes sete escolas do Brasil inteiro. Dava pra contar nos dedos as escolas de Educação Física que existiam. Não contando as da Polícia Militar. Contando somente com as de São Paulo: da USP, de Bauru e de São Carlos, essas três em São Paulo. A de Porto Alegre, a de Belo Horizonte, a de Vitória e a de Recife. Eram as sete Escolas de Educação Física no país, isso em 1963. Você imagina o quê que era a Educação Física nessa época?

Importante registrar que nos trechos do testemunho a seguir, o professor Élcio Paulinelli relata suas memórias sobre a Ditadura Militar, porém na qualidade de professor da

Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEFMG). Ou seja, ele já fazia parte do corpo docente da Escola quando foi deflagrada a Ditadura Militar (1964).

A ditadura foi muito marcante. Eu acho que para a Educação Física foi um ano [1970] muito importante porque como nós tivemos as conseqüências da ditadura do Getúlio Vargas. Porque terminou em [mil novecentos e] quarenta e cinco. Então quer dizer que eu já tinha, ou melhor eu fazia aula de Educação Física em [mil novecentos e] quarenta e cinco. Época em que a gente participava de parada de sete de setembro e tudo mais. Porque toda ditadura usa da Educação Física, uma forma de disciplinar. Para eles é importante a disciplina e a ditadura militar não foi diferente. Então ela incentivou demais a Educação Física nas escolas. Foi um período ((pigarro)) benéfico para a Educação Física. Logicamente nos aspectos políticos teve seus aspectos negativos da ditadura militar, mas o incentivo que foi dado à Educação Física foi muito grande. A Educação Física tinha uma outra característica logicamente, talvez até uma característica negativa, pois era incentivada a parte disciplinar, a disciplina era imposta.

Olha pra nós não teve grande problema não porque a partir do momento em que você trabalhava dentro da legalidade, quer dizer, a nossa atividade era dentro da legalidade, você não tinha grandes problemas externos te influenciando. Diferente, por exemplo, o pessoal da Escola de Filosofia da FAFICH [da UFMG], que era o pessoal de pensar. Nós não sofremos com isso a gente tava dentro da legalidade, então como tal a gente trabalhava e fazia. As imposições para nós eram sempre benéficas, porque o número de aulas que desse, exigia fazer isso então eram coisas que... Uma coisa, por exemplo, que eu acho (não que eu seja pela ditadura), na ditadura de Vargas e eu vivi isso como aluno, mas uma coisa que eu achava importante e que hoje é completamente relegado é você encontrar muito jovem hoje que não sabe cantar o Hino Nacional. Na minha época a gente cantava o Hino Nacional diariamente com hasteamento da bandeira. Tanto que a Escola de Educação Física quando o [Coronel Jacy Roiz] Pereira foi diretor ele impôs o hasteamento da bandeira na escola de Educação Física. Ah!! Os alunos brigaram isso é um absurdo, isso é o quê? Eles diziam: não tem nada a ver. Então botava todo mundo em forma em frente à bandeira cantava o Hino Nacional e os alunos brigavam com isso. E isso eu acho que falta na nossa cultura atual, este patriotismo coisa que eles aproveitavam muito bem na Educação Física para dar esta noção de patriotismo, de legalidade. ((pigarro)) Mas a gente não teve problema de convivência na época.

Passeata a gente tinha todos os dias e nós tivemos assim... Na escola de Educação Física teve uma situação no momento da federalização que... Primeiro justiça seja feita quem lutou pra federalização da escola, a grande luta foi do Herbert [de Almeida Dutra], o grande general da federalização da Escola e a primeira eleição que ocorreu após a federalização da escola ... o Herbert ia ganhar tranquilamente, facilmente mas aí os militares vendo – porque até então teve um caso do nosso servente desmaiar de fome nos corredores da escola. Desmaiar de fome. Ele morava dentro da própria escola. Ele desmaiou de fome, aí nós passamos a colaborar, a dar dinheiro pra dar comida pra ele. Porque ele não recebia, não tinha salário. O [Governador José de] Magalhães Pinto quis fechar a Escola de Educação Física. Ele pretendia passar a Escola de Educação Física pra Polícia Militar, é ele quis passar e foi uma luta que nós tivemos pra não deixar ela ir para a Escola Militar. Nós conseguimos a federalização da escola, em plena ditadura. Nós então conseguimos federalizar. E o Herbert era o diretor na época passou maus bocados. Inclusive sobre isso o Ivani [Bonfim] pode falar, ele viveu isso, pois estava no diretório, ele viveu bastante isso. Mas ... então para que não permitisse o Herbert ser eleito diretor foi feita uma acusação inteiramente falsa. Acusaram o Herbert de comunista e ele nunca mexeu com política. Na Ditadura Militar ou você era de direita ou era comunista, então o que fizeram... o Herbert era comunista e fizeram uma série de acusações que naquela época, [mil novecentos e] setenta e um, não perguntava se você era comunista! Já pegava botava na cadeia. Não tinha essa de pesquisar, não. Não faziam nada. Então ele foi impedido. Ele foi pra lista sêxtupla e quando foi pra

Brasília – ah ele é comunista. Então eles escolheram Pedro Veado [Filho] para ser diretor da escola e foi dessa época. Foi uma calúnia, o Herbert nunca mexeu com política, nunca e nunca deu nenhum apoio ou qualquer coisa dessa natureza. Então foi pura, pura invenção. E para sobrevivência da escola a salvação era a Federalização. Na época a gente tinha uma raiva danada do Magalhães Pinto por causa disso. Ele não soltava dinheiro pra pagar salários. Então teve lá umas famosas generaletas. Tinha essa denominação por causa do general que era diretor da Escola. Então tinha as famosas generaletas: eram os professores emprestando dinheiro pra escola pagar as despesas pra a Escola poder funcionar... Era um negócio seriíssimo. E o professor dava o dinheiro. Isso foi antes de eu entrar na escola. Mas dava o dinheiro. A escola era esdrúxula. O negócio era o seguinte: como nós éramos agregados da Universidade Católica quem escolhia o diretor da escola era Dom Serafim que era o presidente da PUC. Ele que indicava o diretor da escola. Mas quem dava o dinheiro era o Estado então quer dizer o Estado que dava o dinheiro e não tinha o direito sequer de indicar o diretor. Era um negócio meio estranho. Realmente se você for analisar era completamente esdrúxulo. Eu fui oposição na escola por muito tempo na época dos militares. Tanto é que eu não fui diretor da escola porque eles não deixaram. Quando o Ivani foi diretor pela primeira vez, ele foi como fuga. Uma forma de arranjar um pra ser diretor e eu era vice-diretor. Meu primo o Alisson era Ministro da Agricultura e eles sabiam que eu tinha força na hora de indicação e eles não deixaram eu entrar nesta lista sêxtupla. Foram os militares o Ellos e o doutor Pedro que fizeram força pra eu não entrar. E não me deixaram entrar nesta lista sextupla, inclusive foi um até um vexame grande. (ÉLCIO PAULINELLI, testemunho, 2010)

O professor Wilson Camalier cursou o ensino superior em Educação Física no triênio 1964/65/66, portanto, já no início da Ditadura Militar. Ele rememora os tempos de Ditadura na qualidade de aluno e relata que foi um momento de muito crescimento da Educação Física:

Meu pai era militar. Ele se aposentou e eu tinha um tio que já morava aqui, aí ele falou: – vem pra Belo Horizonte que é maior, nós estamos na onda jovem, vem pra estudar, aqui tem outras ideias, não é cidade pequena como aí. E então viemos de Rezende [estado do Rio de Janeiro] pra Belo Horizonte e gostei e gosto muito daqui.

Depois que eu entrei para a faculdade eu aprendi a dar um certo valor a Educação Física. Com isso eu aperfeiçoei mais no basquetebol e no voleibol que eu gostava demais entende? Os cursos que eu fiz também ajudaram. Lá no Paraná fiz um curso com um americano e ele foi mostrando que o esporte era antes de tudo uma educação. Não era só jogar, era também ser uma boa pessoa, ser uma pessoa honesta, dar valor às coisas, e então foi aprendendo muito destas coisinhas importantes da vida que é o esporte que é o certo. O bem que faz para a pessoa como um todo.

Sobre a ditadura, na minha vida particular não lembro de nada. No curso também não. A ditadura incentivou muito a Educação Física, o esporte e a juventude. Havia muitos campeonatos colegiais, jogos da primavera. Eu fui participar de um em Curitiba. Então haviam esses campeonatos, torneios, havia muita coisa em que eles incentivavam entendeu? A própria Federação Mineira de Vôlei havia torneio de crianças de treze anos de doze. Tanto no vôlei, como no basquete, no futebol de salão. Então houve esse desenvolvimento no esporte inclusive também na ginástica de solo, na ginástica olímpica, baliza, as meninas começaram a praticar. Faziam baliza. Então haviam muitos esportes e hoje infelizmente acabou. (WILSON CAMALIER, testemunho, 2010)

O professor Reginaldo cursou o ensino superior de Educação Física na mesma época que o professor Wilson, ou seja, no triênio 1964/65/66, ambos sendo, portanto, contemporâneos de Escola.

A graduação de Educação Física ela era mais prática e menos teórica. A filosofia era: quem faz um gesto mil vezes fica melhor do que aquele que faz uma vez só. Ele automatiza o gesto e então com aquilo ali as coisas complexas se tornavam coisas simples. Era mais ou menos com essa visão. A parte teórica inclusive eu fui bastante assim machucado com ela porque eu entrei na Educação Física pensando em medicina preventiva, e vi que o aluno de Educação Física ficava marginalizado em relação aos alunos de medicina. Porque era uma coisinha, era uma coisa menor. Então eu sentindo esta deficiência, eu me matriculei como ouvinte e fiz disciplinas isoladas com a turma de medicina pra poder chegar em casa e conversar mais ou menos à altura ... com os pares ((risos)). Eu tive que ir para o exterior. Nós tivemos vários cursos fora. Na França, por exemplo, tinha uma disciplina igualzinha a que se fazia no Brasil. Era uma disciplina militarizada, super organizada. Na Rússia nem se fala. Na União Soviética então aquilo ali influenciava. A Alemanha que era uma das grandes potências. E a Inglaterra. Então a gente via que havia uma certa vantagem na palavra Ordem e Progresso. Disciplina e respeito. Você vê, por exemplo, que até hoje nós estamos engolindo uma ilha aí, que é uma nanica, quase do tamanho de Minas Gerais. E que é potência mundial no esporte, devido à obrigatoriedade e pelo enfoque que se dá na Educação Física. Que é Cuba. Quer dizer a gente sabe que é uma política praticamente falida em termos de solução para os problemas gerais, mas na parte de Educação Física eles tem tido resultado até hoje.

Eu tenho quase certeza e firmeza em falar que de [mil novecentos e] setenta pra frente, não digo até hoje, mas de setenta até praticamente nos anos [de mil novecentos e] noventa, houve uma grande modificação, uma grande melhoria, pois aquilo que a gente almejava de organização passou a acontecer. Mas ao mesmo tempo entrou uma palavra aí séria na parte da educação que era a palavra militarismo. Que inclusive passou a ter uma conotação jocosa de brincadeiras, de desrespeito. Então falava assim: – ah, isso é militar. Então com essa palavra militarismo todo mundo passou a evitar aquilo que tinha de bom no que eles estavam impondo. Quer dizer, eu não sou favorável nunca a regime forte, eu sou democrata até debaixo d'água, mas a gente tem que ver que toda coisa tem seu lado bom e seu lado ruim, e nós usamos exatamente o lado ruim. Quer dizer, o lado bom nós deixamos de lado. Com isso eu estou sentindo que a Educação Física teve uma parada grande agora (REGINALDO, Testemunho, 2010)

Outros/as dois professores/as contemporâneos são Maria Helena Vitorino e Guido Agenor Rodrigues. Ambos cursaram o ensino superior de Educação Física no triênio 1967/68/69 na mesma Escola. São notórias as diferentes percepções do período de formação profissional:

Eu morava no interior em Lavras e quando eu vim pra Belo Horizonte pra estudar eu vim primeiro fazendo um curso de Educação Física Infantil. Era uma especialização que as professoras do interior que tinham o curso normal, que a gente trabalhava com o primeiro grau na época. Era de primeira a quarta, a gente tinha essa possibilidade. Fazia o curso de um ano, com compromisso de voltar pro interior pra continuar o trabalho lá. Das noventa que vieram na minha época poucas voltaram. A maioria ficava em Belo Horizonte.

A primeira vez que eu senti na pele essa questão da repressão foi nesta época. Porque no dia do nosso trote, que a gente passou (1966), nós saímos em passeata pela Afonso Pena, eu me lembro bem quando chegou em frente ao Correio e veio um batalhão da policia com tudo. Eu nunca enfrentei, eu nunca fui de enfrentar, mas como eu era muito boa esportista eu corri pra aquele parque afora que ninguém me

pegou, eu e mais umas. Eles chegavam reprimindo mesmo e na passeata ninguém tava brigando com nada, nem falando do governo nada. Só que a gente não tinha o direito de expressar absolutamente nada, tínhamos que ficar completamente caladas e nós não tínhamos o direito de falar de ir contra tudo que eles diziam que tinha que ser feito. Então a primeira experiência com repressão foi nesse trote e depois eu realmente eu nunca fui de me engajar nesses movimentos políticos, eu era mais *light*, eu gostava muito era de esporte dos meus campeonatos, de estudar mesmo. Trabalhei muito tempo com a federação universitária e isso me deu uma vivência muito grande então assim em questão da repressão eu não vivi isso na pele a não ser nesse episódio. Isso foi em sessenta e seis. Depois quando seria em [mil novecentos e] sessenta e sete quando deveríamos voltar pro interior, acabou que a gente dava um jeito mexia os pauzinhos, e eu continuei fiz o curso superior que foi em sessenta e sete sessenta e oito e sessenta e nove. Na época a Escola de Educação Física pertencia à Universidade Católica. Eu peguei o período de projeção. Quando eu formei em sessenta e nove não se sabia se era da Católica ou se era Federal só depois que eu saí que ela foi federalizada, passou a ser da UFMG e nessa época de estudante eu tive amigas que engajaram, foram presas naquela repressão toda, eu nunca fui, eu era meio medrosa. E essas colegas não eram do curso. O pessoal da Educação Física era mais *light* mesmo, o pessoal, pelo menos na minha época, os meus colegas e os outros estudantes da escola. A preocupação de todo mundo era formar mesmo e procurar um emprego eu não via se tinha. Podia ser nos bastidores, mas eu não tive conhecimento nessa época de estudante (MARIA HELENA Testemunho, 2010).

As memórias do professor Guido Agenor Rodrigues apontam para uma postura estudantil muito distinta da dos seus colegas de curso:

Eu comecei a fazer o curso e achei aquele negócio uma maravilha. Porque estava numa época de transformação. A impressão que eu tinha era de que as pessoas que iam fazer o curso de Educação Física na época antes da minha turma tinham a intenção de praticar esportes, ou emagrecer, iam por ir. As turmas tinham doze, treze alunos e muitos faziam o curso de Educação Física infantil, ou seja, de um ano somente para dar aulas no ensino infantil. Quando entra a nossa turma, entraram trinta homens e trinta mulheres. E trinta que estavam querendo fazer Educação Física. Isso provocou uma revolução na escola, porque a escola não estava preparada para receber esse pessoal. Aí, o quê que aconteceu? A escola não estava preparada para receber o pessoal que queria. E era um pessoal que queria fazer Educação Física vindo de um esporte. Entendeu? É e era um pessoal assim: que quando eles vinham de uma prática esportiva eles estavam interessados em fazer um curso para a própria Educação Física. Então a escola realmente não estava preparada pra isso, então houve muito choque. E eles tiveram que modificar o currículo, tiveram que contratar outros professores. Essa é uma parte muito interessante. Porque o professor não estava acostumado, a maioria. Eles começaram a contratar, começaram a procurar mudar, e conseguimos mudar o currículo. Conseguimos dar uma ênfase na Educação Física voltada pro corpo... Não só a prática esportiva. E conseguimos uma série de conquistas. Não é que porque éramos nós. É porque estava na época de fazer isso. Nós chegamos na época de fazer isso. E ainda conseguimos outra coisa.

A escola era extremamente militarizada. Era metade civil e metade militar. E conseguimos pôr uma política de engajamento da escola. Uma política contra a ditadura. E nisso aconteceu com prisões de colegas, perseguição e outras coisas (do próprio aluno).

Não houve uma perseguição assim contra a minha pessoa. Houve uma perseguição contra a política que a gente implantou. Uma política estudantil, porque a escola não participava. Eu fui vice-presidente do DCE e lá virou um foco político. Coisa que ninguém tinha visto isto lá na Educação Física. Como era bem militarizada na época, era ditadura. O pessoal já não olhou isso com bons olhos, mas conseguimos. E houve uma modificação no currículo através disso. O pessoal da escola participando do congresso, inclusive do: congresso lá de Ibiúna [Congresso

Clandestino da União Nacional de Estudantes, 12/10/1968]¹⁴... E aí quando formou esse grupo, aconteceu que eles foram para as escolas com esse processo de mudança da Educação Física, que era militarizada, que dava muita calistenia¹⁵, dava só exercício físico. Já houve uma pequena mudança nisso. Mas não era o ideal ainda... Reclamávamos do excesso de calistenia, de exercício físico, e da pouca valorização do professor. Porque nós batalhamos sobre isso, os professores não eram valorizados, não eram consultados nas próprias escolas. Ele não era considerado um professor. Então ele não participava de reunião, não participava de projetos na escola. O mais interessante pra esse grupo que 80% a 90% deles ficaram na Educação Física. Eles não queriam ser outra coisa. Inclusive, teve gente que formou em direito, formou em medicina, mas que exerceram a profissão até quase aposentar.

Nunca teve uma política voltada para a Educação. Eles têm política voltada para ganhar voto. Então eles sempre deixaram a Educação Física para segundo plano. É lógico que eles faziam. Tinha uma política de fazer. O pessoal começou uma luta, mas aí foi uma luta nacional com essa valorização. A gente ia pra congresso, a gente discutia muito isso no congresso e quando o governo começa a olhar mais pra Educação Física com outro olhar, com outra ótica. Aproveitando disso que os militares passaram a gostar mais ainda da Educação Física. Nós conseguimos muitos ganhos com eles. É um troço interessante. Ao mesmo tempo, nós chegamos a conclusão de que a gente não podia bater de frente, que não ia adiantar então nós começamos a manipular mesmo. Nós começamos a manipular de uma forma que a gente ia avançando com mais consciência. Nas escolas polivalentes nós chamamos eles na responsabilidade da participação do pessoal da direção não só da direção da escola mas na direção geral das escolas...(GUIDO AGENOR, testemunho, 2010).

Estes testemunhos exemplificam como alunos/as em uma mesma temporalidade e em uma mesma instituição, compartilhando dos mesmos professores e ambiência, teriam percepções muito diversas de tais circunstâncias.

A professora Lúcia Aparecida Guilherme cursou o ensino superior no triênio 1969/70/71, e relata a presença dos militares e suas representações da seguinte forma:

Olha, eu vim fazer o curso em [mil novecentos e] sessenta e oito porque a revolução foi em [mil novecentos e] sessenta e quatro. Eu peguei Belo Horizonte no auge da ditadura, da repressão, de tudo. E como na Escola de Educação Física era muito

¹⁴ Em 12 de outubro de 1968 seria realizado em Ibiúna/SP o XXX Congresso da União Nacional dos Estudantes, quando foram presos praticamente todos/as participantes pelo DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) e forças policiais de São Paulo. Segundo Rafael Rosa Hagemeyer (1997) “*Sob condições extremamente repressivas sob as quais o movimento estudantil ainda pretendia se manter ao final de 68, a realização do XXX Congresso da UNE só pode ser explicada como sendo um “questão de honra” para as lideranças. As divergências que cercavam a organização deste congresso ia desde os pontos de pauta até o local - passando evidentemente pela questão da “Segurança”*”. Assim, os encontros que antecederam a intenção de realização do XXX Congresso da UNE foram marcados por intensos debates onde polarizou dois encaminhamentos: ou estabelecer uma posição de enfrentamento do regime militar ou discutir ações de cunho educacionais nas Universidades estabelecendo o movimento de “Universidade Crítica”. O encaminhamento vencedor foi o de enfrentamento que tinha como meta a realização de tal congresso. Seria o primeiro Congresso “laico”, pois os anteriores teriam sido realizados com o apoio da Igreja Católica e em suas instalações. A princípio o Congresso seria realizado em Minas Gerais, porém depois de votação decidiu-se por Ibiúna, interior de São Paulo, no sítio Manduru. Para o autor: “*O fato é que Ibiúna caiu, todos os congressistas presentes foram presos, entre eles as principais lideranças nacionais, como Vladimir Palmeira, Luís Travassos, José Dirceu, Catarina Meloni e Édson Soares, para citar os mais conhecidos pela polícia. Não houve resistência nenhuma à prisão. Todos foram obrigados a marchar até a cidade de Ibiúna. Essa marcha personificou a própria imagem da decadência que encerrava o movimento estudantil. Fome, sede, frio, cansaço, e os primeiros casos de doença*”. Todavia, o autor salienta ainda que esta malfadada tentativa de resistência potencializou o AI-5 (Ato Institucional nº 5) que fechava o Congresso Nacional e deflagrava o movimento de combate repressivo da livre expressão da imprensa. Para integrantes da UNE esse ato demonstrou que o movimento ditatorial estava enfraquecendo e forçando-o a “mostrar sua cara”, pois haviam, na opinião pública, suspeitas de que não se tratava de um movimento ditatorial.

¹⁵ Calistenia, vem do grego Kallos (belo), Sthenos (força) e mais o sufixo "ia". Com origem na ginástica sueca, apresenta um divisão de oito grupos de exercícios localizados associando música ao ritmo dos exercícios que são feitos à mão livre usando pequenos acessórios para fins corretivos, fisiológicos e pedagógicos. Disponível em <http://www.cdof.com.br/historia.htm>

voltada para o militarismo então a própria prática da atividade física era uma coisa assim uma preparação física mesmo. A base, vamos dizer, o fundamento, a base era militar e na escola não se falava nessas coisas porque nós tínhamos professores lá da Polícia Militar altamente repressores. A gente tinha medo até de conversar perto deles -- professor Ellos [Pires de Carvalho], coronel!!! O professor Olavo, ou melhor, General Olavo [Amaro da Silveira], o Coronel Pinto [Major Geraldo Pinto de Souza] que era da recreação eram os medalhões da Polícia Militar aqui em Belo Horizonte. Então você não tinha voz ativa. Você fazia a aula recebia o conhecimento do jeito que vinha e elaborava do jeito que você pudesse e quisesse. E a prática profissional eu fui aprender na prática. Mas você não podia falar dessas coisas. A Escola de Educação Física era reduto de militares. Você não podia se manifestar e a cidade em si era assim um burburinho só...

Nesta época eu morava com uma irmã mais nova e com uma outra amiga dela, tudo do interior. Mais duas amigas que tinham vindo fazer Direito na Universidade de Itáúna. Essa minha irmã com a amiga dela faziam Sociologia na Federal, era um corre-corre. Uma coisa horrível na cidade. Eu morava no centro, então você via muito movimento. Ah, muita passeata, muita coisa. Mas a Escola de Educação Física era como se fosse assim um gueto. Lá não acontecia nada ... assim visivelmente, não podia acontecer nada, eu penso. Ao longo assim do tempo eu fui avaliando que a Educação Física ela sempre foi usada como um instrumento militar pra poder fazer o povo calar a boca. Vamos dizer então na escola a gente não tinha nenhum movimento, nós éramos dizimadas. Na Escola de Veterinária também era uma escola apolítica. A gente não via essa movimentação não convivia. O pessoal que era muito mais envolvido era o da FAFICH, do Direito, sabe? Esse pessoal era bem mais politizado, até os alunos mesmos. Nós da Educação Física, não. A gente era mais um receptor, não tinha muita manifestação.

Eu entrei pra escola de Educação Física com a turma da Eustáquia [Salvadora de Sousa]. Só que quando eu fiz a turma da Eustáquia já tinha feito infantil e quando eu fiz o infantil a Eustáquia já havia entrado para o curso Superior de Educação Física e era uma turma assim gente muito boa de cabeça. Eles eram muito bons de serviço, de trabalho. Mas a gente era muito focada só naquilo que a gente fazia. A gente não conversava sobre isso [política]. Eu não me lembro de ter tido uma conversa sobre política com uma colega minha de curso. Nem do infantil e nem do superior. Não tinha espaço pra isso sabe? A política não fazia parte do nosso universo. Nós tínhamos um professor na escola que era o padre Carlos [José Gonçalves]. Com o padre Carlos você podia falar alguma coisa e aliás eu mais ouvia do que falava porque o padre Carlos era muito politizado mas ele era um estranho no ninho. Porque o professor de atletismo, o Reginaldo [Gomes Dias] e o outro o Ellos Pires [de Carvalho], o da recreação era o Coronel Pinto [Major Geraldo Pinto de Souza], o outro de pedagogia era o General Olavo [Amaro da Silveira], que era uma criatura ótima, um pai, mas era militar. Então não tinha muito espaço pra isso e os outros professores, por exemplo, de biologia, anatomia, primeiros socorros, era tudo médico. Então era uma convivência muito boa, muito pacífica. Eu não via movimento entre os alunos no curso superior. Eu tive alguns alunos mais politizados, mas também eram vozes isoladas. Mas aquela escola de Educação Física era uma família. A Escola de Educação Física era uma família. A gente era muito cordata na época. Aceitava as coisas do jeito que vinham e pronto não contestava, não reclamava. Como eu estava falando da turma com quem eu entrei quando eu fui fazer o infantil eu convivia muito com as alunas do curso superior e a turma da Eustáquia, por exemplo, foi uma turma muito boa de alunos na escola. Tinha gente boa de cabeça, atletas, muito bons. Eu convivia mais com elas do que com as minhas colegas do curso infantil. E depois, quando eu fui fazer o curso superior, isso já em [mil novecentos e] sessenta e nove ainda vivia uma ditadura militar ainda tinha muita repressão. Mas eu não me lembro de nenhuma manifestação dentro da escola.

Naquela época não tinha a preocupação com formação de talentos. Era ocupar o tempo mesmo. Era trabalhar a criança, vamos dizer... No infantil era pra isso, pra você dar aula pra criança e naquela época existia muito a teoria de que se você

cuidasse do corpo como você cuidasse da cabeça, você seria uma pessoa vamos dizer assim melhor. E era mesmo. O objetivo que era mais a prática pela prática da atividade física não existia preocupação de ter resultado de formar atleta, nada disso. Tanto é que a maioria das atividades eram os jogos que hoje não sei como são chamados, mas eram chamados na época de pequenos jogos sabe? De iniciação ao vôlei, de iniciação ao basquete, de iniciação ao atletismo eram chamados de pequenos jogos ... então eu percebia mais a prática pela prática sem a preocupação de formação de atletas (LÚCIA APARECIDA GUILHERME, testemunho, 2010).

A professora Marialva assinala no preenchimento da *Ficha de Identificação* (documento da pesquisa) que terminou o curso de Educação Física em 1972, sendo, portanto, da turma do triênio de 1970/71/72. Todavia, em seu testemunho ela afirma ter sido da última turma antes da Federalização. Acredita-se que a alteração de *status* (estadual para federal) só teria sido sentido com transferência das instalações para o campus de Universidade Federal de Minas Gerais, o que ocorreu em 1978, como já assinalado:

A maioria dos professores era militar. Mas dentro da escola não me lembro de nenhuma manifestação. Minha turma foi a última turma antes da federalização e depois fizeram o campus, lá na Pampulha. Eu não vi nada disso. E a disciplina militar era natural e não causava muito estranhamento. Eu tive professores como Adolpho Guilherme, Élcio Paulinelli, tinha Pererinha, Coronel Pereira [Coronel Jacy Roiz Pereira] de Organização Administrativa. Os alunos eram de colocar apelido. A maioria tinha apelidos. O apelido do Procópio era Moisés, pois, sempre estava com uma bíblia na mão. Era uma relação tranquila. Nunca vi nada que travasse o funcionamento da escola. E eu politicamente ficava mais a parte então talvez seja isso também (MARIALVA, testemunho, 2010).

A professora Elisabete Rossete formou-se no triênio 1971/72/73, e descreve a relação com os professores militares desta forma:

Eu me lembro de alguns professores. Eram muitos. Tinham alguns que davam aulas democráticas e discutiam muito de igual pra igual com a gente porque eles tinham esse perfil. O professor de Vôlei que na época era o Adolpho Guilherme, a Marluce [Guimarães] e outros professores, de dança. Mas nós tínhamos também os professores de uma linha mais militarista, que eram os que lidavam com atletismo, com filosofia, perdão, fisiologia. Filosofia nós não tínhamos na época militar. Tínhamos anatomia. Haviam alguns professores que eram militares, então sua postura era militar mesmo. De cobrança, de liderança nas aulas, etc. Mas eu não tinha nenhum problema com eles, porque eu vinha de um sistema igual ((risos)). Então eu sempre fui uma aluna “caxias”. Sempre me dei bem com todo mundo que lidei. Bem com meus pares, sempre ajudei as minhas amigas naquilo que eu tinha facilidade, então isso pra mim não foi um problema. Mas o Ellos, por exemplo, eu tive um problema assim de caráter profissional. Senti que fui um pouco injustiçada porque quando eu terminei o meu curso, ele escolheu um grupo lá que ele elegeu como, vamos dizer, os apadrinhados dele. Mas não era por nota porque eu tinha excelentes notas, ele escolheu e mandou pros Estados Unidos pra fazer o mestrado e o doutorado. Depois colocou essas pessoas na Escola de Educação Física e eu era uma das alunas que mais me empenhava. Já tinha uma especialização, eu frequentava o GRUGIM [Grupo de Ginástica Moderna], mas aí depois eu perguntei, por que ele havia escolhido fulana e cicrana, que não tinha especialidade em nada e não me escolheu? E a resposta foi porque eu era do GRUGIM, ou seja, de uma outra linha. Então isso na época me incomodou um pouco, mas depois avaliando foi muito bom. Eu não tenho nada a reclamar, entrei no CEFET, ganhei o mesmo salário que eles ganhavam, então foi bom. Trabalhei a vida inteira na Escola de Educação Física com a Marluce com a Leila então foi bom.

Eu sempre vivi num regime muito disciplinar. Eu trabalhava ali como aluna, eu trabalhava no grupo GRUGIM como atleta e aí eu tinha uma vida intensa de treinamento, um regime super-rígido de treinamento. Nós saíamos de lá dez e meia da noite e no outro dia eu tinha que assumir a primeira parte como aluna e depois como professora o resto do dia, então eu nunca me envolvi muito com os movimentos estudantis, nem da UFMG, nem de Belo Horizonte. Mas eu percebia que era uma época das grandes confusões, das prisões. Mas acompanhava de longe, pela televisão, nunca vivi socialmente os movimentos da federal. Infelizmente, não tive oportunidade porque eu tinha também um namorado que era um pouco repressor, que hoje é meu marido. Dizia ele: – ah, vamos pra casa. Então tem essas coisas também. Não vivi muito, mas eu percebia que naquela época é que ocorreram a maioria dos movimentos estudantis, quer dizer, os estudantes brigando por ter mais liberdade, mais autonomia de fala e foi a época que foi desenvolvido os hippies, os movimentos hippies e tudo. Eu percebia tudo isso, mas de longe, não participei de nada.

A ditadura só chegou a me incomodar, por exemplo, quando o diretor que era o Ellos Pires, elegeu um grupinho lá de amigos e premiou esse grupo e eu quis saber na época que critério ele havia utilizado para premiar aqueles alunos. Eu era uma menina dedicada, de igual pra igual com os outros. Então aí é que eu percebi que o lema era “para os amigos tudo”. Uma característica do militarismo, né? (ELISABETE ROSSETE, testemunho, 2010)

Os depoimentos evidenciam uma presença marcante de professores da instituição militar no ensino superior de Educação Física da EEFMG (desde a sua fundação - 1953). Não só pelo relato do grande número de professores com carreira militar ministrando aulas, como também pela ambiência política, principalmente nos anos finais da década de 1960. É possível extrair dos testemunhos o nome de professores com carreira militar: Coronel Ellos Pires de Carvalho, Coronel Jacy Roiz Pereira, General Olavo Amaro da Silveira, Pedro Nazaré, Major Geraldo Pinto de Souza¹⁶ e o Coronel Francisco Veloso Meinberg¹⁷ (médico). Segundo tais testemunhos, estes professores ocupavam diversas disciplinas do curso, tais como: Atletismo, Organização e administração, Pedagogia, dentre outras. Além de ocuparem tais disciplinas, constituíam um grupo com grande potencial de nomeação do diretor da Escola de Educação Física. Nos testemunhos do professor Élcio, observa-se as estratégias que professores militares teriam utilizado para nomear professores de seus interesses. Identifica-se também as

¹⁶ Nos estudos de Marina Guedes Costa e Silva (2006) sobre Recreação na EEFMG (1952-1970), o professor Major Geraldo Pinto de Souza, “[...] é um personagem desconhecido para os estudos sobre Recreação na EEFMG. Major da Polícia Militar de Minas Gerais e professor da EEFMG desde sua fundação, responsável pela cadeira de Metodologia do Treinamento Esportivo durante toda década de 50, o professor parecia ser uma figura central para a Educação Física mineira. Matos (2003) cita o professor Geraldo como integrante de um grupo que criou um movimento para a formação de um curso superior em Belo Horizonte. Com a fusão das duas Escolas passa a ser uma figura muito influente na EEFMG. Nas atas de Congregação sempre encontro várias referências ao nome dele e também reproduções de suas colocações. Parecia estar envolvido em várias ações: fazia parte do Conselho Técnico Administrativo, foi diretor geral junto com o professor Barbosa da I Jornada de Estudos, fazia parte de diversas comissões da Escola, fazia pronunciamentos em nome da Escola. Era um protagonista da EEFMG naquele momento”.

¹⁷ Segundo Ana Carolina Vimieiro Gomes (2011) existem “[...] indícios de que este professor [Francisco Veloso Meimberg], circulou, transitou por outros espaços e, por isso, ele pode ter sido um agente na inserção de um modelo científico, médico-higiênico, fundamentado numa perspectiva quantitativa, de controle e avaliação do estado de aptidão e desempenho dos corpos para a prática esportiva, bem como do estado de saúde das pessoas, na Escola de Educação Física da UFMG. Vale destacar que Meinberg era também o médico responsável pela realização dos testes físicos para o ingresso no curso de Educação Física, bem como da realização de avaliações do desenvolvimento do perfil físico dos educandos ao longo dos anos”.

táticas de apropriação que os demais professores/as teriam adotado para não deixar que isso acontecesse da maneira como os professores militares gostariam.

Havia também professores da área Biológica que ministravam Anatomia, Fisiologia, Cinesiologia; e havia ainda outros, da Pedagogia.

Observa-se que foram estabelecidos diversos tipos de relações com os professores militares. Umas, de submissão; outras, de amizade; outras, de extrema normalidade, já que no ambiente familiar de alguns alunos já se adotavam alguns procedimentos similares (autoritários) e outras ainda de resistência (com astúcia), participando inclusive de Congressos da UNE, como o de Ibiúna/SP¹⁸.

Percebe-se tal diversidade de relação inclusive em uma mesma pessoa. É exemplar o depoimento sobre um professor que “*era um pai, mas era militar*”. Neste testemunho, a professora ressalta o lado paterno do professor, sem deixar de reconhecer que era militar, ou seja, apresentava comportamentos parecidos com os demais professores militares. Esse aspecto denuncia o perigo das generalizações sobre a atuação de professores militares. O fato de ser militar não significa que tal professor tivesse o mesmo comportamento que os demais professores militares. Ou seja, havia professores que eram mais ‘militares’ do que outros. E, neste aspecto, não é raro encontrar relatos de professores “*altamente repressores*”, sendo a disciplina a característica maior de suas aulas. Importante registrar que este caráter disciplinar e a hierarquia nas relações não eram características exclusivas de professores militares. Nas lembranças de alguns entrevistados aparecem relatos de professores/as não militares que apresentavam posturas similares, quando não, piores. Pode-se extrair portanto, que haviam outras instituições que influenciavam neste comportamento disciplinar como a Igreja, por exemplo, que não cansava de repetir os princípios da moral cristã.

Algo não muito estranho para algumas professoras, que relatam terem vivido em um ambiente doméstico parecido. Tal característica foi ainda, por vezes, comparada com a disciplina necessária para se conquistar méritos no esporte. O que aproximava os princípios da instituição militar, dos princípios da instituição esportiva e dos princípios da instituição religiosa. Especula-se então que estas três instituições contribuíram substancialmente com a continuidade de uma tradição pedagógica da área de intervenções disciplinadas e hierárquicas.

¹⁸ Sobrelo Congresso consultar Rafael Rosa Hagemeyer (1997).

Somam-se a esses, outros testemunhos que relatam ter sido um curso autoritário, onde “*Você fazia a aula recebia o conhecimento do jeito que vinha e elaborava do jeito que você pudesse e quisesse. Mas você não podia falar dessas coisas [política]*”.

Dos dez professores/as entrevistados, pelo menos sete relataram o distanciamento dos/as alunos/as do curso de Educação Física das ações políticas da Ditadura e também da atuação dos professores militares no curso.

Pelo menos três professores salientam que os/as alunos/as da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FAFICH) da UFMG se envolviam mais e eram mais politizados. Emblemático é o relato que classifica os alunos/as dos cursos desta faculdade como aqueles que “*era o pessoal do pensar*”. Esta teria sido uma cara e clássica representação da área, ou seja, a de que o profissional de Educação Física seria o profissional da prática, ou seja, do fazer.

Pelo menos seis professores/as descrevem que houve um grande crescimento da área a partir da década de 1970 e que isso foi resultado das políticas dos militares. O professor Reginaldo relata que muitas pessoas não percebiam tais melhorias e só viam o lado negativo da ditadura, chegando inclusive a descriminalizar alguns comportamentos dos militares, estereotipando-os e rotulando-os como negativos. Tal testemunho, ao mesmo tempo em que reforça a atuação política dos militares na área da Educação Física com ações que, segundo tal professor, teriam beneficiado a área, indica que teria existido, sim, um lado negativo destas políticas, salientando a existência de pessoas (professores e alunos) que resistiam a tal movimento político.

Neste sentido, é exemplar o testemunho do professor Guido, que relata que professores da Escola não estavam preparados para receber uma turma igual à dele. Uma turma de estudantes que vinham do esporte especializado, e que iniciaram uma verdadeira reviravolta no curso, lutando por aulas com menos calistenia e menos militarismo. Destaca-se no seu testemunho o seu envolvimento com o DCE, sua participação em Congressos da União Nacional de Estudantes (UNE) e a percepção de que não considerava uma boa tática ‘bater de frente’ com os militares, passando então a adotar procedimentos de manipulação dos incentivos que o Governo Militar teria concedido à área da Educação Física durante este período da Ditadura. Essa tática levou, inclusive, a perseguições de ideias, mas também a algumas transformações na estrutura do curso, forçando inclusive a contratar novos/as professores/as. Informação que necessita ser comprovada, pois não foram encontrados documentos que comprovem tais contratações. Independentemente de tal comprovação, esse testemunho apresenta indícios de que o ensino superior de Educação Física de Minas Gerais

teria seu representante em encontros nacionais de resistência estudantil à ditadura e para discutir aspectos educacionais do ensino superior. Além disso, indica também que entre os/as alunos/as teriam existido, se não resistências, discordâncias das condutas de professores militares no curso de formação. Ou seja, na aparente igualdade de comportamentos existia o diverso.

Cabe um destaque na rememoração da professora Lúcia Guilherme sobre o professor Padre Carlos José Gonçalves que, em meio a um contexto militar que teria sido repressor, conversava sobre política com os/as alunos/as. Segundo tal professora, este professor era muito politizado. O que ainda não teria sido suficiente para despertar posturas estudantis mais engajadas no movimento de resistência à Ditadura Militar. Importante destacar que o Padre Carlos representava a Igreja Católica, instituição que não se posicionou unívoca em relação à Ditadura Militar, tendo, inclusive, alguns representantes que apoiaram essa política, com receio do movimento comunista assumir o poder. Dessa forma, faz-se necessário indagar que tipo de politização o Padre Carlos “pregava”. Além disso, a disciplina que ele lecionava era a EPB, ou seja, Estudos dos Problemas Brasileiros. Assim, era difícil lecionar tal disciplina sem falar da política.

Além da presença de professores militares, já citados anteriormente, é possível perceber também a presença de professores médicos que ministravam aulas de Anatomia, Biometria e Fisiologia. Foram citados professores/as civis com formação superior em Educação Física como Silvio Raso, Gilson Santana (técnico em clubes), Ciro Marinho de Paula Mota, Herbert de Almeida Dutra (atuava também como técnico em clubes), Teodomiro Marcellos (atuava também como inspetor do Ministério), Adolpho Guilherme (atuava também como técnico de Voleibol em vários clubes da capital – América, Minas Tênis), Odilon Barbosa (era também professor no colégio Estadual Central), Élcio Guimarães Paulinelli (atuava também na rede pública municipal de Belo Horizonte) e Reginaldo Gomes Dias (era também professor no CEFET). Entre as mulheres, foram citadas: Nella Testa Taranto (atuava também no Colégio Sagrado Coração de Maria), Eva Tiomno e Marluce Gomes (professora da rede municipal de Belo Horizonte). Não foram citados os nomes de professores que trabalhavam com disciplinas relacionadas a área humana, como Psicologia e Pedagogia.

Para além das relações autoritárias do regime militar e suas políticas de modernização, aqui interessa-nos também perceber que tipo de Educação Física foi propagandeada por tais professores, e em que medida alguns princípios militares teriam sido

assimilados por meio do currículo oculto¹⁹. Segundo os relatos, as aulas destes professores eram recheadas de princípios de ordem, de disciplina, de conhecimentos técnicos, de automatismo, e sem reflexão a respeito do “por que” ou “para que” fazer isto ou aquilo e daquele jeito. Nas palavras do professor Reginaldo: “*A filosofia era: quem faz um gesto mil vezes fica melhor do que aquele que faz uma vez só. Ele automatiza o gesto e então com aquilo ali as coisas complexas se tornavam coisas simples*”. Soma-se a este testemunho o da professora Elisabete Rossete: “[...] *fazíamos sem uma justificativa do que, para que fazer. Faça isso porque tem que fazer. Faça isso porque isso vai te trazer determinadas vantagens, pois isso vai ser bom. Mas porque quê isso é importante pra sua vida? Isso não era feito*”. A relação que tentavam estabelecer teria sido então a de comandantes e comandados, o que teria funcionado com uns, mas não com todos/as. Lembrando sempre de que estas características não eram exclusividade da instituição militar.

Esta forte presença de professores militares no corpo docente da EEFMG nas décadas de 1960 e 1970 estaria reproduzindo ainda representações de Educação Física, como sendo uma disciplina responsável por ensinar a técnica, até o seu automatismo, e para isso seria necessário disciplina e ordem, reforçando o primado da “*Eficiência*”.

Apesar desta representação hegemônica é imperioso registrar a presença de outras representações concorrentes e minoritárias. O professor Wilson relata que passou a ver a Educação Física de outra maneira depois que entrou para o ensino superior. Principalmente quando fez um curso de um americano, oferecido no Estado do Paraná, onde o professor ensinava que Esporte “*não era só jogar era também ser uma boa pessoa, ser uma pessoa honesta, dar valor às coisas*”. Tal lembrança anuncia uma representação de Educação Física voltada para o Esporte, porém um Esporte com um potencial educativo para a construção de valores para um bom convívio social.

Soma-se a este relato o da professora Elisabete, ressaltando que havia um grupo de professores que defendiam uma Educação Física mais “*esportivista*”, que seriam os militares, e o outro que defendia uma Educação Física mais “*diversificada*”. Especula-se que estes testemunhos seriam indícios de um movimento de equilíbrio de forças entre os professores militares e os demais. É possível extrair deste relato, então, que havia, sim, uma direção hegemônica dos militares (disciplina, ordem, tecnicismo), mas que conviviam com

¹⁹ Segundo Thomaz Tadeu da Silva, “O currículo oculto é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes (...) o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações...” (SILVA, Tomaz Tadeu da. Quem escondeu o currículo oculto. In: **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte, Autêntica, 1999: 77-152).

outras como o Esporte voltado para a formação de valores humanos que, de certa forma não descarta a primeira, mas a complementa, e outra mais ampla com a utilização de outras práticas corporais, para qualificar a formação humana das pessoas.

Importante também destacar destes testemunhos é que o alunado da Escola de Educação Física de Minas Gerais nas décadas de 1960 e 1970 não era tão alienado como se poderia imaginar. Eles sabiam o que se passava; tanto sabiam que relataram a postura rígida e impositiva dos professores militares; todavia, se envolviam da forma como cada um podia. Registra-se, inclusive, a presença de um aluno que teria sido muito participativo e um congressista assíduo dos encontros da UNE.

2.2 - Currículo, Espaços de aulas e aulas

Os relatos sobre disciplinas, espaços e formas de condução das aulas são aspectos que permitem perceber os indícios da formação profissional destes professores/as. A seguir são apresentados os testemunhos dos dois professores/as que formaram ainda na década de 1950: Marluce Guimarães e Élcio Paulinelli:

Olha... era uma época em que tudo era muito empírico... Pra você ter uma ideia era PROIBIDO a mulher jogar futebol. Era proibido por lei. Era proibido por lei mulher jogar futebol. A mulher não fazia salto triplo, não fazia salto com vara, não fazia futebol, o Futsal não existia na época. Então a diferença na minha época em relação aos cursos atuais é que existiam dois currículos, um masculino e outro feminino. E não era só aqui em Minas não, era no país. No país existiam dois cursos, um de Educação Física masculino e outro feminino. Tanto que quando eram criadas vagas para qualquer concurso, eram tantas vagas para professores masculinos e tantas para professoras femininas. Os cursos eram realmente distintos, a parte de ritmo, de Dança, de GRD [Ginástica Rítmica Desportiva] os homens nem olhavam. Já o Judô, o Futebol as mulheres nem passavam perto. E isso só terminou no final da década de 90 ((correção)) 80.

Foi um curso eminentemente prático. Nós tínhamos umas matérias como Metodologia, nós tínhamos Biometria, Anatomia, Fisiologia, Organização e administração... se tinha mais era uma, duas ou três no máximo. Na época nós tínhamos o curso de três anos. Estas disciplinas eram de um ano, só as teóricas. As disciplinas práticas nós tínhamos quase tudo que tem até hoje e eram as que funcionavam. Quase tudo que tem até hoje. Logicamente Futsal na época não existia. O Futsal foi criado depois que nós formamos. Em 1954 parece uma turma com a primeira bola de Futsal no Brasil. Foi o Barbosinha [Odilon Barbosa]. Creio que ele foi fazer um curso lá em Montevidéu e trouxe, não tenho muita certeza disso. Ginástica Olímpica também não existia porque nós que introduzimos. Foi um das coisas que introduzimos aqui em Belo Horizonte e logicamente na escola de Educação Física ((tosse)). Mas todos outros esportes: Judô, inclusive nós tínhamos Boxe, Esgrima, que hoje faz parte de outra coisa. Tínhamos a Esgrima, Vôlei, o Basquete, o Futebol, a Natação, todos os esportes. A parte prática era mais ou menos o que existe hoje, mas a parte teórica era muito pouco. Essas disciplinas eram ministradas da cabeça e da vivência de cada professor. Era da cabeça do professor. Não tenho dúvida nenhuma que o curso da gente foi bastante fraco. (ÉLCIO PAULINELLI, testemunho, 2010)

Então como aluna lá da Universidade nós tínhamos Dança. Engraçado que as aulas de Dança e de Natação eram feitas lá no Minas Tênis [Clube] e nós tínhamos uma professora, Eva Tiomno. Eram umas aulas muito interessantes. Tinha muita técnica. E os professores eram muito bons. Aulas de Vôlei, Basquete... Então tinha o Adolpho Guilherme que era nosso professor e eu sei que Adolpho dava Vôlei e Basquete. E nós tínhamos aula no DI [Departamento de Instrução Militar]. Olha que confusão que aprontavam com a gente. No DI nós tínhamos Atletismo. E estou me lembrando também no Marconi [Escola Municipal Marconi]. Também nós tínhamos aulas teóricas. Aulas de Basquete, creio que com o professor Antenor. Você vê que confusão. O Adolpho era de Vôlei, o Antenor Horta era de Basquete e nós tínhamos umas coisas também umas práticas de Atletismo no Marconi ... depois é que nós passamos pro DI. (MARLUCE GOMES, Testemunho, 2010).

O testemunho dos professores Marluce Guimarães e Élcio Paulinelli indicam as condições materiais e salariais nas quais o curso funcionava. É possível perceber o imprevisto em relação aos espaços de aulas no curso de formação profissional na década de 1950. Situação que é avaliada hoje pela professora como confusa. Nesta avaliação, a professora demonstra como a memória é uma construção social que se faz na relação do passado com o presente. Acredita-se que na época tal situação não era/fosse nenhum problema que afetasse a qualidade do curso. Todavia, tal circunstância indica que o curso de Educação Física de Minas Gerais, criado a partir da fusão de duas escolas em 1953, não possuía um prédio adequado, com instalações necessárias para as disciplinas como quadras, salões, piscinas e pista de Atletismo. A saída teria sido pedir emprestado às instituições que possuíam tais instalações. Por isso, as aulas práticas de Natação, Atletismo e Voleibol eram ministradas no Departamento de Instrução Militar (DI), no Minas Tênis Clube e também na Escola Municipal Marconi.

Além de depender de instalações de outras instituições, as condições salariais eram bem precárias, como destaca o professor Élcio Paulinelli, relatando o caso de um profissional que teria desmaiado por não ter dinheiro para comprar sua refeição diária, em função do não recebimento de salários.

Cabe ainda salientar que a maioria dos professores/as nesta época atuava em mais de uma instituição. Especula-se que o salário pago aos professores/as no curso superior não era suficiente para que o professorado se dedicasse de maneira exclusiva, como acontece hoje em dia. Dessa forma, estes/as professores/as tinham um campo de atuação amplo e diversificado. Destaca-se que professores/as atuavam também na Polícia Militar, em Escolas públicas (municipal, estadual e federal) e em Clubes, como técnicos esportivos. Essa ampla rede de convivência tinha um ponto de encontro: a escola superior de Educação Física. Especula-se que díspares representações conviviam em uma mesma instituição. Infelizmente,

não foi possível perceber como distintas formas de pensar a Educação Física se relacionaram durante anos.

Especula-se que a frequência de alunos/as do curso de Educação Física, em instalações de clube esportivo, como por exemplo, o Minas Tênis Clube, que possuía uma ambiência esportiva de formação de atletas, teria impactado o entendimento de Educação Física e de Esporte destes, se não confirmando o sinônimo de um pelo outro, confundindo-os sobre a função social de cada um.

Observa-se a presença de disciplinas da área Biológica que, em sua maioria, eram ministradas por médicos. São lembradas as disciplinas Biometria, Anatomia e Fisiologia. As demais eram específicas da área e foram citadas as de “Metodologia” que teria ensinado o Método Natural Austríaco²⁰ e Método Francês e “Organização Administrativa”, sendo destacadas as disciplinas denominadas de “práticas” que em sua maioria eram de modalidades esportivas, tais como: Voleibol, Basquete, Natação, Atletismo, Futebol, Judô, Boxe e Esgrima. As outras disciplinas práticas eram Dança e Ritmo. As disciplinas de Handebol, Futsal e Recreação só foram citadas pelos/as professores/as que fizeram o curso na década de 1960.

A professora Lúcia Guilherme faz questão de ressaltar que as disciplinas práticas eram dadas a exaustão, e que ela as aproveitou muito em sua intervenção profissional, ainda que, segundo ela, teve que aprender a dar aula ‘dando aula’:

E em [mil novecentos e] setenta o curso tinha as disciplinas da área da saúde, da área médica, que eram dadas por médicos. Mesmo as disciplinas da área prática, ou seja, da técnica esportiva que na época era chamada assim. Tínhamos também as disciplinas de área de humanas, a Psicologia, a Pedagogia... Mas era um enfoque tão diferente. Era o que tinha e foi bom na época sabe? E na Escola de Educação Física eu tive excelentes profissionais, professores e excelentes pessoas. No infantil era como se fosse assim uma grande família sabe? As moças vinham do interior pra fazer o curso, a gente morava em pensionato, em república e era uma coisa como é que eu vou dizer? Muito acolhedora.

A gente tinha as disciplinas, por exemplo, Primeiros Socorros, Fisiologia, Biologia, tinha muita coisa. Tinha Antropologia, Psicologia, as práticas esportivas, como a Ginástica Esportiva Generalizada [Método de Educação Física Desportiva Generalizada], tinha a Ginástica Sueca, tinha Ritmo e não sei o quê com a dona Odete [Meireles]. Tinha a Ginástica Rítmica, tinha a Ginástica Olímpica, tinha Atletismo, Basquete, Vôlei, Judô.

A Educação Física Infantil quem fazia mais era mulher. Eu não me lembro de ter tido um colega homem e a gente não tinha Judô. Natação a gente tinha. Era uma grade interessante. Eu devo ter esses papéis por aí, guardado eu vou até dar uma olhada. E o conteúdo era assim, por exemplo: Primeiros Socorros, a parte de

²⁰ O método natural escolar austríaco foi atualizado durante a década de 1970 por Gerard Schmidt, que respeitou a forma natural de as crianças se expressarem através do jogo e se interessou pelo seu próprio desenvolvimento evolutivo; incidiu sobre um trabalho multilateral, contrário à especialização, e defendeu o ecologismo na educação física. (Disponível em: <http://educacaohoje.no.sapo.pt/ef/Historia.htm>. Acesso em 21/02/2012)

Anatomia. Era um conhecimento superficial que a gente tinha dessas disciplinas e bem restrito. A parte das práticas esportivas era assim uma maravilha e era um conteúdo tão grande que a gente usava isso até mesmo enquanto a gente trabalhava. Eu trabalhei com papai num projeto e tudo a gente aproveitava. Aproveitei muita coisa. Os jogos, atividades recreativas que chamavam. Era tudo dado em forma sem cobrança de técnica, de resultado, de desempenho. Era muito interessante isso o curso infantil. Conteúdo muito bom pra quem pretendia trabalhar na escola primária (LÚCIA APARECIDA GUILHERME, testemunho, 2010)

A professora Marialva reforça a presença e a valorização das aulas práticas, afirmando que na época as aulas teóricas não significaram muito pra ela. Além disso, apresenta sua percepção sobre o perfil do profissional que estaria sendo formado naquela instituição:

Tinha o Barbosinha [Odilon Barbosa], professor de Recreação ele me ajudou muito. Arrumou aulas de substituição...

O curso em si a principio eu achava fraco, pois não estava me levando a lugar nenhum, mas depois eu comecei a me entusiasmar. As aulas teóricas para mim não significaram muita coisa. Hoje percebo que a valorização da aula teórica foi muito superior ao que eu tinha. Na minha época eu tinha Cinesiologia, Fisiologia, Anatomia. Ah, sei lá, mas eu estudava menos, eu não fui muito intelectualizada. Eu fui mais prática e principalmente na minha época era uma especialização pra licenciatura para dar aula. Não tinha uma especialização para técnico. A pessoa se formava técnico pela prática.

Nesta parte até hoje eu me sinto um pouco ignorante. Mas se houvesse necessidade de uma cobrança maior talvez eu mim encaixasse, mas a prática me supria. Eu fiz todas. A pior minha foi Ritmo, pra cantar e acompanhar. Mas pra dançar eu era boa... Ginástica Olímpica eu me sentia bem. Na natação não tive tantos graus de aprendizado, mas eu fiz muita criança perder medo de piscina e depois aprender a nadar. Então acho que a formação não está só na técnica, você tem que ver o aluno num total na capacidade dele do total. Talvez esta essa fosse minha grande meta (MARIALVA, testemunho, 2010).

Formada dois anos mais tarde que a professora Marialva, a professora Elisabete indica aproximações em relação às disciplinas, mas também distanciamentos na percepção do perfil profissional que fora priorizado no curso de formação:

Eu vou falar assim em linhas gerais, as nossas disciplinas eram muito mais práticas. Muito mais práticas e as disciplinas eram práticas. As aulas eram muito mais, como fala quando o professor fala e o aluno ouve? Essa didática do professor fala e eu ouço e não dou palpite, você só tem que ouvir e aprender.

Vamos dizer tradicional, mas tem um outro nome. As aulas eram assim... Quando elas eram essencialmente teóricas, os professores só se preocupavam em transmitir o conhecimento. As disciplinas práticas também perdiam porque eram essencialmente práticas, então depois, por exemplo, que eu precisei alinhar coisas referentes à Dança, a prática da Dança e a teoria da Dança eu não tinha o que buscar nos livros, porque eu não tinha nada, não tinha apostila, porque era só prática. Aula de dança, aula de ginástica... E essa era minha praia. Era o que eu gostava de estudar. Então essa foi uma falha. Quer dizer, hoje nós evoluímos, as aulas têm a conotação teoria e prática. Tem essa preocupação, que é maravilhoso. Essa foi uma falha da minha época sabe? As teóricas eram essencialmente teóricas não tinha, por exemplo, o corpo humano pra estudar. Nós não estudamos num cadáver, nós estudávamos anatomia sem conhecer uma peça. E quando fazia a prática fazia. Mas fazíamos sem uma justificativa do que, para que fazer. Faça isso porque tem que fazer. Faça isso

porque isso vai te trazer determinadas vantagens, pois isso vai ser bom. Mas porque quê isso é importante pra sua vida? Isso não era feito, nem na Dança nem na Ginástica.

Vamos dizer que na minha época o curso de Educação Física estava voltado para preparar o professor para ser um técnico. Ele tinha competência para ser um técnico em qualquer área que ele escolhesse. Ele aprendia sobre a prática e aprendia bem pra preparar o professor pra trabalhar com as vivências esportivas na Escola. Com o objetivo de melhoria da saúde. Prática da atividade física para o lazer. Prática da atividade física para uma finalidade profissional, pra seguir como um atleta. Mas eu fiz o curso de formação pra atuar em escola, apesar de ter tido uma vivência desde a minha inserção na Escola de Educação Física, em equipes de treinamento de Ginástica. Agora na prática o meu amor, a minha afinidade profissional sempre foi a ginástica. Eu sou uma estudiosa e fui a vida toda uma estudiosa da Ginástica. Eu sempre me preocupei de estudar, mas isto não significa que na prática eu não estudei os demais esportes pra trabalhar com os alunos (ELISABETE ROSSETE, testemunho, 2010).

Interessante perceber que praticamente um mesmo curso de formação teria deflagrado distintas percepções sobre o perfil profissional que teriam privilegiado. Ou seja, para a professora Marialva, que teve uma intensa vivência esportiva anterior ao curso, a formação para atuar em clubes não teria sido boa, pois entendia que a formação profissional teria privilegiado a licenciatura. Já a professora Elisabete, que não tinha uma vivência esportiva anterior, teria entendido que o curso de formação preparava para ser técnica de esportes. Ora, estas distintas percepções de uma mesma intervenção, nada mais são do que o que Walter Benjamin (1987) distingue entre *vivências* e *experiências*. Vivências podem ser em comum, mas a experiência é particular. Não se aprende com a experiência do outro, pois, ela é única. Assim, o que para uma professora era um ponto fraco do curso de formação, para outra, era o forte.

Observa-se nos testemunhos que existem indícios de um acréscimo de disciplinas de um triênio pra o outro, porém o tempo para formação profissional, que era de três anos, não sofreu alteração durante o período investigado. Estas últimas reminiscências incluem as disciplinas já mencionadas e o acréscimo de outras, tais como: Antropologia, Pedagogia, Psicologia, Futsal, Ginástica Olímpica e Ginástica Sueca.

Segundo o professor Élcio, as práticas eram as disciplinas que “*funcionavam*”, apesar do empirismo com que eram fundamentadas. Ou seja, nas décadas de 1950 e 1960, praticamente todo o currículo do único curso de formação em Educação Física em Minas Gerais estava repleto de conteúdos esportivos, principalmente para os alunos do sexo masculino. A diferença para as alunas eram as aulas de dança e de expressões rítmicas²¹. Além disso, salienta-se o fato das aulas serem ministradas da “*cabeça do professor*”, aspecto

²¹ Nos estudos de Marcos Campos (2009) o autor destaca a alteração curricular que ocorre em 1969 com o acréscimo da disciplina de Rítmica Básica no currículo masculino.

que parece exigir uma mobilização da experiência anterior com os esportes, e a referência de prática esportiva que cada professor possuía para organizar suas aulas no curso de formação profissional. Especula-se, portanto, que não havia uma maneira única de pensamento sobre o que ministrar nestas aulas. Parece ter havido uma preocupação com o ensino técnico, porém sem fundamentação pedagógica sobre como ensinar, por que e para que ensinar aquelas práticas esportivas.

Interessante registrar o aparecimento de novas modalidades esportivas e sua relação com a Educação Física. O professor Élcio Paulinelli relata que não existia o Futebol de Salão (futsal) até o professor Odilon Barbosa realizar um curso em Montevideu (Uruguai) pela Associação Cristã de Moços (ACM) e levar uma bola para a Escola. Ele afirma, ainda, que não existia a Ginástica Acrobática, e que ele inaugurou tal conteúdo na disciplina de Ginástica que ele ministrava. Principalmente em relação ao Futsal existem estudos²² indicando que esta modalidade esportiva se desenvolveu no Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, em virtude do processo de urbanização das cidades que diminuiu o número de campos de Futebol para a prática deste. Dessa forma, garotos passaram a jogar Futebol em quadras esportivas de Basquete (clubes e escolas), em salões e garagens de ônibus. Com o aumento de tais atividades de Lazer e a influência da Associação Cristã de Moços de Montevideu/Uruguai, a prática teria se popularizado, recebendo características de atividade esportiva. Em 1954, então, foi fundada a Federação Mineira Futebol de Salão (FMFS), com a realização de um torneio que reuniu mais de 20 clubes de Belo Horizonte. Sabe-se que o professor Odilon Barbosa foi um dos responsáveis por divulgar tal modalidade na E.E. Milton Campos, e a indicar vários alunos para comporem times em clubes.

Tal circunstância corrobora com o entendimento de André Chervel (1990) de que os conteúdos das disciplinas não são vulgarizações de ciências ‘mães’, e sim, criações para atender a demandas sociais. O caso do Futebol de Salão com o professor Odilon Barbosa aqui em Belo Horizonte é exemplar. Ou seja, para atender uma demanda crescente de práticas de Futebol de Salão, que já aconteciam em espaços urbanos da cidade, o professor teria inaugurado o ensino de tal modalidade em escolas antes mesmo de ser oferecido nos cursos de formação superior.

Chama à atenção a recorrente lembrança dos/as professores/as quanto ao caráter prático, esportivista, empirista e sexista do curso. Ou seja, as aulas que “*funcionavam*” eram as aulas “*práticas*”, grande parte delas de esportes, separadas por sexo, sendo que tais

²² Cf. PINTO e XAVIER (2011).

aulas não tinham fundamentação teórica e as teóricas teriam enfoques diferentes da necessidade de atuação profissional. Apesar de hegemônico, o conteúdo esportivo sempre foi acompanhado de outras práticas corporais como ritmo, dança e recreação.

Destaca-se também o movimento de dotar as disciplinas esportivas de maior cientificidade, principalmente nos primeiros anos da década de 1970. Um número razoável de professores fez cursos de pós-graduação em países da Europa e nos Estados Unidos. Tal movimento de formação continuada corresponde a uma das ações do projeto denominado MEC/Usaid²³. Segundo a historiadora Emilia Viotti da Costa (2004), tal projeto é fruto da aproximação entre as intenções (nascidas com o acirramento da Guerra Fria) do Governo Norte-Americano em investir em países da América Latina, e as intenções do Governo Militar em reformar o sistema educacional brasileiro. A denominação MEC/Usaid nasce do trabalho conjunto de uma comissão de especialistas em educação, composta por professores brasileiros, indicados pelo Ministério de Educação e Cultura, e americanos, indicados pela United States Agency for International Development (Usaid). Para Emilia Viotti da Costa (2004):

As mudanças ocorridas no país entre 1930 e 1964 – o desenvolvimento industrial, o crescimento da população, o processo de urbanização e o crescente envolvimento do capital estrangeiro na nossa economia – trouxeram novas formas de pensamento, novos procedimentos no campo da investigação, visando superar o impasse do modelo econômico adotado (nacional desenvolvimentista), impasse cada vez mais evidente na diminuição da taxa de crescimento e na intensificação dos conflitos sociais e políticos. Tudo isso levou a maior preocupação com a ciência e a tecnologia, valores que acabaram sendo transpostos para a política educacional. A partir de então, passou-se a exigir menos retórica, e mais rigor científico, imprimindo à ciência, cada vez mais uma direção nitidamente tecnológica, colocando-a a serviço dos interesses empresariais que tinham passado a desempenhar papel importante na sociedade. No entanto, pelo caráter desigual do desenvolvimento e pela influência da Igreja Católica, permaneceram na sociedade setores resistentes às mudanças, que continuaram a defender valores herdados do passado.

É nesse contexto que se podem compreender as diretrizes da política educacional dos anos [de 19]60, presentes no projeto MEC-Usaid. A conceituação da universidade como empresa, a valorização da iniciativa privada em detrimento da participação do Estado, a substituição do ideal de gratuidade do ensino superior pelo da lucratividade, a ênfase na formação tecnológica em detrimento da formação humanística e a subordinação dos ideais de liberdade de expressão e de cátedra ao ideal de segurança nacional definido nos termos da guerra fria, todos esses itens estiveram presentes na política educacional do governo militar. Assim como, talvez com exceção do último item, estiveram presentes em vários projetos alternativos,

²³ “O projeto resultara de uma série de acordos entre a Usaid e o Ministério de Educação (MEC), visando à reforma do ensino nos vários níveis, desde o primário até o ensino superior, incluindo o ensino agrícola e veterinário e a formação de professores do ensino médio, além de um convênio entre a Usaid, o MEC e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e a Comissão Coordenadora da Aliança para o Progresso (Cocap) para a compra e distribuição gratuita de cinquenta milhões de livros didáticos e técnicos, nas escolas públicas, no prazo de três anos”. (COSTA, 2004)

apresentados na ocasião por grupos que discordavam do MEC-Usaid, mas aceitavam muitos dos seus princípios, como é o caso do projeto de Darcy Ribeiro para a organização da Universidade de Brasília (COSTA, 2004).

Os professores indicados para bolsas de estudo no exterior buscavam aperfeiçoar seus conhecimentos no ensino dos esportes, aprofundando-os sobre as bases fisiológicas, técnicas e táticas de atividades esportivas, confirmando a versão da autora sobre a ênfase na formação técnica. Exemplo disso foi o professor Reginaldo, que lecionava Atletismo, e o professor Élcio Paulinelli, que lecionava Ginástica. A aposta na ciência como forma de legitimar a área de Educação Física teria passado também pela escolha de uma dada ciência, a Biológica, aposta esta respaldada e/ou indicada pela política educacional do governo militar. O relato da professora Elisabete Rossete indica que a escolha dos candidatos para fazerem tais cursos utilizou como critério a aproximação com a área esportiva, fato este que inviabilizou sua ida para o exterior.

Interessante também foi o destino do professor Reginaldo, que estudou em países do leste europeu, governados por socialistas e em anos ferrenhos da Guerra Fria. Percebe-se que o fenômeno esportivo não escolhe regime político e muito menos econômico para se desenvolver com todos os seus códigos de seleção, de superação biológica, etc.

2.3 - Referências Bibliográficas presentes no curso de formação

As referências bibliográficas fazem parte de um conjunto de fontes que nos permitem aproximar de objetivos, conteúdos, métodos e representações de Educação Física e de Esporte que teriam sido utilizados para conformar entendimentos sobre a área, e que estavam presentes na formação dos/as professores/as. Ainda que professores não tenham lido e/ou manuseado as referências bibliográficas que foram encontradas, tais fontes circularam pelos corredores, bibliotecas, livrarias e salas de aula. Portanto, elas ajudaram, a constituir uma ambiência acadêmica, que será agora examinada. O objetivo não é fazer um estudo aprofundado das obras, investigando sua circularidade, seu formato, ou seja, uma análise da arqueologia do objeto como sugere Roger Chartier (1994), e sim extrair os conteúdos que estariam tentando conformar uma Educação Física.

O professor Élcio inicia seu testemunho afirmando que não havia nenhuma bibliografia, porém ao longo da entrevista ele menciona que teve um contato com o Método Francês:

Sobre bibliografia, não existia bibliografia praticamente nenhuma. Não existia. Tanto que em 1974 eu tive a oportunidade de ir à Europa e quis passar em Madri – nós fomos pra Alemanha – e eu quis passar em Madri para comprar livros porque tinha um espanhol famoso que escrevia sobre Esporte e Escola. Não me lembro do nome dele. E espanhol eu lia com facilidade. Eu queria comprar livros pra levar para a Escola porque não existiam livros. Você não tinha nada de literatura.

Mas teve o Método Francês que foi o que nós aprendemos quando eu fiz o meu curso na escola. Foi o método desportivo generalizado francês. Tinha o aquecimento, a lição propriamente dita e a volta à calma. A lição propriamente dita usava as atividades naturais do homem para fazer e destas atividades naturais tinha o Atletismo com toda sua parte esportiva, quer dizer, tinha todo um método. Foi muito bom, eu acho, principalmente pra época que foi criado. Eu acho que foi, salve engano foi em [mil novecentos e] vinte e dois. Ele entrou no Brasil por uma missão militar francesa que veio ao Brasil em mil novecentos e vinte e dois e trouxe o método francês pra cá. Mas então a gente usava também o esporte pra fazer e a ginástica acrobática que eu gostava muito. Eu pessoalmente toda vida gostei muito então sempre utilizei muito a ginástica acrobática pra fazer na esportiva generalizada eu usava muito a parte acrobática nas minhas aulas (ÉLCIO, Testemunho, 2010).

Acredita-se que o professor Élcio, ao rememorar tal passagem, fez uma confusão entre o Método Francês e o Método de Educação Física Desportiva Generalizada. O Método Francês foi constituído na Escola de Joinville-Le-Point e teve como influência os princípios defendidos por Hebert, Demeny e Amoros. Segundo Betti (1991) a primeira versão francesa surgiu em 1927 e teve como título *Regulamento Geral de Educação Física*. “A primeira e a terceira partes desta versão definitiva é que foram oficializadas no Brasil, ignorando-se a segunda parte, de tendência mais esportiva” (BETTI, 1991). Já o Método de Educação Física Desportiva Generalizada foi criado, segundo Alfredo Gomes de Faria Júnior (1972), por técnicos do *Institut National des Sports* da França que, em dezembro de 1945, o apresentou sob a forma de um *Projeto de Doutrina de Educação Esportiva*. Seus principais idealizadores teriam sido os professores Maurice Baquet, Auguste Listello, Pierre Clere e Roger Crenn. Entre as décadas de 1950 e 1960, este método foi difundido no Brasil pelo professor Augusto Listello. Tais métodos tinham em comum apenas a origem, pois o primeiro defendia uma Educação Física mais voltada para os exercícios ginásticos, com forte influência militar e, o segundo, a incorporação do Esporte nas aulas de Educação Física como um fator lúdico. Segundo Betti (1991), o governo brasileiro teria incentivado o Método Desportivo Generalizado em superação a uma concepção de Educação Física, que privilegiava a Ginástica e a especialização de um único Esporte. Enfatiza o autor que:

Para a “Educação Física Desportiva Generalizada” o esporte “não é um fim, mas um meio de formação e preparação para a vida” (BRASIL, MEC, DEF, 1966, p. 4). Ela ainda, não tem por finalidade única “a procura sistemática e exclusiva dos indivíduos fisicamente bem dotados” e sim oferecer a oportunidade “para educar e melhorar a todos, indistintamente”(BRASIL, MEC, DEF, 1966, p. 5) (BETTI, 1991)

Sobre a referência do autor espanhol realizada pelo professor Élcio, os estudos realizados na Espanha, por conta do doutorado sanduiche, apontam que tal autor teria sido o professor José Maria Cagigal Gutierrez que foi, nos anos 60 e 70, um autor espanhol de grande circularidade internacional, tendo inclusive ministrado palestras no Brasil e publicado textos na Revista Brasileira de Educação Física e Desportos. Para compreendermos algumas representações da principal obra do professor José Maria Cagigal apresenta-se a seguir uma síntese das normas legais e da ambiência política²⁴, onde este professor produziu e divulgou suas concepções de Esporte e Escola. Não foi intenção apresentar um estudo sobre a obra de José Maria Cagigal, trabalho já realizado por Javier Olivera Betrán (2003). E sim, acompanhar o percurso profissional e as possíveis relações de sua obra com as políticas do período.

Nas décadas de 1960 e 1970 a Educação Física espanhola esteve orientada sobre dois importantes ordenamentos legais. A Lei de Educação Física nº 77 de 1961 e a Lei Geral de Educação nº 14 de 1971.

Lei Elola, nº 77 de 23 de dezembro de 1961.

A Lei específica de Educação Física de 1961 se apresenta como um marco legal de ordenação jurídica da Educação Física:

La Ley de Educación Física, es más un utensilio para la mejor ordenación del sector que para desarrollar una doctrina ideológica sobre la Educación Física. ... La Ley Elola es la ley que en la esfera de la Educación Física y el Deporte, refleja el proceso general de un régimen franquista que pretende evolucionar hacia un Movimiento organización y que abandona pretensiones revolucionarias para adoptar una eficacia tecnocrática. (Pastor Pradillo, 2000, p. 269)

O personagem central de elaboração deste ordenamento legal foi Antonio Elola Olaso, que à frente da Delegação Nacional de Frente de Juventudes²⁵ desenvolveu uma concepção de Educação Física “diametralmente oposta ao do General Moscardó”(Pradillo, 2000, p.132). Enquanto o primeiro pleiteava uma Educação Física mais moderna e civil, o

²⁴ Os ordenamentos legais foram identificados a partir dos trabalhos de José Luis Pastor Pradillo intitulado “Guia Legislativa de Educacion Fisica em Espana” (1979) e de Rafael Bravo Berrocal intitulado “La Educacion Fisica en la Legislacion espanola (1900 – 1980). A produção teórica tomada como fonte primária de análise foram os textos de José Maria Cagigal produzidos à época e como leitura de apoio analisei as teses de Javier Olivera Betran intitulada “*José Maria Cagigal. El humanismo deportivo: una teoria sobre el hombre*” e de Jose Luis Pastor Pradillo intitulada “*Definicion y desarrollo Del espacio profesional de la Educacion Fisica en Espana (1961 – 1990)*”. As ações pedagógicas em Educação Física foram identificadas a partir dos testemunhos orais produzidos a partir dos procedimentos da “Historia Oral”. Foram entrevistados cinco professores são eles: Herminio, sua esposa Mariangela, Uca, José Ignacio Barbero e Marcelino Vaca.

²⁵ Órgão do regime Franquista que coordenava as ações políticas direcionadas para desenvolver a juventude espanhola. Tinha estreita relação com o ditador Francisco Franco.

segundo tentava atualizar um velho conceito de Educação Física sustentado no espírito nacional, bandeira inicial do Regime Franquista²⁶.

Assim, Elola a frente da Delegação Nacional de Educação Física, instaura em 23 de dezembro de 1961 a Lei nº 77, que estabelece que a direção, o fomento e a coordenação da Educação Física passam a ser função da Delegação Nacional de Educação Física e Esportes, com a colaboração dos demais organismos do Estado. Todavia, as competências das Delegações Nacionais de Juventudes e da Seção Feminina, órgãos criados após a guerra civil espanhola (1940) são mantidas, o que significa, para Pastor Pradillo (2000), pouca alteração no cotidiano da Educação Física. Entretanto, esta Lei traz importantes determinações, como por exemplo: a substituição de argumentos patrióticos por religiosos, sociais e educativos, para justificar a presença de tal manifestação na sociedade; estabelece a Educação Física como um direito dos cidadãos espanhóis; promove a obrigatoriedade de aulas de Educação Física em todos os níveis de ensino; nomeia o Ministério da Educação como o responsável por elaborar os planos de desenvolvimento e promoção da Educação Física, bem como planos de estudos, porém com o aval das Delegações Nacionais da Juventudes e da Seção Feminina. Dessa forma, Elola inicia, pelo menos legalmente, um projeto de melhoria de três aspectos considerados, por ele, fundamentais que são: a docência, a capacitação de técnicos e a infraestrutura esportiva. E este projeto ele entrega a órgãos civis iniciando também um processo de distanciamento dos setores militares, que até então coordenavam tais ações. Tal ordenamento legal cria condições jurídicas para a criação de um centro nacional de formação de professores, um antigo sonho da área, anunciado por várias vezes em documentos legais.

Percebe-se que na década de 60 aconteceram intensos debates sobre a eficácia de tal Lei na realidade profissional e como exemplo maior identifica-se a investida de José Maria Cagigal, em propor dentro do Conselho Nacional de Educação Física e Esporte, em 1965, uma proposta de dotar o Ministério da Educação de mais poder sobre a formação e intervenção profissional:

²⁶ Terminada a guerra civil espanhola, em 1940, na qual Francisco Franco derrotou o governo Comunista espanhol com a ajuda da Alemanha Nazista e Itália fascista, Francisco Franco no comando do governo e com poderes absolutos empreende a reconstrução do país. Além desta tarefa, também empreendeu uma sangrenta repressão aos vencidos, como fuzilamento de opositoristas. Cria um estado católico, onde chega a decretar por força de lei que é proibido comer carne vermelha nas sextas feiras e dias santos. Autoritário e corporativo esse regime, recebe nome de Franquismo. Apesar das suas estreitas relações com a Alemanha e a Itália, Francisco Franco mantém a neutralidade espanhola durante a Segunda Guerra Mundial. Terminada a 2ª guerra, os vencedores isolam o regime franquista. Contudo, este se consolida na base da promulgação de novas leis: criação das Cortes (1942), Jurisdição dos Espanhóis (1945), lei do referendo nacional (1945), lei da sucessão na chefia do Estado (1947) Em 1953 iniciam-se o reposicionamento de relações diplomáticas com os EUA e, em 1955, o regime de Franco é reconhecido pela ONU. Em 1966 cria uma nova Constituição (Lei Orgânica do Estado) e três anos mais tarde apresenta às Cortes, como sucessor a título de rei, o príncipe Juan Carlos, neto de Afonso XIII. Em Junho de 1973 cede a presidência do governo ao seu mais direto colaborador, Luís Carrero Blanco que é morto em um atentado, poucos meses depois. Franco morre após longa doença num hospital de Madrid. É o fim da ditadura Franco e a Espanha é redemocratizada no comando do Rei Juan Carlos I.

Entendía Cagigal, presidente de la Ponencia donde es derrotada su propuesta, que este resultado “tiraba por tierra una convicción de que la única manera de hacer efectivo el cumplimiento de lo legislado en educación física (en instalaciones, horas de enseñanza, etc.) era implicar a la inspección profesional del Ministerio de Educación. Y relata como eran las once de la noche y la Ponencia seguía discutiendo el tema con irreductibilidades de posiciones. Se dejó pendiente la votación para la mañana siguiente. En esta apareció un pleno de asistentes a la Ponencia, dispuestos a votar, procedentes de las Delegaciones Nacionales de Juventud y Sección Femenina que, con toda seguridad, convencidos por ellos mismos o cumpliendo las sugerencias de su jerarquía administrativa, impidieron lo que en realidad solicitaba Cagigal, que no era otra cosa que el inicio de la pérdida de las competencias en educación física por parte de esas Delegaciones nacionales. (Pastor Pradillo, 2000, p. 135)

Esse instrumento legal não se esqueceu de atuar também sobre normativas para o esporte. Assim, é possível observar uma série de outros desdobramentos importantes no que diz respeito ao fenômeno esportivo, tais como: o reconhecimento da tutela sanitária das atividades esportivas, reconhecimento do Comitê Olímpico Espanhol, designação de parte dos ingressos das apostas mutuas esportivas a difusão da atividade físico e esportiva, potencia o funcionamento das federações esportivas, regula a existência das sociedades e clubes esportivos, dentre outros.

No plano internacional, percebe a presença de importantes reflexões sobre a desvinculação do desenvolvimento físico e do desenvolvimento integral do homem, devido às transformações culturais que as transformações tecnológicas estavam impondo a toda sociedade ocidental, considerada pelo autor, como um caos social. Todavia, na Espanha a preocupação era outra, devido ao sistema político vigente na época (Regime Ditatorial Franquista) que insistia em perpetuar uma idéia de que tudo estava bem:

Mientras, en España, El Delegado nacional de Educación Física y Deportes, Jose Antonio Elola, se comprometía ante el Caudillo para desarrollar la Ley de Educación Física en todas sus posibilidades y objetivos: en el orden educativo, para integrar la actividad físico-deportiva en el concepto total de educación; en el orden social, a través de la expansión de estas prácticas a la gran masa trabajadora, como escuela de buena costumbres, de disciplina, de energética y de salubridad; y finalmente como descanso activo frente al descanso pasivo de tendencias ociosas y como expresión de la sanidad preventiva. Oficialmente no existía ningún caos y, realmente, tardaría aún algunos años en manifestarse. (José Luis Pastor Pradillo, 2000, p.136)

Desta forma, o autor apresenta que o desenvolvimento da Educação Física na Espanha neste período esteve atrasado devido ao forte controle do Estado sobre questões conceituais e práticas, ao baixo nível de influência das discussões exteriores e ao divórcio entre as ciências e a Educação Física. Todavia, tal quadro tende a se transformar com a discussão que se concentra na rivalidade entre Ginástica e Esporte, conflito este que José Maria Cagigal tenta resolver propondo uma Educação Física que contemple a Ginástica, os Jogos e o Esporte.

Entretanto, segundo José Luíz Pastor Pradillo(2000) a entrada nos anos 70 é marcada por dois grandes movimentos, o fenômeno esportivo de competição e a educação psicomotriz. Estes vão impor novas discussões e um acirramento da crise sobre o conceito de Educação Física na Espanha. O autor apresenta como pano de fundo de tal crise conceitual as produções intelectuais de psicologia e sociologia, muitas delas vinculadas a política de partidos de esquerda provenientes dos acontecimentos de maio de 1968, as quais denunciavam:

La alienación Del cuerpo, su explotación, su tratamiento como mercancía y se propone, como alternativa, la libre disposición, la auto posesión, a través de un nuevo esquema educativo que no pretende, como en el caso de la burguesía capitalista, la educación-sumisión institucionalizada sino, por el contrario, su autonomía, su re erotización, la liberación sexual y la poética del gesto (José Luis Pastor Pradillo, 2000, p. 139).

Segundo o autor, o governo da Espanha adotou um tom mais conservador ao apoiar as idéias de José Maria Cagigal, que defendia um esporte humanista que continha fortes vínculos com os princípios cristãos. Dessa forma, é criado em 1968, em Madrid o primeiro centro de formação de professores sem vínculo com as Frentes da Juventude e a Seção Feminina, que recebeu o nome de Instituto Nacional de Educação Física (INEF). A missão de dotar tal instituto de autonomia acadêmica e empreender uma nova representação de Educação Física, mas voltada aos setores educativos, foi entregue a José Maria Cagigal, personagem que atuou politicamente para realização de tal empreendimento. Tal centro chancela o processo de distanciamento com os setores do regime franquista, principalmente o exército, que Elola iniciou em 1961. Importante salientar que o sonho de criação de um centro como este esteve presente desde a muito tempo:

Aunque será la Ley 77 1961 de 23 de diciembre la que consiga dotar a la creación de este centro de una fundamentación jurídica todavía se retrasará en seis años su inauguración u puesta en funcionamiento.

A pesar de este Parente consenso en la conveniencia de crear este centro, con toda seguridad, debieron existir causas o intereses capaces de retrasar durante tantos años su apertura. A nosotros nos parece que, por desgracia para la evolución de la Educación Física española, siempre se situó a este centro en el ojo del huracán y, torpemente, se le implico en los soterrados conflictos y luchas mantenidos entre distintos sectores o instituciones del franquismo para adquirir o conservar determinadas parcelas de poder. Estas circunstancias condicionaron su creación y también su posterior existencia y desarrollo. La clave de esta situación, seguramente, estaba relacionada con la vieja aspiración, nunca confesada públicamente, de la Delegación Nacional de Educación Física y Deportes, de conseguir el control sobre la Educación Física y, en especial, sobre la capacitación de sus técnicos. Por otra parte, también el Ministerio de Educación Nacional, aún sin estar excesivamente interesado en la Educación Física, nunca llegaría a aceptar de buen grado la intromisión de otros organismos en lo que debían ser competencias exclusivas de su administración: la formación académica. Y finalmente, condicionaron su creación la Sección Femenina y la Delegación Nacional de Juventudes, cuya principal premisa de actuación era la de mantener

unas competencias que en gran parte justificaban algunas de sus más importantes parcelas de su actuación política (Pastor Pradillo, 2000, p. 239).

Devido então a este truncado jogo de interesses durante ainda alguns anos, vários órgãos estatais, de forma bem variada, continuaram formando profissionais para área.

Apesar das características da Lei Elola, de não ter grandes pretensões de implantar uma nova representação de Educação Física, a década de 60 é marcada por relativa mudança nas práticas escolares segundo Pastor Pradillo (2000):

La década de los 60 es el período en que se inicia la potenciación de los Juegos Nacionales Escolares.

Los efectos de las previsiones de la Ley de Educación Física de 1961 se concretan en una potenciación de la actividad deportiva en la Escuela. Las nuevas instituciones que se crean desde este nuevo marco jurídico pronto se decantan hacia el apoyo a la actividad deportiva en un ámbito carente, casi absolutamente, de dotación material y con una exigua infraestructura de instalaciones pero que sin embargo, ofrecía unas amplísimas posibilidades como elemento divulgador de nuevos hábitos entre la población española (Pastor Pradillo, 2000, p. 275)

Lei Geral da Educação nº 14 de 1970

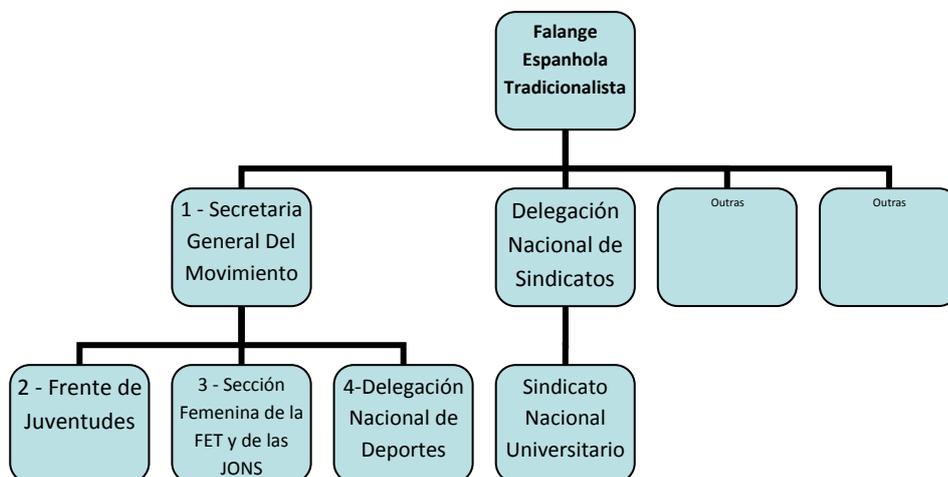
Diferentemente da Lei da Educação Física nº 77 de 1961 que tratava especificamente da Educação Física, a Lei Geral da Educação nº 14, de 1970, trata da Educação na Espanha como um todo, fazendo as devidas referências à Educação Física. Tal Lei, encabeçada pelo Ministro da Educação José Luis Villar Palasí, tinha como principais objetos de enfrentamento: a) um sistema educativo de Bachillerato, altamente seletivo o que provocou um aumento no índice de fracasso escolar; b) o aumento da relação professor aluno em sala de aula. Tal realidade foi responsável pela redistribuição dos níveis de ensino escolar. Tal medida trouxe conseqüências diretas para a Educação Física, reduzindo o espaço de intervenção desta disciplina. Considerada renovadora do ponto de vista educacional, para a Educação Física ela impactou pouco sua normalização. Como conseqüências centrais é possível apontar a diminuição do número de aulas semanais, de 3 para 2 nos cursos de Bachillerato e de 3 para 1 nos cursos de formação profissional; novo sistema de redistribuição de professores, que afetaria número, classificação, níveis, horas de dedicação, etc; e desaparecimento da disciplina no nível universitário. Em termos conceituais tal Lei se apresenta omissa, fazendo algumas alusões gerais para cada nível de ensino:

Es destacable que el texto de la Ley ignore a la Educación Física y no lo la defina conceptualmente aludiendo a su presencia sólo como explicación, en algunos niveles, de lo que entiende como noción general de educación. En educación Preescolar, ni la contempla ni la cita expresamente al describir lo que soluciona con una genérica alusión al desarrollo armónico del niño. En Educación General Básica se limita a citarle como uno de los objetivos a alcanzar “desarrollo... de la capacidad físico-deportiva sin que, al mismo tiempo, diseñe o prevea el área de actividad educativa correspondiente. En su artículo 24.f la define como

“materia común que sería impartida en el Área de Educación Física y Deportiva aunque, a este respecto, deba formularse la salvedad de que el Área de Educación Física nunca llegará a desarrollarse ni a integrarse en las estructuras de los centros (Pastor Pradillo, 2000, p.313)

Em virtude de tais omissões o professorado ficou a cargo de produções teóricas elaboradas para a área, dos movimentos de professores e também exposto ao fenômeno esportivo que crescia de maneira sorrateira. Dessa forma, ao longo dos anos 70 outros ordenamentos legais foram elaborados para dar conta da regulação da profissão em virtude da Lei 14 de 1970. Para os propósitos deste trabalho esta síntese sobre a legislação vigente no período é suficiente para entendermos as circunstâncias em que os professores de Educação Física espanhóis realizaram suas intervenções pedagógicas.

Organização administrativa da Educação Física e do Esporte na Espanha (1961 à 1975)



1 – A Secretaria General del Movimiento (SGM) era o órgão mais político de todos os outros ministérios e sua função básica era transmitir os princípios fundamentais do movimento falangista para a juventude e a população trabalhadora espanhola. O Esporte, a Educação Física e a Recreação dirigida eram alguns dos instrumentos de formação e ideologização da comunidade.

2 – A Frente das Juventudes (FJ) se encarregava de dirigir, fomentar e controlar a Educação Física e o Esporte para os homens juvenis nas escolas de magistério, nas universidades laborais e nas escolas do comércio. Coordenava as ações da Academia Nacional de Mandos José Antonio, instituição integrada a Escola de formação de professores de EF (em 1971 se torna Escola Superior de Educação Física). De 1942 a 1956 foi comandado por José Antonio Elola-Olaso

3 – A Sección Femenina (SF) se encarregava de dirigir, fomentar e controlar a Educação Física e o Esporte para as mulheres juvenis nas escolas de magistério, nas universidades laborais e nas escolas do comércio. Sempre comandada pelo primo de Rivera, o conhecido Pilar. Comandava a Escola Isabel a Católica, a qual incorporava a Escola de formação de professoras de Educação Física.

4 – A Delegación Nacional de Deportes (DND) estava encarregada pela direção e fomento do esporte de competição em geral, possuía uma estrutura piramidal de forte caráter autoritário, disciplinar, hierárquico e de relações profissionais de caráter paramilitar. O presidente deste braço diretivo acumulava a função de presidente do Comitê Olímpico Espanhol. A partir de 1956 tal órgão recebe o nome de Delegação Nacional de Educação Física e Esporte e passa a ser comandada por José Antonio Elola- Olaso, substituindo o falecido general José Morcardó, e ficou a frente até 1966, quando se afastou, ou foi afastado.

José Maria Cagigal Gutierrez nasceu em um povoado próximo de Bilbao (norte da Espanha), em 1928. Neste povoado funcionava a universidade de Deusto que era coordenada pela companhia de Jesus. Seus pais possuíam fortes vínculos religiosos e se apresentava como uma tradicional família patriarcal. Dessa forma, procuraram sempre colégios religiosos para seus filhos. Cagigal teve seu primeiro contato com os esportes em um colégio religioso em Logrono, em meados da década de 30. Sempre gostou da prática esportiva, participando de várias modalidades como a pelota vasca, o futebol, a natação (no verão) e bicicleta. Participou de vários festivais esportivos escolares e também de campeonatos da Frente da Juventude. Tinha uma segunda paixão que era a música, muito influenciado por sua mãe que tinha título de professora de piano e estudou em um conservatório de música.

Ao terminar os estudos obrigatórios (bachieratto) Cagigal manifesta o desejo de entrar para a uma escola Marista, para aprofundar nos estudos religiosos para se tornar um futuro Jesuíta. Todavia, seus pais o enviam antes para Madrid para um curso de um ano em direito, para tentar perceber se eram reais suas convicções religiosas. Após um ano em Madrid ele retorna com a mesma intenção, ou seja, ingressar na vida religiosa. Assim, em 1946 Cagigal entra para companhia de Jesus e até sua solicitação de abandono em 1961 ele se desenvolve moralmente e academicamente.

Fue posiblemente el período que más le marcó y que mejor definiría suya trayectoria futura. Fueron casi quince años de intensa formación espiritual y humanística e los que moldeó su carácter, impregnó de un profundo sentido místico de la vida, aprendió idiomas, estudió técnicas de expresión y se preparó como educador

destinado a formar personas par un mundo mejor. Dejó la compañía en la última fase de su formación, el escolasticado de teología, unos meses antes de su ordenación sacerdotal (BETRÁN, 2003, p.57)

Durante este período Cagigal estudou em três centros e um deles na Alemanha, onde aprende a teologia de Frankfurt (1957). Após os primeiros anos de estudos (1954) ele deve cumprir o período obrigatório de práticas em colégios para o curso de noviciado, assim, é enviado à cidade de Valladolid (norte da Espanha) para ministrar aulas de humanidades no colégio jesuíta San José²⁷ e acaba também coordenando o esporte escolar deste centro educacional. E enquanto esteve a frente desta empreitada, o colégio conquistou vários campeonatos nacionais escolares. Nesta época (1955) os colégios religiosos ganharam fama e prestígio com a conquista de campeonatos esportivos, regionais e nacionais. Neste período conhece o exilado político italiano chamado Giambattista Mova, grande conhecedor do atletismo. Eles trabalham juntos no colégio desenvolvendo práticas esportivas de várias modalidades. Esta convivência e as posições oficiais eclesiais tiveram grande influência na escrita de sua primeira obra sobre esporte com o título *Hombres y Deporte* (1957). Tal obra recebe o Prêmio Nacional de Literatura Desportiva da Delegação Nacional de Educação Física e Esporte dirigida na época por José Antonio Elola. Tal repercussão motivou Cagigal a se interessar ainda mais pelo fenômeno esportivo e suas possibilidades educativas. Importante salientar que nesse período na Espanha as práticas esportivas já estavam em processo de desenvolvimento tardio, pois a prática esportiva ainda era um privilégio para poucos. Todavia, havia pouca produção teórica sobre o assunto. Durante a década de 50, além de escrever sua primeira obra, Cagigal faz o curso de licenciatura em Filosofia (1958- Frankfurt), é diplomado em Psicologia, faz um curso básico de idioma de Inglês e em 1959, articula, junto com o historiador Miguel Piernavieja Del Poso, a publicação de uma revista intitulada *Citius, Altius, Fortius*, financiada pelo Comitê Olímpico Espanhol. Isso acontece graças a intermediação de José Antonio Elola (presidente da Delegação Nacional de Esportes). As convicções acadêmicas de Cagigal eram tão fortes que nem um período tumultuado como foi a década de 50 na Espanha o fez desistir de suas aspirações:

Cagigal en esa época (déc. 50), no tenía ninguno interés por la legitimidad política del franquismo, ni por las reivindicaciones sociales de los trabajadores, ni por la independencia ideológica de la Universidad, ni por la libertad de expresión y ideológica de los españoles. A nuestro personaje solo le interesaba el conocimiento intelectual, la educación del hombre, la idea de Dios y el deporte como hecho humano y fenómeno social (BETRAN, 2003, P.80)

²⁷ En Valladolid existían dos colegios jesuitas: El de San José y El de Cristo Rey. El referido de San José era el más grande e importante, y estaba destinado a la formación primaria y secundaria de los hijos de la élite de Valladolid. El de Cristo Rey era una entidad docente destinada a ofrecer formación a los niños huérfanos y desheredados sociales. En la actualidad el de Cristo Rey es un colegio de Formación Profesional (BETRAN, 2003, p. 69).

Seus estudos na Alemanha foram decisivos para sua renúncia aos estudos religiosos em 1961, pois foi lá que teve oportunidade de conhecer as instalações esportivas mais avançadas da época, bem como os cursos de formação em Educação Física e Esportiva, assistir aos Jogos Olímpicos de Roma, além é claro de estudar Teologia e Alemão:

Cagigal aprovechó la coyuntura. Aumentó sus conocimientos de alemán, reflexió con perspectiva geográfica y personal sobre su futuro en la Compañía, conoció el sistema deportivo alemán, sus instituciones, la mentalidad de sus habitantes y siguió adentrándose por los difíciles vericuetos de la teología cristiana, lo que provocó una fuerte crisis personal. Aprobó las distintas asignaturas semestrales del currículum académico. En la soledad de su habitación meditó satisfacer su preocupación por la educación del hombre a través del deporte y de ahí surge la crisis vocacional junto a la necesidad de resolver sus inquietudes dentro de la ortodoxia en la que se había educado. El resultado, a la vista estaba: era posible desarrollar su ideal ignaciano fuera de la Compañía de Jesús sin renunciar a sus principios humanistas cristianos, base ideológica y formativa de su vida de jesuita (BETRAN, 2003, p.85)

Dessa forma, é na década de 1950 que Cagigal se transforma de um desconhecido estudante jesuíta em um prestigioso padre defensor do esporte enquanto ação educativa. Segundo BETRAN (2003), este prestígio se deu em função de seu desempenho acadêmico na instituição jesuíta Companhia de Jesus, do êxito de sua primeira obra, das entrevistas em rádios e diários do país, de suas conferências sobre psicologia e moral esportiva (tema muito incipiente na Espanha) e também por se tratar de um jesuíta, carreira que detinha grande prestígio social naquele momento.

É com tal prestígio e com convicção jesuíta de que deveria fundar novos centros de formação profissional para os futuros educadores físicos, que em 1961 Cagigal, com 33 anos de idade, se desliga da missão jesuíta. E logo depois de sua saída é convidado a chefiar a secretaria geral técnica da Delegação Nacional de Esportes e seu principal trabalho era assessorar a elaboração de nova Lei para a Educação Física que estava em marcha. Tal convite acontece com a intermediação de seu pai que era amigo de José Antonio Elola-Olaso e que à época estava a frente deste processo:

En Ella tendrá ocasión de plasmar su gran proyecto: la fundación de un centro de formación superior para educadores físicos al estilo de los que había conocido en Alemania.

Nuestro personaje, una vez secularizado, sigue los métodos ignacianos: crear una institución de gran nivel para formar a los futuros dirigentes en el campo de la Educación Física y el Deporte. Cagigal estaba convencido de la necesidad de organizar una estructura nueva para la reordenación de la Educación Física y deporte en España y para ello era fundamental la formación de buenos educadores físicos. Siguiendo la estrategia jesuítica que tan buenos resultados les dio..., contribuye de forma decisiva en la creación jurídica del INEF, siendo la primera respuesta que obtiene a un reto que ocupará toda su vida (BETRAN, 2003, p.92).

Elola viu em Cagigal a grande possibilidade de mudar definitivamente sua imagem de falangista radical, principalmente pela formação jesuítica que tinha seu “afilhado”. Além disso, Elola possuía aspirações com o esporte que se aproximava da teoria de Cagigal:

Para Elola, el deporte iba a desempeñar un papel fundamental ya que, gracias a él, se podrían encauzar la energía física, moral e intelectual, que unidas a la función esencial de la educación física en cada deporte, sería el elemento educativo que influiría en la formación integral de los españoles. Una de las líneas de su programa era que el pueblo se interesase por tres deportes para él muy importantes: el atletismo, la natación y la gimnasia. Quedaba claro, a partir de este momento, que el deporte debería ser considerado como un instrumento de educación incluyéndolo dentro de las necesidades públicas, al igual que la sanidad, la enseñanza, la justicia, etc. Indudablemente, el coste de esta operación de cambio social era elevado y precisaba de grandes aportes económicos que procuraran la satisfacción de esa necesidad pública, con la especial circunstancia de que, desde el esquema de Elola, se entendía, era del propio deporte de donde podían y debían obtenerse esos medios. Por tal razón, se defendía la idea de que los beneficios de las Apuestas Mutuas Deportivas revirtiesen íntegramente en el mismo.(HIERRO, CARRIZOSA, p.4. www.cafyd.com/HistDeporte/htm/pdf/2-5.pdf)

Aprovada a Lei de 1961 que dentre outros aspectos, garantiria juridicamente a constituição de um centro de formação superior em Educação Física e Esporte fundamentado em princípios científicos, Cagigal foi enviado, em janeiro de 1962, a três países europeus (Alemanha, Itália e Suécia) com o objetivo de conhecer e estudar a organização e os sistemas de formação dos Institutos Superiores de Educação Física e as Escolas Superiores de Esporte. Tal empreitada tinha como intenção nomear Cagigal como responsável direto de planificar e coordenar a construção do primeiro INEF, em Madrid. Em sua tese sobre Cagigal, o professor Javier Oliveira Betrán classifica este momento como um marco inicial do grande envolvimento internacional que teve este personagem e descreve os cargos internacionais ocupados por Cagigal:

En 1962...impartió una conferencia en la Universidad de Temple en Filadelfia (EEUU) y actuó como ponente representante oficial de España en un estaje de expertos en educación física del consejo de Europa de la Unesco que debatía sobre "Educación extraescolar" en Heneg Steg (República Federal de Alemania). A partir de este momento los nombramientos son muchos y constantes. En 1963 fue elegido miembro de la Academia Científica del Consejo Internacional de deportes Militares (CISM). En 1965 fue acogido como miembro regular del Comité Internacional de Estandarización de Pruebas de Aptitud Física (ICSPFT), en 1968 fue nombrado miembro del Comité de Investigación del Consejo Internacional de Educación Física y Deportes de la UNESCO (CIEPS) y elegido presidente de la AIESEP. En 1969 se le designa miembro honorario de la Academia Olímpica Internacional (AOI) y es nombrado miembro del Comité Ejecutivo de la Sociedad Internacional de Psicología del Deporte (ISSP) para, al año siguiente, obtener la vicepresidencia para Europa de la Federación Internacional de Educación Física (FIEP). Pertenece también a la Sociedad Internacional de Sociología del Deporte, es miembro regular del Comité Internacional de Investigación de la Condición Física (ICPFR), socio regular de la Sociedad Internacional para el Estudio filosófico del Deporte y, además, miembro del Comité Ejecutivo del Consejo Internacional de la Salud, Educación Física y Recreación (ICHPER). Desde el inicio de su periplo internacional en 1962 hasta el final de la década de los setenta, su presencia internacional por medio de asociaciones y corporaciones profesionales en el ámbito de la educación física y el deporte es sencillamente omnipresente, pero no sólo como miembro o socio participante, sino como responsable directo a través de su pertenencia a los comités ejecutivos respectivos, e incluso ostentando cargos tan relevantes como

vicepresidencias o presidencias, como es el caso de la AIESEP.(BETRAN, 2003, p. 281)

A década de 1960 para Cagigal foi marcada por grandes realizações, pois além de intenso trabalho profissional e intelectual ele se casa (1965) com Isabel e em seguida tem 3 filhas (Virginia -1966, Macarena - 1967 e Sofia - 1969). Em 1963 ele é nomeado Sub Delegado Nacional de Educação Física e Esporte, o que lhe confere uma visibilidade maior, intensificando suas aparições internacionais. Sua participação em encontros internacionais é assombrosa, principalmente como conferencista em vários países da Europa, América Latina e E.U.A. O ano de 1966, é emblemático, pois além de nascer sua segunda filha, ele inaugura materialmente sua grande missão, o INEF, apresenta, em fevereiro, sua segunda obra com o título *Deporte, Pedagogia y Humanismo* e em setembro coordena o primeiro Congresso Mundial de Educação Física e Esportes realizado no recém criado INEF, congresso organizado pelo Conselho Internacional de Educação Física e Esporte (CIEPS) da UNESCO, a ICHPER e a FIEP. Nesse encontro Cagigal recebe da Federação Internacional de Educação Física (FIEP) uma medalha de ouro e é nomeado membro de tal instituição. Este ano também acontece o afastamento de Elola seu padrinho político.

A administração de Elola ficou marcada pelas transformações legais e estruturais na organização da Educação Física e do Esporte espanhol:

De los diez años que Elola-Olaso estuvo al frente de la D.N.E.F.D. se puede destacar como logros importantes: la promulgación por las Cortes de la Ley de Educación Física, que ya dejara iniciada Moscardó, la creación de: la Mutualidad General Deportiva, las Residencias Blume, las Juntas Provinciales de Educación Física y la consecuente Junta Nacional de Educación Física, así como el Instituto Nacional de Educación Física, contemplado en la citada ley. En líneas generales, podemos asegurar que el personaje no defraudó, y que acometió con seriedad unas reformas estructurales y de modernización de las estructuras del deporte que, en su mayoría, siguen teniendo un pleno funcionamiento, habiendo sobrevivido a los diferentes cambios políticos, tanto de los que acaecieron al final de la dictadura, como a los que se suceden durante la transición política, llegando casi intactos a la actualidad. (HIERRO, CARRIZOSA, p.4 www.cafyd.com/HistDeporte/htm/pdf/2-5.pdf)

O sucessor de Elola à frente da DNEFD é Juan Antonio Samaranch que com os poucos recursos financeiros que possuía tentou implementar uma cultura de prática esportiva no país. Esta meta foi forjada a partir da realidade social espanhola que pela grave situação econômica que atravessava, impulsionava as pessoas a terem dois ou mais empregos, obrigando o trabalho em dois turnos, o que ocasionava muito pouco tempo e disposição para a prática esportiva. Além disso, Juan Antonio Samaranch denunciava que o país carecia de espaços esportivos apropriados. Dessa forma, ainda nos finais dos anos 60, uma pequena

parcela da população tinha condições de prática esportiva, principalmente daquelas que careciam de material e infraestrutura adequadas. Tal realidade contribuía para que as pessoas praticassem o esporte espetáculo, ou seja, assistir os grandes eventos esportivos. Samaranch colocou em marcha a campanha “*Contamos contigo*” que tinha como objetivo central a transformação do “*desportista pasivo*” em “*desportista ativo*”.

A campanha “*Contamos contigo*” iniciou em 1967 e durou quatro anos. Foi organizada para despertar a consciência esportiva e sensibilizar a sociedade espanhola da necessidade da prática esportiva. A escassez de instalações, estruturas e meios para a prática esportiva foram as justificativas utilizadas para a realização desta iniciativa, que teve como resultado, segundo Pastor Pradillo (2000), uma “tímida política de construção de instalações esportivas”. Em janeiro de 1969, esta campanha adotou uma outra denominação que foi “*Vive deportivamente*”. Durante os quatro de anos de atuação, a campanha obteve grande apoio da TVE (única rede de televisão da época) com significativas chamadas promocionais e também de autoridades locais. Na última etapa da campanha foi criado o *Troféu Nacional Contamos contigo* para implementar atividades de acesso às práticas esportivas. A campanha contou também com o apoio de importantes meios de comunicação como o jornal ABC, que estabeleceu convênios com a DNEFD, que na época estava sob o comando de Juan Antonio Samaranch. Este jornal publicou durante anos, constantes notícias sobre tal campanha. Com frases de efeito do tipo “MANTENTE EN FORMA” e “VIVE DEPORTIVAMENTE” os agentes do governo espanhol, ao comando de Juan Antonio Samaranch, empreendeu de forma impositiva uma política massificadora em prol da prática esportiva, independente das condições para tanto. Segundo os autores consultados e também os professores entrevistados, esta política fez circular representações múltiplas sobre os benefícios da prática esportiva, dentre elas, a melhoria da saúde, a possibilidade de formação de futuros campeões e uma forma de modernização dos costumes e práticas corporais, haja vista que o movimento de esportivização de práticas sociais, dentre elas as práticas corporais, já se encontrava em franco desenvolvimento na grande maioria dos países europeus.

Apesar da grande divulgação e aceitação popular, a campanha sofre críticas de pessoas que necessitavam trabalhar e estudar ao mesmo tempo, o que lhes impedia de praticar atividades esportivas. De tão emblemático vale a pena reproduzir a cópia fiel do protesto de um aluno:

CONTAMOS CONTIGO

Estudio en una escuela de magisterio en Sevilla, en 2 curso como alumno libre, y tengo que alternar trabajo con estudio, por causa del tipo económico. Este ano He

salido muy bien en los exámenes, pero en educación física se no has exigido uno examen practico muy minucioso y después el teórico que a pesar de haberlo realizado bien han suspendido a muchos alumnos, yo entre ellos. Pensara que me dirijo como protesta porque me han suspendido, pero no es así. Creo que tal cantidad de suspensos en esta asignatura ha sido debido a esta llamada del “Contamos Contigo”, que nosotros que estudiamos y trabajamos a la vez no podemos atender ni atenderemos. ¿Cómo podemos pensar nosotros en hacer deporte si no tenemos ni tiempo para estudiar, pues tenemos que trabajar para ayudar nuestras familias ¿Es tan difícil de comprender esto De esta manera no podrá contar nunca con esta parte de la juventud española, pues nosotros “no contamos con nadie”. Sólo rogamos la creación de clases nocturnas en la Escuela de magisterio en Sevilla. Un alumno. (Jornal ABC, 11 de julio de 1967, Sevilla)

Estes protestos não teriam afetado de forma contundente o desenvolvimento da campanha, mas demarcam as inquietações populares do período, bem como, registram exemplos de apropriações, usos e insatisfações com as políticas para a área.

A segunda produção teórica de Cagigal intitulada Deporte, Pedagogia y Humanismo, que foi lançada em 1966, ou seja, um ano antes da campanha “*Contamos Contigo*”, foi organizada em quatro tópicos a saber: 1) “*Persona y Deporte*”; 2) *Notas para uma Filosofia de la Eucacion Física*; 3) *Psicopedagogia Del Deporte* e 4) “*Deporte y dinamismos sociales*”. Como o próprio autor descreve, este livro é um fruto de suas inserções no mundo do esporte. E vai de “ponencias para congrsos, colabroraciones em revistas o cursos monográficos hasta ensayos periodisticos, charlas e incluso correspondência”. Em sua apresentação do livro o autor agradece ao Serviço de publicações do Comitê Olímpico Espanhol que em meio à valiosa edição de obras técnicas abriu um espaço para sua obra, denominada por ele como “*reflexiva*”. Nas palavras do autor:

La progresiva depuracion de las técnicas facilita el cumplimiento del lema ‘más rápido, más alto, más fuerte’. Pero, así como para le mayor rendimiento efectivo de un músculo en contracción es favorable que le preceda una más cabal relajación, así para que las técnicas favorezcan no sólo al lema olímpico, sino al hombre que a él se entrega, resultará útil que sean emmarcadas en un consciente en un consciente y reflejo humanismo. El deseo de contribuir a ello no ha animado.(CAGIGAL, 1967)

Em razão do interesse desta investigação destaca-se as representações sobre Educação Física e o Esporte. No segundo tópico do livro intitulado “*Notas para uma Filosofia de la Educación Física*”, o autor ressalta que “*Los conceptos deporte e educación física senalan dos mundos distintos, em parte coincidentes, pero que tanto por sus fines como por sus sistemas y por sus mismos orígenes difieren*”. Posto isto o autor vai apresentar suas concepções de Educação Física e Esporte, bem como a parte que ele considera coincidente. Para tanto, ele inicia descrevendo o fenômeno esportivo, a partir da pergunta: O que é esporte? Para dar conta de respondê-la o autor faz uma incursão no que ele denominou de *evolução histórico-cultural* do conceito de esporte. Em duas páginas ele descreve diversos

conceitos encontrados por ele em uma vasta bibliografia e diz que tal diversidade está estritamente relacionada com condicionantes sociais e culturais de cada tempo e sociedade. Cagigal então descreve o que denominou de *os modernos impactos*. O autor enumera então sete grandes movimentos que impactaram de alguma forma o fenômeno esportivo, tais como: o *impacto britânico*, o impacto da *Educação Física* representado na figura dos professores Amorós (Paris), P. H. Ling (Suécia) e L. Jahn (Alemanha), o impacto do *olimpismo coubertiniano*, o *impacto americano*, o impacto do *gigantismo Soviético* e o impacto do *profesionalismo mercantilista*.

Acredita-se imperioso destacar o que o autor escreve sobre os três últimos temas, pois, especula-se que este conteúdo pode ajudar a refletir possíveis relações com o movimento de esportivizações que teria ocorrido em Belo Horizonte (Brasil).

O autor descreve assim o impacto americano:

La juventud agigantada de Norteamérica, descomunal en su geografía, en sus riquezas, en su progreso industrial, en su conquista, en su hipervaloración de número, va a influir de modo notorio desde comienzos de siglo en la valoración vital Del deporte y en la visión deportiva de la vida. Un factor traspasa la vida norteamericana: el record. Allí nacen los bestseller, los records de ventas y producción, la propaganda gigantesca... La medición de una fuerza sobre otra ha encaramado casi al ara de un altar a las cifras récords. Ello mismo ha hecho posible el encumbramiento de determinadas prácticas deportivas, como el boxeo.(CAGIGAL, 1966)

Sobre o gigantismo soviético Cagigal é mais contundente:

Un gigantismo de outro orden más complejo ha envuelto en los últimos lustros la práctica deportiva. Es curioso comprobar cómo el socialismo ruso ha encontrado en el momento deportivo contemporáneo actual una ocasión favorabilísima para su propaganda política. El progreso industrial, la súper organización presionan sobre el individuo humano, forzándole a un automatismo. El hombre intenta defenderse espontáneamente contra esta automatización, que trae en el fondo su aniquilamiento. Entre los grandes oasis del humanismo encuentra la acción deportiva, y se lanza a ella. No es raro que el deporte sea, por esto, uno de los distintivos de nuestro tiempo. Pero el se alía con otro suceso: estamos también en los tiempos de la propaganda e del sensacionalismo. A una humanidad que instintivamente se abre hacia la actividad deportiva se la puede ofuscar con la impresión de los grandes campeones. Y se montan fábricas de superhombres – que ante una norma de sano humanismo se acercan más a infrahombres. He llegado la gran antropofagia. No importa el individuo. Este no es más que una pieza al servicio de la máquina estatal. ¿Qué será del futuro de tal campeón, de la vejez prematura de estos jóvenes superejercitados? No interesa el mañana de cada individuo, sino el triunfo, sino el triunfo campeónil de hoy; la sugestiva baza política. Lo doloroso de esta antropofagia es el contagio inevitable a otros países. El deporte es uno de los grandes motivos de diálogo en el mundo de hoy entre unas naciones y otras. Como el sensacionalismo y la fuerte impresión mandan, no se puede entablar diálogo decoroso sin campeones. Si no se tienen, es menester fabricarlos. No existe un país en el mundo que no haya sufrido este contagio.(CAGIGAL, 1966)

E em relação ao impacto do “*profesionalismo mercantilista*” sobre o esporte o autor descreve assim:

Como el deporte es en sí espectacular y puede interesar, por consiguiente, a las masas, está expuesto a caer en las sagaces manos del negociante. Este es económicamente más fuerte que el pedagogo, y con su dinero es capaz de comprar muchas cosas: entidades, amigos, prensa... Termina haciéndose con la opinión pública y logra instaurar un tinglado de intereses, que se coronan creando necesidades públicas. En países como Italia, España, Sudamérica, el profesionalismo deportivo ha echado raíces muy gruesas, con largas consecuencias en algunos lugares. Por ejemplo, en España, atrasada en las corrientes deportivo-educativas que hacia lustros estaban vigentes por el resto Europa, el acceso sugestivo del profesionalismo cogió al pueblo inmaduro para asimilar este fenómeno social. Así ocurrió, entre otras cosas, que las minorías intelectuales despreciaron al deporte en bloque, porque, antes de saber de qué se trataba, conocieron una derivación de él. (CAGIGAL, 1966).

Cagigal acredita que mesmo depois de tantas influências culturais, políticas, sociais e pedagógicas sobrevive ainda, uma original realidade esportiva que ele denomina como sendo o jogo competitivo, ou seja, aquele individuo que se organiza para jogar com amigos/as pelo simples desejo de se divertir, conservando a natureza lúdica do esporte, ideia primária da prática esportiva, segundo ele. O autor afirma categoricamente que: ... “*sólo concibo una autentica educación física en su sentido más integral si está entroncada en este gérmen lúdico deportivo.*”

José Maria Cagigal ainda faz uma longa descrição de aspectos positivos da prática esportiva, atribuindo a ela a missão de aliviar nos homens, os grandes males da sociedade moderna, tais como, o sedentarismo, a angústia, o sensacionalismo e principalmente a automatização. Para levar a cabo tal missão a Educação Física foi eleita como a “ciência” responsável por incentivar e ensinar pedagogicamente os esportes. Um bom exemplo de tal entendimento é o trecho retirado desta produção de Cagigal:

Toda ciencia humana integral, singularmente toda ciencia educativa, ha de tener capacidad de encararse con el hombre concreto en su propio tiempo. En el enfoque de una educación física actual no podemos desconocer nuestras realidades. Angustia, sensacionalismo, automatismo y mutilación constituyen los aguafuertes del actual realizarse humano. Si volvemos la mirada al juego deportivo, lo hallaremos rebosante de energías pedagógicas directamente aplicables a nuestra circunstancia humana de hoy.

Es capaz de engendrar alegría, bienestar cenestésico, afirmación del propio yo. Todas estas cualidades pueden librar batalla directa contra la angustia. El juego deportivo brinda muchas posibilidades de contacto directo con la naturaleza, con las cosas simples, con la espontanea riqueza que rebosa la creación. Buena cura todo ello de afanes sensacionalistas, engendrados por los griteríos de la propaganda, exhibicionismos, etc. El juego deportivo es quizás el instrumento en manos del hombre con más posibilidades en la lucha directa contra la automatización. (CAGIGAL, 1967)

Nesta incipiente aproximação com a produção de Cagigal percebe-se a tentativa do autor de diferenciar a Educação Física do Esporte. No entanto, sua obra evidencia que um não deveria viver sem o outro. O Esporte foi tratado de forma abstrata, prática “boa” por si só e que só teria mazelas por causa da ação do homem, que o desvirtua para atender seus interesses econômicos, políticos, dentre outros. A Educação Física seria o principal espaço onde a prática esportiva poderia cumprir sua ação educativa. Observa-se que a formação cristã de Cagigal é uma presença marcante em sua escrita. O Esporte então, teria a grande missão de educar seus praticantes para uma vida de retidão, bem estar físico, psíquico e social. A ludicidade, experimentada na prática esportiva, seria a grande responsável pela conquista de tais aspectos. Aliás, para Cagigal o Esporte para cumprir sua missão educativa deveria carregar então, este princípio orientador. A Educação Física, por sua vez não podia abrir mão desta valiosa prática social.

Assim, os/as professores/as brasileiros que tiveram contato com a obra deste autor espanhol, puderam perceber uma defesa incondicional da prática esportiva para formação dos educandos, o que por certo incentivou ainda mais a apropriação deste conteúdo nos currículos escolares brasileiros.

Retomando os relatos de outros professores/as sobre referências bibliográficas do curso de formação, a professora Lúcia Aparecida enfatiza que o curso não tinha muita fundamentação científica, mas foi o suficiente para prepará-la para o trabalho prático:

Os professores tinham, assim, maior carinho, maior cuidado. Uma preocupação muito grande em passar maior quantidade de informações porque sabiam que a gente estava ali pra ser um multiplicador. Era muito bom. O curso tinha profissionais preparados, voltados pra formar o profissional de Educação Física. Tive muitos bons professores no curso infantil. Não tinha essa preocupação, esse embasamento teórico científico, mas era o que te preparava pra trabalhar. Então foi um curso muito bom o infantil (LÚCIA APARECIDA GUILHERME, Testemunho, 2010).

A professora Elisabete reforça a falta de fundamentação científica do curso e salienta também que foram muito importantes as aulas práticas:

O Atletismo algumas vezes tem algumas teorias assim mais ligadas a prática. O salto com barreiras é feito desse jeito, pepepepe, aquelas coisas. E na ginástica não tinha nada, nenhuma teoria. Nada nem na ginástica, nem na dança, nós não tínhamos nenhum escrito. Era só vivência. Mas que ficou marcado na minha vida. Não podemos ser injustos, não quero dizer que não ficou. Tanto ficou que depois eu estudei mais, me aprofundei e aí tudo que a gente aprende fica (ELISABETE ROSSETE, testemunho, 2010)

Já o professor Wilson Camelier reforça a percepção de que teria sido pequena a produção e circulação de bibliografias, atribuindo ao MEC a responsabilidade de incrementar bibliografias para a área:

Mas naquele tempo ainda era tudo muito precário, então era um livro que você comprava e esse livro era reeditado. Vale dizer que eu não gostava desses livros, pois era uma cópia de algum outro livro entendeu? Então não havia, assim, uma literatura vasta. Nós aprendíamos através dos professores que eram o Elcio Paulineli, o Luis Afonso, o Fernando [Furtado], que foram bons professores na época. O Barbosinha falecido.

Mas não tinha muita bibliografia nesta época. Em [19]70 teve um aumento da Educação Física. De duas passou pra três aulas por semana, aulas no noturno, passou ter aula na faculdade. Eu acho que foi nessa época mesmo. Quer dizer, a Educação Física estava valorizando. Tinha uma revista em quadrinhos era um nomezinho... DEDINHO isso aí. Eles estavam muito motivados, né? Lembro dessa revista, mas eu não cheguei a trabalhar com ela. Eu lia, me emprestavam, mas não me lembro se foi no Estadual Central, se foi na escola da Lagoinha. Depois eu fui pra Escola Técnica em [mil novecentos e] setenta e dois é também eu continuei no Estado. Eu me lembro disso, mas pra mim não influenciou muito não. Eu era mais prático. Gostava de fazer. Eu pegava mexia como o Ataíde e treinava os meninos e tudo mais, o negócio era ali, na quadra.

Olha, o MEC, por causa disso, começou emitir vários livros. Foram feitos pelo MEC, [livros] de Vôlei, de Basquete, de Atletismo, de tudo. Eu tinha muito desses livros. Eles falavam muito assim dos nossos esportes aqui. E comprávamos outros livros, como do Júlio Mazei pra poder aperfeiçoar. Mas o MEC teve influência nesta época da ditadura. Distribuindo vários livros feitos por militar ou alguns professores assim mais famosos. Hoje em dia é que o Esporte está muito mais desenvolvido (WILSON CAMALIER, testemunho, 2010).

Segundo este testemunho, a bibliografia que o professor Wilson teria tido maior contato seria aquela produzida pelo DED/MEC no início da década de 1970: Revista de História em Quadrinhos, Cadernos Técnicos, Cadernos Didáticos, etc. Em minha dissertação de Mestrado, parte desta bibliografia foi examinada e, em síntese, tal material tinha como principal objetivo a divulgação do Esporte, intencionando dois movimentos: o de “*esportivação da sociedade e o de escolarização do Esporte*” (PINTO, 2003).

A professora Marialva lembra-se das apostilas da disciplina de Recreação e de outros materiais que foram doados para a investigação:

A disciplina de Recreação o Barbosinha dava a parte prática e a parte teórica era dada pela Nella para entender como planejar com estas atividades. Eu já conhecia muitos dos brinquedos cantados ensinados, pois eu já havia brincado na minha infância. Mas você aqui a gente aprende a fazer com as crianças é diferente de você praticar o brinquedo. Quando você está fazendo o brinquedo você está obedecendo a ordem, e quando está como professor você está dando a ordem, ou mostrando como joga, o desenvolvimento dos jogos, a parte cultural daquela brincadeira, ou do canto. Tem muita brincadeira aqui no livro que a gente aprendia na rua. Naquela época os meninos eram mais bobinhos.

A gente cria muito, mas estas aulas e apostilas ajudaram bem. Tanto é que eu tenho os livros guardados até hoje. Estou te doando, porque tenho 68 anos e não dá mais. Nem paciência eu tenho para os meninos de hoje. Eu gosto muito da alegria destas brincadeiras. Então eu canto muito com minha neta, ela sabe todas as músicas infantis. E ela aprendeu desde bebê. E eu não esperava que um bebê pegasse a percepção e eu tive essa experiência com ela. Quando eu cantava para ela dormir e quando começou a falar ela começou a cantar. Alecrim, Frei Jacque e com maior facilidade. Ficou gravado que ela tinha uma noção das coisas. Ela brinca com todas. Ela pode até ter esquecido. Mas que agora são outras músicas. E ela cantava todas

numa boa. As minhas filhas até hoje brincam, no natal quando a família encontra, nós brincamos, tudo fundamentado nisto aqui (MARIALVA, Testemunho, 2010).

Apesar das repetidas lembranças dos entrevistados que afirmam não haver bibliografia, e de um acentuado empirismo, identifica-se em algumas lembranças fragmentos de uma dada circulação de bibliografias, tais como: os Métodos Franceses (Método Francês e o Desportivo Generalizado), a produção da Campanha de Esclarecimento Desportivo coordenada pelo DED nos anos de 1970 e o material doado pela professora Marialva.

2.3.1 - Da bibliografia de uma professora de Educação Física em formação: indicação de contatos com leituras, autores, representações...

A professora Marialva cedeu para esta investigação parte do material que adquiriu no curso de formação e que o guardou, pelo visto com muito zelo, pois todos foram encadernados. O material doado corresponde a:

- 1) Uma apostila da disciplina de *Recreação*, cujos autores são os professores Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto;
- 2) Uma apostila de “*Planejamento para cursos pré-primários e primários*” da professora Nella Testa Taranto e do professor Theodomiro Marcellos;
- 3) O livro de Inezil Penna Marinho intitulado “*Educação Física, Recreação – Jogos*” datado de 1957 e que ela considera como sendo a fonte de inspiração da apostila do professor Odilon Barbosa;
- 4) Uma coleção completa de seis volumes, intitulada “*Educação Física Mundial – Técnicas Modernas*” da editora Honor, em sua 6ª edição, datada de 1972. Um detalhe desta coleção é que a primeira edição em português saiu em 1970. E em menos de dois anos ela foi reeditada seis vezes. Um sinal de que tal coleção teria tido alguma circulação no Brasil. Os dois primeiros volumes são de autoria de Kenneth Cooper; o terceiro volume, intitulado “*Ginástica para preguiçosos*”, é de Stephen Huffaker, instrutor de Educação Física da Força Aérea dos E.U.A. O quarto e o quinto volumes, intitulados “*Treinamento de Força*” e “*Treinamento ao ar livre*” são do presidente do Comitê Olímpico Belga e Secretário Geral do Conseil International du Sport Militaire (C.I.S.M), Raoul Mollet, e o sexto e último volume, cujo o título é “*Introdução à Didática de Educação Física*” teve como autor o professor de Educação Física brasileiro Alfredo Gomes de Faria Júnior;

- 5) A coleção de seis revistas de histórias em quadrinhos DEDINHO, elaborada e distribuída pelo Departamento de Educação e Desportos (DED);
- 6) Um caderno de anotações de aulas da professora Marialva.

Apesar de afirmar que ela tinha uma característica de ser mais *prática* e que não era uma professora *intelectualizada*, existem indícios de que estas bibliografias, presentes no mercado bibliográfico e também fornecidas nos cursos de formação, teriam servido de referências para ela. A professora Marialva relata que o professor Odilon Barbosa (Barbosinha) inspirou-se no livro de Inezil Penna Marinho para fazer a apostila da disciplina de *Recreação*, que a teria ajudado muito em suas intervenções escolares no ensino primário. Tal afirmação é reforçada quando identificamos nas cópias de tal apostila vários trechos sublinhados e anotações da aluna Marialva.

Para interesses desta investigação serão destacados apenas três destas produções.

2.3.1.1 - Apostila de Recreação

Observa-se na apostila dos professores Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto que uma inspiração bibliográfica de origem européia. Percebe-se em sua *Apresentação* o entendimento da disciplina *Recreação* como parte de um Sistema Educacional. Ou seja, para que a Educação do aluno fosse ampla, todos os sistemas (*pedagógico, psicológico e biológico*) deveriam funcionar plenamente para se atingir o objetivo de construir “*membros de valor para comunidade*”. É possível extrair desta *Apresentação* a valorização que se faz da “*atividade física*” por ser considerada a única capaz de conhecer o alunado com profundidade. Todo “*educador físico*” deveria conhecer o “*íntimo da criança*”, algo impossível para as demais “*matérias*” (FIGURA I):

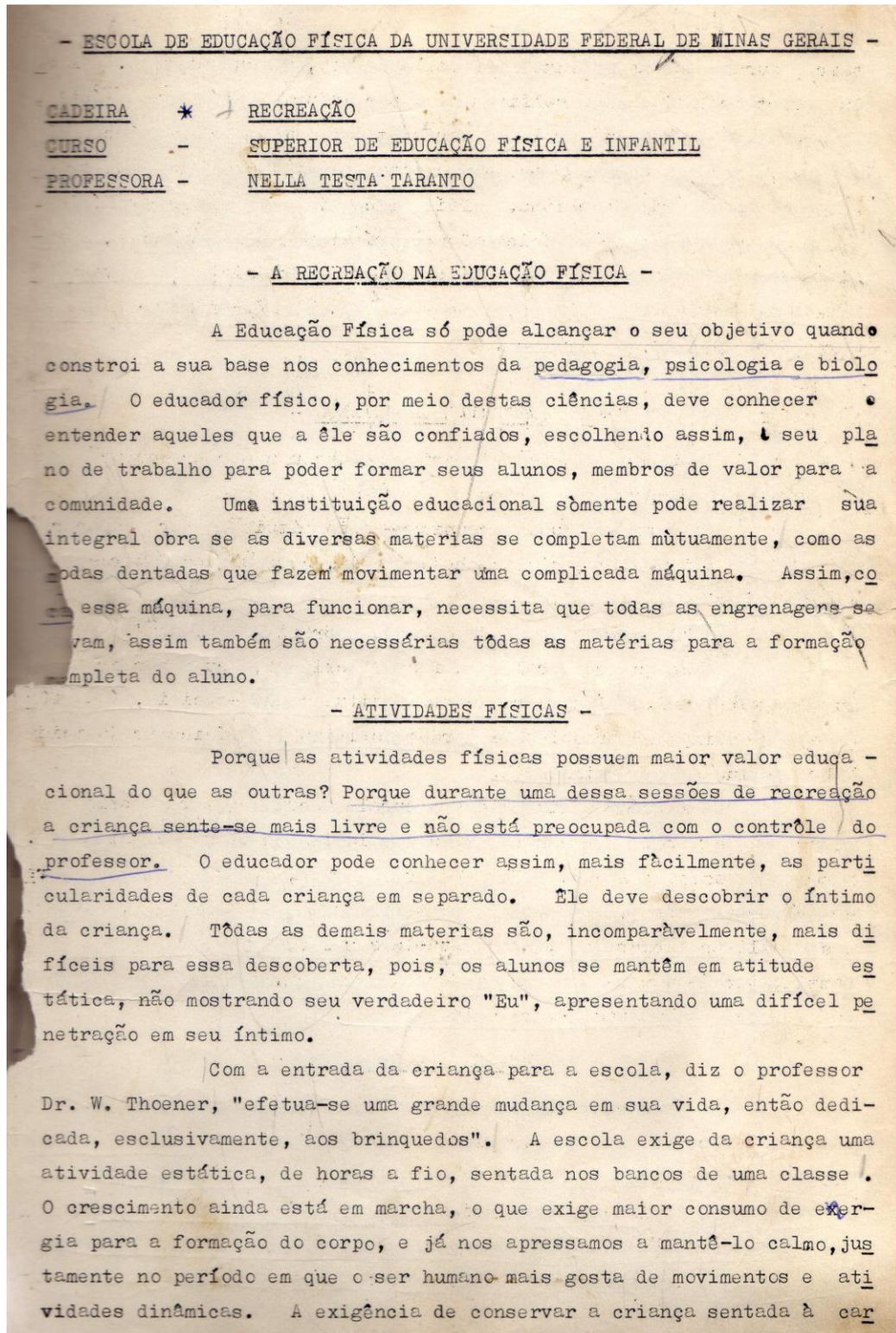


FIGURA I – Apresentação da apostila de Recreação ministrada por Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto, 1969 (Grifos do original).

O texto demonstra, ainda, a preocupação com o desenvolvimento corporal das crianças, citando textualmente o professor Dr. W. Thoener, que atribui à disciplina Educação

Física um caráter compensatório. Ou seja, tal matéria deveria evitar um possível prejuízo corporal em virtude da imobilidade nas aulas de outras disciplinas (FIGURA II):

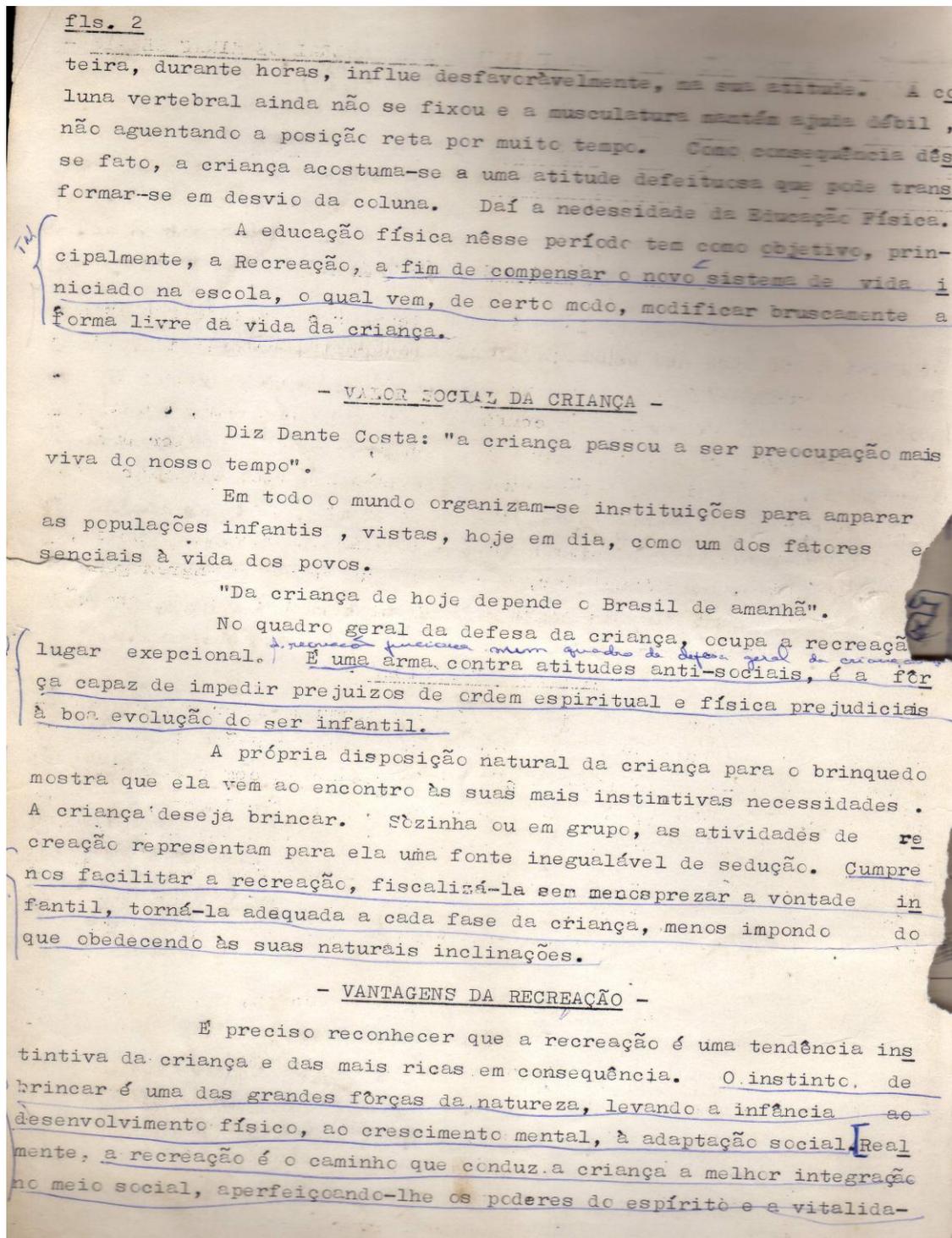


FIGURA II - Apostila de Recreação ministrada por Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto, 1969 (Grifos e anotações do original)

Esta representação de uma disciplina compensatória, tão cara para a área, foi citada com a rubrica de um médico. Importante registrar que este foi um dos aspectos sublinhados pela então aluna Marialva.

Destaca-se no tópico sobre as *Principais Atividades de Recreação* (FIGURA III) a quantidade e a variedade de conteúdos que poderiam e/ou deveriam ser trabalhados. Reparem que tais conteúdos também foram sublinhados por Marialva.

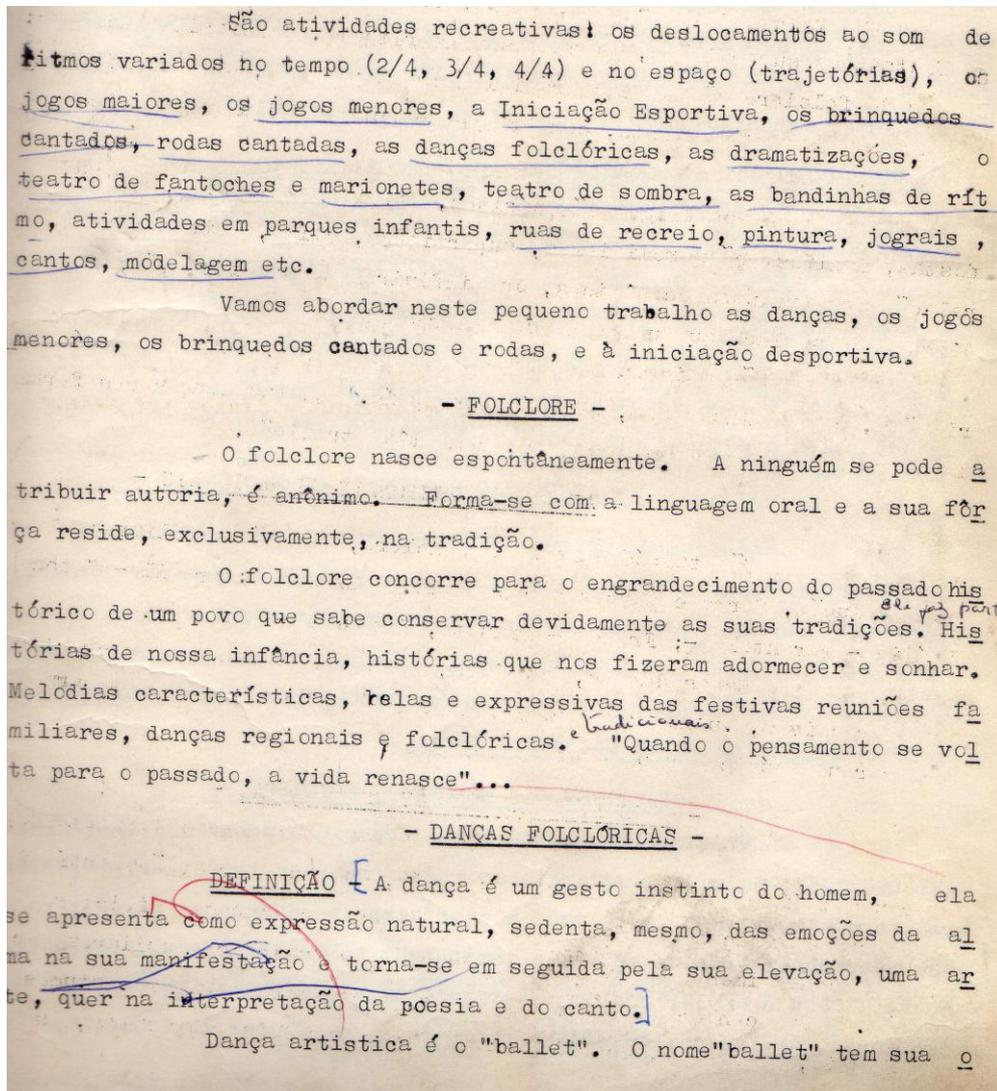


FIGURA III - Apostila de Recreação ministrada por Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto, 1969 (Grifos do original)

Não menos interessante é o tópico que descreve a importância dos Jogos Dirigidos (FIGURA IV) na vida social da criança. Citando a professora alemã Dorle Luck, a apostila indica que o professor de Educação Física deve *saber ser jovem com a juventude*, bem como *transmitir alegria por meio dos exercícios* e participar da aula *alegremente*, escondendo problemas pessoais.

fls. 5

perstições, representando uma parte de civilização humana e dando, por esse meio, uma idéia histórica de sua formação.

Socialmente essas danças fazem conhecer o valor individual e o valor do grupo, como parte integrante de uma nação e sua ligação comum a todos os outros povos. Desenvolvem a disciplina, o ajustamento do grupo à sociedade, razão pela qual as nossas sessões de recreação se iniciam com danças folclóricas.

Sob o ponto de vista recreativo e físico, dão oportunidade a excelentes exercícios de agilidade, flexibilidade e equilíbrio, coordenação muscular, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a graça e a harmonia do corpo, aquecendo-o como atividade inicial e de maneira agradável à criança (aula recreativa).

- JOGOS DIRIGIDOS - SUA IMPORTÂNCIA NA VIDA DA CRIANÇA -

Diz a professora alemã Dorle Luck: "Aquele que deseja ser professor de Educação Física precisa saber ser jovem com a juventude e deve compreender a alma da criança, pensar e sentir com ela".

Transmitir alegria por meio de exercícios físicos deve ser a mais importante missão para o professor e, por isso, é necessário que ele mesmo participe alegremente da aula, aprendendo a esconder seus próprios desgostos e preocupações. O jogo é alegria e, assim sendo, é uma atividade alegre.

O jogo é o instrumento básico da expressão da vida psíquica da criança. O jogo é uma necessidade instintiva para o aperfeiçoamento físico, mental, como para o ajustamento social da criança. O jogo educa a criança porque é a forma pela qual ela toma contato com o seu ambiente, a ele reage e se adapta.

- CLASSIFICAÇÃO DOS JOGOS DIRIGIDOS -

DIVISÃO DOS JOGOS: Os autores classificam os jogos infantis sob diferentes critérios. KARL GROOS divide os jogos segundo o critério individual que são experimentais e coletivos, que tendem a despertar as tendências sociais. Graças aos jogos individuais, a criança desenvolve as atividades gerais e, graças aos jogos sociais, que são superiores de jogo, a criança dá expressão às atividades especiais.

- JOGOS EXPERIMENTAIS -

1º - de caráter sensorial: Visuais, auditivos, gustativos, olfativos e tácteis.

FIGURA IV - Apostila de Recreação ministrada por Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto, 1969 (Grifos do original)

Observa-se que a centralidade do processo educativo na criança, como forma de protegê-la a qualquer custo e em todos os aspectos, indica que estilhaços do ideário escolanovista ainda continuavam a impactar pensamentos de professores.

Os/as professores/as autores da apostila anunciam a presença do tema de “*Iniciação Desportiva*” (FIGURA V) no programa de Recreação, indicando a faixa etária na qual deveria se iniciar tal tema, e a importância de sua inclusão no programa para consolidar práticas esportivas no costume diário e por todas as fases da vida:

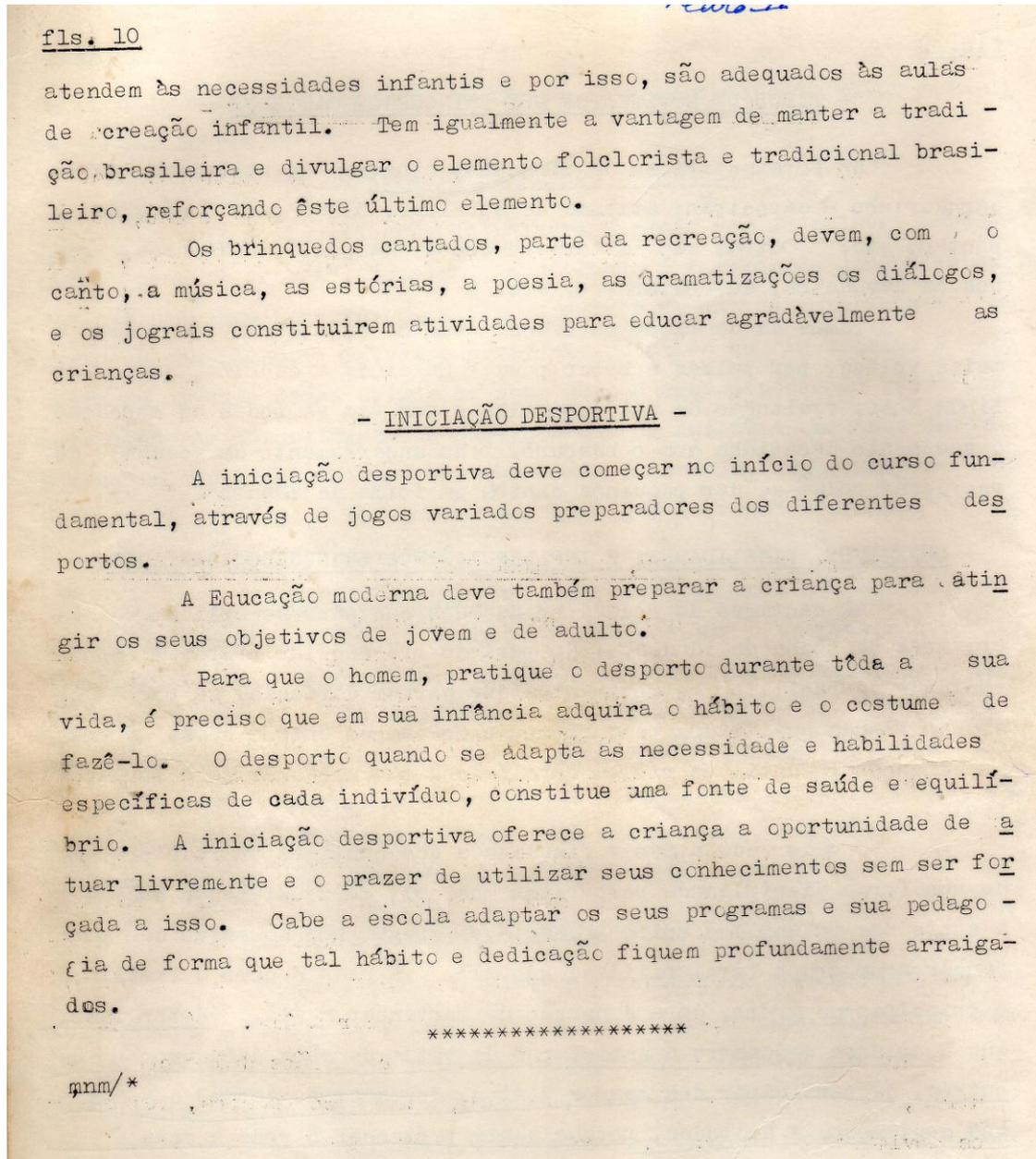


FIGURA V - Apostila de Recreação ministrada por Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto, 1969

Eles destacam que a presença de tal tema acontece em virtude da inclusão desta nova modalidade nos currículos europeus (FIGURA VI):

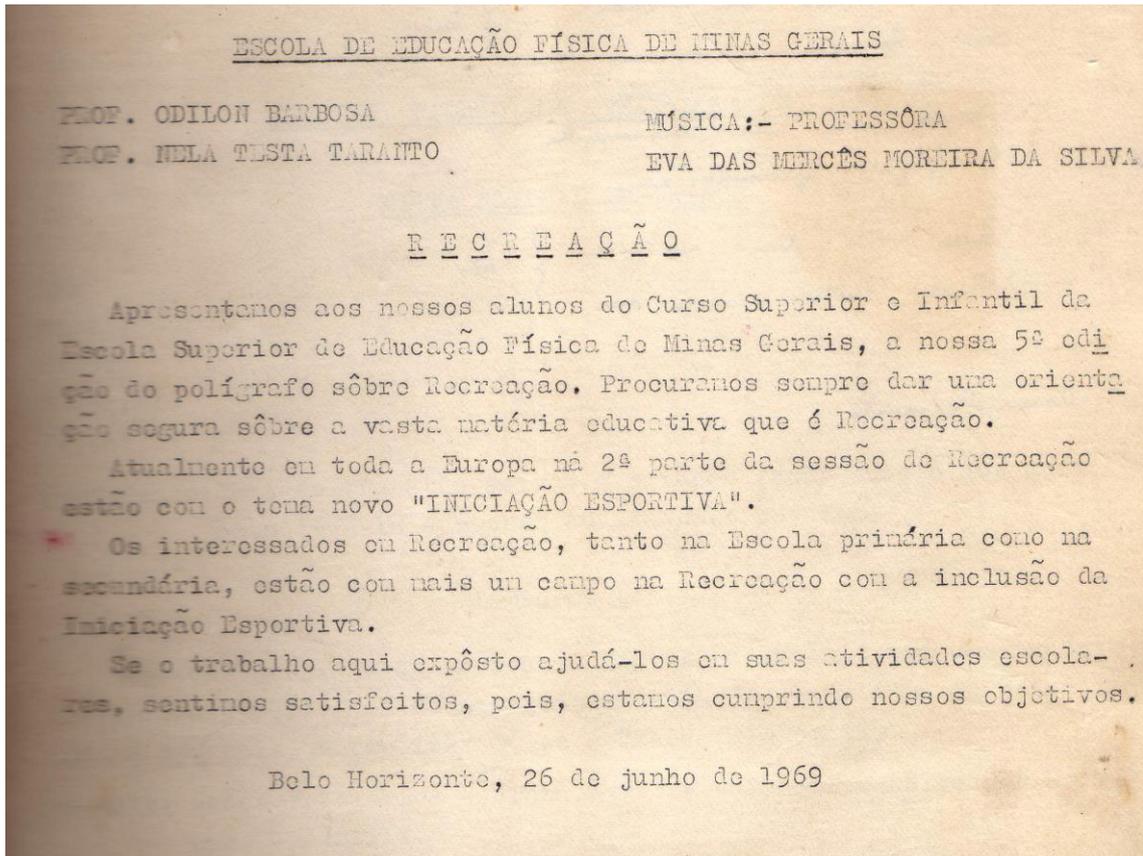


FIGURA VI - Apostila de Recreação ministrada por Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto, 1969

Ressalta-se que os autores descrevem que é aquela é a 5ª edição da apostila. Considerando a data do documento (1969) e que aquele era um curso semestral, o tema tratado data, pelo menos, de 1967. Considerando-se um curso anual, os conteúdos de tal apostila estariam sendo discutidos desde 1964. O que reforça o argumento de que o movimento de *esportivização* da área é bem anterior à década de 1970.

Na descrição do tema *Iniciação Desportiva* há uma indicação de que tais práticas devem ser ministradas a partir do ensino fundamental, ou seja, a partir dos 10 anos de idade, por meio de jogos preparadores. A justificativa para se ministrar tal conteúdo é que o Esporte seria fonte de saúde e equilíbrio, quando adaptado às necessidades e habilidades de cada indivíduo, e que permitiria aos alunos/as atuarem com prazer e de forma livre para exercitar seus conhecimentos. Esta é a evidência de um movimento de colonização que o fenômeno esportivo parece incrementar sobre os demais temas, como no caso da Recreação. Destaca-se a variedade de argumentos utilizados para atingir tal intento. Além disso, a indicação de sua entrada a partir de uma determinada idade, pois antes dos dez anos não seria possível um aprendizado real, parece configurar um dado modelo de progressão pedagógica.

E para organização da aula com os dados conteúdos da Recreação, os autores indicam o denominado “*Método Natural Austríaco*” (FIGURA VII):

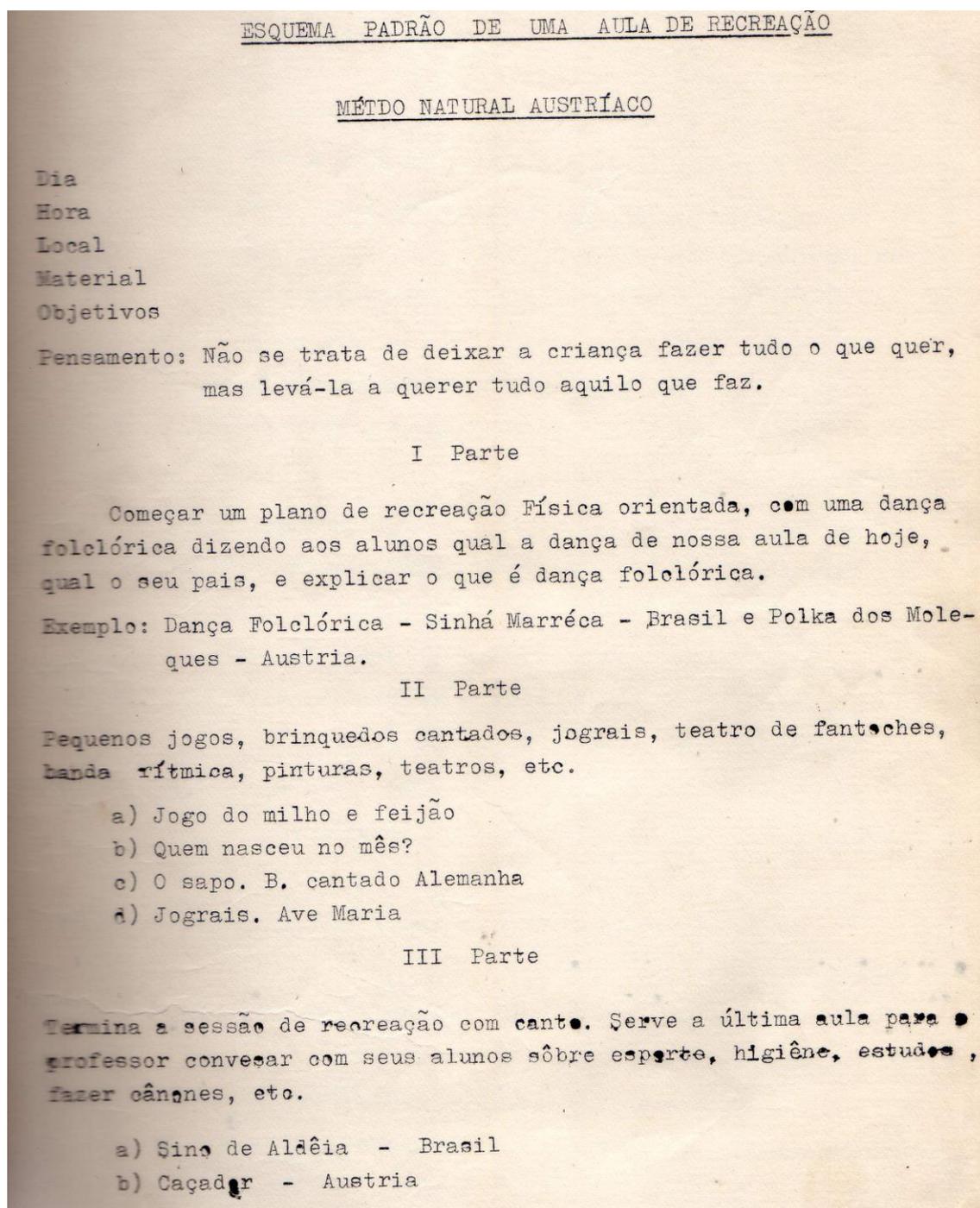


FIGURA VII - Apostila de Recreação ministrada por Odilon Barbosa e Nella Testa Taranto, 1969.

A análise desta apostila nos permite especular que existiam, sim, bibliografias sobre conteúdos e métodos de Educação Física. Todavia, elas parecem não estar ao alcance dos/as alunos/as, seja por motivos financeiros, seja por questões de pequenas tiragens, etc. De qualquer forma, elas fizeram parte da formação destes/as professores/as, à medida que em foram utilizadas para elaboração de apostilas. É evidente que os conteúdos de tais

bibliografias, ao serem pinçados para comporem outro material, perdem seu caráter original, correndo o risco, inclusive, de terem seus sentidos alterados. Todavia, de forma indireta, alguns dos conteúdos destas bibliografias se fizeram presentes na formação destes professores/as, e provavelmente teriam influenciado a intervenção profissional de alguns deles/as. No caso desta apostila, é evidente a influência estrangeira, de origem européia, tanto no que se refere ao método proposto, como o novo conteúdo da Recreação. Nas palavras de seus autores: “*Atualmente em toda a Europa na 2ª parte da sessão de Recreação estão com o tema novo a Iniciação Esportiva*”.

2.3.1.2 - O 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”

Em outra bibliografia doada pela professora Marialva, o volume 6 da coleção “*Educação Física Mundial – Técnicas Modernas*”, cujo o autor é o professor de Educação Física Alfredo Gomes de Faria Junior, encontram-se indícios de como deveria ser a Educação Física e o professor desta disciplina. Um detalhe deste volume é que uma edição foi realizada pela então Divisão de Educação Física (DEF), em maio de 1969, com a indicação especial de ser uma distribuição gratuita para os “especializados”. O editor responsável pelo programa de publicações deste órgão do MEC foi o professor Lamartine Pereira da Costa, que no mesmo mês e ano constituiu a comissão para realização do “*Diagnóstico de Educação Física/Desportos n Brasil*”. Tal pesquisa foi realizada nos anos de 1969 e 1970 e publicada em 1971, quando tal professor já não fazia mais parte da equipe do DED, órgão que substituiu a DEF. No 6º volume da coleção, aparece uma nota dos editores e um prefácio de Lamartine Pereira da Costa, conteúdos ausentes na edição produzida pela DEF, em 1969.

O professor autor deste volume licenciou-se em Educação Física (Universidade Federal do Rio de Janeiro -1962) e em Pedagogia (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Rio de Janeiro -1967). Na época do lançamento deste volume ele encontrava-se no fim de seu mestrado em Educação na PUC/RJ. Destacam-se nas páginas (Figs. VIII e IX) as indicações do autor sobre as qualidades indispensáveis para um Professor de Educação Física e a necessidade de se possuir uma cultura geral para dialogar de igual para igual com professores de outras áreas:

Aptidões Específicas para o Trabalho Docente

“As aptidões específicas são atributos ou qualidades pessoais que exprimem certa disposição natural ou potencial para um determinado tipo de atividade ou trabalho.”

Estes atributos da personalidade ou qualidades individuais quase sempre completam o quadro da vocação. A capacidade profissional do indivíduo depende, em grande parte, da consonância existente entre vocação e aptidões específicas.

As qualidades indispensáveis ao professor de Educação Física resultam de uma soma de disposições psicofísicas, dentre as quais se destacam:

- saúde e normalidade física;
- postura correta;
- voz audível, firme, agradável e convincente, dicção perfeita;
- domínio do vernáculo — linguagem fluente, simples e objetiva;
- boa visão e audição;
- gesticulação moderada;
- execução regular;
- higidez mental;
- bom humor;
- inteligência;
- boa memória;
- atenção;

56

- gosto pelas atividades físicas;
- naturalidade e desembaraço;
- imaginação, iniciativa, firmeza e perseverança;
- habilidade em criar e conservar boas relações humanas com seus alunos.

Os estudiosos da Didática Hodierna concordam em que as aptidões específicas acima mencionadas são as principais para os professores de Educação Física.

Desenvolveremos, aqui, apenas argumentação sobre uma delas:

— a execução.

A evolução do conceito de Educação Física e a posição desta “prática educativa” nos currículos das escolas modernas tornaram ultrapassada a velha tese de que o professor de Educação Física deve ser primordialmente um excelente executante, dando assim mais importância ao domínio das habilidades físicas. Atualmente, dá-se mais importância à sua formação didático-pedagógica, tornando-se, portanto, mais necessário preparar o professor para que melhor possa compreender o educando, de forma a lidar melhor com seus discípulos (individualmente ou em grupo), e para que busque a formação integral do aluno, e não apenas aspectos de seu desenvolvimento, como o físico, por exemplo.

Isto não significa que o docente abandone por completo o aspecto “execução”. Basta apenas que ele seja capaz de demonstrar com correção as atividades, movimentações ou exercícios que propuser a seus alunos.

É mais importante, à luz da Pedagogia Moderna, que o professor seja mais um educador do que um exímio executante.

FIGURA VIII – Partes das páginas 56 e 57 do 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”, 1972. (Grifos do original)



As atividades de Educação Física são hoje em dia orientadas por elementos habilitados, altamente especializados

René Hubert, em seu “*Traité de Pedagogie*”, exemplifica de forma insofismável: “Um químico pode limitar seu horizonte ao conhecimento da ciência química. Mas um professor de Química não pode fazer o mesmo: o que este tem de manejar não são apenas provetas e alambiques, mas consciências humanas em formação; a sua missão não é a de formar químicos, mas homens que conheçam a Química.”

Assim, vemos quão importante é conhecer bem a nossa especialidade — Educação Física —, mas também o é conhecer o educando cuja aprendizagem vamos dirigir e as técnicas mais apropriadas para bem orientá-lo, através de esmerada e conscienciosa habilitação profissional.

Quando a Didática fala em habilitação profissional, quer referir-se “ao tirocínio teórico e prático das disciplinas que compõem o quadro da moderna Pedagogia.”

As disciplinas pedagógicas comparar-se-iam à estratégia e à tática, para o militar, às ciências físicas e naturais, para o físico, às ciências jurídicas e sociais, para o advogado.

Na habilitação profissional para o magistério da Educação Física distinguimos três aspectos:

— fundamentação pedagógica, onde o candidato desenvolveria um estudo mais ou menos profundo de Filosofia da Educação, de Sociologia Educacional, de História da Educação Física, de Administração Escolar, de Psicologia Educacional e de Psicologia Aplicada à Educação Física;

— fundamentação em assuntos biomédicos, onde o candidato travaria contato com a Anatomia, a Fisiologia e Nutrição, a Cinesiologia, a Fisioterapia e a Traumatologia e os Socorros de Urgência;

— habilitação técnica, em que o aluno, já familiarizado com a problemática educacional e com sólidos conhecimentos de assuntos biomédicos, é iniciado no domínio das técnicas fundamentais da Ginástica e dos Desportos.

Os princípios, as diretrizes, as normas e os critérios práticos de ação, os programas, os métodos e os procedimentos didáticos são estudados, debatidos, experimentados e aplicados pelo aluno sob a orientação dos professores especializados, já habilitados. A Didática Geral e a Didática de Educação Física tomam, então, um papel de destaque até que surge a etapa derradeira da integração do candidato na carreira do magistério através da “prática de ensino”.

A Educação Física passa, assim, do plano teórico para o plano concreto de problemas práticos e imediatos a serem resolvidos pela ação direta do candidato através de seu discernimento e de seus conhecimentos específicos.

Cultura Geral

A escola moderna coloca o professor de Educação Física frente a crianças e adolescentes que estão de posse, através dos mais diversos meios de comunicação — televisão, cinema, rádio, revistas, jornais, etc. —, de um sem-número de informações acerca das mais novas conquistas científicas, culturais e artísticas. O mestre, nos seus diálogos com os jovens, é muitas vezes interpelado sobre acontecimentos de repercussão nacional ou mundial. Faz-se necessário, pois, que ele se encontre preparado para satisfazer, ainda que em linhas gerais, a curiosidade e o interesse dos alunos.

Com isso não se pretende que o professor seja capaz de dar profundas explicações sobre, por exemplo, astronáutica, física nuclear, op-art, política internacional, obras de Bach ou mesmo que mencio-

FIGURA IX – Partes das páginas 58 e 59 do 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”, 1972. (Grifos do original)

É possível perceber também a discussão sobre quão ultrapassado seria o professor que preocupa-se apenas com o ensino técnico, esquecendo-se da formação de “*consciências humanas*”.

Na FIGURA X observa-se a defesa de vários conteúdos necessários a uma boa aula de Educação Física:

A moderna Didática de Educação Física propõe, entretanto, novos rumos a serem seguidos. O reexame e a renovação surgiram em nossa especialidade com bastante atraso, presos que estivemos aos esquemas de pensamento predominantes no século passado. Assim, de conteúdos quase que exclusivamente baseados na biologia, com objetivos especialmente de formação corporal, estruturados num esquema mecanicista e atomista e, portanto, necessariamente analíticos e segmentários, onde o estático predominava sobre o dinâmico, dentro do mais absoluto racionalismo, passamos a selecionar conteúdos que objetivem uma formação global e não exclusivamente física, que atendam aos interesses e às necessidades do educando, que valorizem os aspectos dinâmicos e rítmicos, utilizando-se de formas mais livres, totais e espontâneas.

Os jogos, os desportos, a dança e a ginástica feminina moderna começam, nas modernas escolas, a substituir as clássicas formas de trabalho. A autodisciplina, a solidariedade, o altruísmo, a divisão do trabalho, a maior individualização e ao mesmo tempo a maior socialização do homem podem ser adquiridos no jogo e no desporto “onde a espontaneidade se afirma e a improvisação força a inteligência à atividade”.

Entretanto, para ministrarmos aulas de Educação Física deste tipo, é necessário colocar a inteligência, imaginação e sensibilidade lado a lado com uma excelente formação especializada.

Visto isto, não é o conteúdo que deve ocupar a atenção do moderno professor de Educação Física, mas sim os alunos, quando em contato com estes conteúdos. Os educandos necessitam ser estimulados, orientados e auxiliados nessa aprendizagem. O professor, assim, deixa de ser mero monitor para se tornar um guia ou orientador seguro do processo de aprendizagem de seus discípulos. O ensino, por parte do professor, e a aprendizagem, por parte dos alunos, não são atividades paralelas que tenham nos conteúdos um ponto comum. São atividades complementares e correlatas, com vista a um objetivo comum e unificador. Jamais nos devemos esquecer de que o elemento mais importante na escola é o educando.

FIGURA X – 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”, 1972. (Grifos do original)

Observa-se a variedade de conteúdos propostos por tal obra. Nas páginas posteriores o autor chama a atenção para os cuidados necessários no momento da escolha dos conteúdos e descreve cada um deles. Vejamos nas figuras XI e XII alguns dos princípios que devem ser levados em conta no momento da seleção:

ALGUNS ASPECTOS A CONSIDERAR NA SELEÇÃO DOS CONTEÚDOS

A escolha dos conteúdos que integrarão nosso planejamento deve ser cercada de alguns cuidados especiais, pois que aspectos importantes passam comumente despercebidos nesse momento. Dentre esses aspectos, apresentamos aqui alguns, a título unicamente de exemplo, em que a ordem de apresentação não está relacionada, em absoluto, com a importância dos mesmos.

— Considerar o Sexo do Educando

Considerando o dimorfismo sexual do educando, as atividades escolhidas poderão ser:

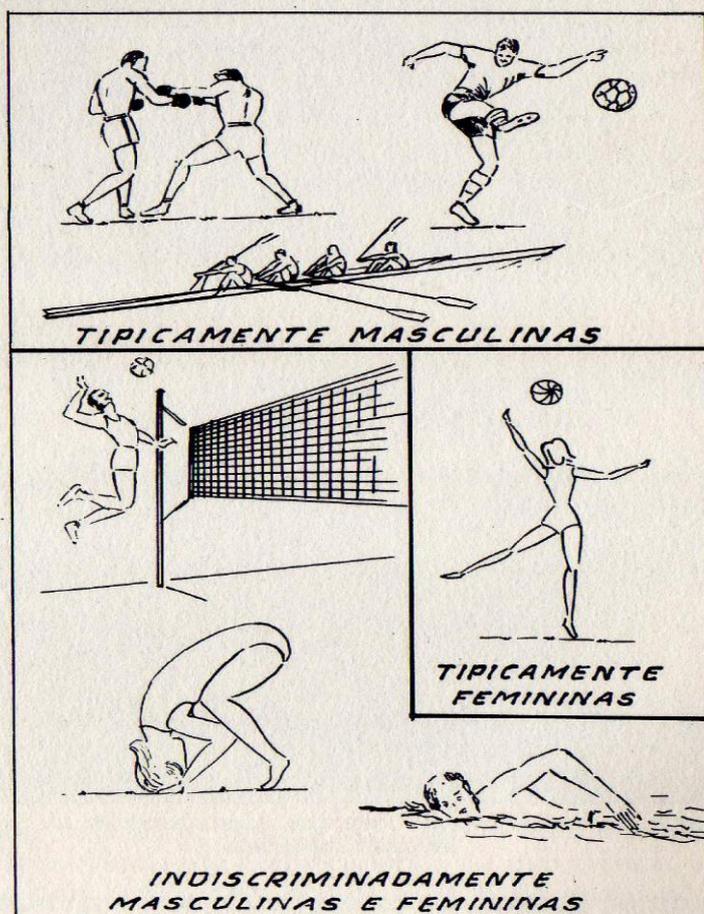


FIGURA XI – 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”, 1972. (Grifos do original)

— A Etapa Evolutiva do Educando

Os conteúdos escolhidos devem corresponder aos interesses e às necessidades da etapa evolutiva em que o educando se encontra, distinguindo-se, assim, atividades:

Indicadas para Crianças



Exemplo: Jogo

Indicadas para Adolescentes



*Exemplo: Desporto
Fase de iniciação*

— As Experiências Anteriores do Educando em Face da Educação Física

Outros importantes aspectos a considerar na seleção dos conteúdos são as experiências anteriores do aluno, quando da prática da Educação Física.

Geralmente, ao ingressar no nível médio é que o educando começa a ter contato com as atividades físicas pela primeira vez. Assim sendo, são necessários alguns cuidados na seleção das atividades, devendo-se começar com atividades simples e fáceis, para, então, mais tarde, torná-las mais difíceis e complexas.

FIGURA XII – 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”, 1972. (Grifos do original)

Este último princípio, o de se levar em consideração as experiências anteriores estaria na lista de vários livros de publicação atual. Em contra partida, observa-se que o primeiro princípio ressalta o caráter sexista das aulas, quando indica seleção de jogos por gênero sexual.

Cabe um destaque na página em que o autor explica sobre os “*Desportos*” ressaltando o valor desta prática corporal (FIGURA XIII):

Os desportos são, dentre os inúmeros agentes da Educação Física, os que mais correspondem aos interesses e às necessidades dos adolescentes e dos adultos.

O desporto atrai, incita à ação, dá noções de divisão do trabalho, desperta o espírito de equipe, conduz ao esforço e à superação, desenvolve a solidariedade e o altruísmo. No desporto, a espontaneidade se afirma e a improvisação conduz a inteligência à atividade.

Desta forma, as atividades desportivas constituem, nas escolas modernas, destacados agentes educativos.

Essa atividade, entretanto, por si só não pode substituir todas as outras usadas pela Educação Física.

Um bom programa para essa “prática educativa” deve conter vários agentes, bem dosados e equilibrados, de forma que todos os objetivos possam vir a ser colimados.



“*Iniciação Desportiva*” — *Basquetebol*

Quanto à aplicação dos desportos a crianças, somente a concebemos sob a forma de uma “iniciação esportiva”.

Esta iniciação deve ser aplicada por volta dos sete anos, quando do ingresso na escola primária, sob a forma de jogo. Essa iniciação assume um duplo caráter — recreativo e formativo — jamais se atendo, somente, à iniciação na parte prática.

FIGURA XIII – 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”, 1972. (Grifos do original)

Destacam-se alguns aspectos de tal trabalho: a preocupação em transmitir conhecimentos sobre organização do trabalho docente em Educação Física, bem como uma visão mais geral sobre Educação e Pedagogia; o exaustivo trabalho de descrição de conteúdos, métodos e planos de cursos voltados para a área; a presença do Esporte agora com a justificativa de que tal conteúdo é de interesse e necessidade dos alunos, ampliando o conjunto de argumentos favoráveis à sua adoção. Sem abandonar as justificativas centradas na atividade em si, ou seja, nas potencialidades da prática esportiva, o autor apresenta argumentos centrados na criança. Percebe-se que tal obra amplia o entendimento de Educação Física, à medida que interpõe conhecimentos de Pedagogia, embora tenha sido também colonizada pelo fenômeno esportivo. Tais características demonstram a coerência do trabalho com o título da coleção. Ou seja, nada mais moderno do que o Esporte como conteúdo da moderna Didática da Educação Física.

Percebe-se que, para o autor, o “Esporte” trabalharia mais os aspectos da personalidade do educando do que propriamente em sua corporeidade. Nas palavras do autor: “O Desporto atrai, incita à ação, dá noções de divisão de trabalho, desperta o espírito, conduz ao esforço, e à superação, desenvolve a solidariedade e o altruísmo. No Desporto, a espontaneidade se afirma e a improvisação conduz a inteligência à atividade”. É evidente a diferença de concepção de esporte e de Educação Física deste professor para as demais, que teriam circulado na época como, por exemplo, a de que o Esporte desenvolve a saúde e melhora a técnica corporal e a Educação Física seria um espaço para seleção de alunos/as com potencial para vir a ser atletas profissionais.

Importante registrar que, aproximando-se do entendimento relatado na apostila de Recreação, o autor ressalta que: “Essa atividade [o esporte], entretanto, por si só não pode substituir todas as outras usadas pela Educação Física. Um bom programa para essa prática educativa deve conter vários agentes [conteúdos] bem dosados e equilibrados, de forma que todos os objetivos possam vir a ser colimados”. Assim, apesar da colonização esportiva, tal conteúdo nunca esteve sozinho e várias foram as recomendações de que um currículo exclusivamente esportivo não seria um bom currículo.

Em seguida o autor apresenta dois métodos de Educação Física que, segundo ele, teriam sido os mais adotados no Brasil, descrevendo sinteticamente princípios, objetivos e apresentando um modelo explicativo de plano de aula de cada um deles (Figs. XIV e XV):

<i>TEMPO</i>	<i>DIVISÃO DA AULA</i>	<i>CONTEÚDOS</i>
5 minutos aproximadamente	I) INTRODUÇÃO	Exercícios de aquecimento e vivificantes — Jogos e Revezamentos com muita movimentação; — Movimentos rápidos de corrida e saltos.
15 a 20 minutos aproximadamente	II) ESCOLA DE MOVIMENTOS E POSTURA OU FORMAÇÃO CORPORAL E EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO.	Exercícios Naturais — movimentos globais ainda que trabalhem mais determinados segmentos; — exercícios de força (empurrar, puxar etc.), agilidade, destreza, equilíbrio, etc. Exercícios feitos individualmente ou em pequenos grupos, em forma de jogo ou não. Com aparelhos, em aparelhos ou sem aparelhos. Preocupação com: o número de repetições, a gradação em dificuldade e intensidade e o ritmo.
20 a 25 minutos aproximadamente	III) HABILIDADE E APLICAÇÃO DESPORTIVA OU PERFORMANCE E HABILIDADE ARTÍSTICA	Aplicação dos valores obtidos ou observados na parte anterior — Ginástica Olímpica (Solo e Aparelhos); — Jogos e Desportos (Atletismo, Andebol, Basquetebol, Voleibol, etc.); — Danças. O conteúdo escolhido obedecerá a um planejamento prévio; assim, um programa que inclua Andebol e Atletismo terá essas duas Unidades didáticas desenvolvidas nesta parte da aula, iniciando-se uma somente após o término do total de aulas dedicadas à outra.
5 minutos aproximadamente	IV) VOLTA À CALMA OU CONCLUSÃO	Atividades calmantes — Jogos calmantes, alegres, sensoriais, mímicos, etc. — Comentários de ordem técnica, tática, moral cívica ou educacional.

FIGURA XIV – 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”, 1972. (Grifos do original)

<i>TEMPO</i>	<i>DIVISÃO DA AULA</i>	<i>CONTEÚDOS</i>
Aproximadamente 5 minutos	I) AQUECIMENTO (Introdução)	— CORRIDAS E MARCHAS EM DIFERENTES ANDAMENTOS
Aproximadamente 10 minutos	II) EXERCÍCIOS DE FLEXIBILIDADE E DESENVOLVIMENTO MUSCULAR	— FLEXIBILIDADE DOS BRAÇOS — EXERCÍCIOS PARA DESENVOLVIMENTO MUSCULAR DOS BRAÇOS — FLEXIBILIDADE DAS PERNAS — EXERCÍCIOS PARA DESENVOLVIMENTO MUSCULAR DAS PERNAS — FLEXIBILIDADE DO TRONCO — EXERCÍCIOS PARA DESENVOLVIMENTO MUSCULAR DO TRONCO (região dorsal, dorso-lombar e abdominal) — EXERCÍCIOS DE EFEITOS GENERALIZADOS — EXERCÍCIOS DE RELAXAMENTO
Aproximadamente 10 minutos	III) EXERCÍCIOS DE AGILIDADE E DE ENERGIA ("CRAN")	— ACROBACIAS ELEMENTARES DE SOLO — EXERCÍCIOS ACROBÁTICOS COM AUXÍLIO E COM COMPANHEIROS — SALTOS ACROBÁTICOS — SALTOS EM APARELHOS — SALTOS SOBRE OBSTÁCULOS — EXERCÍCIOS COM USO DE APARELHOS — EXERCÍCIOS UTILITÁRIOS — NATAÇÃO (mergulho e salvamento)
Aproximadamente 20 minutos	IV) APLICAÇÕES DESPORTIVAS	— DESPORTOS COLETIVOS — DESPORTOS INDIVIDUAIS — DESPORTOS DE ATAQUE E DEFESA (combate) — DANÇA

VOLTA À CALMA

Considerando-se o ritmo da aula, a distância do local da aula para o vestiário, as atividades escolares subseqüentes, a volta à calma se justifica ou não. Não há regra geral estabelecida.

FIGURA XV – 6º volume da coleção “Educação Física Mundial – Técnicas Modernas”, 1972. (Grifos do original)

Observa-se que, nos dois métodos apresentados pelo professor Alfredo Gomes, o Esporte é um dos conteúdos, e não o único. Inclusive no Método Desportiva Generalizada a Dança aparece como um dos conteúdos a ser trabalhado.

Tal referência bibliográfica, guardada pela professora Marialva, indica, portanto, uma Educação Física fundamentada por princípios pedagógicos, sistematizada por segmentos, diversificada de conteúdos (com a predominância dos esportes), preocupada com a formação humanística do educando e que para tanto um professor de Educação Física teria que ter uma formação equilibrada entre as disciplinas de *fundamentação pedagógica*, tais como: Filosofia da Educação, Sociologia Educacional, História da Educação Física, Administração Escolar, Psicologia Educacional e Psicologia Aplicada à Educação Física; de *fundamentação biomédica*: Anatomia, Fisiologia, Nutrição, Cinesiologia, Fisioterapia, Traumatologia e Socorros de urgência e por fim e também por último a *habilitação técnica*: domínios das técnicas fundamentais de Ginástica e dos Desportos.

2.3.1.3 - Materiais da Campanha de Esclarecimento Esportivo do DED/MEC

Como parte do material adquirido durante a formação da professora Marialva estão os Cadernos Técnicos e Didáticos e os seis volumes da Revista de História em Quadrinhos DEDINHO, todos eles encadernados. Importante registrar que, além da professora Marialva, os professores Reginaldo, Wilson e Guido mencionam que tiveram contato com as revistas, estes últimos já no momento da intervenção profissional. Os dois primeiros alegam que não só usaram como também incentivaram outros professores a usarem tal material em suas aulas.

Mesmo tendo sido investigados em minha dissertação de mestrado, faz-se interessante retomar alguns aspectos pertinentes ao tema em questão, principalmente sobre a relação Educação Física e Esporte, no sentido de mapear os conteúdos presentes na formação desta professora.

Como se pode observar, as revistas de histórias em quadrinhos foram as que mais marcaram as reminiscências destes professores/as. Mesmo aqueles que não a usaram alegaram conhecê-las. Em síntese, tais revistas pretendiam incentivar a prática esportiva utilizando um formato que atraísse os mais diversos públicos.

[...] a *RHQ Dedinho* foi suporte para disseminação de inúmeras representações de esporte: ele era sempre a possibilidade de ordenação e de regulação de práticas. Tudo nele era desejável: produzia a ordem, melhorava a saúde, difundia bons hábitos. Uma prática ‘naturalmente positiva’ para a vida. Assim produzido e representado, da capa principal à quarta capa de todos os seis números da revista seus autores e produtores incluíram informações e mensagens de incentivo à sua prática, por meio das personagens, das falas, de informações técnicas e também das imagens. A característica peculiar da revista de combinar imagem e texto, e a opção em utilizar fotografias na quarta capa, potencializaram a recepção das informações, pois misturaram-se dois códigos de naturezas diversas – o desenho, sinal de fantasia,

e a fotografia, que sugere uma pretensa realidade –, indicando a possibilidade de transformar um pelo outro.

Na revista, o esporte foi incentivado como prática ‘naturalmente positiva’. Positividade reforçada com freqüentes comparações com a vida, com a busca da boa saúde, com a cultura. Além disso, a prática esportiva foi incentivada como sendo capaz de promover o fortalecimento e embelezamento físicos (mas a referência é sempre para os meninos), o que poderia trazer reconhecimento... Diante de tamanho apelo, seria mesmo difícil às crianças não experimentar, não praticar esportes, não ‘suar a camisa’... Tornar o esporte algo irresistível para as crianças, tal foi, em síntese, uma pretensão do DED/MEC com a circulação da *RHQ Dedinho*. Aqui, o referido movimento de esportivização da sociedade aparece em um recorte mais específico: a revista quer forjar uma esportivização das práticas corporais da infância. Isso pode ser percebido nos enredos das histórias: elas se iniciam com alguma brincadeira em que as crianças estão envolvidas e, na seqüência, Dedinho propõe que realizem um determinado esporte, sugerindo a substituição de uma pela outra. As histórias sugeriram, por meio das imagens e dos enredos, a prática de esportes no tempo livre das crianças e dos adolescentes, revelando a preocupação com os momentos de lazer dos escolares (PINTO, 2003).

Diferentemente do que teriam indicado outras referências bibliográficas sobre o uso do Esporte pela comunidade acadêmica, as revistas são bem mais enfáticas sobre os benefícios da prática esportiva e sobre a necessidade de serem praticadas por todos/as (crianças, jovens e adultos). As capas das revistas (FIGURA XVI) bem como seus conteúdos e imagens internas são representativos da ênfase dada ao Esporte,.

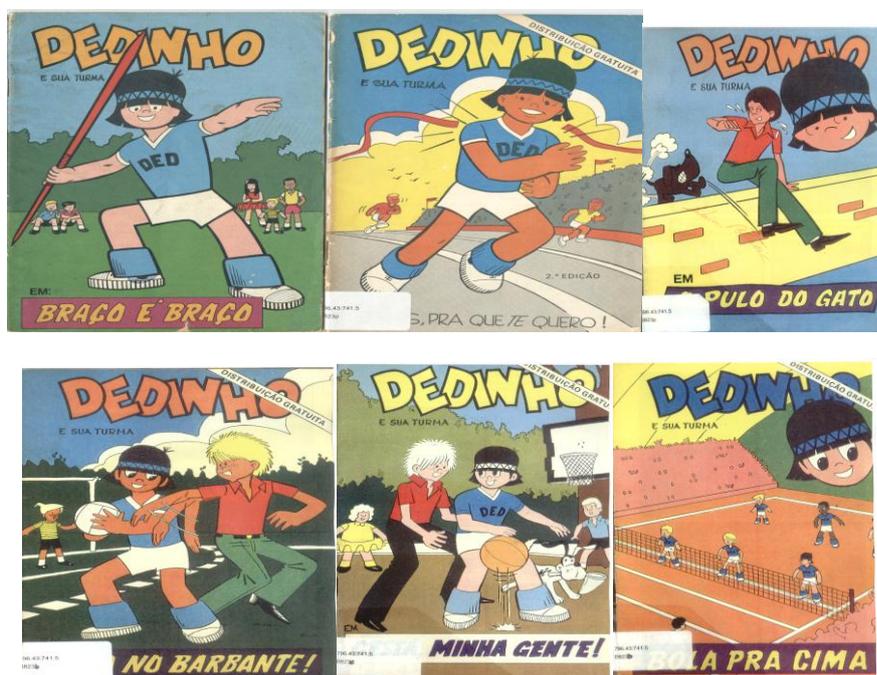


FIGURA XVI – Capas das Revistas de Histórias em Quadrinhos DEDINHO.

Fonte: Dissertação de Mestrado de Joelcio Fernandes Pinto (2003).

A bibliografia de Marialva nos dá indícios do que uma professora em formação profissional leu, comprou, guardou, usou e recebeu durante o curso para atuar na área de Educação Física, naquela época. Como já anunciado, o propósito não foi analisar propriamente tais obras. A intenção foi mostrar parte de um conjunto de obras e suas respectivas indicações de conteúdos, métodos e representações de Educação Física e Esporte, que se fizeram presentes na etapa de formação destes professores. Tal movimento evidenciou que, para a maioria dos/as professores/as entrevistados/as, a ambiência acadêmica teria sido de uma Educação Física esportivizada.

O conjunto de fontes orais e de referências bibliográficas aqui apresentadas nos permite argumentar que a formação profissional superior em Educação Física na EEFMG, nas décadas de 1950 e 1960 teria sido influenciada por vários agentes, tais como: oficiais militares, técnicos esportivos, e educadores. Tais agentes, por sua vez, possuíam representações de Esporte e Educação Física diversas. Percebe-se uma forte influência militarista que teria visto na Educação Física um espaço e momento de difundir idéias de disciplina, hierarquia e ordem, por meio da atividade física. Para tanto, os militares teriam incentivado na Escola de Educação Física, principalmente no período da ditadura, por exemplo: o hasteamento semanal da bandeira nacional, os exercícios de Ginástica, e atividades esportivas, principalmente o Atletismo para os alunos do sexo masculino, e para as alunas, a Dança e o Ritmo. A ascensão dos militares à Escola de Educação Física teria acontecido em função de apadrinhamentos políticos e do baixo número de professores com formação em Educação Física, em Minas Gerais na década de 1950.

Os professores que atuavam também como técnicos em clubes teriam influenciado na afirmação do Esporte como conteúdo hegemônico do currículo deste período, com forte preocupação com o ensino técnico de tais atividades. Uma política educacional nacional, liderada pelos militares a partir da ditadura com parceria estrangeira (norte-americana) teria reforçado tais concepções, corroborando para uma tendência de apoio ao ensino técnico.

Nota-se, todavia, que alguns professores/as de Educação Física iniciaram um movimento de incrementar no curso a preocupação com uma formação humanística. Disseminando por meio de apostilas de aulas e livros de distribuição nacional um entendimento de Educação Física mais ampliado fundamentado em uma formação humana diversificada de conteúdos, sistematizada por faixa etária, e também sexista. Este movimento pontual de professores/as, que talvez não soubessem da existência um do outro, previa para os alunos do primário a Recreação com Brinquedos cantados, Jogos, Teatro de Fantoches, Danças Folclóricas e Ritmos variados. Para os/as alunos/as da 5ª série em diante, a Ginástica,

a iniciação esportiva com os jogos preparadores e a dança e para as séries maiores a especialização esportiva. Percebe-se uma constituição, nas décadas de 1960 e 1970, de um “desenho” de currículo para a Educação Física que ia se confirmando e que mais tarde acabaria por se afirmar.

Podemos identificar nesta ambiência pedagógica influências políticas da Ditadura Militar na direção do currículo e de ações pedagógicas. Observa-se relações de apoio, submissão e também de resistência a tais influências, confirmando os trabalhos de André Chervel (1990), que indicam o espaço escolar como um lugar de tensão entre o que se planejou acontecer e o que teria realmente ocorrido. É uma evidência de que alunos/as, professores/as e diretores/as estavam em constante relação de apoio e resistência, ora concordando, ora discordando, mas nunca reproduzindo tal e qual foi planejado e/ou pensado. Para além das influências políticas dos professores militares, percebe-se também um caleidoscópio de matrizes teóricas presentes na formação profissional, colonizadas pelo fenômeno esportivo, porém, cada qual com suas premissas.

As circunstâncias sociais e de formação profissional, extraídas das memórias dos/as professores/as, permitem pensar que o Governo Militar na década de 70, não teria inaugurado os movimentos de *esportivização* da Educação Física e de *escolarização* do Esporte, como afirmado por seus agentes e confirmado por uma dada bibliografia. Observa-se que os dois movimentos iniciaram-se em décadas anteriores à instalação da Ditadura Militar. Especula-se que o Regime Militar aproveitou-se, astutamente, destes movimentos que já se desenvolviam, incorporando, em suas políticas, estratégias que os potencializaram e expandiram. Acredita-se, então, que os indícios aqui apresentados parecem exigir uma compreensão de que o fenômeno esportivo teria alcançado e envolvido a formação profissional de diversas maneiras. Não seria o caso então de se pensar no plural? Isto é: houve não uma única *esportivização* da formação, mas distintas e diversas *esportivizações*. Perder o diverso pode levar a uma compreensão empobrecida destes movimentos. Pois, apesar de hegemônico, o Esporte não teria sido o único conteúdo a ser disseminado, e muito menos eram coincidentes as justificativas para sua adesão no processo de escolarização de crianças, adolescentes e jovens.

Diante então de uma ambiência de práticas sociais e acadêmicas *esportivizadas* das mais diversas maneiras, o que as memórias destes professores/as nos revelam de suas práticas profissionais?

CAPÍTULO III

**MEMÓRIAS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES/AS
DE EDUCAÇÃO FÍSICA: esportivizando a Escola, escolarizando o
Esporte.**

Os meninos precisavam primeiro de educá-los (sic), formá-los, criar hábitos. Então a gente brigava muito com eles. Nós éramos até bastante disciplinadores (JANUÁRIO SHIMIDT DE ANDRADE, Testemunho, 2010).

Então a aula tem que ser uma festa. Uma festa pra mim, uma festa para o aluno que gosta disso (GUIDO AGENOR RODRIGUES, Testemunho, 2010).

O teatro épico é o teatro do herói surrado, o herói não surrado não se eleva à reflexão (BENJAMIM, 1972. In: KONDER, 1999).

Após o exame das memórias sobre a formação dos/as professores/as, passamos agora a observar as memórias que anunciam as condições sócio-políticas, estruturais, materiais e financeiras com as quais os/as professores/as teriam organizado suas aulas e eventos de Educação Física, buscando observar impactos destas condições na escolha de conteúdos, metodologias de ensino e instrumentos de avaliação. A intenção é problematizar as reminiscências sobre o momento de intervenção profissional, em contraste com a ambiência política do período, as condições sociais das escolas nas quais estavam inseridos e a formação profissional e familiar de cada professor/a.

3.1 - Lembranças das condições sócio-políticas, estruturais, materiais e financeiras da intervenção pedagógica

O professor Élcio Paulinelli relembra dois momentos de sua intervenção profissional. O primeiro, quando ainda cursava a formação profissional na EEFMG (1954), atuando com técnico esportivo e, o segundo, como professor concursado da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (1964):

E quando ainda estava fazendo estava o segundo ano do curso o professor Silvio Raso me chamou para trabalhar no SESI. Isso em 1954. Eu fui trabalhar no SESI no setor de Recreação Física. Na época chamava setor de Recreação Física. Tinham três professores na Escola que trabalhavam lá. Era o Silvio Raso, o Ciro Marinho de Paula Mota e o Gil[son] Santana. Infelizmente, todos três já falecidos e outro também que entrou com a gente foi o professor Lincoln Raso, que também já faleceu. Entrou uma turma grande de alunos da Escola vou lembrar alguns – Luis Afonso, o Mário Célsio de Abreu, o Paulo Benigno, o Joel Duque, quem mais? Valter [Luckchal], enfim era uma turma da Escola de Educação Física que foi trabalhar no SESI. Trabalho que o Silvio [Raso] começou a fazer com núcleos infantis em algumas indústrias. Nós, os técnicos de esportes – éramos chamados na época de técnicos de Esportes – tínhamos a função de desenvolver o Esporte, motivando principalmente por meio do Futebol. Eu comecei a trabalhar lá na Fábrica de Tecidos da Cachoeirinha. Lá tinha um campo de Futebol e ali nós começamos a fazer um núcleo infantil de Futebol. Começava com o Futebol. A gente ia com a bola debaixo do braço e a menina vinha atrás. Através disso e neste núcleo infantil da cachoeirinha, eu me recordo bem, eu consegui montar uma equipe de Ginástica de Trampolim, que era o princípio da Ginástica Olímpica hoje. Mas que era uma Ginástica de Trampolim. Montei também uma equipe de Voleibol, por que nós tínhamos também uma quadrinha de terra, uma quadra de Voleibol lá. Então eu tinha um time de Voleibol lá, uma equipe de Ginástica Olímpica e logicamente

uma equipe de Futebol. A equipe de Futebol era o chamarisco. Era o que fazia pra chamar a garotada. Isso foi fins de [19]50 e meados de [19]60. E foi com alguma dificuldade, mas o que a gente ia pedindo de material ia chegando. As condições de quadra e lugar não eram os mais apropriados. Fiquei só no SESI até 1963. Depois fui pra Escola de Educação Física e logo depois eu fui pro América em 1964. Fui Preparador Físico do América em 64 e fomos vice-campeões. Perdemos para o Siderúrgica na final. Depois eu entrei pro Colégio Estadual [E.E. Governador Milton Campos] e depois fiz concurso para o Colégio Municipal [Rede Municipal de Ensino]. No Colégio Estadual eu era contratado. Trabalhei por uns tempos no Colégio Municipal e depois fiz concurso pra escola técnica, o CEFET. Passei e fiquei na Escola Técnica (ÉLCIO PAULINELLI, Testemunho, 2010).

Sendo o professor Élcio formando da primeira turma da EEFMG, após a união dos dois cursos superiores de Educação Física que existia em 1952/53, e tendo em vista o número pequeno de profissionais com formação superior, percebe-se que o professor teria sido convidado ainda na metade do curso para atuar em uma fábrica de tecidos, em virtude de um projeto do SESI. O setor era chamado de Recreação Física e o conteúdo para promover a recreação teria sido Esportes. Tais reminiscências reforçam o movimento de *esportivização* de práticas sociais já anunciado no CAPÍTULO 1. Em outras palavras, crianças que estariam em seus momentos de lazer teriam sido convidadas a se divertirem praticando atividades esportivas. Destaca-se também a pluralidade de espaços nos quais o professor Élcio teria atuado, como por exemplo: fábrica de tecidos, clube de Futebol e Escolas públicas (municipal, estadual e federal):

Com aula de Educação Física a gente fazia uma programação anual. No Colégio Municipal do Salgado Filho... Bom o colégio era um U. Aqui as salas de aula ((demonstração)) ... Aqui portão de saída e entre as salas de aula tinha um espaço que dava um pouco mais... Não, era uma quadra de Voleibol. Não dava nove por dezoito [metros]. Quer dizer era menos do que nove por dezoito, a área que a gente tinha. E dávamos aula lá dois professores eu com o masculino e a professora Marluce com o feminino. Nós dois dávamos aula ali. Então a gente criava muita atividade pra poder num espaço muito exíguo fazer atividades. ((pigarro)) Eu toda vida gostei muito de Ginástica Acrobática. A gente chamava de Ginástica Acrobática, colchão, trampolim, etc. Então eu trabalhava muito com eles com isso. E eles gostavam. Todo menino na Educação Física quer bola então a gente combinava com eles o dia de jogar bola. A Marluce [Gomes] ficava com a metade do tempo e eu com a outra metade do tempo e a gente fazia. Mas os meninos não podiam gritar ((pigarro)) por causa das aulas, era em ordem. Principalmente em tempo de calor os professores tinham que ficar com as portas abertas então se eles comessem a fazer a bagunça que eles faziam de uma pelada de Futebol atrapalharia. Então era proibido falar, quem falava era substituído ((risos)). E a gente fazia, gritou, sai e entra outro. Era uma forma de motivar pra alguma coisa os meninos, porque deixar eles gritarem a gente não podia. Eu usei também uma quadra que tinha lá perto, a 200 ou 250 metros da Escola. Eu levei muitas vezes os meninos pra fazerem aulas lá nessa quadra. O espaço era muito pequeno pra dois professores então eu levava pra esta quadra. Pegava a meninada e levava pra lá. Fazia aula e voltava.

[...] a estrutura que existia era muito rudimentar. O próprio curso que nós fizemos foi muito rudimentar. O esforço nosso individualmente é que foi fazendo com que a gente evoluísse. Mas as precariedades eram grandes, eram muito grandes. E agora o positivo era o entusiasmo, o entusiasmo que a gente tinha, a vontade de fazer, a vontade de realizar era muito grande, era diferente. E eu acho que pela própria

época. Quer dizer o negócio era muito rudimentar e com isso fazia com que a gente empenhasse talvez muito mais do que o pessoal se empenha hoje. Então eu acho que essa é a grande diferença que a gente sente da época é exatamente isso: o valor que a gente dava para a atividade que a gente fazia. Muito mais do que hoje a gente vê. Hoje os meninos recebem pra jogar. E o sujeito vai pra favela tomar cachaça, mexer com drogas. Então eu acho que estes foram os dois momentos diferentes que eu enxergo, assim. Era a precariedade de uma época que fazia com que o entusiasmo fosse o grande motivador a grande alavanca de tudo (ÉLCIO PAULINELLI, Testemunho, 2010).

As lembranças da professora Marluce Gomes, contemporânea de estudos e companheira profissional do professor Élcio na Escola Municipal Salgado Filho, vão ao encontro das lembranças do seu colega e datam também da década de 1960. Mas ela faz algumas alusões à década de 1970:

Olha, quando eu comecei a trabalhar no Colégio Municipal Salgado Filho a gente tinha que fazer um acordo... Tinha que fazer as aulas de acordo com o espaço que nós tínhamos. Você já pensou dar uma aula de Educação Física num espaço que em volta tem aulas de Matemática? E aquele espaço mínimo. Não podia gritar, não podia falar, não podia falar mais alto. Mas a Marluce [falando de si mesma em terceira pessoa] deu um jeitinho e trabalhava com aparelhos, com bancos suecos, uma coisa assim mais moderninha pra época, sabe? Eu sei que de vez em quando eu percebia uns professores que saíam da sala só pra ficar olhando a aula da Marluce. ((risos)). Eu dava rolamento. Essas coisas assim que antes chamavam de Ginástica Acrobática. Então de acordo com o espaço que a gente tinha... Uma aula de Vôlei, por exemplo, era mais difícil pra se dar. Com o número grande de alunos e com o espaço pequeno a gente fazia muita Queimada. Uma das coisas que mais fazíamos era Ginástica mesmo. Ginástica Acrobática e a parte esportiva a gente fazia Vôlei. Ah! Tinham os Jogos Estudantis. Então como eu dava aula lá no Salgado Filho e tinha que fazer inscrição lá em outro lugar. Eu fiz inscrição lá. O Salgado Filho tinha que fazer um desfile, tinha que participar em uma porção de coisas. E treinava as meninas em outros lugares porque não tinha espaço. A parte de Atletismo, de Natação agente pedia emprestado. A gente fazia tudo que podia. Eu sei que como o Colégio São Cristóvão [Escola Municipal São Cristóvão] aqui estava em reforma ele não entrou e o meu diretor ficou bravo comigo – como que eu fui fazer isso? Entrar sem avisá-lo? Aí obrigou a dona Ieda, que era professora do São Cristóvão, a entrar nessa competição. E aí que a coisa ficou feia mesmo, porque pra quem que ele ia torcer pro Salgado Filho ou pro São Cristóvão? ((risos)) Mas aí depois deu tudo certo então nós tínhamos que fazer desfile, quer dizer desfilar. E o Colégio Salgado Filho era um colégio mais simples, com meninas mais tímidas e tudo, não sabia nem desfilar, porque antes a gente fazia desfile era marchando. Era marcha. Hoje nem tem isso mais. ... Eu pensei: como que eu vou fazer com essas meninas com essas mãos assim? Aí eu inventei uma porção de coisas um arco uma bola. Eu sei que nós não fizemos feio no desfile ... Então este é um fato que eu gosto muito de lembrar.

Quando eu vim aqui pro colégio São Cristóvão eu dava aula só pra parte feminina. Então à tarde era só minha. Não dividia o espaço com ninguém. Era mais tranquilo. Depois teve mais de uma professora e tinha um ginásio. Nós dividíamos. O dia em que ela dava Vôlei eu dava Ginástica. Então nós fazíamos um jogo pra não ficar uma confusão. Era desse jeito. Tinha Ginástica, tinha a parte esportiva e ainda tinham os treinamentos. Como no São Cristóvão não tinha piscina levava as meninas lá pro [Colégio] Marconi pra treinar para as competições e às vezes até pro DI [Departamento de Investigação], pra treinar Atletismo. Trabalhávamos muito e com poucas condições. Teve um tempo que melhorou e depois voltou a piorar. No Municipal [Escola Municipal São Cristóvão] tinha um ginásio muito bom, todo material que você pedia o diretor providenciava. Nós tínhamos colchões, bolas, redes, tinha todo o material pra Ginástica e tudo. Então eu acho que aí valeu, mas eu sabia que em outros colégios não tinham e quando não tem a gente tem que ser mais

criativa pra conseguir fazer. Porque eu acho que às vezes nós professores ficamos muito acomodados. Não tem, não faz. Eu falo pelo que eu fiz no Colégio Salgado Filho, o espaço que nós tínhamos que era mais ou menos esse aqui ó ((demonstração)) e tínhamos que dar aula mais ou menos em silêncio ((riso)), pra não atrapalhar as outras aulas e fazíamos e fazíamos. Eu acho que isso depende muito do professor.

Trabalhando na rede Municipal eu recebia um salário melhor do que na Rede Estadual. Mas em ambos o salário era bom mesmo. Hoje eu não sei. Mas que era bom, era. Eu estou até lembrando agora que como eu trabalhava em dois lugares e você tem que ter o tempo de serviço eu comecei primeiro na Educação Física aqui na Universidade [Federal de Minas Gerais]. Depois é que fiz concurso lá pro Municipal. Trabalhei lá durante um tempo levei um tempo da Universidade pra lá e aposentei lá. Completei esse tempo que eu tirei. Repus aqui na Universidade. Eu tenho duas aposentadorias. Teve uma época que realmente a rede Municipal de ensino pagava melhor que a Universidade. Ou mais ou menos, ou igual. Mas a gente trabalhava, viu? Mas trabalhava mesmo. Não tinha esse negócio de enganar, não. Igual a gente vê contar. Rola a bola e deixa pra lá... (MARLUCE GOMES, Testemunho, 2010).

Em tais relatos percebe-se que na década de 1960, nas escolas destes professores, as condições estruturais e materiais teriam sido precárias, quando não inexistentes. Além disso, as memórias indicam uma hierarquia das disciplinas escolares, ou seja, a preocupação e estratégias de professores de Educação Física em não atrapalhar as demais aulas (Matemática, Português, etc.). Assim, a condição material teria imposto algumas limitações ao trabalho docente, tais como: a necessidade de se fazer acordos para que alunos/as fizessem as aulas em silêncio, pois os espaços destinados para as aulas eram improvisados e abaixo das salas de aula. Especula-se que tais situações teriam tornado as aulas menos atraentes e menos seguras, impondo ao professor um esforço ainda maior do exercício profissional, além de seu deslocamento para fora da Escola, em uma tentativa de solucionar o problema da falta de espaço, impelindo-o a utilizar espaços comunitários próximos à Escola. Apesar de relatarmos que as precariedades dos espaços não os impediram de realizarem suas aulas, observa-se que esta situação teria limitado as ações pedagógicas influenciado nas escolhas dos conteúdos, bem como dificultado o trabalho com alguns.

Salienta-se que tais circunstâncias foram consideradas por estes professores obstáculos que necessitavam ser transpostos, e não barreiras impeditivas de suas intervenções. Em suas memórias, o compromisso profissional incentivava a criatividade e a iniciativa necessárias para oferecer aos/as alunos/as a oportunidade de vivências corporais mais diversas, ainda que em situações improvisadas.

No relato da professora Lúcia Aparecida Guilherme encontramos elementos que reforçam a situação precária e improvisada do trabalho docente:

Depois no Educandário Santo Antônio, no bairro Ouro Branco, as aulas eram no tempo mesmo. Se chovesse, você tinha que ter alguma atividade pra dar em sala de aula ou então debaixo da marquise. Lá foi duro, viu!!!! Nossa senhora, um sol à

pino. Só tinha o poste da rede de Voleibol pra esconder do sol. Um vento, uma poeira, mas era, assim, muito sacrifício. Muito sacrifício dar aula de Educação Física naquela época. Trabalhei lá muito tempo. E aí à medida que eu fui melhorando eu fui selecionando. Saí de lá pra pegar, por exemplo, umas aulas no [Colégio] Estadual de Nova Lima. Trabalhava muito ao ar livre. De manhã, de tarde e de noite. Até no sábado. Era de segunda a sábado. A gente trabalhava muito. Era duro, viu!!! (LÚCIA APARECIDA GUILHERME, Testemunho, 2010)

Marcus Taborda de Oliveira (2003) observou situação similar em sua investigação sobre as aulas de Educação Física a partir das memórias de professores de Curitiba, no mesmo período:

A precariedade de condições é transparente nesse depoimento da professora ... não havia local, não havia material, tudo que era possível desenvolver era a corrida. E mais: novamente se manifesta o voluntarismo do professor na busca de condições mínimas ideais para o desenvolvimento do seu trabalho. Afora todas as dificuldades relatadas pelos professores, parece claro que em muitos casos eles não esperavam pelas iniciativas de quem quer que fosse. Imbuídos do compromisso de desenvolver suas atividades de professores lançavam-se a uma série de tarefas que poderiam minimizar os efeitos da falta de recursos para o desenvolvimento de suas aulas. (OLIVEIRA, 2003, p.402)

No entendimento do autor, tais circunstâncias materiais teriam dificultado que professores/as de Curitiba efetivassem o ideário oficial de uma Educação Física *esportivizada*. Em Belo Horizonte, tal situação não teria se repetido com todos/as professores/as, principalmente aqueles que trabalharam no CEFET e na Escola Municipal São Cristovão, como será mostrado nos testemunhos seguintes.

Por sua vez, a questão salarial, embora não seja citada diretamente, é percebida pela quantidade de empregos que os professores Elcio e Marluce teriam assumidos para uma possível composição salarial mais interessante. Os dois trabalharam sempre em no mínimo duas escolas. O Professor Élcio Paulinelli chegou a ter três empregos, situação que deve ter afetado seu desenvolvimento profissional, se caracterizando também como uma condição precária de trabalho docente.

Cabe destacar o relato da professora Marluce sobre as dificuldades encontradas nas relações com as alunas, e a pluralidade de afazeres que ela teria assumido:

Algumas alunas usavam desculpas pra não fazer a aula. Falavam: hoje eu estou menstruada, não posso. Ah não gosto disso, não gosto daquilo. Mas eu tinha uma ascendência muito forte sobre meus alunos, fui uma professora exigente. Eu não fui ruim, fui justa ((risos)). Mas elas gostavam muito de mim, eu era exigente mesmo. Vamos para a aula é fazer aula mesmo. Não vem enganar a Marlucinha, não ((risos)) Tinha uma certa resistência, mas foi pouca. Não tinha assim muita, não. A gente procurava motivar. Mudar o sistema e tudo. Mas acho que valeu. Foi uma época também que começou parecer drogas, então tinham alunas que eu tinha certeza que mexiam e olha há quanto tempo, hein? Eu sei que uma vez eu estava dando uma aula e tinha... nós colocávamos os colchões todos assim ((demonstração)). Essa aluna subiu e ficou lá em cima e não foi fazer aula, então ganhou falta. Aí quando eu vi, eu falei: – fulana desce daí. Ela respondeu: - não, não desço. - Desce sim. E desceu. Ai uma falou assim: – não mexe com ela não, que ela é brava, ela mexe com droga ((risos)). Eu lembro direitinho. Aí eu falei – não tem nada a ver. Tinha aquela

coisa de você resolver o problema. E ela era filha de um colega meu da Educação Física. Aí eu chamei, conversei com o pai. Professor de Educação Física na minha época era tudo, faxineiro, conselheiro ((risos)). Fora de brincadeira. Você chegava tinha dia que tinha que limpar. Saía uma turma, o ambiente estava desorganizado, tinha que arrumar. Essa questão de almoxarifado também de material, sabe! Tudo você tinha que fazer, tudo. Você era enfermeira, às vezes tinha que fazer curativos. Você era conselheira e então acho que a gente fazia de tudo um pouco (MARLUCE GUIMARÃES, Testemunho, 2010)

Observa-se que as condições de trabalho na primeira escola que a professora Marluce atuou não teriam impedido suas intervenções pedagógicas lá. Já na escola com boas condições de trabalho, o comportamento de suas alunas, negando participar das aulas em virtude de problemas particulares, teria sido, sim, um grande limitador. O testemunho exemplifica o que André Chervel (1990) adverte sobre melhoras de condições materiais:

Nada permite afirmar que um súbito melhoramento dos locais, do mobiliário e do material teria modificado substancialmente e duravelmente as normas e as práticas de ensino. O único limite verdadeiro com o qual se depara a liberdade pedagógica do mestre é o grupo de alunos que ele encontra diante de si (CHERVEL, 1990).

O professor Januário, com passagem pela Escola de Oficiais do Exército, rememora suas intervenções na Federação Mineira de Vôlei e principalmente no CEFET, iniciando em meados da década de 1960 e terminando na década de 1970:

Era uma formação realmente que a gente dava. Então trabalhávamos com meninos com um nível um pouco mais baixo, não baixo. Tínhamos aula noturna e então tínhamos todo tipo de aluno. Agressivos, bons e espertos. Então a gente os dominava bastante, porque nós éramos muito unidos. O Gilson [Santana] que era o nosso coordenador, participava muito também. Nós tínhamos os meninos nas mãos. O objetivo era educá-los primeiro com uma formação e segundo para a vida. Trabalhávamos com atividades que mostravam as necessidades. Trabalhávamos com todo tipo de exercício. Os meninos precisavam primeiro de educá-los (sic), formá-los, criar hábitos. Então a gente brigava muito com eles. Nós éramos até bastante disciplinadores. Tinha horário de formação. Saber ouvir, mandar fazer e fazer. Não podia dispersar. Um modo de educar filho, mais ou menos. A gente foi mais disciplinador. O Luís Afonso e o Fernando [Campos Furtado] são desse tipo. E eu não fico pra trás. Então nós três conseguimos unir. A gente era muito unido. No início até enfrentamos, às vezes, alunos rebeldes. Enfrentávamos, assim com violência, com muita firmeza. E eles quietavam. Tinha assim todo tipo de idade. Tinha menino de onze anos, doze anos e tinham os de quatorze, dezessete. Era muito heterogêneo. Nós dividimos, os menores eram com Fernando, os médios eram comigo e maiores com Luis Afonso. Este era um cara muito bom. Esse cara, esse é um senhor. Era bem aceito, a diretora, os demais colegas e outros colégios. Porque a gente fazia um trabalho realmente bom, sério e por muitos anos fomos elogiados por este trabalho. O objetivo era dar condição ao menino, conscientizar que aquilo ali era importante, que aquela Educação Física era importante. Nós ficamos um a dois anos com muito pouco Esporte, porque nós só tínhamos uma quadra e um campo. Mas que não eram muito bons. Depois conseguimos, mais tarde, fazer um ginásio. Isso em 1974.

Sempre tivemos uma quantidade boa de material. A gente sempre conseguia porque era muito bom nosso conceito lá. Nós tínhamos de tudo. Era muito material e com um detalhe também a gente ganhava material do Ministério[MEC]. Porque a gente, eu e o Luís Afonso, também trabalhamos nos JEB's, que eram os Jogos Estudantis Brasileiros, que terminou em 1974, parece. Como nós três, eu, o Luís Afonso e o Elcio fazíamos a organização dos JEB's, então a gente tinha muito bom conceito e

ganhávamos muito material e dos bons. Vinha direto do Ministério pra cá. A gente tinha material bom. Bolas, colchões, muito bons aparelhos de Ginástica. Nós tínhamos tanta coisa a gente era realmente privilegiado. Eu não tenho nenhuma queixa, viu? Muito satisfeito com o que eu fiz. Muito realizado nessa parte. Eu só fui professor de Educação Física em dois lugares: no CEFET e no [Escola] Municipal. Aposentei nos dois. O salário coincidentemente era mais ou menos semelhante um ao outro. Eu acho que em termos de salário era bom. Eu dei conta de criar a família de forma muito tranquila. Era um salário bom. Mas eu tinha dois empregos. O salário era muito bom realmente. Já próximo da aposentadoria é que começaram as greves. E aí o salário da Prefeitura começou a cair em relação ao CEFET. Nos anos setenta o melhor colégio para se trabalhar era o Estadual Central, depois a rede Municipal e depois o CEFET. Creio que as coisas inverteram. Nos anos [de 19]70 era muito bom o colégio Estadual, um senhor colégio o Estadual Central, era um espetáculo.

Eu tenho dois filhos, um de quarenta anos e o outro trinta e oito, tenho também a menina, ou melhor, a mulher, já é casada. Eu realmente reconheço que eu não dei assistência aos meus filhos, eu almoçava todo dia em casa, mas só eu trabalhava. Trabalhava demais, de manhã, tarde e noite. Eu tinha atividade demais da conta dentro da Educação Física. Eu ainda tinha os jogos escolares que eu fiquei doze anos mexendo com os jogos, todo mês de julho. Eu viajava nos jogos escolares. Eu, Luís Afonso, Élcio a gente viajava muito. Eu fui árbitro de Voleibol muito tempo. Depois que me casei em cinquenta e seis eu comecei a largar. E em setenta eu parei de apitar. Mesmo assim no CEFET e no Municipal eu trabalhava muito. Então eu ficava muito pouco com meus filhos em casa. Mas eu gostava do que eu fazia. Eu não fazia por gandaia. Eu não fazia assim obrigado, com má vontade. Eu tinha prazer em fazer. Então eu ia e eu não me queixo. Eu dava assistência, mas era pouca. Dava quando eu tava em casa então eu sempre fui muito assim família, mas ficava muito pouco tempo em casa (JANUÁRIO, testemunho, 2010).

Já em fins da década de 1960 o relato do professor Reginaldo retrata suas intervenções na educação básica, principalmente quando ministrou aulas no CEFET, junto com o professor Januário e o professor Wilson:

Então nós tínhamos aulas de todos os Esportes de formação, de tudo. Então nós tínhamos periodização das aulas. O aluno gostava das aulas. Então nós tínhamos um trabalho de equipe muito bom. Essa equipe do CEFET. Só da escola de Educação Física eram seis professores da escola, todos idealistas. Era uma coisa muito satisfatória porque tinha objetividade, tinha planejamento, tinha organização, tinha execução, tinha envolvimento. A palavra certa chama-se envolvimento. Eu vou te dar um exemplo que aconteceu comigo: em 1968 eu era professor no colégio Estadual [Escola Estadual Gov. Milton Campos], nós não tínhamos bola, não tínhamos nada. A equipe de 68 do colégio Estadual conseguiu ser campeão juvenil de Atletismo, de Futebol, de Futebol de Salão sem ter material. Como é que a gente fazia? Falávamos para os meninos da necessidade que tínhamos e corríamos com os meninos na cidade tudo uniformizadinho, bonitinho. Aquilo ali era uma propaganda para o colégio. Os pais começaram a gostar de ver os filhos fazendo a prática e aí falávamos que nós não podíamos fazer mais porque nós não tínhamos meio. Aí de repente o clube do Vila Nova, por exemplo, tinha uma bola sobrando a gente levava bola de Basquete, bola de Vôlei. E com aquilo você se envolvia e quando há o envolvimento pessoal o retorno é muito maior do que o envolvimento material. Tanto é que hoje nós temos equipes aí no Minas [Tênis Clube] espetacular em termos de material, mas eles tão tendo que importar atletas. Quando tem muito material, quando a coisa é muito sofisticada, há pouco empenho. Isso aí se a gente for olhar por exemplo no Atletismo, por que aquele pessoal da África ganha todas? Se lá não tem material? É porque eles se empenham. O ser humano tem um potencial imensurável, na hora que você quer você consegue. Por que o negro americano é campeão de Basquete? Porque ou ele faz e dá duro, ou então ele vai ser discriminado. Porque lá tem discriminação, sim. Eles podem até falar que não, mas

eu sei que tem. Então é o meio do sujeito subir na vida. O camarada do Atletismo vem do meio pobre, ou ele dá duro e consegue aparecer, ou então ele não vai pra frente. Por que o Paraolímpico está estraçalhando? Porque se você não fizer nada, você vai ficar deitado num hospital. Então ele tem que dá duro pra mostrar que ele tem condição de trabalhar. Que ele tem condição de ser, entre aspas, quase que normal. Porque há um empenho, envolvimento – é aquela história nem sempre o melhor time ganha, por quê? Porque ele entra com salto alto e o outro vem e ele não consegue. No time feminino isso acontece constantemente, às vezes a melhor equipe deixa o outro crescer e depois você não consegue alcançar de jeito nenhum. Porque a outra já tá envolvida e você não consegue derrubar. Então o esporte tem essa vantagem, o ser humano que souber se valorizar ainda consegue um resultado, mesmo sem ter um material bom. A desculpa de material eu acho que é uma desculpa porca.

Em termos salariais, eu trabalhei nos melhores empregos da Educação Física. Que foram o CEFET, o Municipal e a UFMG. E foram bons salários. Mas tudo eu conquistei com muito empenho. Nunca pedi nada a ninguém. Mas eu penso que esse trem de ganhar é muito relativo. Se você é bom você ganha. Pode ter certeza que você ganha. Porque os outros te pagam. A gente não deve pensar individualmente, temos que pensar em termos de grupo. A gente deve pensar em valorização profissional. Eu acho e eu consegui isto. Sou um sujeito que ganho muito mais que preciso, graças a Deus. Porque eu sempre me valorizei e nunca tive que pedir nada. E isso depende muito do envolvimento. Você tem que acreditar naquilo que você faz. Eu, por exemplo, larguei o Banco. Eu era fiel tesoureiro no Banco da Lavoura, [larguei o emprego] pra mexer com Educação Física. Na época, me falaram que eu era doido. E eu pensava primeiro em me realizar. O dinheiro seria consequência. Eu não queria me apegar ao dinheiro. Depois você ganha dinheiro e faz o quê, paga psicóloga para tentar ser feliz? Acho que ninguém deve procurar uma profissão pensando só em dinheiro. Vai atrás da sua capacitação. Mas não é a capacitação de diploma. É de conhecimento.

O professor de Educação Física era um orientador muito escutado. Então era muito importante você conversar com os alunos porque você era a válvula de escape deles. Eles não tinham tanta liberdade em casa, porque era um ensino ainda paternalista. O sistema de ensino era paternalista. Pai mandava, a mãe só falava assim: quando seu pai chegar eu conto os problemas todos. E você vai levar uma surra. Então o professor de Educação Física por estar de calção, estar igual a eles, se tornava válvula de escape pra eles. Eles tinham amizade com a gente. Então isso era importante, você prepará-los, explicar o que ia acontecer. Às vezes havia um envolvimento até de uma educação sociológica ao invés da Educação Física propriamente (REGINALDO, Testemunho, 2010).

Os relatos do professor Wilson Camelier reafirmam as boas condições salariais encontradas no CEFET e também nas escolas da rede municipal de ensino de Belo Horizonte durante as décadas de 1960 e 1970:

Até a década de [19]70 as condições salariais eram boas. No Estado você ganhava bem. Era um bom emprego. Depois foi diminuindo. Na Escola Técnica Federal também quando eu entrei já era valorizado agora que não é mais. Agora no Estado não é bom, é fria. Mas na época você ficava de olho pra entrar numa escola do Estado. A nossa profissão caiu muito.

Mas a gente se esforçava muito. Essa voz assim é de dar aula, é de gritar. Porque você tem que motivar, você tem que vibrar para o jogador acordar, pra ele entrar no jogo. E na aula não é diferente. Uma turma de 40 alunos em uma quadra aberta. Se você não gritar ninguém te escuta e aí você perde o controle. Você vê o professor Fernando [Campos Furtado] tá rouco. O Ataíde também. Aquele do Izabela [Instituto Metodista Izabela Hendrix] tá meio rouco. Quer dizer a maioria isso é aula de Educação Física, é de treinar tudo (WILSON CAMELIER, testemunho, 2010).

Os professores Januário, Reginaldo e Wilson trabalharam juntos no CEFET durante mais de quinze anos, sendo que o primeiro entrou em 1964 e os demais em 1971. Suas memórias indicam que as condições sociais, materiais, estruturais teriam sido boas nesta Escola. Já na Escola Estadual Governador Milton Campos, o professor Reginaldo relata não possuir nenhum material, em fins da década de 1960. Tal situação o teria forçado a criar aulas externas que funcionavam como estratégia de propaganda do trabalho realizado e sensibilizavam a comunidade no sentido de querer ajudar a melhorar aquela condição. Tal movimento lhe rendia doações de bolas e outros materiais. Isto indica que teria existido certa disparidade entre a escola pública federal CEFET e a escola pública estadual Governador Milton Campos. Poderia se pensar que tal disparidade significou que as iniciativas políticas do governo Federal não teriam sido acompanhadas pelas políticas do governo Estadual? Ferindo inclusive o ordenamento legal (Decreto Lei 69450/71) que determinava o espaço necessário para cada aluno? Difícil responder tal questão apenas com as fontes aqui apresentadas. O próprio professor Wilson relata que as quadras da Escola Estadual Gov. Milton Campos (Estadual Central) ficavam repletas de alunos praticando esportes e um número também grande de alunos assistindo tais práticas. Tal escola chegou a ser referência esportiva entre as escolas públicas, indicando um dado acompanhamento da ambiência sócio-política. Todavia, os indícios mostram que tal movimento teria sido mais em função da iniciativa de professores “envolvidos” com a profissão, do que propriamente um apoio do Governo Estadual. Movimento diferente teria ocorrido no CEFET que reuniu o apoio do Governo Federal (Regime Militar) com a iniciativa de professores/as.

Apesar de relatarem que as condições salariais eram boas, percebe-se que mesmo assim tais professores foram impelidos a trabalharem em regime integral, ou seja, manhã, tarde e noite. Exemplar é o relato do professor Januário admitindo sua pouca assistência familiar, pelo fato de não estar muito tempo em casa em virtude de seus compromissos profissionais, inclusive nas férias. Soma-se a este testemunho o relato do professor Wilson, chamando à atenção para o esgotamento de suas cordas vocais em função da exigência profissional e de excesso de trabalho. Apesar de condições de trabalho melhores do que as apresentadas pelos professores Élcio Paulinelli e Marluce Gomes no início da carreira profissional, estes três últimos professores evidenciam que havia condições que ainda necessitavam ser melhoradas, mesmo em uma Escola de destaque como o CEFET. Apesar disso, observa-se que esta Escola teria todas as condições de fazer valer a Educação Física proposta pela política do governo militar e também pelo ordenamento legal da época.

Destaca-se no testemunho do professor Reginaldo o valor dado ao envolvimento individual de professores com a profissão, e também a importância do grupo de trabalho que teria uma mesma forma de pensar a Educação Física. Para este professor, estes dois fatores teriam sido essenciais para o dito sucesso das intervenções pedagógicas na Escola Técnica (CEFET). Este aspecto está também presente no relato do professor Élcio Paulinelli, que atribui esse envolvimento em decorrência da situação rudimentar presente nas Escolas em que ele trabalhou.

Ambos os professores relataram que sabiam “*controlar bem os alunos*”, dando-lhes uma disciplina necessária para a vida social, utilizando para isso a atividade física e o Esporte. Estes relatos evidenciam o uso da Educação Física como meio de controle social dos alunos. Uma faceta da área já denunciada por várias produções bibliográficas.

Em relação à política, nota-se que um professor declarou-se apolítico, rememorando que o regime militar influenciou muito pouco as aulas de Educação Física. Outro relatou que a intervenção dos militares na Educação Física foi muito positiva, e que a área teria se beneficiado com tal regime. Importante ressaltar que ambos professores, bem como o professor Élcio Paulinelli, trabalharam durante anos em duas das ações mais valorizadas do Regime Militar para a Educação Física, os Jogos Escolares Brasileiros (JEB's) e os Jogos Universitários Brasileiros (JUB's). Além disso, o professor Reginaldo salienta que não só utilizou em suas aulas a Revista de História em Quadrinhos DEDINHO como também ajudou a divulgar esta badalada²⁸ ação política do regime militar:

Sobre a Campanha do Governo Federal, a Campanha lá do DED, eu não só mostrava a revista em quadrinhos como distribuía nas horas de intempéries, de chuvas. Nós discutíamos com os alunos. Era uma forma de você ter uma parte teórica e mostrar que existia o envolvimento nacional naquilo que eles estavam aprendendo. Então pro menino do interior, pro menino mais pobre da escola pública aquilo ali era um incentivo. Poxa o governo tá preocupado comigo? Tem até um menino me representando então, tem uma filosofia naquilo – eu tenho aí todos os livros do DEDINHO. Praticamente todo mundo da época gostava das historinhas. Primeiro, porque ela era uma revista em quadrinho e quadrinho naquela época era melhor do que computador. Quer dizer, um modo de simplificar coisas complexas. O Machado de Assis você mandava o menino ler ele não entendia o que ele queria dizer. Agora o DEDINHO ele entendia. Falava a linguagem dele. Então isso em termos de comunicação na época trazia um retorno fantástico. Como o DEDINHO era atleta e mostrava o sujeito fazendo uma série de coisas, eles também queriam fazer aquilo. Foi uma propaganda, um marketing na época moderníssimo. Se nós tivéssemos um computador seria mais fácil. Mas o DEDINHO era uma revista nossa que o Ministério da Educação começou a trabalhar de forma lúdica, era engraçado, era um desenho. A gente fazia concursos pra ver quem conseguia desenhar o DEDINHO passando barreiras. Você teve oportunidade de ser meu aluno [se dirigindo ao entrevistador]. Você lembra que eu desenhava no quadro aqueles calungas. Quase todo ex-aluno meu tem no caderno e quase todos guardavam. E por quê! Porque é uma coisa que você vê que é capaz de fazer e você fazendo, você guarda. Aquilo que

²⁸ Cf. PINTO (2003)

“você vê perde, o que os outros escreveram, foram os outros. Eu tenho certeza que você vai decorar sua tese. Foi você que fez, foi uma produção sua. É o que eu falo do envolvimento, entendeu? Os alunos perguntavam constantemente por que não tinha o Futebol nas revistas. E principalmente Futebol de Salão. Na época estava começando o Futebol de Salão. Agora é Futsal. Mas nós explicávamos que a gente deve incentivar aquilo que a gente não tem oportunidade natural de fazer. Porque você dá uma oportunidade ao menino de variedade então ele tem mais possibilidades. Se um menino é baixinho não adianta querer ensinar pra ele só Basquete. Porque ele vai ser frustrado a vida inteira. Mas de repente se ele vê uma Ginástica Artística que naquela época era Ginástica Olímpica, ele pode ser um grande atleta. Ele vê que ele não é um incapaz, que ele pode servir pra alguma coisa. Ele precisa saber que existem outras práticas. Agora pra isso o professor tem que ter um envolvimento e não receber a revista e simplesmente distribuir. Ele tinha que estudar aquela revista (REGINALDO, testemunho, 2010).

Estes testemunhos trazem indícios de que no CEFET a intervenção pedagógica teria se aproximado bastante do movimento de “*esportivização da Educação Física*”, anunciado na Campanha Nacional de Esclarecimento Desportivo (CNED), conduzida pelo então Departamento de Educação Física e Desporto (DED) e realizada na década de 1970.

Tais circunstâncias nos permitem especular que esta parcela de professores de Educação Física de Belo Horizonte teria se envolvido intensamente na execução de políticas do DED durante aquele momento do Governo Militar, o que nos indica que as iniciativas oficiais teriam chegado, sim, ao chão da escola, pelo menos desta Escola. Embora tais iniciativas tenham chegado às quadras, pistas, corredores e salas desta Escola, percebe-se que a política do Regime Militar teria vindo mais para coroar e confirmar o trabalho que os professores Januário, Reginaldo e Élcio já vinham realizando, do que propriamente provocar alterações profundas. Segundo os depoimentos dos professores, o CEFET já dispunha de uma boa infraestrutura e de um bom quadro de professores. O Ginásio construído em 1974 já era uma antiga reivindicação dos professores. Apesar dos relatos de que os Esportes adentraram no currículo apenas nos anos 1970, na década de 1960 os professores de Educação Física desta Escola já militavam na área esportiva há mais de 10 anos e as justificativas apresentadas para tal inclusão foram as próprias experiências esportivas.

Paradoxalmente, um destes professores, que trabalhou nos Jogos Escolares, declarou-se opositor à Ditadura Militar na Escola de Educação Física de Minas Gerais, principalmente após a sua federalização (1969). Tal fato indica os movimentos de adesão e resistência que professores teriam adotados naquela temporalidade.

Teria sido a *esportivização da Educação Física* tão intensa como pretendiam as políticas desenvolvidas pelo Governo Federal, para a área?

A professora Maria Helena relata suas dificuldades materiais para exercer a profissão docente em uma escola estadual em Sete Lagoas/MG, e também sua rebeldia na

relação com professores homens no CEFET, anunciando uma dada diferença no relacionamento com as alunas:

Eu trabalhava no colégio Estadual de Sete Lagoas, tenho até umas coisas ali pra te mostrar [dirigindo-se ao autor da pesquisa], que na época a gente não tinha estrutura nenhuma. Nada, nada e nada. O colégio tinha uma quadra no meio de todas as turmas, onde a gente não podia nem dar aula lá, porque não podia fazer barulho. Então eu dava aula na Praça de Esportes que na época era um campo de cimento. Eu estava muito entusiasmada, recém-formada, fiz um grupo de balizas. Depois elas foram participar da Seleção Mineira de Ginástica Olímpica. Na época eu treinava essas meninas na terra, no cimento. Eu tinha muito medo de cair e machucar, mas era o que tinha, ou seja, condição nenhuma. A gente não tinha uma bola, uma rede. Trabalhava por entusiasmo mesmo, por idealismo. Isso no início de [19]70. Aí, eu consegui formar uma equipe de Ginástica Olímpica e nós participamos de um desfile do Torneio da Primavera em Belo Horizonte. E foi um desfile maravilhoso na época. Tinha o Estado de Minas [que] promovia esse Torneio da Primavera. Então era uma disputa ferrenha entre os colégios de Belo Horizonte e eu consegui levar trezentas meninas daqui, com duas pessoas dirigindo. O professor Meireles [professor da escola] e eu. Pergunta quantos problemas nós tivemos? Nem meio, nem um, nem um. As meninas estavam assim entusiasmadíssimas na época eu acho que elas nunca tinham visto isso. Adolescentes, todas entusiasmadas, as mães colaboraram com tudo, faziam roupas maravilhosas. O colégio não tinha dinheiro nenhum, mas as mães se sacrificavam pra fazer as roupas e assistir. Foi a grande glória na minha vida e infelizmente todas as alunas e eu, até hoje, sentimos por ter ficado em segundo lugar. Lamentavelmente, mas nós merecíamos o primeiro, com certeza. E eu tenho contato com essas minhas ex-alunas até hoje. Uma é minha advogada, outra é minha gerente de banco, e outra é minha psicóloga. Essa amizade nossa ficou até hoje, de tão bonito que foi esse trabalho. E quando foi em 1971, eu fiz um concurso no CEFET. Passei no CEFET, aí eu trabalhava meio período aqui [na UFMG] e meio lá. De manhã aula na Escola Estadual de Sete Lagoas e de tarde no CEFET de Belo Horizonte. Imagina essa estrada sem pista dupla que tem hoje, enfrentando caminhão e muito trânsito. Ia de carro, comprei um fusquinha e nessa época aí, essas meninas (eu tinha quatro alunas) já participavam da Seleção Mineira. Eu ia com elas, levava pra treinar. Quando tinha algum evento levava comigo, pra não dormir na estrada, pois eu ficava muito cansada. Depois eu fiquei só no CEFET.

Eu sempre fui muito rebelde e mesmo no CEFET eu tinha umas atitudes que os coordenadores da época não aprovavam, por exemplo, eu era muito amiga dos meus alunos, então eu já tive casos assim delas estarem assim com problemas seriíssimos e me pedir ajuda. Elas pediam – Vai lá em casa hoje. E eu ia, e realmente era um problema sério que eu ajudava resolver e então na hora que eu terminava minha aula as meninas falavam – vão tomar uma cervejinha, ali? Eu ia com elas. Nossa senhora, isso era um problema [pra] eles. Não aceitavam. Aí eu dizia – espera aí, eu não posso ser amiga das minhas alunas? Qual o problema? É a hora que elas conversam comigo é a hora que eu passo pra elas... Elas me pedem ajuda porque confiam em mim, não é verdade? Então a hora que a gente mais conversa é essa hora que a gente sai. Ninguém embebedava, às vezes nem bebia, tomava um refrigerante ali. Alguns na época, não aceitavam. Eu perguntava: mas por quê não? Nunca me responderam. Qual o problema? Eu não estou dentro da escola a hora que eu saio daqui, eu não devo satisfação da minha vida pra ninguém, concorda? Isso é problema meu. Então tinha isso, eu acho que eles tinham medo de que eu pudesse influenciar as alunas (MARIA HELENA VITORINO, testemunho, 2010).

Ressalta-se do testemunho da professora seu envolvimento com a profissão, realizando eventos em situações adversas, bem como o envolvimento pessoal com suas alunas, que se transformaria, mais tarde, em relacionamento de profunda amizade. Tal envolvimento a levaria, inclusive, a enfrentar as discordâncias de seus colegas de trabalho.

Para ela, estas teriam sido as suas marcas profissionais: o idealismo na profissão e o envolvimento pessoal.

Uma experiência muito distinta daquelas examinadas até aqui, indica que a *esportivização* da Educação Física não teria sido tão intensa. O professor Guido Agenor Rodrigues enfatiza suas diferentes convicções pedagógicas e suas estratégias de enfrentamento às circunstâncias sócio-políticas. Seus relatos enveredaram por outros caminhos, salientando sua intervenção profissional em um projeto do Governo Federal, denominado *Ginásios Polivalentes*²⁹, que pretendia, em síntese, intensificar o apoio ao ensino técnico:

Eu acho assim: a ditadura teve alguma coisa boa pra Educação Física? Teve sim. Muito boa. Teve coisa ruim? Teve sim, muito ruim. Mas se você pensar, ela [a Ditadura] provocou um desenvolvimento maior porque eles [os militares] gostavam de Educação Física, mas da maneira deles. Mas quando chega no professor, o professor não ia fazer da maneira deles. Já fazer da maneira do professor. Eles tinham uma vantagem, eles tinham grana pra mandar. E tinham também a obrigação de fazer. Porque como eles eram os ditadores, eu mando e vocês fazem. Então tem que ter Educação Física na escola. Tinha que dar calistenia, corrida, circuito de força, etc. Agora a gente estava numa fase de resistência. A gente tinha um conhecimento que aquilo não é o que você queria. Então o que você faz? Se não fizesse eles iriam saber, porque lá no Ginásio Polivalente eles [os militares] tinham fiscal. Todo mês lá na Polivalente tinha um fiscal rodando a Escola inteira. Então a gente mesclava. Você agradava pra tomar depois. E está estratégia funcionou, pois depois eles começaram a chamar eu e a Eustáquia [Salvadora de Sousa] para explicar como é que era feito aquilo. Fomos chamados muitas vezes. Viramos uma espécie de ponto de referência. E não foi só aqui não. Foi no Brasil inteiro. Fomos para o interior de Minas. E junto com isso vieram também as revistinhas [DEDINHO]. O pessoal espalhava mesmo pros meninos, o pessoal mais consciente espalhava pros meninos. Não chego ao exagero de dizer que a Revista foi um ponto marcante. Porque já existiam outras coisas. Atraía porque era diferente e os meninos gostavam. Porque era quadrinho. Eles gostavam muito de Revista em Quadrinho. Então teve influência? Teve sim.

Trabalhamos com a revista DEDINHO, sim. Trabalhamos com outras produções, também. E justamente disso que saiu, não desta revista, anterior a ela, que nós começamos a inovar. O DEDINHO era uma revista mais ou menos manipulada. Manipulava o pessoal pra fazer. Mas nós conseguimos pôr gente que tava interessado na mudança dentro do MEC. E aí veio um belo trabalho. Foi um trabalho silencioso e que ninguém tem conhecimento disso, porque ninguém nunca se interessou publicar a respeito. Você publica o que você achar que foi [dirigindo-se ao autor da pesquisa], porque quando você faz essa pesquisa você tá conversando com quem já viveu essa época. Houve um processo histórico realmente para chegar nisso. Eles mandavam, mas nós conseguimos espaço para que a gente opinasse no próprio material que ia pras escolas. E tem cada passagem assim bem relevante. Me lembro que eles compravam material pensando como militar. Então compra material, como foi ensinado para ele, ou seja, material rude. Entende? E quando isso vai pras escolas, quando chegou nas escolas o pessoal recebeu o material e como

²⁹ Para Nilton Ferreira Bittencourt Júnior (2007), “Os Ginásios Polivalentes – GPEs, criados na década de [19]70 representam um importante campo de investigação, especialmente no campo da Educação Profissional, pois significou um momento peculiar na história dessa modalidade de educação no país: através de convênios diversos, com base especialmente no convênio MEC/USAID – PREMEM, implantaram-se dezenas de escolas de horário integral, com grande investimento em suas estruturas físicas, equipamentos e qualificação docente. Sua curta duração não retira dessa experiência seu caráter inovador, ao contrário, nos impele a investigar os motivos tanto de sua implantação quanto de seu rápido desaparecimento, pelo menos da proposta inicial.”

nunca tinha material, foi uma maravilha. Mas eles mandaram colchão de capim ((risos)). Você acredita? Colchão de capim! Não era aquele colchão de capim fino, colchão pra gente. Mandaram um colchão como se fosse um colchão de dormir e de capim. Mandaram as paralelas de ferro. Era a coisa mais interessante, era bom que os meninos faziam ali aquela ginástica ali e tudo. Mandaram a trave quadrada, que era uma trave de Ginástica, vem com umas quinas. Não mandaram o material que a Escola tinha necessidade, que na época era a bola. Depois eles mandaram aquelas bolas muito vagabundas. Engraçado que a história se repete com essa bola dos presos. A mesma coisa. A bola de Basquete você não conseguia quicar. Ela era boa até pra fazer um treinamento motor mais rápido. Aí nós conseguimos entrar em contato com quem comprou e explicamos pra ele que aquele material é um material que não se usava mais. E eles atenderam. Fomos eu e a Eustáquia em São Paulo, com toda despesa paga pra fazer uma revisão nesse material. Nós conseguimos mandar aquilo pro Tribunal de Conta. Você acredita?

Voltando no que eu queria falar, nessa época nós conseguimos a liberdade de criar dentro das escolas. Que era mais importante. A Escola Polivalente veio toda num pacote fechado. Você tinha que fazer tudo o que estava determinado. Era reprodução de um movimento anterior, que foi válido, eu acho que foi válido. Não se pode criticar tudo, sem falar a qualidade. Porque não tinha Escola, não tinha Educação Física. Eles, os militares introduziram a própria Escola superior. Porque a primeira foi de formação do Exército. Eles introduziram uma escola de Educação Física e depois vieram as modificações históricas, que eu não preciso falar isto. E você fica impressionado porque teve validade? Teve porque eles criaram. Até um certo ponto, depois veio o processo da evolução, tem mudança nisso? Tem. (GUIDO AGENOR RODRIGUES, testemunho, 2010)

Destacam-se desta parte do testemunho alguns aspectos interessantes: o primeiro diz respeito à ingerência oficial na fiscalização das aulas do professor, impelindo-o a ministrar conteúdos com os quais ele não concordava. Por isso ele tinha que mesclar os conteúdos das aulas. Ora realizando o que ele entendia ser mais interessante para os seus/as alunos/as, ora ministrando aulas que atendiam aos interesses do regime. Outro aspecto foi a percepção do professor sobre a intenção manipuladora que estaria por detrás da elaboração da Revista DEDINHO, que em seu entendimento era fazer as pessoas praticarem esportes por praticar. O que para ele funcionou, pois o suporte Histórias em Quadrinhos era muito sedutor e os meninos gostavam muito, ele ressalta ainda que existiam outras produções que concorriam com tais publicações. Salienta-se também estratégias de enfrentamento das ações políticas do Governo para minimizar os efeitos manipuladores, tais como o envio de materiais inadequados vindo do exército.

E, por último, seu reconhecimento de que os militares teriam contribuído para a área, mas que já era hora de mudanças. Suas percepções sobre as iniciativas políticas do DED mostram-se distintas das demais até então examinadas. Teriam sido distintas também suas ações pedagógicas?

O Esporte já vinha acontecendo na Escola desde os anos [de 19]60. Mas não com a ênfase em Educação Física. Acontecia na aula de Educação Física, mas não era uma ênfase educativa. Muitos professores davam o Esporte, mas nem sabiam por quê. Aliás, uma questão que a gente começou a fazer foi: por que nós damos Educação Física? Pra que serve Educação Física? Foi uma questão crucial pra época [década

de 1970]. E até hoje se você perguntar, muito professor aí não vai saber responder. O que nós queremos com a Educação Física. Sai um monte de resposta: porque os meninos gostam do professor; porque os meninos gostam da prática; porque isto é uma coisa natural, uma coisa inerente do homem; porque o homem gosta do movimento. Bom então nós conseguimos levar isto tudo para um debate pro pessoal raciocinar dentro daquilo. Então nós conseguimos discutir que Educação não é só uma Educação de Esporte. Uma Educação esportiva era uma Educação do corpo. Então a gente falava muito sobre a separação do pensamento e do corpo e a super valorização do pensamento em detrimento do corpo. E no [período] Barroco isto tá muito bem demonstrado. O próprio Aleijadinho – que não é o criador do Barroco – cria um ser com a cabeça deste tamanho com corpo pequeno. Você vê a penetração que tem o pensamento coletivo.

Tem. Então nós conseguimos nessa época, nós conseguimos a liberdade de fazer o que a gente tinha vontade. Recém-formados da Escola com a cabeça cheia de ideia, nós fomos lá para o Polivalente e conseguimos fazer muita coisa inclusive tirar as receita do bolo que vinha tudo pronto. A gente consegue o Estado pelo nosso trabalho. O Estado chamou a Eustáquia, a irmã Conceição e eu para escrever um manual da Educação Física. Nós escrevemos esse manual. Avançado, mas não podia avançar muito. E virou até um livro. Nele nós tiramos as receitas que vinha tudo prontinho. Como é que você dá uma aula, agacha, senta, faz isto, faz aquilo. Mas não era a evolução que a gente estava pretendendo. A Eustáquia segurava muito, ela falava: – não nós não podemos porque o pessoal não vai entender, não. Nós estamos construindo pros formados e também pros leigos. Tinha um movimento contra os leigos na época.

Era uma média de uns oitenta por cento. Porque não tinha professor formado. Então quê acontecia? O sujeito fazia um cursinho ali e ia dar Educação Física. Também era outro problema, porque tinha leigo que era muito bom de serviço. Muito bom mesmo. Ele só tinha que fazer aquela reposição, então era reposição militarista. Então uns conseguiram evoluir, uns conseguiram até formar. E nesta época, a gente analisou demais isso, porque a parte urbana as grandes cidades tinham menos leigos, mas tinham. Agora o interior era a maioria dos municípios. Eram mais ou menos 700 municípios e cada um deles com um professor que nunca teve uma orientação, nem sabiam como é que era a quadra. Então nós olhamos isso enquanto estávamos escrevendo o livro e colocamos. Então tem uma divisão no nosso livro que falamos das instalações esportivas. Nós evitamos o máximo possível de fazer as receitas de bolo. Nós substituímos a calistenia por Esporte.

Mas a gente estava com fome de modificação e tudo que podia modificar a gente usava mesmo. E levava pra dentro da escola. É lógico que com nossas limitações, porque a gente não tinha esse conhecimento que tem pós a gente. A gente começou a estudar muito. O processo de Reprodução Escolar que eu aprendi distorcido na Escola [EEFMG]. A Eustáquia falava muito que nós não podíamos reproduzir o sistema nas nossas aulas, pois a Escola acabava reprimindo os alunos. E eu comecei a refleti sobre aquilo. Então Pedagogicamente você pode ensinar Esporte, mas você tem que mostrar o por quê está usando. Esse trem de reprimir alguém, isso nunca funcionou. Esse negócio eu falo e você obedece era frequente em quase toda Educação Física, com raras exceções de professor. Eu mando e você tem que fazer, isso não funciona assim. Então nós éramos um representante inconsciente da própria ditadura e nós tiramos proveito dessa representação porque eles deram muita ênfase na Educação Física. Agora quem copiou e ficou lá sem mudar ficou. E acabou extinguindo porque a própria evolução foi tirando. Você tinha que uniformizar todo mundo. Nós uniformizamos aquele tênis, meia, calção, camisa.

A Escola Polivalente era um projeto do Governo Federal com os americanos. Na época eu recebia um salário muito bom. Eram uns dez salários mínimos. E era naquele regime de 40 horas. Mas eu nunca larguei o Estado. Então eu trabalhei durante muito tempo de manhã, à tarde e à noite. Eu também tinha a escola particular e a escola particular começou a pagar muito bem, principalmente no final da década de 1970. Sempre e ainda existe isso: numa época a escola particular tá

pagando mais, de repente a escola pública melhora. Então fica esse jogo. [Na] escola particular você tem uma insegurança muito grande. Nem é por falta de competência. Acontece que eles não precisam do professor competente. Eles precisam de um professor que atenda a eles. Eu acredito que a Educação Física na escola particular vai ter uma série de problemas com essa evolução que vem acontecendo. Porque os alunos de escola particular querem Esporte, só Esporte. Eles não querem outra coisa. A não ser que você crie dentro do Esporte. Mas é só Esporte que eles querem. Jamais na minha vida eu fui contra o Esporte. Eu só acho que não é só isso. Então a escola particular tem essa desvantagem da insegurança. Você não sabe se você estará empregado no ano que vem. Você pode ter dez, vinte anos de casa, ser um excelente professor, mas uma parenta do diretor se forma em Educação Física, eles acabam tirando o professor e põe ele lá. Isso é sem sombra de dúvida, em qualquer escola particular, eles fazem isso. E eu vi muito professor se mantendo no emprego por que fazia o que os alunos queriam. Eu tive um colega que falava que não iria fazer aquilo que estávamos pensando, pois achava que menino tem que jogar bola, que ele tem que extravasar e saia de perto pra num inibir os garotos. Você acredita que usava falar isso. Mas isso é coisa mais recente. (GUIDO AGENOR, testemunho, 2010).

Estas reminiscências do professor Guido nos dão indícios do que teria sido uma intervenção profissional diferenciada, no que diz respeito à organização do trabalho docente e ao enfrentamento das políticas do Governo Militar para a área, indicando que outros modos de pensar e fazer a Educação Física teriam acontecido, em plena Ditadura. Importante ressaltar que estes modos diferenciados de agir profissional não se tratavam de um movimento articulado e planejado, mas de iniciativas pontuais de alguns professores que, impelidos por suas histórias de vida, teriam ousado pensar e agir de outra forma.

Destacam-se, dentre outros aspectos: o seu reconhecimento de que os militares tiveram méritos no desenvolvimento da área de Educação Física, mas que durante a Ditadura eles queriam impor uma Educação Física, que para ele, era ultrapassada, que consistia de muita Calistenia, com muita ordem e disciplina; a postura autoritária de professores de Educação Física, reproduzindo, inconscientemente, o Regime Militar em suas respectivas aulas; o lento movimento de reformulação desta postura indicando que alguns professores estariam começando a subverter tais entendimentos; a precariedade dos materiais que eram enviados para as Escolas; o elevado número de profissionais leigos, sem formação atuando na área; o incômodo com a pouca autonomia que professores tinham para desenvolver seus projetos educativos, ou seja, com as “receitas de bolo” que eles eram obrigados a seguir; o seu entendimento de que a Educação Física não era só Esporte; a denúncia e o desacordo com a dicotomia corpo/mente; a ausência de uma clareza sobre a função social do Esporte e da Educação Física; a vigilância do militares na Escola Polivalente com o envio de fiscais para observarem as aulas, demonstrando uma situação de insegurança no trabalho docente e, principalmente, as táticas utilizadas por ele para subverter as estratégias dos militares na tentativa de fazer valer uma dada concepção de Educação Física. Especificamente em relação

à fiscalização de suas aulas sua tática teria sido: “*Então a gente mesclava. Você agradava pra tomar depois*”.

Acredita-se que suas memórias de práticas evidenciam uma dada astúcia com que os de “baixo” abrem os seus próprios caminhos em situações de opressão. Walter Benjamin tinha especial apreço por uma história de Bertold Brecht, em que o autor narra:

Certa vez a casa do Sr. Keuner foi invadida por um opressor, muito mais forte do que ele, que se instala no local e pergunta, com arrogância: “Queres servir-me?” O Sr. Keneur, em silêncio, passa a trazer comida, e bebida para o invasor, até que, depois de alguns anos, o opressor, obeso, tem uma embolia e morre. O Sr. Keneur, então, limpa a casa, remove o cadáver, joga-o no lixo e responde com força: “Não”. (Brecht, *Kalendergeschichten*. In: Leandro Konder, 1999, p. 75).

Observa-se que, tal qual o protagonista de Brecht, o professor Guido segue uma linha de raciocínio semelhante: dentro das condições que lhes são dadas, ou seja, sob uma opressão de grande vulto, ele tenta agir com sabedoria para enfrentar os de “cima”.

As lembranças deste professor são indícios de que outra forma de pensar as aulas de Educação Física estaria orientando o trabalho docente. Cabe destacar que ele sempre fez questão de frisar que este movimento teria sido desenvolvido em parceria com sua colega de trabalho, a professora Eustáquia Salvadora de Sousa, e que tais intervenções foram aproveitadas pelo Governo do Estado de Minas Gerais que os teriam convidado para participar de palestras de divulgação deste trabalho. Interessante salientar que essa diferenciada intervenção teria se desenvolvido em um projeto de intercâmbio entre Brasil e EUA, de iniciativa do Regime Militar.

No testemunho da professora Elisabete Rossete, outro tipo de contestação aparece, mas que de alguma forma, enfrentavam o regime de disciplina e ordem que se pretendia impor:

Em 1973 eu vou para uma escolinha em Riacho das Pedras e foi a primeira escola que trabalhei. Trabalhei numa escola em Belo Horizonte ((pensando)) creio que foi no Colégio Independência. Trabalhei numa escola particular aqui em Belo Horizonte, mas que não gostei muito. Eram professores e a coordenação voltada pro Esporte. As alunas não gostavam da prática, elas iam cheia de braceletes, anelzinho e pedindo pra eu segurar. Eu falei: - ah meus Deus. Eu quero uma aula linda, eu quero uma aula que todo mundo faça e aí eu pensei que aquele não era o meu lugar. Eu queria trabalhar na Escola Pública. Porque eu não aceitava meninas xexelentas. Eu sempre fui muito austera no meu trabalho. Eu fazia com todo mundo. Eu não aceitava aluna sentadinha no banco. Então não me adaptei. E pedi as contas. Fiquei uns três anos lá. Trabalhei como técnica de Voleibol. Fui em alguns campeonatos estudantis, levei equipe de Vôlei. Olha pra você ver não tinha nada a ver com a minha vivência. Mas fui. Nessa época eu mexia no ensino médio. Fiz um trabalho legal, eu trabalhei muito com Dança, com Ginástica.

Nessa época, os meninos estudavam num horário e iam lá de tarde pra fazer a Educação Física. [As meninas] vinham cheias de pulseiras, porque depois elas iam pros barzinhos. Saiam depois com os namoradinhos. E elas inventavam desculpas pra não fazer as aulas. Diziam que estavam cheirosas pra encontrar com os

namorados. Eu não aguentei aquela situação. Aí eu continuei na escolinha no Riacho das Pedras que eu amei. Os alunos eram extremamente carentes, eles queriam a prática. Era uma escolinha particular, mas muito simples, muito pobre. Trabalhei três anos sem carteira assinada. Era um nível muito bom e pagava melhor (ELISABETE ROSSETE, testemunho, 2010).

Neste testemunho, a professora Elisabete exemplifica novamente o alerta de André Chervel (1990) sobre os entraves para o processo ensino/aprendizagem, que seria o grupo de alunos que se encontra diante do professorado. Suas lamentações em relação às alunas que não queriam fazer aulas de Educação Física são situações emblemáticas das dificuldades encontradas no exercício da profissão:

Por exemplo, lá em Contagem quando eu trabalhei em uma escola que também marcou muito minha vida, eu fiz a inserção do Festival de Dança. Eu trabalhei com todos os Esportes numa quadrazinha que vamos dizer não é mais do que esse espaço que nós temos aqui agora (demonstração). Com salas de aula em volta e ali eu conseguia trabalhar tudo que era possível com os alunos. Com materiais, mas ligados à coordenação motora, ao ritmo e movimento, à relação com o outro. E para os alunos daquela época isso foi maravilhoso. Eu fazia, por exemplo, o Atletismo nas áreas fora da Escola nós corríamos nos quarteirões ali e falava da frequência cardíaca – eu já tinha uma preocupação lá desde 1973, de falar sobre os batimentos cardíacos, sobre os benefícios para o corpo físico, para o emocional, para o psicológico, entendeu? Sempre tive uma preocupação de falar, de relacionar, de lembrar o aluno que ele fazia alguma coisa e isso era bom para ele de certa forma por uma razão qualquer. Não é simplesmente, eu vou mandar correr porque você tem que correr. Porque lá no CEFET era assim. Isso me incomodava. - vamos fazer o teste de Cooper³⁰. As meninas perguntavam: – porquê? Elas perguntavam: - porquê? Eu respondia: – porque faz parte de um projeto aí do Departamento que tem determinados testes, pra saber se vocês têm um bom nível físico. Aí vocês tem o certificado de uma pessoa que está bem fisicamente, que tem uma boa performance. As empresas preferem os alunos que tem esse crachazinho e que tem esse certificado. Muitas vezes [os representantes das] empresas, quando iam ao CEFET, queriam saber o resultado do CAEE. Significava Certificado Atlético Esportivo Escolar. E aí eles preferiam o menino mais “saudável”, pois pedia menos atestado médico. Isso era bom pra empresa. Então isso acontecia. Agora não vou te dizer que os meninos eram infelizes. Eles eram felizes. Eu trabalhei no CEFET até 1998 e recebi muito ex-alunos que relatavam a saudade daquele tempo do CEFET. A gente tem muitas vezes uma mania de ficar só batendo no passado, dizendo que a Escola era ruim porque era autoritária, que mandava o menino fazer, que tinha um projeto pronto. Eu conhecia essa Escola, eu vivi essa Escola e eu acho que ela tinha umas coisas que eu não aprovava, mas ela tinha, assim, vamos dizer oitenta por cento de coisas que eram muito boas. E hoje eu estou vendo uma Escola que não está fazendo nada. Eu estou presenciando de longe uma Escola [em] que a Educação Física está em decadência. Eles estão mudando a visão da Educação Física completamente. Menosprezando o passado, menosprezando as práticas esportivas, quando na verdade o problema não está no Esporte está no professor que trabalha com Esporte. Então o quê as pessoas estão fazendo hoje na Educação Física? Eu quero perguntar, eu não tenho visto nada. O que eu questiono na minha época é que a Educação Física não era crítica. Ela não relacionava a prática com a teoria, esse era o problema, esse era o grande problema. A Educação Física não tinha um momento de discussão pra falar, por exemplo, que a Ginástica trabalha a flexibilidade, e isso é

³⁰ “O Teste de Cooper é um teste de preparo físico idealizado pelo médico e preparador físico norte-americano Kenneth H. Cooper. O teste consiste numa corrida em velocidade constante que varia de acordo com a idade, sexo e seu desempenho (profissional ou amador). Este método é adequado para atletas pois exige 100% da velocidade (carga). Para um atleta masculino profissional exige-se um desempenho de 3200 metros em 12 minutos para sua boa forma”. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teste_de_Cooper

bom para a pessoa humana. Mas até que ponto que isso é bom? Então essa é a falha entendeu?

Eu tinha colegas extremamente seguidoras do regime autoritário e eu sempre bati de frente com elas. Eu às vezes nem era muito querida, porque eu brigava com elas, não na frente das alunas. Eu brigava nas nossas reuniões. A menina não fez tão bem, elas saíam de sola e às vezes brigava com as alunas e eu chamava a atenção. Eu falava que elas iriam afastar a aluna, que não era por aí. A aula é pra todos entendeu? E aí eu fui trilhando isso. Tenho clareza que é muito do meu ponto de vista. Da minha história de vida. É claro que eu sempre convivi muito com Eustáquia, com Gláucia [Costa], com Leila [Mirtes]. A Leila principalmente, depois da vivência com a Recreação foi muito bom. A Leila sempre trabalhou junto comigo. Nós fomos técnicas da Seleção Mineira por muito tempo. Mas quando ela fez esse estudo dentro da Recreação ela voltou com uma mentalidade de Educação Física muito diferenciada. E eu percebi que tudo que ela estava aprendendo eu já fazia lá desde de 1973. Era o meu ponto de vista mesmo. Não vou dizer que eu não tive que fazer coisas autoritárias. Tive que fazer. No CEFET eu tive que fazer. Eu era obrigada a trabalhar com o CAEE, com o tal do Atletismo. Tinha o Lançamento de Peso que as meninas detestavam pegar aquela bola pesada. E eu dava de cara amarrada, mas eu tinha que dar como professora (ELISABETE ROSSETE, testemunho, 2010).

A professora também registra a precariedade de espaços e a falta de materiais em escolas de médio e pequeno porte, da periferia de Belo Horizonte, na década de 1970. Mas salienta que no CEFET essa realidade não teria existido durante sua permanência (de 1978 a 1998).

O conjunto de memórias destes/as professores/as nos permite pensar elementos que teriam sido relevantes no exercício profissional em Educação Física. Observa-se, por exemplo, que teria sido grande o número de Escolas com condições de trabalho precárias. Tanto no que diz respeito ao material específico de trabalho (bolas, cones, bambolês, etc.), como também de infraestrutura (quadras, pistas, campo) e de salários. Circunstâncias que teriam limitado a materialização de uma política do governo militar de *esportivizar a sociedade* a partir da Escola. Todavia, algumas escolas teriam condições necessárias para tal intento. O CEFET e a Escola Municipal São Cristóvão foram lembradas como boas escolas para se trabalhar nestes aspectos. O projeto de Ginásios Polivalentes foi apontado como a escola que teria a melhor remuneração salarial (em torno de dez salários mínimos da época).

É importante destacar que, mesmo tendo escolas em condições para fazer valer uma dada Educação Física, tal situação não teria se concretizado, pois as políticas teriam encontrado professores com emoções, angústias, desejos e iniciativas próprias. A política, “*quando chega no professor, o professor não ia fazer da maneira deles. Ia fazer da maneira do professor*”, como salientou o professor Guido Agenor.

As relações sociais entre professores e alunos eram algo recorrente nas memórias e são apontadas como sendo intensamente hierárquicas, com alto grau de

verticalização e sem muitas possibilidades de questionamentos. Para a maioria destes professores, tais relações eram normais e necessárias para a educação dos alunos.

Esta característica do trabalho docente foi também identificada por Marcus Taborde de Oliveira (2003). Segundo o autor:

Os ideais de ordem, de hierarquia, de disciplina, de respeito são a marca da própria Educação Física no Brasil. Uma marca que naturaliza a competição, abstrai o conflito e remete a ordem social a um equilíbrio harmonioso. A moral é um dos primados dessa marca. O discurso do professor destaca elementos significativos da tradição da Educação Física brasileira, ou melhor, da própria Educação Física (OLIVEIRA, 2003, p. 366).

Apesar de serem uma marca da tradição da Educação Física, os professores Guido Agenor e Elisabete Rossete consideraram tais relações desnecessárias e exageradas, anunciando dessa forma, questionamentos a tal tradição. Destaca-se no testemunho da professora a diferença de relacionamento profissional na Escola Federal (CEFET) e na Escola Municipal (E.M. São Cristóvão). Sendo que, na primeira, a professora teria sido obrigada a seguir planejamentos com os quais ela não concordava, inclusive aplicando testes (CAEE) que serviam para empresas selecionarem candidatos/alunos ditos mais saudáveis para o trabalho. Ao rememorar sua indignação com a postura de algumas colegas desta Escola, Elisabete revela que eram raros o relacionamento autoritário e a acentuada exigência de performance técnica nas aulas de Educação Física do CEFET, em fins da década de 1970. E sua indignação não teria sido somente com o que era cobrado (a performance técnica), mas também como teria sido cobrado (de forma autoritária). Ao mesmo tempo, no transcorrer da entrevista, a professora se revela extremamente preocupada com a técnica, se declarando até exigente em relação a isso; todavia, ela ressalta que “*a aula muito técnica espanta os alunos*”. É possível perceber em tais lembranças os conflitos internos vivenciados pela professora, que se encontrava dividida entre uma tradição profissional de hierarquia, de ordem e disciplina, e um desejo de uma formação menos autoritária. Nesse sentido, as reminiscências do professor Guido são mais enfáticas. Ele desabafa afirmando que “*Esse trem de reprimir alguém, isso nunca funcionou*”.

Ao contrastar essa dada tradição de relação professor/aluno com os testemunhos dos professores/as de Educação Física, de que eles teriam atuado também como conselheiros/as afetivos, pessoas em que os/as alunos/as podiam confiar para revelar suas mais íntimas preocupações, identifica-se uma dada incongruência. Ou seja, como tais aproximações poderiam acontecer em relacionamentos tão verticalizados? Acredita-se ser necessário relativizar esta tradição, haja vista que se ela fosse tão própria da Educação Física, tais relações dificilmente teriam ocorrido com a frequência anunciada. Especula-se que essa

tradição de relacionamento hierárquico, disciplinar e verticalizado teria sido talvez mais uma característica das circunstâncias sociais daquele período, do que da própria área de Educação Física. Há que se investigar como teriam ocorrido tais relacionamentos em outras disciplinas.

De qualquer forma, percebe-se que a ambiência social, política, material e estrutural teria influenciado as práticas escolares destes professores em muitos aspectos, tais como: na relação com os/as alunos/as, nas escolhas de conteúdos, nos métodos utilizados, dentre outros. Estas influências teriam limitado suas possibilidades de atuação, impondo um fazer pedagógico que dificultava a materialidade de um ideário militar oficial. Os professores parecem ter utilizado muita criatividade, iniciativa e força de vontade para amenizar ao máximo o impacto destas condições em suas intervenções pedagógicas. Entretanto, não se pode negar que havia escolas em que as condições teriam sido as melhores possíveis para a materialização da política do Regime Militar para a Educação Física. E, nestas instituições, as intervenções pedagógicas teriam se aproximado bastante do ideário de *esportivização da Escola*, não só adotando o Esporte como conteúdo central, mas também os códigos da instituição esportiva de seleção de talentos, de hiper-competitividade e super-valorização do desempenho técnico. Mesmo assim, os/as professores/as não teriam materializado este ideário que estava sendo proposto/imposto da mesma forma, em virtude de suas idiossincrasias e de suas particulares experiências de vida. E são estas experiências humanas que dificultam ou impedem qualquer tentativa de generalização histórica, pois, assim como existiram professores que afinaram suas práticas pedagógicas com o ideário militar do período, há também aqueles que enfrentaram com astúcia tais proposições.

3.2 - Memórias da organização do trabalho docente: planejamento, método, conteúdo e avaliação

Em relação à organização do trabalho docente, observa-se que, ao contrário do que a maioria dos/as professores/as rememorou, alegando uma formação profissional muito empírica, é possível perceber em seus relatos que a intervenção profissional teria sido influenciada por conteúdos teóricos adquiridos no curso de formação. O relato inicial do professor Élcio Paulinelli corrobora esta hipótese:

A gente tinha na época, como é que chamava gente? Foi o Listello [Auguste Listello] que trouxe para o Brasil. Espera que vou me lembrar. Porque a cultura de Educação Física que veio para o Brasil foi importada da França. Foi da Joinville-Le-Point, que foi a escola militar francesa que criou o curso. Tinha o aquecimento, a lição propriamente dita e volta à calma. Eram as três partes. Dentro disto a gente fazia o esquema de aula então o aquecimento era uma introdução da aula. Ah! Lembrei, Método esportivo generalizado [Método de Educação Física Desportiva Generalizada]. Isso aí. Veio com o Listello. Ele quem trouxe. A gente usava muito

isso. Usava a iniciação esportiva dentro da aula de Educação Física. Então isso aí teve uma influência muito grande na época. E eu já ministrava Esportes nas aulas desde fins de [19]50. Porque o Método Francês foi o que nós aprendemos quando eu fiz o meu curso na escola. No Método Francês tinha o aquecimento, a lição propriamente dita e a volta à calma. A lição propriamente dita a gente usava as atividades naturais do homem e destas atividades naturais tinha o Atletismo com toda a parte esportiva, quer dizer, tinha todo um método. Isso foi muito bom. Principalmente pra época que foi criado— salvo engano foi em [mil novecentos e] vinte e dois ele entrou no Brasil — uma missão militar francesa que veio ao Brasil em 1922 e trouxe o Método Francês pra cá. Então a gente usava também o Esporte pra fazer a Ginástica Acrobática que eu gostava muito. Eu pessoalmente toda vida gostei muito, então sempre utilizei muito da Ginástica Acrobática pra fazer na esportiva generalizada eu usava muito a parte acrobática nas minhas aulas. Eram duas aulas por semana de cinquenta minutos. Que na época era trinta e cinco, quarenta minutos, pois cinco minutos você perdia no princípio da aula. Pois até o menino sair da sala, trocar de roupa, ir no vestiário já se passavam 5 a 10 minutos. E tudo isso contava dentro do horário e você tinha que devolver na sala também. Tinha que terminar um pouco antes do horário pra não prejudicar as outras disciplinas.

Sobre a concepção de Educação Física, logicamente na Escola [EEFMG] cada professor tratava disso na sua disciplina. Assim, no aspecto genérico, era menos enfatizado. Individualmente cada um defendia como entendia. Eu sempre defendi que a Educação Física era um aspecto educativo. Isto foi o que eu sempre defendi. O aspecto educacional da Educação Física. Teve uma certa época que quiseram fazer uma lei — um pessoal de São Paulo. Creio que um deputado de São Paulo — levado por um grupo de paulistas. Quiseram criar uma profissão do professor de Educação Física chamada Fisicultor. Mudaria até o nome. Chamaria Fisicultor e teve uma boa adesão. Eu achava que perder o nome de Educação era problemático. Porque eu acho que pra nós a coisa mais importante é a Educação, tá certo? Então através da atividade esportiva, através da atividade física, através do Esporte - o Esporte como o nome mais amplo possível- educar os alunos. Então é isso. Eu sempre defendi a Educação, certo? Quer dizer o professor de Educação Física não é nada mais, nada menos, do que um elemento da Educação. Ele tem que fazer parte de um corpo na Escola. Ele é parte de um corpo. Ele é um membro do corpo diferente dos outros, porém com o mesmo objetivo, com a mesma filosofia (ÉLCIO PAULINELLI, testemunho, 2010).

Parece que o professor Élcio teria se confundido novamente com os métodos franceses. O Método Francês da Escola Joinville-Le-Point (década de 1920) é distinto do Método, também Francês, de Educação Física Desportiva Generalizada (década de 1940). Este último propõe a divisão de aulas em quatro partes. O professor Élcio anuncia uma divisão de aulas em três partes. Todavia, ele nomeia este como sendo o Método de Educação Física Desportiva Generalizada. De todo modo, interessante registrar que a adoção de qualquer um destes métodos passa por uma aprendizagem de tal conteúdo no curso de formação, que então, não seria tão empírico como relatado.

Sem anunciar exatamente o nome do Método Francês de Educação Física, a professora Marluce relata o número do regulamento de onde ela aprendeu a organizar suas aulas:

Primeiro, tinha um aquecimento, depois uma parte em que seria a parte principal e uma volta à calma. Isso aí veio lá do regulamento número sete que era o que nós usávamos [parte do Método Francês da Escola Joinville-Le-Point que foi traduzida e adotada pelo Exército brasileiro]. Era parte do aquecimento, depois a aula

propriamente dita e uma volta à calma. Então era assim. Mas às vezes eu não seguia muito, eu mesmo fazia as minhas modificações a parte de Dança, que as meninas gostavam muito, eu levava o meu gravador, tinha música e fazíamos uma festa. Também no colégio tinha festa. Mais de quinhentos alunos dentro do espaço que nós tínhamos. Esses métodos foram modificando, tinha a Ginástica Natural Austríaca, tinha:: a gente ia modificando... Ginástica Rítmica.

A intenção não era descobrir talentos. A intenção era agitar a escola, colocar os meninos para fazer atividade física, motivar para o Esporte. Uma consequência era um talento que se destacava. Sempre tinham os concursos pra colégios. Então os professores usavam o colégio Municipal ou a Escola de Educação Física para realizar concursos para professores e enquanto o professor estava dando aula um aluno destacava e aí era chamado. Era assim que funcionava. Tinha uma vaga do colégio Estadual pra professor. Então esse professor candidato ia dar aula pra uma turma do colégio Municipal e às vezes, através da banca examinadora, alguém falava assim: você viu aquela aluna ali como ela é interessante. Então era através disso. Não tinha esta intenção de selecionar talentos. Eu sempre dei aula pra todos e pensando em todos.

Eu acho que através do Esporte, do trabalho corporal você consegue outras coisas. Você pra educar uma criança, pra ele ser educado totalmente não é só a cabecinha, não. Então eu acho que a parte física é importante. E não é só física também, não. Você tem que conjugar as duas coisas, não é? Quando você faz uma atividade física você não pode estar só pensando em músculos. Você tem que raciocinar também. Então eu acho que isso seria uma das causas de que eu acho importante. Até hoje eu ainda vejo... Eu tenho um neto, aliás, tenho nove netos, mas um é um menino muito ativo e que tem necessidade até de fazer uma atividade pra extravasar a energia que tem. Eu acho que o Esporte, a Dança, tudo é importante. Eu acho importantíssimo pro ser humano. Através do movimento você fala. Não é só com a boca que você fala. Você fala com o corpo inteiro, então eu acho que o Esporte, a Dança tudo pra mim é muito importante.

No Salgado Filho [Escola Municipal do Salgado Filho], era só frequência, só frequência. Agora aqui na Universidade tinha a frequência e tinha a parte teórica, a parte prática... Tinha prova e tudo. Até pra entrar na Escola tinha a prova prática e o vestibular. Depois eu acho que foi modificando, hoje eu nem sei como é que funciona ... tem a parte prática?

Graças a Deus eu nunca trabalhei com professor rola bola. Eu era muito chata, muito exigente. Como eu era a coordenadora, a gente fazia um planejamento no começo do ano e lá tinha o quê que ia ser dado, o quê que deveria ser feito. Então se alguém malandrasse era cobrado, por mim e pelos alunos. Eu era um pouquinho chatinha ((risos)) Eu era chata sim, mas é o meu jeito de ser. Mas ninguém saía da linha. (MARLUCE GOMES, testemunho, 2010).

As lembranças destes dois professores sobre suas intervenções ainda na década de 1960 se aproximam em relação ao método e ao sistema de avaliação, mas se distanciam em relação aos conteúdos. Ou seja, o método utilizado teria sido parte do Método Francês adotado oficialmente no Brasil, nas décadas de 1920 e 1930. A avaliação teria sido apenas a frequência às aulas e em termos de conteúdo, os meninos teriam contato com vários tipos de Ginástica, com várias modalidades esportivas, principalmente Futebol, Vôlei, Atletismo e Handebol. Já as meninas teriam tido contato com vários tipos de Ginástica, com menos modalidades esportivas - Vôlei, Atletismo e Handebol - e com a Dança. Observa-se que, no que diz respeito aos conteúdos, o currículo feminino teria sido mais diversificado do que o

currículo masculino. Especula-se que o pouco envolvimento social das mulheres em atividades esportivas diversas como o Futebol, o Basquete e o Atletismo, em conjunto com uma formação profissional também sexista teria feito com que as aulas de Educação Física das meninas não tivessem tido o mesmo nível de *esportivização* das aulas dos meninos no que diz respeito às modalidades esportivas.

Outro aspecto que se destaca nas lembranças destes professores é a representação de Educação Física. O professor Élcio relata que a Educação Física era parte de um processo de educação mais amplo e que os objetivos desta disciplina deveriam seguir a filosofia da Educação. Marluce salienta que esta disciplina não teria o objetivo de descobrir talentos, mas sim ‘agitar a Escola’, motivar para a prática corporal e esportiva, pois o movimento é uma forma de expressão, de comunicação. Descobrir talentos seria uma consequência deste trabalho de incentivo da vivência corporal. Apesar de imprecisas e muito gerais, tais representações aproximam a Educação Física de aspectos pedagógicos da área educacional. Para estes dois professores, o Esporte faz parte de um processo educacional e deveria ser incorporado neste sistema em função de suas potencialidades educativas.

Inicialmente, o professor Januário relata suas intervenções profissionais no CEFET em meados da década de 1960:

As aulas tinham três partes que era a parte de introdução, o aquecimento, a parte da lição propriamente dita, a aula, e a parte de relaxamento quando termina a aula. Então tinha três pontos distintos de aula, era preparação onde você aquece direitinho pra aula, com conversa sempre TODA aula tinha dois três minutos de conversa. Ou seja, explica o que tem que ser feito. Depois a aula propriamente dita e depois a volta à calma. O aluno saía já tinha cinco minutos que ele estava parado pra ele poder ir trocar roupa e ir pra aula dele. O Fernando [Campos Furtado] era muito ‘caxias’ nesse ponto. Então ele foi o mentor dessa aula de sessão especializada. A gente só introduzia uma coisa ou outra. Isso tudo valorizava a gente. Então a gente era valorizado por isso. A gente não jogava as coisas para cima do aluno. Ele sabia o que estava fazendo e toda aula a gente tinha o que falar com ele, sobre o que ia fazer, por que ia ser feito. E nós três falávamos a mesma coisa (JANUÁRIO, testemunho, 2010).

A sessão especializada (Fig. XVII e XVIII) da qual se refere o professor Januário foi elaborada pelo professor Fernando Campos Furtado, que trabalhava também na Divisão de Esportes do Estado de Minas Gerais. Ao ser convidado para participar da pesquisa, ele se recusou a gravar entrevista, mas fez questão de doar alguns materiais referentes à sua intervenção profissional. Um deles é a proposta de Sessão Especializada apresentada a seguir:

DIRETORIA DE ESPORTES DE MINAS GERAIS

A EDUCAÇÃO FÍSICA EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SECUNDÁRIO/////////

Prof. Fernando Campos Furtado

(Diplomado pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil).

Os professores de Educação Física de Estabelecimentos de Ensino Secundário, sabemos perfeitamente que entre outras dificuldades, que se nos apresentam, destaca-se a do pouco tempo útil que temos para ministrar nossas aulas.

Sendo a Educação Física matéria essencialmente prática e requerendo uniforme próprio, temos que destinar, para troca de roupas e verificação de frequência, pelo menos 5 minutos, no início da aula, dos 45 que dispomos. Outrossim, destinamos também no mínimo 10 minutos, no final, para o banho dos alunos. Resta-nos portanto 30 minutos para a aula.

O que vem acontecendo nos Colégios é que, o professor de Educação Física, cômico de suas obrigações, que pretenda ministrar uma sessão completa de: Método natural Austríaco-Desportivo Generalizado-Método Suéco ou Calistônia, neste tempo limitado de 30-25 - ou 20 minutos, para 40 alunos, na aplicação de seu plano de aula, carinhosamente elaborado, vê-se obrigado a:

- 1 - suprimir exercícios, reduzindo pois o número que pretendia dar.
- 2 - diminuir o número de repetições, para poder variar e não ficar num exercício só.
- 3 - eliminar as formas jogadas, por serem mais demoradas, justamente aquela forma de trabalho de mais agrado do aluno, pois é geradora de entusiasmo e alegria, justamente aquela em que a ação do professor como educador se faz notar.
- 4 - ou então saltar uma das partes da sessão preparada, tornando-a mutilada e dando a impressão ao observador que o professor desconhece o Método da Educação Física que está aplicando.

Em função deste tempo reduzido, a realidade da Educação Física nos Colégios é que as sessões estão se tornando especializadas, isto é, o professor está destinando todo o tempo útil da aula para uma só atividade.

Observa-se constantemente nos colégios, os alunos chegarem à quadra para receberem uma aula de Educação Física, já encontram a rede de vôleibol armada e o professor destinar todo o tempo com a iniciação e a aplicação do vôleibol. Por que então não chamaríamos isto de Sessão Especializada Esportiva?

Baseados nesta realidade (utilização de todo tempo útil para uma só atividade), nos propomos a apresentar aos colegas professores de Educação Física de Colégios que lutam com esta dificuldade de tempo, as seguintes sugestões:

SESSÃO ESPECIALIZADA DE VELOCIDADE

- 1 - "Interval-Training" (60 metros)
- 2 - Saídas rápidas (explosões)
- 3 - Revezamentos
- 4 - Jogos com corridas que requerem rapidez de raciocínio
- 5 - Jogos com corridas - contra-relógio
- 6 - Jogos de pegar.

SESSÃO ESPECIALIZADA DE FLEXIBILIDADE

- 1 - Exercícios de flexões e extensões de braços, individual ou a 2-3-4-5-6 com e sem aparelhos.

Pernas:	individual	ou a	2-3-4-5-6	com e sem	aparelhos
Abdominal	"	"	"	"	"
Tronco:	"	"	"	"	"
Pescoço:	"	"	"	"	"
Pés:	"	"	"	"	"

FIGURA XVII - Documento da Diretoria de Esportes de Minas Gerais. Sessão Especializada, década de 1960.

(2)

2 - "Circuit-Training"

SESSÃO ESPECIALIZADA DE AGILIDADE

- 1 - Ginástica de solo - Acrobacia
- 2 - Saltos sobre o Plinto sem e com trampolim
- 3 - Exercícios de Equilíbrio - Pirâmides
- 4 - Barra Fixa
- 5 - Cavalo de pau
- 6 - Paralelas
- 7 - Argolas
- 8 - Banco Suéco
- 9 - Travess de madeira
- 10 - Combinado alemão
- 11 - Cama elástica

SESSÃO ESPECIALIZADA ESPORTIVA

- 1 - Iniciação Esportiva -: Atletismo (saltos e arremessos)
 Basquetebol
 Futebol
 Futebol de salão
 Handball
 Natação
 Voleibol
- 2 - Aplicação: Competição entre os componentes de uma mesma turma; Competição inter-turmas.
- 3 - Selecionamento através de testes técnicos
- 4 - treinamento da equipe selecionada
- 5 - competição inter-colegial

SESSÃO DE JOGOS RECREATIVOS

(Em dias chuvosos poderá ser realizada em sala)

SESSÃO ESPECIALIZADA DE FORÇA

- 1 - Exercícios individuais empregando o próprio corpo como peso.
- 2 - Exercícios em duplas
- 3 - Exercícios com peso
- 4 - Exercícios em: Barra - Paralelas - Cavalo de pau - Argolas - Combinado alemão.
- 5 - "Power-Training"

SESSÃO ESPECIALIZADA DE RESISTÊNCIA

- | | |
|-------------------------|--|
| 1 - "Fart-Leck" | 3 - Corridas em círculo |
| 2 - "Interval-Training" | 4 - jogos que requerem -
corridas longas ou -
grandes caminhadas |

SESSÕES ESPECIALIZADAS DE DANÇAS FOLCLÓRICAS
(Turmas femininas ou mixtas)

Programação de sessões especializadas para uma turma que tenha duas aulas por semana, por exemplo às segundas e quartas-feiras, durante um mês:

- Dia 4 - segunda-feira: velocidade
 Dia 6 - quarta-feira : flexibilidade
 Dia 11- segunda-feira: agilidade
 Dia 13- quarta-feira : esportiva
 Dia 18- segunda-feira: jogos recreativos
 Dia 20- quarta-feira : velocidade
 Dia 25- segunda-feira: força
 Dia 27- quarta-feira : resistência.

...000...

MRC.

FIGURA XVIII – Documento da Diretoria de Esportes de MG – Sessão Especializada, década de 1960.

Fonte: Arquivo pessoal do professor Fernando Furtado

O pouco tempo de aula que muitos professores de Educação Física reservavam para trabalhar os conteúdos foi o argumento utilizado pelo professor Fernando para elaborar a sistematização anunciada. Observa-se que esta sistematização priorizava os exercícios ginásticos, contemplava diversas modalidades esportivas, previa a seleção de alunos por testes técnicos para as equipes esportivas, relegava a Dança para as turmas femininas/mistas e destinava para a Recreação os dias chuvosos e a sala de aula.

Na continuidade de seu testemunho, o professor Januário anuncia uma alteração nos planos de ensino com a inclusão do conteúdo esportivo, bem como outras iniciativas pedagógicas.

No início [década de 1960] não tinha nada de Esporte. Não tinha Esporte nenhum. Era a Ginástica e Corrida. O Esporte foi depois [década de 1970]. No início, uns dois anos talvez, foi uma luta bem forte, por que anteriormente não tinha nada. E nós chegamos com as aulas de Ginástica e os alunos resistiram um pouco. Mas depois a gente controlou e dava muito bem O Esporte era planejado para os alunos do noturno, pois eles eram maiores e não tinham muita condição de fazer aulas puxadas de Ginástica. Eram todos maiores de dezoito anos. Tínhamos alunos até de 30 anos ou mais. Então a gente dava mais Esporte pra eles, porque era um lazer. Eles precisavam disso. E aí surgiu a necessidade de introduzir o Esporte. Então aos pouquinhos fomos alterando até montarmos as equipes. Nós participamos de muitos campeonatos de Atletismo. Tinham muitas equipes boas. Tínhamos de Basquetebol, de Voleibol, de Handebol, de Ginástica Olímpica, de Futebol. Os JEB's, chamava JEB's e não JEBEM. E nós introduzimos o Esporte pelo fato da gente ser do Esporte. O Fernando [Campos Furtado] mexia com Esporte, eu sempre mexi com Esporte e sempre mais de um. O Luís Afonso também. A gente do interior jogava Voleibol, nadávamos. Quer dizer, a gente via que tinha necessidade de implantar o Esporte. No início, desciam 80 alunos de uma vez só para as aulas. Como iríamos dar Esporte? Fomos introduzindo aos poucos. Nossos alunos eram só masculinos. As alunas só entraram em [mil novecentos e] setenta e dois. Nos primeiros seis anos era só masculino. Então a gente não tinha como dar Esporte. Não tinha nem local. Fizemos todo tipo de Ginástica, tanto em movimento como parado, a chamada calistenia. Naquele tempo a gente usava muito. Mas a gente gostava mais de fazer atividades misturando umas com as outras. Exercício com corrida. Nós tínhamos uma vantagem de ter um campo de Futebol. Nele trabalhava o Fernando no meio, eu em uma ponta e o Luis Afonso no outro um terço. Nós trabalhamos muito tempo assim, muitos anos assim. E eu acho que foi isso que deu um crescimento, pois nós montamos uma coisa tudo planejado. Nós planejávamos demais da conta. Estudávamos muito o que ia ser feito. O professor Fernando era muito experiente, o Luís Afonso também. E eu era o menos experiente deles, pois era o mais novo em Educação Física.

Uma imagem que ilustra a divisão do espaço, o trabalho disciplinado e o conteúdo pedagógico relatado pelo professor Januário, foi doada pelo professor Fernando Furtado. É uma montagem de fotos (Fig. XIX) que o professor fez e cedeu para a pesquisa:



FIGURA XIX – Montagem de fotos de aula de Educação Física no CEFET- Década 1960. Fonte: Arquivo pessoal do Prof. Fernando Furtado (Anotações do documento doado)

A montagem das fotos ilustra a descrição do professor Januário. Especula-se que tal modelo teria marcado a história profissional deste professor.

A seguir, apresentamos as memórias deste professor sobre suas intervenções, agora na década de 1970:

Depois, creio que 1971, criou-se as turmas femininas na escola. E aí entrou a Mariângela Avelar. Fez concurso lá e passou. Acho que foi a primeira a entrar lá. Depois foi o Reginaldo [Dias Gomes] também entrou nessa época. Mas creio que nessa época nós já tínhamos alguma coisa de Esporte, porque em 1969 eu mexia com Voleibol no Municipal [Escola Municipal do São Cristovão]. Lá já tinha Voleibol creio que desde 1965. Eu tinha uma equipe lá, a gente até brigava com o Estadual [Escola Estadual Gov. Milton Campos] e outros colégios. O Fernando era professor de Basquete lá e eu de Voleibol.

Quando foi em 1972 começou fazer (sic) o ginásio no CEFET. Fomos nós também que montamos. Teve uma participação do MEC e tudo mais e aí o Esporte começou a deslançar. Depois de 1971, o Esporte começou evoluir muito lá no CEFET. Então nós tínhamos lá Futebol, Voleibol, Basquetebol, Atletismo que era muito forte. Tínhamos até Natação. Eu mexia com Natação do seguinte modo: nós não tínhamos piscina, então quem sabia nadar ou que participava de cursos de Natação ia e representava. A gente jogou em Pelotas, no Paraná, em Vitória/ES, em Campos/RJ. Nós fomos jogar até em Fortaleza ou Natal. Ou melhor, nós fomos em Natal. Os alunos foram de ônibus. Eu fui de avião porque era mais a direção. Nós tínhamos um esporte muito bom no CEFET. O Esporte estava assim muito difundido o Esporte e a parte militar.

Nós tínhamos três aulas semanais em dois encontros com as turmas. Era uma aula de 50 minutos e uma de 100 minutos, ou seja, um total de três aulas por semana. Era uma simples e uma geminada. Nós brigamos por três aulas e conseguimos as três aulas até pouco tempo nós saímos de lá era assim. Depois acho que voltaram as duas. Aconteceu uma serie de coisas em dez anos. Tiveram muitos problemas. Acho que teve bastante problema depois que eu saí de lá, em 1992. Tem dezoito anos já. Nós conseguimos e mantivemos muita coisa boa lá. Sem nenhum diretor do CEFET amolar. Nós passamos por quatro ou cinco diretores sem problemas. Nós conseguimos inclusive coordenação de Educação Física. Nós tínhamos coordenador. Era um Departamento de Educação Física. Eu fui chefe do Departamento de Educação Física. E como tinha Departamento de Física nós éramos ouvidos. Nós tínhamos muita força, muita força mesmo. Nós conseguimos manter as três aulas sem problema nenhum.

Quem dava aulas para o feminino era professora. Não podia naquele tempo um professor dar aulas pro feminino. Tinha que ser professora. É difícil responder por que nós tínhamos professora. E tinha professor, então a gente separava os locais de aulas. Normalmente tinham cinco turmas tendo aula e cada professor dava aula para uma turma. As professoras [das turmas] femininas eram a Maria Helena [Vitorino], a Mariângela, teve a Eustáquia [Salvadora], depois veio a Betinha [Elisabete Rossete], teve a Grécia . Elas introduziram as aulas de Dança. Tinham as aulas delas lá, próprias para as alunas. Mas a coordenação era uma só. Nunca teve separação. Durante o período que eu fui chefe do departamento a gente reunia todo mês pra conversar, resolver problemas. Aí o colégio cresceu muito e cresceu o número de professores e aí também nós criamos os plantões, sábado e domingo, quando tinham atividades para os alunos. Os alunos, tanto feminino quanto masculino iam para o CEFET pra praticar Esporte. O pessoal gostava, era bom, sabe.

Porque a gente dominava bem os alunos. Dominava de verdade. Eles tinham uma rivalidade danada. O CEFET e o Municipal. Tinha uma rivalidade estúpida. Eles não

eram violentos, mas só dentro de quadra. Com o Colégio Militar também era uma briga feia. Mas era barra pesada no Atletismo, no Voleibol, onde mais? No Basquete. Eles tinham um ginásio lá, era uma rivalidade muito grande com o Estadual. Tinha uma rivalidade muito grande. Eu por exemplo tinha muita. Mas era tudo só dentro do Esporte. Briga nenhuma. Assim, às vezes tinha uma coisa pequena muito pouco. Nada de grave. Não tinha o que tem hoje. Era bem diferente. Pra se ter uma ideia, a gente jogava lá no São Cristóvão, aquela pedreira toda. A gente fazia plantão nos domingos pros meninos da Pedreira. Eu, Edson Pizani, Flávio, André. Estes dois já morreram. A meninada todinha ia jogar pelada lá no ginásio, nunca tivemos problemas com os meninos. Nós fizemos isso durante anos (JANUÁRIO, Testemunho, 2010).

As reminiscências do professor Reginaldo se aproximam muito das lembranças do professor Januário. Isto se justifica em parte pelo intenso convívio profissional que ambos tiveram no CEFET:

Porque no meu currículo eu fiz um memorial, pois tinha que fazer pra doutorado. No meu currículo tá lá que em todos os anos que trabalhei no CEFET e no Colégio Estadual nós fomos campeões juvenis estudantis. Então aquela história, eu me realizei muito com aquilo. Mas era um trabalho pessoal. Infelizmente, naquela época nós tínhamos até concorrência, tinha o Colégio Municipal, tinha o Colégio Técnico, o Colégio Militar, tinha o Colégio Estadual, os particulares: Santo Agostinho e Arnaldo. Era aquela história, existia uma propaganda grande na prática esportiva e um empenho grande dos professores, porque havia aquela cobrança de qualidade, porque se você tinha uma equipe que era vencedora você queria fazer propaganda dela e o próprio colégio começou a investir nisso aí. Surgiram o Pitágoras, o Promove e começaram a contratar professores e contratar técnicos, contratar atletas em função da propaganda que se fez com os Jogos Escolares Brasileiros [JEB's], etc. A gente tinha esperança que isso se tornasse um primeiro mundo no Esporte e de repente foi cortado. Hoje a turma que você chega na escola pública, chega na escola particular, não tem aula de Educação Física. Você não vê o ensino. A escola foi pro clube. A escolinha, o nome tá errado, porque no clube você tem que fazer atleta, não é aluno normal. Você não tem que levar o sujeito do zero ao meio. Você tem que pegar do meio pra cima. Então a filosofia é diferente, então aquela turma que mais precisa é relegada ao segundo plano e o aluno de Escola ficou abandonado. Infelizmente o que está acontecendo é isso. O Departamento de Educação Física do CEFET era mais forte que os Departamentos Técnicos. Nós tínhamos mais moral, mais presença, mais até investimento da direção do que os Departamentos Técnicos. Mas por quê? Porque era uma equipe que trazia retorno, mostrava serviço. Hoje ninguém preocupa mais em mostrar serviço. E mostrar serviço é fazer promoções, campeonatos, ir bem nos campeonatos. O aluno satisfeito. Hoje em todo lugar que você vai tem um ex-aluno que te cumprimenta com alegria danada. Por quê? O aluno gostava do que fazia, ele via que tinha um objetivo, que tinha um trabalho, que ele estava em boas mãos. A grande verdade é essa. E o negócio era o seguinte: da aula de Educação Física você programava as equipes. Tirava os melhores alunos para as equipes e esses talentos treinavam fora da aula. Eles tinham vontade de participar da equipe então havia essa motivação. Nós conseguimos falar que é importante. Você naquela fase de idade você conseguir se laurear em alguma coisa. Um louro qualquer. Aquele que não se dava bem na equipe voltava pra aulas e ficava fazendo tudo nas aulas pra conseguir novamente voltar à equipe (REGINALDO, testemunho, 2010).

Neste trecho do testemunho do professor Reginaldo aparece uma representação de Educação Física que teria sido privilegiada naquele momento, naquela instituição. Ou seja, um professor de Educação Física era aquele capaz de trazer retorno, 'mostrar serviço' e para tanto deveria organizar, treinar equipes esportivas e ganhar campeonatos. Isto tornaria o aluno

satisfeito e alegre. E, para isso, a aula de Educação Física era um bom momento para selecionar os melhores alunos para treinar nas equipes e poder representar bem a Escola nos torneios da cidade. Teria então as aulas de Educação Física se resumido a ensinar e praticar esportes com o intuito de selecionar os melhores?

No CEFET eram três aulas semanais, mas com dois encontros, pois um encontro era de 100 minutos. Inclusive eles tentaram diminuir e mantiveram as três aulas semanais. Isso foi mantido por que nós argumentamos que uma vez por semana não valia de nada, era sedentário. Para tirar a pessoa do sedentarismo, tinha que ser pelo menos três. A gente já tinha um congresso que não funcionava então pelo menos a Educação Física tinha que funcionar.

No princípio quando fui nomeado para o colégio Estadual, eu tive que dar aula masculina e feminina. Eu considerei até válido. Por que serviu como propaganda de que estava faltando professora. E aí a necessidade de haver a contratação feminina. E também porque eu consegui um certo resultado, pois, eu levei o aluno do zero à média. Porque pra mim professor é aquele que ensina o pessoal a fazer a coisa na média. Então começa haver um distanciamento entre homem e mulher porque o crescimento da mulher é muito mais rápido que do homem nesta faixa etária. Então os homens começam a se sentir diminuídos porque as mulheres ficam melhores do que eles, porque elas crescem mais rápido. Embora a idade seja a mesma então aquilo trazia uma série de problemas sociais. Então com isso quando começaram a separar masculino e feminino eu acho que o resultado foi bem melhor embora é claro nós tivemos atividades conjuntas mas é importante separar masculino e feminino pra você ter assim o mesmo enfoque.

A gente organizava as aulas dentro do princípio Francês. Princípio, meio e fim. Toda aula tem um começo, uma preparação, tem um princípio. Depois tem um meio que é a parte que você aplica e tem o encerramento. Então isso era o enfoque geral. É claro que nós tínhamos aulas com quatro enfoques, cinco enfoques. Quando você tinha um problema qualquer você aumentava a dissertação, quer dizer a hora em que você recebe o aluno pra conversar com ele pra explicar o que você pretende, o que está acontecendo. Por quê que vai acontecer determinada colocação. Seja de exercício, seja de política [...] Inclusive isso aconteceu com quase todos os professores da época: Januário, Fernando, Reginaldo, Luís Afonso, Arnaldo. Nós todos fomos diretores de escola. E éramos professores de Educação Física. Mas, por quê que não foi o de Matemática ou de Português? Por causa do envolvimento nosso com o aluno e o respeito que o aluno tinha com a gente. Nós nos impusemos, mas não é impor por impor, dizendo que eu sou bom. Pelo resultado que os alunos tinham, que traziam dos campeonatos. De confiar em você e vê que quando você prometia, você fazia. Então todos da época se tornaram diretores das escolas. Quer dizer os outros queriam ser dirigidos por nós. Quando eu comecei a dar aula a aula era tão complicado, pois você não podia dar uma aula com barulho. Os outros professores reclamavam. Aí você começava a brincar de aula de silêncio. Vai ter uma pelada e quando tiver gols tinha que balançar as mãos. Não podia comemorar isso aí passou a ser uma coisa super espetacular. Os outros professores começaram a se envolver. Quer dizer, nós mostramos que a nossa parte educativa era muito grande, que tinha respeito da turma, de sala de aula. Nós começamos a argumentar, pois a avenida Amazonas fazia mais barulho do que tudo e ninguém reclamava da Amazonas. Quer dizer, todo mundo acha que o outro é que tá errado e a aula de Educação Física era o problema pra escola. Mas era problema para o mal professor. Se o professor não chega no horário, o aluno já sai pra trocar de roupa e aquilo já é uma algazarra.

O professor de Educação Física não pode ser um leigo. Ele tem que estudar igual os outros. Ele tem que ver as coisas, entender e passar. Eles acham que Educação Física é simples. Todo movimento tem uma razão de ser. Tem uma biomecânica, tem uma fisiologia enfiada ali. Professor de Educação Física tem que saber ser médico preventivo. Aquele confiável. Transmitir segurança, saber o quê está falando e

fazendo. Por que vinte flexões e não trinta? E responder sem pestanejar. Porque vai acontecer isso e isso e aquilo. Você tem que avaliar, você tem que programar, executar e avaliar...tem que ter princípio meio e fim. Os três. Eu fui um privilegiado. Porque eu era ligado ao DED. Fiquei dez anos lá. Então eu trazia, no fim de cada JEB's e JUBS's, eu voltava cheio de material. Porque eu pegava. Eu sendo amigo do Ari Façanha, do Januário, do Arnaldo que eram da parte que escrevia, que desenhava e fazia aquele trem do Fernandão. Então a gente tinha acesso fácil. Então o professor de Educação Física tem que competir com gente de cima que tem conhecimento. Ele tem que chegar e mostrar serviço... eu sei pode fazer que vai ter resultado. Então é aquela história a gente tem que pensar em alto nível, embora você esteja na formação básica... você tem que conhecer.

O sujeito saía da Escola de Educação Física da base, mas parava de estudar achava que tinha que trabalhar – Vamos trabalhar, vamos trabalhar – Mas não é só trabalhar, é necessário trabalhar com consciência. Pegar no livro e estudar pra valer. Eles aceitavam ser medíocres. O pessoal fazia Fisiologia, fazia Biologia no ICB, pra tirar nota baixa, quer dizer só pra cumprir. É claro que não é assim. Se é medicina preventiva, você tem que conhecer melhor do que quem vai curar você. Tem que pôr na cabeça que não podem nos colocar a parte. Eu tenho que me valorizar, pois se eu não me valorizar os outros não vão me valorizar. Então o problema que nós tivemos foi isso é aquela história – vou fazer Educação Física porque eu não consigo entrar na medicina ... Isso é um problema sério porque eu falei com meus irmãos aqui, são três médicos e eu falava com eles assim – oh eu trabalhando bem vocês morrem de fome. Não vai ter doença e se não tiver doente como é que vocês vão fazer? Qual o profissional mais bem pago do mundo? É o professor de Educação Física do presidente dos Estados Unidos... paga bem por quê? É *personal trainner* e é responsável pela saúde do presidente... prevenção... quem foi Cooper [Kenneth H. Cooper]? Que inventou o famoso teste de Cooper? O professor de Educação Física da NASA. Os astronautas são as pessoas mais caras do mundo. O sujeito investe milhões nele e ele não pode ficar doente então vão pagar para quem faz a medicina preventiva dele. E nós nas escolas não estamos vendo esse negócio. Nossa profissão é muito nobre, mas nós temos que nos valorizar pros outros te valorizar. Eu discuto com qualquer Fisiologista, com qualquer Médico sobre anatomia, fisiologia, biomecânica com qualquer um deles. Eu posso saber igual, mas menos não (REGINALDO, Testemunho, 2010)

Em resposta a questão antes anunciada, ou seja, teria então as aulas de Educação Física se resumido a ensinar e praticar esportes com o intuito de selecionar os melhores? Parece que não. As aulas de Educação Física teriam outra utilidade, a de promover a saúde dos educandos. Seriam uma espécie de “*medicina preventiva*”. Os relatos do professor Reginaldo anunciam dois objetivos básicos das aulas de Educação Física: a promoção da saúde e a descoberta de talentos esportivos. Sendo o primeiro objetivo para todos/as e, o segundo, para uma pequena parcela de alunos providos de boa capacidade técnica.

A divisão das aulas destes professores consistia em três momentos: o aquecimento, a lição propriamente dita e a volta à calma. Os conteúdos teriam sido os exercícios ginásticos e modalidades esportivas. O sistema de avaliação teria uma parte de performance técnica, além da frequência. O professor Januário ressalta que as modalidades esportivas teriam sido incluídas no currículo do CEFET a partir da década de 1970 e por influência dos próprios professores da Escola, pois eles militavam na área esportiva, atuando

como técnicos de times de Voleibol, Basquete, Futebol de Salão e Atletismo. Tal situação aproxima-se do argumento de que a formação anterior à formação profissional continua a orientar as intervenções profissionais, como afirma, por exemplo, Maurice Tardif (2005).

Para os professores, o coroamento deste trabalho era a conquista das primeiras colocações em campeonatos interescolares frequentes naquele período. É notório o envolvimento dos dois em torneios esportivos diversos. Ressalta-se o testemunho de que teria ocorrido grande rivalidade entre as escolas nos torneios realizados na cidade. Observa-se que a competência dos professores de Educação Física teria sido avaliada de acordo com o resultado obtido. Além disso, tais torneios teriam assumido papéis de propaganda das escolas. Nas palavras do professor Reginaldo, “*um markentig das escolas*”. Segundo suas reminiscências, as aulas de Educação Física serviam para todos aprenderem as técnicas esportivas, bem como para selecionar alunos/as destaques para as equipes esportivas.

Um entendimento de Educação Física presente nestes últimos testemunhos aponta para o seu vínculo com a promoção da saúde, por meio do aprendizado das técnicas esportivas, tendo como conteúdo predominante o esporte.

O relato do professor Wilson vai ao encontro das lembranças dos professores Reginaldo e Januário:

No Estadual Central [E.E. Gov. Milton Campos] a gente dava aula de uns vinte ou trinta minutos e depois nós fazíamos o Esporte. Porque naquela época os colégios estavam contratando professores para ser, assim, específico de Voleibol, Basquetebol, Futebol de Salão. Então você dava menos aula. Os alunos que pertenciam à seleção eram abonados, porque eles treinavam em horário diferente. Então aquilo valia como aula. Isso dava ao aluno de treinamento mais responsabilidade também. Porque ele tinha que ter consciência disso e participar dos treinos, pois ao contrário ele perderia essa condição e ia ter que voltar para aula. Os treinos eram as presenças deles nas aulas de Educação Física. Nós professores que escolhíamos os que tinham aptidões, os melhores. E no Instituto de Educação eu fui contrato pra fazer atleta mesmo. Eu fui pra lá não só fazer, como [formar] um time. Eu fiz atleta inclusive, uma delas é a irmã do Cebola [apelido de um jogador de Vôlei mineiro], a Dora. Eu fiz outras mais. A Dora passou pela minha mão. E vários outros atletas. Em 1975, no Instituto de Educação, saíram três meninas pra seleção mineira. Do trabalho que eu fazia no Vôlei. Então havia isso, os colégios contratavam professores pra montar times. E era uma luta, uma disputa danada. Vinha colégio de fora do Estado. Mas depois aquilo foi caindo, foi caindo. Eu selecionava nas aulas e fazia os atletas nas equipes, à parte. Você há de convir comigo o seguinte: na aula você tem todo tipo de aluno e todo tipo de interesses. Como você vai pegar uma turma assim pra treinar? Não tem jeito. Tem aqueles que ter interesse por Basquete, ou por Futebol, tinham uns que achavam que Vôlei é para as mulheres. Então a gente pegava aquele tinha jeito, que gostava, que tinha mais interesse, que tinha aptidão pro Basquete, a gente convidava. Muitas vezes só de ter altura a gente já chamava. Eu era mestre nisso na altura. Fiz muita gente jogar Vôlei só por ter altura. E convidava pra participar das equipes. Então era assim que nós fazíamos, da própria aula a gente via o que sobressaía e convidava. As aulas eram diferentes dos treinos, mas a gente fazia também alguns ensinamentos de Basquetebol, com bola, essas coisas todas. A intenção era que depois eles continuassem a praticar por Lazer ou por Saúde. Tinha uma escolinha também que era uma espécie de preparação para a equipe. A gente convidava e muitos iam, mas

com o tempo via que não tinha muita aptidão e desistiam. Mas a escolinha era aberta, quem quisesse participar da escolinha participava. Da equipe não. A elite era dispensada da aula de Educação Física. E funcionava do mesmo jeito no CEFET. Nas aulas, a Ginástica ainda predominava. Era pra ensiná-los fazerem alguma coisa. Tinha o Circuito *Trainner*, Intervalo *trainner*, uma Ginástica de flexibilidade do corpo. Então era bom, era bacana (WILSON CAMELIER, testemunho, 2010).

A partir deste testemunho, é possível perceber que a filosofia e organização do trabalho docente dos professores Januário, Reginaldo e Wilson estavam bem sintonizada. Cabe destacar pequenas diferenças, como por exemplo, a necessidade que o professor Januário percebia em educar os alunos, a ênfase dada pelo professor Reginaldo na questão da Educação Física ser uma medicina preventiva e agora o professor Wilson relatando que as aulas de Educação Física eram diferentes e poderiam servir para o Lazer dos alunos. No entanto, parece que, para estes professores, o que teria se destacado, e que de alguma forma prevaleceu, foi a seleção de talentos e a formação de equipes esportivas para representar bem a Escola e ter o reconhecimento profissional interno e externo:

Pra você ter uma ideia, a Educação Física tinha tanto prestígio que lá no CEFET eram três aulas por semana. Uma de 50 minutos e uma geminada de 100 minutos. Hoje tem escola que nem tem Educação Física. Tinham aulas de Educação Física até na Faculdade. Repare que a profissão tá só perdendo. Antigamente as aulas eram separadas por sexo. O que eu acho que é a melhor coisa. Creio que não deve ser junto não, eu nunca concordei. Porque há diferença. Existe uma diferença da menina para o menino. Apesar de que hoje em dia tão fazendo tudo. Dirigindo carro de corrida e tudo mais. Mas eu nunca gostei em virtude dos probleminhas da adolescência. Eu via aluno que agarrava a menina. Eu falava: – aqui não é lugar, aqui não é motel, você tem respeitar este ambiente. Então eu nunca concordei com essas coisas. Então eu acho que tem que ter disciplina e isso é disciplina. E rendia melhor uma aula separada do que uma aula mista. Mas eu não sou bobo. O aluno com a menina ele vai pra aula por causa do namorico. Então não gostava disso mesmo. As meninas tinham a Ginástica Rítmica, com arco, com massa, uma porção de coisas. Tinham a Ginástica de solo. Eu tinha uma turma de Ginástica de Solo na Lagoinha, é só você vendo. Eu gostava de tudo. Então eu fazia menino saltar plinto³¹, fazer parada, a bananeira, de três, de perna aberta e o outro passava voando por cima eu fazia essas coisas toda. Quando eu cheguei no CEFET tinha Dança pras meninas. No Instituto de Educação quem dava Dança era a Cidinha e tinha a Helena, o apelido dela era tico-tico. Cidinha também foi um baluarte aí no Instituto de Educação elas davam muito Ginástica. Tinha muita coisa de Balé, Balé aquático. Ela fazia muito coisa bacana. Antigamente as coisas tinham valor sabe? Na Escola Técnica [CEFET] tinha Mariângela que trabalhou comigo, o Fernando Furtado, tinha Maria Helena Vitorino, tinha a Iara, agora creio que tinha a Helenice [Falcion] uma novata. Muito boa essa Helenice... Então eu lembro dessa turma. No Estadual tinha a Leda. A turma era boa. A turma dedicava você precisava ver como é que era a Educação Física antigamente. Tudo direitinho, tudo com uniforme. Tênis branco ou se fosse preto meia branca, calção verde, menina de saiotê verde, blusa.

No CEFET uma aula era de Ginástica, era fazer Ginástica. Começava com alongamento, um aquecimento, corria cinco minutos, depois andava um minuto e meio depois novamente quer dizer fazia um trabalho de resistência e havia o Circuito Trainer. No final tinha uma conversava um pouco com eles uma volta à calma. Falava muito nisso. A conversa era falar mesmo sobre a Educação Física e a

³¹ Na ginástica artística, plinto é um aparelho destinado a execução de saltos com auxílio de um trampolim. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/plinto/>

Ginástica sobre o que eles acabaram de fazer, que era importante pra vida – ao invés de vocês fazerem aí fora gastando uma academia vocês tão fazendo aqui de graça. E aqui é ao ar livre, fazendo alguma coisa boa. E muitos alunos gostavam. Agora na aula geminada era Esporte. Para os grandes dava um ensinamento com técnica. Depois nós dávamos uma opção para escolher o Esporte que mais gostava. Assim quem gostava do Voleibol ia jogar Voleibol, quem gostava do Futebol de Salão ia pra quadra jogar Futebol de Salão. Para os mais novos tinha Atletismo, corridas de cem, duzentos, oitocentos, corrida de mil e quinhentos. Tinha salto à distância, salto triplo. No Estadual era semelhante. E a gente não deixava solto, não. A gente até apitava. Não deixava assim ‘pros côcos’. E dali a gente via aquele que tinha jeito e ia pegando pra equipe. A gente também chegou a organizar por temporadas. De dois em dois meses era um tema diferente e no final tinha um torneio interno do tema.

Pra você ter ideia, o colégio Estadual ficava com a praça cheia de aluno. E não era pequena. Lá tem assim uns quatro campos direto, tem piscina. Cheio de gente fazendo Educação Física. As meninas, os meninos, nadavam. Inclusive, nesta época, houve um torneio que se chamava “Inter Anexo” dentro do Estadual. Envolveu as escolas da Lagoinha, Sagrada Família e o Estadual Central. Teve natação, teve de tudo que podia. Hoje em dia está mais separado. Mas eu dei aula na Lagoinha, num colégio do Estado, dava aula no Instituto de Educação e dava aula no Estadual Central. Então houve esta mudança, houve essa melhora.

Para a seleção do colégio tinham os Jogos da Primavera. Existia um coronel muito entusiasmado lá, do Colégio Militar. Creio que era Coronel Falcon. Ele fez um campeonato chamado Taça da Amizade só para os Colégios Públicos. Estadual, Escola Técnica, o Instituto de Educação, Colégio Militar, Colégio Tiradentes. E aí nós tínhamos tudo: Basquete, Vôlei, Futebol de Salão, Atletismo e tudo. Isso foi na época da ditadura, 1976/77/78. Esse coronel era muito entusiasmado com o Esporte. Ele comparecia pra ver. Então era muito bacana. Havia muita competição na época, os jogos pegavam fogo. Aí os colégios particulares começaram a dar bolsas de estudo com a condição de jogar para a equipe do colégio. O Isabela [Instituto Metodista Isabela Hendrix] fez uma equipe só com alunos bolsistas. Então, desde de 1974, o Isabela dava bolsa de estudo. Depois passou pro Promove. Foi nessa época que começou essa coisa de mostrar qual era o melhor colégio. Tinha essa coisa de levar os bons atletas para um colégio. O Isabela era Voleibol. Teve até aquela Irene que estudou no Isabela. Eu quando trabalhei no Instituto tinha Eliane Aleixo. Ela estava lá, ela tinha quatorze anos. Teve também a Soninha. Sonia Costa Faria. Todas foram de seleção. Mas não era bolsa. Era difícil fazer um atleta lá no Instituto. Essa coisa de Bolsa de estudo facilitou a vida de muito colégio particular. Por que já os caras já pegavam a aluna em um nível muito bom. Queria ver pegar no começo. Eu tive equipes campeãs que eu fiz sozinho. Sem menina de clube, tudo que eu selecionei da Educação Física. Inclusive na época não podia ter atleta de clube inscrito na Federação. A ideia era para aparecer atleta, então era uma luta, era uma briga. Eu me lembro também do Laerte, ele era do [Colégio] Batista Mineiro. Ele era bom pra fazer atleta. Tinha o Ataíde lá do Sagrada Família [Escola Estadual da Sagrada Família]. Fazia jogador. Em 1972, o Mackenzie organizou o primeiro campeonato Petiz de meninas e meninos, até treze anos de idade. Os clubes desenvolveram e deixaram entrar o Instituto de Educação e o Sagrada Família, com o Ataíde. Eu fui campeão desse torneio. Eu ganhei do Minas, do Mackenzie, do Ginástico, do América, ganhei de todos. Eu fui campeão do primeiro Torneio Petiz [treze anos] da Federação. O Ataíde ficou em segundo no masculino. Então era uma época que os professores estavam mostrando serviço. E os colégios contratando professores e tudo. Eram torneios bons, às vezes tinha uma confusão ou outra. Tinha muita rivalidade, e aí você sabe como é? Teve uma vez que um colégio da periferia chamou atletas de clube só para ganhar os Jogos da Primavera. Foi um vexame. Foi uma confusão só. Havia muita disputa. Nos torneios tinham quinze, até dezoito colégios disputando. Eu ganhei vários destes torneios. Mas eu trabalhava muito. Teve um ano que chegou julho e eu convidei as meninas para treinar durante as férias e todas toparam. Minto, uma não pôde. Eu tinha a chave do colégio e treinamos julho todinho. Ganhamos de todo mundo no campeonato. Então você

tinha incentivo, você gostava. E não ganhava nada com isso. Eu era só treinador. Ganhava como professor/treinador. Depois eu passei a dar aula. Eu tinha trinta aulas, quinze pra treinamento e quinze pra aula. Depois isso acabou e eles falaram que se eu quisesse continuar tinha que ser por fora, mas sem receber. E eu continuei à parte, não ganhei nada, fiz por amor (WILSON CAMELIER, testemunho, 2010).

Estes testemunhos nos dão indícios de que teria existido nestas escolas um intenso movimento de *esportivização* das aulas de Educação Física, e principalmente das instituições escolares anunciadas. Observa-se que teria sido grande as contratações de técnicos de várias modalidades esportivas para a formação de equipes, que teriam a função de representar a instituição em torneios esportivos das cidades. Este movimento de contratação de professores de Educação Física para atuarem como técnicos esportivos teria criado uma ambiência competitiva de conseqüências inesperadas como, por exemplo, o movimento de escolas particulares fornecerem bolsas de estudos para alunos jogarem por elas, o que foi recriminado pelo professor Wilson. Além do crescimento acentuado da rivalidade entre estudantes e escolas, o que resultou em embates tensos, tanto nas quadras, como fora delas. O “ethos esportivo” de competição teria sido incorporado por alunos, professores e diretores destas escolas.

As instituições escolares citadas nos testemunhos teriam não só adotado as modalidades esportivas como conteúdo hegemônico de suas representações sociais, como também os procedimentos de seleção, de hiper competitividade e de verificação do melhor resultado como fatores básicos destas representações. Tais escolas teriam inclusive participado de campeonatos entre clubes esportivos da cidade, em função das boas performances apresentadas. Assim, acredita-se que as intervenções pedagógicas nas escolas mencionadas teriam se aproximado de um ideário que entendia a instituição escolar com um “celeiro de atletas”. Onde a prática esportiva deveria ser adotada como principio norteador para suas ações pedagógicas, principalmente para os meninos. Parece ter sido nestas bases que o trabalho destes professores deveria ser avaliado. “*Mostrar serviço*” para eles era “saber lapidar a pedra bruta”. Ou seja, descobrir, em meio a tantos alunos, aqueles que poderiam vir a ser bons atletas. E mais do que descobrir, saber ensiná-los e aperfeiçoá-los. Estes parecem ter sido os alicerces da prática profissional destes professores, naquele período.

Destaca-se, no entanto, que o movimento de esportivização das ações pedagógicas destes docentes teria ocorrido em espaços diferentes e em níveis distintos de assimilação. Acredita-se que a esportivização das aulas de Educação Física não teria atingido níveis tão acentuados, pois nessas aulas os professores não teriam excluído os alunos considerados mais “fracos” tecnicamente. Ao contrário, eles procuravam incentivá-los a aprender. Além disso, a

hiper-competitividade não teria atingido seu clímax, como aconteciam nos campeonatos, em virtude das discrepâncias de interesses e de performances técnicas presentes nas aulas.

O conjunto das reminiscências até agora examinadas nos dá indícios de que o duplo movimento - de *esportivização* da Educação Física e de *escolarização* do Esporte – já iniciado décadas antes, teria encontrado, naquele momento e naquelas escolas, condições e possibilidades para se materializar e expandir, ainda que de modos distintos.

O relato da professora Maria Helena reforça os testemunhos dos professores Wilson, Januário e Reginaldo, mas também anuncia novidades em relação aos conteúdos que teriam sido ministrados para as meninas, indicando outro tipo de *esportivização* das aulas de Educação Física no período:

Eu comecei a trabalhar no CEFET onde o Esporte era levado muito a sério. A Escola dava toda condição. Lá sim, lá nós tínhamos material, tínhamos no início não só o campo de Futebol como já tínhamos duas quadras. Depois foi construído o ginásio e melhorou bastante, mas mesmo assim lá são muitos alunos pra um ginásio só. Lá a gente trabalhava, o nosso trabalho era maravilhoso, porque o ano inteiro a gente tinha programação. Estudávamos todos na medida do possível as modalidades esportivas. Então a gente tinha temporada de Vôlei, temporada de Atletismo, temporada de Dança, temporada de Ginástica Olímpica. Era tudo cronometrado, quer dizer, em fevereiro eu sabia que aula que eu ia dar em novembro. Era um trabalho muito bem feito. Participamos também de alguns campeonatos, aí tínhamos as equipes femininas era Voleibol, a Ginástica Olímpica. O professor Elcio Paulineli trabalhava com os rapazes e eu trabalhava com as meninas e nessa época tinha ainda muitos campeonatos. A gente trabalhava sábado, domingo, feriado, dia santo. As equipes funcionavam à noite depois do expediente. A gente ficava com as equipes, de Ginástica Olímpica. Eu lembro bem, tinha Basquete, Futebol de Salão. Não tinha Futebol de Campo, eu acho que não (não me lembro), eu acho que não. Basicamente eram esses. O Basquete feminino a gente não tinha. Por causa da questão da dificuldade do local, porque não tinha espaço. É a gente tinha que adequar com os treinamentos dos rapazes do Futebol, do Basquete, do Atletismo e da Ginástica Olímpica. Então a gente tinha esse trabalho extra-curricular. E as meninas tinham aulas separadas dos meninos. E os conteúdos também eram diferentes. Porque, por exemplo, na época mulher não jogava futebol igual hoje. Era uma coisa que não passava pela cabeça de ninguém. E elas também não pediam, nenhuma [delas]. A gente tinha Handebol, masculino e feminino. O Basquete era só masculino. Futebol era só masculino e nós tínhamos mais Ginástica Olímpica, masculina e feminina. Aí a gente tinha Dança Rítmica era a Betinha [Elisabete Rossete]. Tinha a Ginástica Rítmica, também. A Betinha tinha a equipe dela de Ginástica Rítmica, muito boa por sinal (MARIA HELENA, testemunho, 2010).

A professora relata que o currículo feminino também teria sido colonizado pelo fenômeno esportivo, porém em menor escala, pois o número de modalidades esportivas ministradas para as meninas eram bem menores. Além disso, havia um conteúdo que teria sido ministrado apenas para as meninas, como no relato a seguir:

Todo ano a gente fazia um Festival de Dança lá na Escola [CEFET] e este festival era, assim, o supra-sumo do nosso trabalho. O primeiro que a gente fez nos surpreendeu, porque meninas que não tinham o menor jeito pra coisa e se engajaram, treinavam fora do horário e o dia do festival era uma festa. A escola inteira ia pra assistir e assim surpreendia a nós. Ficamos surpresos com a capacidade das meninas sem o menor jeito entrar e fazer uma dança direito. No CEFET esse

trabalho nosso foi muito bom. No início das aulas elas ficavam um pouco perdidas, algumas não queriam fazer. Mas a gente conseguia engajar todo mundo nos trabalhos durante as aulas. Mas esse trabalho específico do Festival de Dança, a gente formava grupos e cada grupo tinha uma líder. E elas mesmas é que faziam as coreografias, decidiam as roupas, aí elas se enturmavam, não tinha exclusão. Era muito bom esse trabalho.

Na realidade, eu sempre fui muito rebelde, tanto é que eu sou dos anos sessenta. Participei dessa contestação – tem que ser isso. Não, eu sempre questioneei. Não? Por que tem que ser isso? Eu tive brigas com meu pai por causa disso. Meu pai era aquele italiano durão. Ai, meu Deus... Eu nunca aceitei essa autoridade. Porque tem que ser assim. Tem que obedecer. Eu nunca fui de aceitar as coisas assim, apesar de que nós aceitamos muita coisa, muita imposição, porque lá quem mandava eram os homens. Eram os homens, os homens ditavam as normas e nós cumpríamos e mesmo assim eu ainda era a rebelde... Ah, se fosse hoje, muita coisa seria diferente. Eles impunham umas coisas pra gente e a gente obedecia sem... Eu questionava, mas não adiantava ir contra a corrente... Essa coisa de você ter que aceitar. Por exemplo, o plano primordial era dos homens, o que sobrasse era das meninas, então às vezes a gente queria fazer uma aula, a gente precisava do ginásio, por exemplo, não podia. Mas, não podia, por que? Ah, se fosse hoje, elas jogavam aquilo no chão. Na época, não. Aceitávamos pra não criar confusão, porque precisávamos do emprego também. Isso tinha, estou me referindo lá no CEFET, eram os homens que ditavam as normas e nós obedecíamos. Aí depois foi aquela propaganda. Mas quem carregava o piano? Éramos nós que carregávamos o piano. E quem aparecia? Os exigentes ((riso)) é verdade?

Eu passei trinta anos da minha vida olhando o relógio, que era cinco minutos de aquecimento, dez de Ginástica e depois a aula propriamente dita, e a volta à calma no final. Era isso! E lá era ditadura, aí de você se não cumprisse esse padrão. Em relação às alunas, a grande maioria tinha uma boa aceitação com a disciplina. A gente não tinha problema. Tanto aqui, em Sete Lagoas, como em Belo Horizonte. Nenhuma. De jeito nenhum, eram meninas mais novas, assim, fáceis da gente controlar. Aliás, a primeira aula que eu dei aqui [Sete Lagoas], foi interessante isso, no primeiro dia que eu cheguei, foi lá na Praça de Esportes. Aí na quadra fiz uma chamada: - fulano, Maria, Andréia, Beatriz. Na hora que eu terminei a aula estava somente a metade – peguei a chamada: - Em fila. Alguém falou: - Que isso professora? A senhora já fez a chamada. – eu sei. Uns trinta por cento tinha ido embora, fugido no meio da aula. E nunca mais, claro aconteceu. Aí na outra aula eu falei – se vocês não quiserem participar da aula por mim não tem nenhum problema. O problema é a sua presença. Está aqui. Se quiserem podem sair da aula, mas não faça isso escondido de mim, não. Nunca mais ninguém fez. Ninguém. Então tanto aqui quanto lá não tinha problema de disciplina. Nada. As meninas eram muito tranquilas. Não tinha isso de não querer fazer. Elas eram bem, bem... não é obedientes. Elas eram bem cientes do dever. Claro que numa aula de Voleibol que não tinha jeito – ah, professora eu não quero, e tal – mas entrava esse problema a gente não tinha, não. Tinha, lógico, aquelas que amavam Educação Física, que se destacavam; essas acabavam que elas até influenciavam as outras. Pelo menos nas minhas aulas não tinham. Também se comessem eu já fechava a cara e ficava tudo certo (MARIA HELENA VITORINO, Testemunho, 2010).

Os aspectos relacionados à organização do trabalho docente como a divisão da aula em três partes que era uma imposição do Departamento e o poderio dos professores homens na decisão das atividades são relatados pela professora Maria Helena com certa mágoa, anunciando uma obediência indignada. Nas palavras da professora: *“Aceitávamos para não criar confusão e porque precisávamos do emprego”*. Apesar do controle masculino anunciado pela professora, ela teria introduzido o conteúdo da Dança no currículo feminino,

conteúdo, este, até então nunca trabalhado nas aulas daquela instituição de ensino. Ressalta-se no anúncio de tal professora o papel que o Festival de Dança teria assumido na representatividade interna e externa do Departamento de Educação Física. Especula-se que tal evento tenha se sobressaído aos eventos esportivos nestes anos, tamanha sua repercussão interna e externa.

As reminiscências da professora Lucia Aparecida reforçam uma percepção de que os/as professores/as entrevistados teriam organizado os currículos por temporadas. As aulas teriam sido organizadas em três partes distintas, aconteciam separadas por sexo e duas vezes por semana, com a duração de 50 minutos. A exceção foi o CEFET, onde as aulas aconteciam duas vezes por semana, porém, uma com a duração de 50 minutos e a outra geminada, com duração de 100 minutos. Os conteúdos ministrados teriam sido Ginástica e Esportes para os meninos, e Ginástica, Esportes e Dança para as meninas:

Quando eu dava aula em colégio era dessa maneira: eu pegava o que eu via nas apostilas, nos livros, pra montar a aula e a gente tinha esse conceito de que a aula era dividida em três partes. Você tinha que dar o aquecimento – era a palavra que usava – na parte de desenvolvimento era onde você ensinava, por exemplo, os gestos técnicos. Ou seja, como é que você pega na bola de Vôlei, como é que você dá uma manchete, essa coisa toda. E dava um jogo de iniciação. Depois você tinha que dar o relaxamento, que era a terceira parte da aula. Era pra fazer o aluno voltar à calma. Chamava volta à calma, sabe? E eram jogos calmantes que a gente usava pra poder o aluno voltar pra aula dentro da sala de aula. Porque as aulas de Educação Física eram dentro da grade das outras disciplinas. Então tinha que ter essa preocupação, mas você não sabia fazer. Eu fui aprender a montar um plano de aula na prática. Dando aula perguntava daqui, perguntava dali e olhava o que falava as apostilas e depois os livros que eu fui comprando e aí foi me dando esta condição. Quando eu fui dar aula em Juiz de Fora [MG] em 1977. Eu comecei trabalhando no Piedade [Colégio Nossa Senhora da Piedade] Eu copiei muito o modelo de professor, de comportamento da Marluce [Gomes Guimarães], depois do comportamento da Teresinha [Bonfim], que eram duas professoras bravíssimas. A gente até arrepiava de medo. Mas foram as que mais marcaram, porque eram mais exigentes. Então eu me lembro até hoje de como elas começavam a dar aula com aquele rigor todo. Com roupa, com postura, com desenvolvimento da aula em si. Aquela cobrança. Então eu era terrível, era chata. Voltando, quando eu comecei a dar aula eu era atleta ainda. Eu disputava torneios, era atleta de alto nível. Eu fazia Ginástica Rítmica na equipe da Teresinha Bonfim no Grugin [Grupo de Ginástica] e era confuso, complicado pra mim. Porque eu queria progredir, queria dar aula em outros lugares e era complicado, era difícil acesso, pois a área já tinha muita gente boa. Aí eu fui chamada pra dar aula pra uma professora que tava saindo pra ir pra Alemanha. Naquela época o pessoal ia muito pra Alemanha fazer especialização porque na época era mais especialização que o pessoal procurava. E aí eu fui pra Juiz de Fora e quando eu precisei, eu falei – nossa, e agora, como é que eu vou dar aula numa Escola de Educação Física? Eu tinha o conteúdo, eu tinha sido uma excelente aluna de ginástica, de tudo. Olha, eu joguei Vôlei, Basquete, eu saltei, eu corri, eu lancei dardo. Eu só não competi Natação porque eu detesto água até hoje. Mas pra época eu era atleta, eu participava de Jogos Universitários Brasileiros [JUB's]. Eu participei de tudo.

Mas no colégio eu aprendi [a] fazer o planejamento anual. A gente dividia por bimestre. Em cada bimestre tinha temporada de Esporte. Assim, enquanto não estava chovendo a gente dava a parte de Vôlei. O Handebol que era um esporte novo, que tava chegando, se o colégio te dava condição, a gente ensinava. Eu trabalhei no

[Colégio] Estadual de Nova Lima, por exemplo, lá tinha muito espaço físico. Dava para ensinar Atletismo e outros esportes. Em escolas sem estrutura e sem material você tem que trabalhar de acordo com a realidade. Não dá pra inventar muita coisa, não. No Estadual de Nova Lima tinha uma equipe boa de Educação Física que me ajudou muito na elaboração do planejamento anual (LÚCIA GUILHERME, Testemunho, 2010).

Embora as aulas parecem ter seguido a mesma organização, é necessário tomar cuidado, pois na aparência do igual há o diverso. Nem todos/as professores/as seguiram o esquema de organização de aulas anunciado acima. As lembranças do professor Guido são emblemáticas no que diz respeito ao grau de autonomia que professores podiam ter na construção do seu fazer pedagógico. Mesmo em um momento marcado pela proposição de uma dada forma de entender a Educação Física, este professor aponta indícios de uma subversão à ordem proposta/imposta:

Então não existe um corpo separado da mente. Isso não existe. Mas nesta época o pessoal acreditava que existia. Então veio gente escrever a respeito disso. Nós batalhamos muito a respeito disso, ou seja, que não era só um trabalho do corpo. Que não adiantava dá Esporte por dar. Dar alegria pra escola. E inclusive era uma alegria bem profunda. Uma vez eu falei em uma conferência. Eu nunca vi um aluno beijar livro, mas vi várias vezes ele beijando a bola. Você joga uma bola pra eles e aquilo já está introjetado na cabeça deles. Parece um objeto superior, um gosto de movimentar-se com a bola, uma coisa incrível. Inclusive eu defendo muito a bola. Ela é um excelente material pedagógico. Mas, voltando, é isso. A discussão ainda tá aí. Muita gente ainda não evoluiu. Porque o pessoal do Esporte ainda resiste muito. Eles dizem que somos contra o Esporte. E não é isso. Não é que a gente esteja contra o Esporte, mas é que a conclusão que eles chegam é esta. Mas isto não é Educação Física, nós trabalhávamos para muito além disso. Nós acabamos com um negócio que eles chamavam treinamento e introduzimos escolinha. Então era Escola de Vôlei, Escola de Futebol, Escola de Dança. Escola disso e daquilo. A gente fala mais de Esporte é porque Esporte era o que predominava. Mas Educação Física não era só Esporte. Particpei demais de campeonatos. E acho que deve voltar. Mas não o campeonato tradicional. Aquela forma tradicional, mas um campeonato diferente. Nós conseguimos fazer um campeonato sem dar troféu, sem dar medalhas, sem dar nada. Um campeonato por prazer deles. E a gente conseguia fazer isso várias vezes. É um negócio muito interessante, isso. Porque o pessoal fica só achando que é premiação que anima a garotada. Indiretamente é só uma compra. E essa compra tem jeito de aliviar. Eles gostam da medalha, mas eu acho que medalha não deve dar pra todo mundo, porque senão desvaloriza. O elogio você não pode ficar distribuindo a toa. Você trabalha com elogio na hora certa. Por isso eu falo que professor tem que estudar muito. Principalmente pra acabar com o preconceito que tem com o professor de Educação Física. Chegavam a falar com a gente que pra fazer Educação Física você só precisava aprender a contar até quatro. Mas também não é pra menos. Lá no colégio tem uma árvore que é torta de tanto os professores de Educação Física ficarem dando aula encostado nela.

As lembranças deste professor em relação à sua intervenção pedagógica já anunciam uma dada diferença no modo de entender o Esporte na Escola. Para ele, não se pode trabalhar o Esporte sem uma fundamentação do *por que* e do *para que*, tendo como justificativa somente a alegria da prática. A Educação Física é muito mais que isto. Ela não deveria separar o corpo da mente, os treinamentos não deveriam ser considerados treinamentos e sim momentos de escolarização do Esporte e os campeonatos não deveriam

valorizar os ganhadores, mas sim o prazer de estar ali competindo. E as diferenças não ficam aí:

A gente quebra aquela aula estrutural de três momentos que a gente aprendeu na Escola. Que tinha o primeiro momento, depois o segundo e por último a volta à calma. A gente quebra tudo isso e vem dando a aula com o desenvolver do próprio aluno. Tem outra coisa muito interessante. Não posso dizer: foi eu e a Eustáquia que conseguimos isso, mas as aulas eram separadas de menina pra um canto e menino pra outro. Vestiário feminino pra lá, vestiário de masculino pra cá. E nós tínhamos percebido que a nossa função era o encontro. E eu acho que na Educação Física seria muito importante que isso acontecesse. Ou seja, o encontro do homem com a mulher, ou do homem com o homem, ou da mulher com a mulher. Nós nunca tivemos esse preconceito. Então, o ápice da evolução da espécie humana é esse encontro. Porque se a gente separar isso a gente acaba com a reprodução humana. Então nós começamos isso. As nossas aulas eram juntas. E não foi nada forçado, foi natural. Os próprios alunos chegavam juntos e a gente começava a aula com eles juntos. Quando começava a separar, por exemplo, no Futebol, a gente incentivava as meninas a correrem atrás dos direitos dela de jogarem. Foi nessa época que nós reintroduzimos o *Espiribol*³². Esse jogo não era muito usado. Só era usado em seminários. Eu vi sendo usado em um seminário que veio da Europa. Neste jogo só os meninos é que jogavam as meninas ficavam danadas com aquilo e perguntavam: por que só eles que jogam? Era um processo que a gente usava consciente. Porque se a gente fosse lá e falássemos pra elas jogarem elas não iam jogar. E isso era com tudo. Então as aulas eram todas juntas. Mas era uma introdução pedagógica nossa. E para não haver uma rejeição fomos introduzindo aos poucos. Vieram as fórmulas prontas, nós jogamos fora e falamos: não. Nós temos que criar nossas próprias formas. E criamos aulas de Educação Física fora do espaço da aula, ou seja, no outro turno. E isso não deu muito certo porque tem outros complicadores. Mas conseguimos pegar os movimentos da comunidade e introduzir dentro da Educação Física. Quantos professores de Educação Física participavam de reunião de projeto de escola? Mas isso vem de muito tempo. Esse negócio do professor de Educação Física não participar das decisões da Escola. Até construção da sala de aula dele era decidido por outras pessoas. Então tá cheio de quadra aí com problemas de segurança, de tamanho, de tudo. Porque não consultaram o professor ou porque ele não quis participar do processo. Então, nós conseguimos mudar isso também. Foi difícil, porque no início eles estranharam, os outros professores estranharam. Mas nós usamos argumentos bem convincentes. Nós falávamos que o dinheiro pra reforma vinha do bolso da comunidade, então por direito ela tinha que participar. E eu falava isso em plena ditadura. Eu falava que nós éramos gestores do dinheiro público. Então nós criamos um horário no fim de semana pra comunidade usar a quadra. Foi um problema, porque na segunda feira nós chegávamos e a quadra estava toda suja. Aí tive que conversar com quem estava usando. E sei que não foi fácil. Então falei pra eles que tinha um preço pra jogar. Era limpar a quadra e dar manutenção. Estragou? Eles tinham que arrumar.

A gente lutou muito contra preconceitos. Olha só o quê que acontecia. Um belo dia lá uma mãe de uma menina falou que não ia colocar sua filha no Futebol porque lá só tinha sapatão. Aí eu respondi pra ela que ela tinha que tirar o marido dela do Vôlei por que lá só tinha bicha. E ela olhou pra mim e disse: – uai, Guido, pior é que mesmo. Então eu disse pra ela: tira isso da sua cabeça, porque isso não é bem assim que funciona. Não é a modalidade esportiva que faz tem isso ou aquilo. Em qualquer lugar tem sapatão? Sim, tem. Tem veado? Tem. Então depende da sua Educação. E eu falava abertamente com ela e a gente conseguiu grandes conquistas com isso. E falávamos, trabalhávamos nas próprias aulas, mesmo. E era um trem muito

³² O Espiribol (ou Tetherball, para os norte-americanos) é um esporte em que um poste possui uma bola envolta por uma rede e esta por sua vez amarrada ao topo do poste por uma corda, em que jogadores adversários ou duas duplas adversárias devem enrolar a bola no seu próprio sentido antes que a dupla ou jogador adversário o faça. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Espiribol>

interessante. A gente tava com a fome de mudança e tinha que quebrar os preconceitos. Mas não pensa você que a gente fazia isso Seguro, Firme. A gente fazia, mas por dentro a gente tremia. Porque se desse algum problema lá o ferro vinha encima do professor. Olha só outro exemplo do que nós chegamos a fazer. Tinha um médico na escola e tinha aquela fila de menino todo dia. Todo ano. O tal médico examinava um por um. E tinha aluno com um sopro no coração, que era um sopro às vezes fisiológico, que ele nasceu com aquilo. Mas o médico não tinha conhecimento disso. Então ele dizia pra mãe que o menino não podia fazer Educação Física, porque o menino sofria do coração. Tinha um aleijado lá, um deficiente pra usar um termo mais moderno, que o médico disse pra ele não fazer Educação Física. Agora você vê o que a gente sofria na escola. Aí um belo dia lá eles me chamaram lá e falaram que o médico estava muito caro pra escola e aí eu falei – corta o médico ((risos)). Mais e se der um problema aí? Eu respondi: – se der a escola vai assumir junto comigo. E essa atitude nossa foi motivada porque uma mãe chegou perto de mim e da Eustáquia e disse assim: – o meu filho não pode fazer Educação Física porque o médico daqui proibiu. Agora eu quero fazer um acordo com vocês. Eu assino um papel, o que for. Se ele morrer aí na Educação Física, ele vai morrer feliz da vida. Eu prefiro que ele morra aí tentando ser feliz, porque ele tá morrendo lá em casa. Aí eu falei – NÃO ele vai fazer Educação Física inclusive eu estou chamando a senhora aqui justamente pra conversar a respeito disso. Se o seu marido e a senhora assinarem ele vai fazer Educação Física. Mas tem que assinar porque nós temos um problema legal, pois tem um médico aí e ele falou. Então, é obvio que a gente trabalhava com muita consciência. Mais muita consciência, mesmo. Nós sabíamos que nós professores de Educação Física lidamos com ser humano. A gente percebia a vontade dos que tinham deficiência em fazer. Eles inclusive nem falavam abertamente, tinham vergonha. E aí eu rasgava o verbo. Eu falava que eles eram aleijados apenas de uma perna ou de um braço. Mas não era do corpo todo então eu colocava eles nas aulas e pedia para eles fazerem o que dessem conta. E de repente na escola não tinha ninguém dispensado da Educação Física. Nem por atestado médico. Mesmo os médicos dando contra. A gente começou a raciocinar o seguinte – o menino até hoje correu, brincou, subiu e trepou. Que é o processo natural deles e não teve nada à partir do momento que ele fez o exame o médico deu um atestado de morte. Atestado de morto pra ele em vida. E nós conseguimos tirar esse médico de lá justamente por causa disso. Então a gente questionou muito isso e acabamos mesmo e assumimos. A gente, digo eu e a Eustáquia, éramos só nós dois (GUIDO AGENOR, testemunho, 2010).

Este trecho das reminiscências de Guido é significativo, porque diz de uma quebra de um padrão de organização de aulas, a aula de Educação Física, pensada como um encontro entre os sexos, visando à superação de preconceitos e também ao enfrentamento de uma orientação médica. Em contraste com os testemunhos anteriores, estes aspectos revelam uma diferença abissal de sentidos e significados atribuídos a intervenção pedagógica da área. Diferentemente das pequenas diferenças identificadas nas proposições de cada professor, encontra-se aqui um grande distanciamento da forma de entender e da forma de agir na Educação Física naquele período. Este testemunho sustenta o entendimento de Walter Benjamim (1987) sobre o grande potencial da memória dos protagonistas do passado, a medida que ela aponta indícios de um passado que teria implodido o “*continuum da história*”. Acredita-se que tais circunstâncias seriam difíceis de ser acessadas por outras fontes:

Nós não dávamos esta aula normal, segundo os padrões que eles ensinaram pra gente. Então a aula tem que ser uma festa. Uma festa pra mim, uma festa pro aluno que gosta disso. E assim nós podemos crescer juntos com eles. Qual era a

necessidade deles? E trabalhávamos a partir delas. Então os estágios da escola [EEFMG] passou (sic) a ser feito lá. Interessante isso. Quando a Escola foi pra Pampulha eles faziam estágio com a gente, lá. Era um estágio, assim, que nós dávamos nota. Fizemos uma ficha de avaliação e não era nada escondido. Erramos, é lógico que a gente erra, era uma coisa experimental, mas acertamos muita coisa. E depois eu descobri que a escola usou aquela ficha nossa lá por muito tempo. Como eu sou anarquista, eu, nós sabíamos que não tínhamos posse do conhecimento, do descobrimento e da escrita. Então o livro está lá, quem quiser ler, publicar, copiar, fazer o que quiser, pode. Nós nunca achamos ruim isso. Não queremos direito autoral ou direito de posse, pois nós não inventamos, nem criamos ou copiamos nada de ninguém. No caso [do] Espiribol, nós não inventamos, nem nós copiamos o que já estava pronto. Nós só reintroduzimos o que não existia. Nós achamos que isso é direito publico. Inclusive com o livro, nós não recebemos nada do Estado e depois o Estado fez uma sacanagem de revender o livro pra editora. Eu dizia que esta experiência não foi em vão. Porque vieram outros, com mais inteligência, com mais estudo e criaram e estão criando ainda. Tem muita coisa que tem que mudar. Por exemplo, eles não admitiam pessoal de fora intrrometer dentro da escola e nós trazíamos o pessoal pra dentro da escola. Trouxemos a Capoeira pra dentro da escola, brigaram com a gente até, por causa dessa Capoeira. Mas brigaram, assim, de quase mandar a gente embora da escola. Nesse período nem na Escola de Educação Física mexia com Capoeira. A escola tinha – não sei se tem ainda – um preconceito tremendo contra o Futebol. Engraçado, eu era de Esporte especializado e acho o futebol fantástico. A gente entendia que a Educação Física não era só o Esporte. E na época eram poucos colégios que tinham quadra. Ainda tem isso também, a questão do espaço. Então você não podia depender do espaço. A gente incentivou muita atividade. E conseguimos trazer a Capoeira pra dentro da escola. Hoje tem escola aí que já tem dentro da própria aula. A última escola que eu trabalhei conseguimos levar a Dança. A gente ficava pensando: o pessoal da periferia são (sic) apaixonados com Dança. Por que não pode dançar dentro da aula de Educação Física? Ou é incompetência do professor, ou o professor acha que Dança não faz parte do corpo. Começamos a dar uma ênfase muito grande nesse conhecimento do corpo. Nessa época, mesmo. Então não era só o Esporte, a gente já trabalhava com Capoeira e Dança. A gente conhecia um cara dentro da comunidade que sabia uma Dança, a gente trazia ele pro colégio, fora do horário, e ele ensinava pra todo mundo. O ideal nosso era trazer ele pra própria aula, pra dentro da aula. Mas nunca esquecemos que o Esporte faz parte da Educação Física. Tem gente que acha que não faz. Uma outra coisa importante é que o professor tem que interagir com o aluno. Então, nesta aproximação está o nosso potencial educativo. A própria Educação Física como matéria proporciona essa interação. Então eu acho que o profissional de Educação Física tem que passar por um estudo muito sério. Inclusive para evitar um possível desvio de conduta, porque o aluno fica muito íntimo da gente, não só o aluno como a aluna também. E nós sabemos que muitos professores de Educação Física foram por este caminho, ou seja, se relacionando com alunos e alunas. Ainda bem que foram poucos (GUIDO AGENOR, Testemunho, 2010).

As lembranças do professor Guido anunciam indícios da existência de um fazer pedagógico que parece fundamentado em outras maneiras de organizar o conhecimento e a aprendizagem. O relato do professor sobre seu entendimento da teoria da Reprodução Educacional e as possíveis consequências desta teoria na sua intervenção pedagógica é exemplar. É interessante registrar a quantidade de ações pedagógicas distintas que teriam sido adotadas por eles – o professor Guido e professora Eustáquia. Juntos, eles se posicionaram contra a exclusividade do Esporte nas aulas, contra preconceitos sexistas e homofóbicos, afirmando que a aula de Educação Física era um momento do encontro entre os sexos, contra determinações médicas e contra a ingerência da fiscalização militar de suas aulas. Em

contraposição a toda essa ambiência militar, eles teriam proposto aulas dialogadas com a comunidade, estratégias pedagógicas que despertassem nas meninas o ímpeto de reclamar por seus direitos de praticar outras modalidades, e conteúdos que atendessem a comunidade local, como o caso da Capoeira. Juntos, eles teriam se aventurado por outros caminhos de intervenção pedagógica. Ressalta-se a evidência de que teria existido outro tipo de pensamento/comportamento profissional naquele período histórico.

A professora Elisabete Rossete também relata seu desconforto com as imposições pedagógicas no CEFET, indica a novidade de conteúdo introduzida em suas aulas e revela seu trabalho diferenciado em uma instituição em que a imposição não acontecia.

Eu fazia Atletismo nas ruas com os meninos e eu trabalhava coordenação motora, ritmo e movimento. Tudo sem incomodar as salas de aula e sem barulho porque eu era acostumada num regime autoritário ((risos)) e eu não podia incomodar, eu não tinha outro espaço, então eu conversava com os meninos – nós vamos fazer uma aula legal, mas não pode fazer muito barulho porque Português tá ali, Matemática tá lá. Então não podemos incomodar. Nessa Escola eu trabalhei com os meninos de quinta à oitava série. Umas gracinhas. Foi lá que eu criei o Festival de Dança. Eu estava numa ansiedade, porque eu não ia aguentar trabalhar tantos anos com a mesma coisa Handebol, Voleibol, etc. E eu nunca fui muito de Esporte. Eu fiz porque eu tinha que fazer. Mas eu nunca gostei muito. Eu gosto da arte, eu gosto mais da área ligada à Ginástica. Então eu estava já meio cansada daquela mesmice e aí eu criei o Festival de Dança. Foi uma proposta nova, um conteúdo novo. Inclusive já tem uma dissertação de uma professora e de dois professores sobre esse festival [Katia Rúbio e Marcos Campos. Uns criticando, outros valorizando. Mas ficou no cenário. Pois bem, eu criei esse festival para sair da rotina. E aí nós trabalhamos de fevereiro a junho no festival. E ele culminou com uma festa que a gente convida a família. Não foi feito para a festa, mas a culminância foi tão interessante que aí eu senti que ela deveria então também contemplar os pais, os familiares dos alunos. Primeiro, eu trabalhava com as Danças na prática das aulas. Depois eu trabalhava com a teoria das Danças. Antes disso, eu trabalhava com muitas aulas de coordenação, de companheirismo, de ajuda ao colega, ritmo e movimento. Eu fazia mais ou menos um mês e meio de aula pros alunos se descontraírem e vivenciarem a relação ritmo e movimento. Depois trabalhávamos com as Danças. Depois com as teorias das Danças. Depois com experiências dançadas. Porque aí eu trazia filminhos que eu tinha de Danças. Passava os filminhos, o quê que era uma coreografia e aí depois eu dizia qual era a proposta da etapa posterior. A proposta era de que eles se dividissem em grupos de tantos alunos e que eles iam criar uma Dança dentro do ponto de vista deles. Nesse primeiro festival eu não escolhi. Depois no CEFET eu fui aprimorando. Aí tinham temas. Por exemplo, era o Brasil, ou era Olimpíada. Nesse primeiro, o tema foi livre, e eles se agruparam, e aí vieram os problemas da relação com o outro, da liderança, do líder negativo. Tudo isso eu trabalhava, ou seja, com as dificuldades da relação com o outro, que foi o maior problema. Criar a Dança não foi problema. O problema foi a relação no grupo.

O Festival de Dança ocupava um tempo grande. Era mais ou menos um semestre. No outro semestre trabalhava com outras coisas. Então eu achava o máximo. Eu adorava. A gente trabalhava por temporadas, quando não tinha o Festival. Então tinham as temporadas de esportes. E ao final de cada temporada o torneio interno entre as turmas, do Esporte que estava sendo trabalhado. As aulas tinham que seguir um padrão. Um planejamento único. Tinha que trabalhar muita técnica esportiva. Muito diferente do que eu fazia no Municipal, que trabalhava mais voltada pra Recreação, para o Lazer. No CEFET eu tinha que trabalhar mais a técnica, porque as aulas eram prontas, você chegava, o plano tava lá, os momentos da aula. Eram: aquecimento, parte inicial; parte principal e final onde você sempre fazia uma

conversa. E na parte inicial era sempre uma corrida em volta da quadra pra aquecer as articulações que eram solicitadas naquela modalidade. De repente um joguinho pra aquecer, pra depois entrar no pegador e só depois pra entrar na modalidade. Aí, por exemplo, aula de toque então era toque a aula inteira. Às vezes nós tínhamos aulas geminadas. Então um toque dois a dois, três a três, toque de grupo, toque na rede, toque na parede. Mas uma aula gostosa. Bem movimentada. E todos faziam. Não tinha aluno de banco e todos saiam no final da temporada levando para sua vida esse conhecimento. No final a gente fazia a volta à calma, que podia botar uma música pra os alunos relaxarem, podia conversar sobre as aulas, por exemplo perguntar o quê eles acharam da aula, se gostaram. Sempre tinha reclamação de colega que foi um pouco egoísta. Então a gente fazia uma reflexão sobre o problema apresentado. No Municipal [eu] era dona da minha cabeça. Então era uma aula bem mais recreativa bem mais a vontade.

Na Escola de Educação Física [UFMG] tínhamos duas linhas bastante diferentes. Especialmente os professores que eram militares porque ensinavam Educação Física para o Esporte de alto nível. A técnica do toque no Voleibol é assim. A técnica da manchete é assado. Mas eu nunca fiz isso na Escola. Eu peguei esse conhecimento que muitas vezes era só da prática, e eu senti falta de fazer essa amarração com a teoria. Eu peguei essa prática, levei pra minha vivência, fiz com que todos participassem de uma forma prazerosa. Porque a Educação Física muito técnica afasta as pessoas. Então eu tinha todo mundo fazendo porque eu sempre fiz uma Educação Física com joguinhos. Eu não desprezei nunca a técnica, e não acho que nós temos que desprezar. A técnica tem o seu valor. Mas o menino vai fazendo um joguinho aqui, um dia ele quer fazer um jogo legal no clube com a família e até como atleta. Por que não? Então essa técnica, ela tem valor se ela é vivenciada de uma forma prazerosa, com pequenos jogos, recreativa, menos técnica, com menor nível de exigência. Por que não? E foi o que eu fiz na minha prática. Essa forma de entender a Educação Física nasceu da minha vida. Eu sempre fiz assim, eu sempre chocava com minhas colegas (ELISABETE ROSSETE, Testemunho, 2010).

O relato da professora Elisabete é significativo, pois, trata de uma professora formada na década de 1970, cujo currículo de formação profissional teria sido muito esportivizado, diferenciado por gênero, tecnicista e com intensa presença de professores militares (como já mostrado no CAPÍTULO 2). Além disso, a ambiência política de tal período apostava na tendência de *esportivização* da sociedade, elegendo a Escola para materializar tal intento. Todavia, tais circunstâncias não a impediram de tentar fazer valer sua singularidade profissional construída ao longo de sua história de vida. Assim, refletindo sobre o possível percurso de sua carreira profissional ministrando aulas de Esporte, ela introduziu o conteúdo de Dança, pois, segundo ela, tal conteúdo se aproximava mais de suas características artísticas. Importante destacar que anos mais tarde ela viria a trabalhar em uma instituição (CEFET) com currículo intensamente esportivizado e com relações profissionais, que segundo ela, teriam sido bem autoritárias. Mas mesmo assim, ela teria enfrentado tal situação e conseguido reintroduzir a Dança no currículo feminino de tal instituição. Suas memórias destacam a necessidade de ter que trabalhar ensinando um conteúdo e de uma maneira que não a agradava, em virtude de relações profissionais impositivas de professores homens do Departamento. Observa-se que as relações desiguais estabelecidas no âmbito do Esporte em

relação ao homem e à mulher também teriam sido reproduzidas nas relações profissionais desta Escola, onde as atividades de professores homens teriam preferência e privilégio em relação às atividades femininas. Ela podia alterar drasticamente suas intervenções pedagógicas quando atuava na Escola Municipal, onde a relação profissional teria sido mais igualitária. Nesta situação, as aulas de Educação Física teriam sido conduzidas com mais suavidade, com menos cobrança de rendimento técnico, e voltadas para a “*Saúde e o Lazer*”.

Percebe-se então, que uma mesma professora teria atuado de forma diferenciada em virtude das relações profissionais estabelecidas em cada instituição. Tal circunstância exemplifica a dualidade de ações pedagógicas que o profissional de Educação Física teria assumido neste período, ainda que mergulhado em uma intensa tendência de supervalorização do Esporte, para o desenvolvimento da pirâmide esportiva.

Destaca-se, também, o questionamento que esta professora faz em relação aos críticos da esportivização das aulas de Educação Física, afirmando que a culpa não está no Esporte propriamente dito e, sim, em quem se utiliza dele com interesses pessoais de crescimento profissional. Ora, tal afirmação vale para todas as práticas corporais e não somente para Esporte. Especula-se que, para a professora Elisabete, o Esporte na aula de Educação Física, trabalhado de forma inclusiva, sem muita exigência de performance técnica, seria altamente educativo. Todavia, uma discussão necessária é se essas adaptações não transformariam tais atividades em outra coisa que não o Esporte. Da maneira apresentada pela professora, tais atividades poderiam ser chamadas simplesmente de jogos com o pé, jogos com as mãos, etc. Acredita-se que o posicionamento diferenciado desta professora frente à ambiência profissional do período teria mais a ver com sua formação de vida do que propriamente com um envolvimento nas discussões pedagógicas da Educação Física. O que não diminui em nada suas posições e intervenções profissionais.

Vários pesquisadores, como Angel Perez Gomez (1995), Maurice Tardif (2005), Patrícia Lins Vieira (2002), investigam a temática do saber docente, e a partir de fontes e abordagens diferenciadas de investigação, apontam a pluralidade de momentos e situações que constituem este saber e quão transitório ele se apresenta durante uma carreira profissional. Todavia, cada uma destas fontes impacta o saber docente de forma diferenciada. Nos testemunhos de professores/as aqui problematizados esta afirmação se revela muito profícua. É possível perceber, por exemplo, que alguns/as professores/as teriam estabelecidos com seus alunos/as relações muito próximas das relações adquiridas no meio familiar, corroborando com o trabalho de Marília Pinto de Carvalho (2003), que salienta tal possibilidade, ou seja, a reprodução de relação familiar no meio profissional docente.

A única professora que relata não ter tido contato com a prática esportiva antes de sua escolha profissional foi Elisabete Rossete, que teria escolhido a Educação Física em função de um sorteio. Todavia, o resultado de tal sorteio teria ganhado consistência nos comentários de sua professora de Educação Física sobre suas características de criatividade e graciosidade. Ao analisar suas ações pedagógicas, percebe-se que tais aspectos teriam sido basilares na conduta profissional desta professora, inclusive adotando posturas profissionais distintas das de suas colegas. Em contrapartida, esta situação não foi percebida na atuação profissional de professores/as que tiveram na prática esportiva a inspiração para suas escolhas. Existem diferenças nas intervenções, mas não tão significativas no que tange às representações dos papéis sociais de homem e de mulher presentes na época.

A única exceção para tal afirmação é o testemunho do professor Guido, que tendo experiência no Esporte Especializado, vivenciando uma formação profissional “esportivizada” apresentou em suas reminiscências uma intervenção pedagógica que teria sido bem distinta de suas formações anteriores (formação inicial e profissional). Especula-se que outras vivências na formação profissional como a participação no diretório acadêmico e envolvimento em partido político teria reconfigurado suas iniciais representações de Esporte e Educação Física. As pessoas mudam no transcorrer de suas histórias.

Cabe destacar, ainda, que a diferenciação das práticas corporais para homens e para mulheres estava posta de forma muito tranquila, sem nenhum incômodo para ambas as partes, a não ser para uma pequena minoria, como a professora Elisabete Rossete, que não aceitou o destino que seus irmãos haviam lhe imposto.

Neste movimento de reelaboração de concepções do trabalho docente observa-se a existência de um dado redimensionamento no ensino do Esporte nas aulas de Educação Física em relação ao ensino-treinamento do Esporte nas equipes representativas das Escolas. É importante salientar que alguns professores atuaram em diversos espaços profissionais, tais como: escola, clubes esportivos, escolinhas esportivas, projetos esportivos no sistema industrial, e ações políticas do governo (organização de torneios esportivos). Teriam, assim, assumido funções diversas e com objetivos distintos, como, por exemplo, professor de escola, gestor de eventos esportivos, técnico esportivo, preparador físico e instrutor de projeto esportivos. Tal destaque não é despropositado, pois é interessante observar em que medida tais professores/as distinguiram suas intervenções profissionais nos distintos espaços de atuação. Ou simplesmente agiram da mesma forma com pequenas adaptações. Pelo menos três professores relatam que eram bons técnicos esportivos, anunciando suas conquistas em torneios da cidade. E, ao mesmo tempo, indicam que nas aulas de Educação Física eles

redimensionavam a cobrança e a forma de ensinar, em virtude das distintas condições apresentadas nas aulas, tais como: a diversidade de interesses, a discrepâncias de performance técnica, e o número de alunos. Tais professores anunciam, ainda, que teriam como interesses para as aulas de Educação Física o “*lazer e a Saúde*” e, para as equipes, o interesse era “*fazer atletas*”. Estas reminiscências nos permitem especular que havia níveis distintos de *esportivização*. Ou seja, parece que nestas Escolas as aulas de Educação Física não eram tão *esportivizadas* como teriam sido as equipes. Estas, sim, teriam sido colonizadas por todos os códigos da instituição esportiva. Seria talvez mais apropriado falar em *esportivização* da Escola do que *esportivização* da Educação Física?

Neste aspecto identificamos, ainda, que a adoção de práticas esportivas nas aulas de Educação Física é anterior à década de 1970. Nos relatos dos/as professores/as que atuaram na década de 1960, suas aulas teriam sido repletas de atividades esportivas, bem como a formação profissional. Todavia, percebe-se a partir da década de 1970 uma intensificação, uma adesão e uma incorporação de outra perspectiva do Esporte. Ao contrastar os testemunhos dos/as professores/as que atuaram nas décadas de 1950 e 1960 com os que iniciaram suas carreiras na década de 1970, observa-se certa tensão entre representações distintas de Esporte. O primeiro grupo percebia o Esporte como algo educativo, enquanto no segundo observamos uma dispersão de entendimentos. Identifica-se um grupo que pensava a prática esportiva na escola como uma atividade de produção de atletas, mas havia também professor questionando o papel do Esporte na reprodução de elementos da ditadura militar e ainda professora questionando a forma de usar o Esporte nas aulas de Educação Física. A sensação que se tem é a de que, quanto mais a prática esportiva adentrava os muros da Escola, mais se faziam presentes os questionamentos sobre suas possibilidades educativas. Um exemplo disso foram as indignações dos próprios professores que atuaram incentivando a Educação Física como a base da pirâmide esportiva, participando das equipes escolares de esportes, quando seus colegas começaram a dar bolsa de estudos a alunos/as que se destacavam em suas escolas.

Tais circunstâncias sustentam o argumento de que diferentes *esportivizações* teriam acontecido nestas duas décadas [1950 e 1960]. Não só no que diz respeito às concepções de Educação Física e Esporte, mas ao uso de lugares para o desenvolvimento destas concepções, aos segmentos de ensino e às diferenças sexuais na Escola.

Tal argumento considera que as ações pedagógicas de professores/as são muito singulares, e que estão em profunda relação com suas experiências de vida. Entendendo experiência como aquilo que nos toca, aquilo que nos transforma, aquilo que nos faz ser

diferentes (BENJAMIM, 1987), seriam também diferentes as ações pedagógicas de tais professores. Observa-se que, por mais próximas que tenham sido as intervenções profissionais dos professores que atuaram no CEFET, por exemplo, mesmo aqueles que compartilhavam de representações parecidas, suas lembranças sobre suas intervenções pedagógicas se apresentam diferentes. O professor Reginaldo, por exemplo, insiste em retratar a Educação Física como uma medicina preventiva, fazendo alusões a relações familiares: seu pai e irmãos são médicos. Já o professor Januário enfatiza o papel da Educação Física na formação do caráter e na formação de hábitos de disciplina e hierarquia. O professor Élcio, por sua vez, salienta a “função” da Educação Física como parte de um processo educacional mais amplo e em sintonia com uma filosofia de Educação. Percebe-se que, mesmo trabalhando juntos, cada professor pensava e agia de forma diferenciada. É evidente que existiam muitas aproximações, mas estas não parecem ser homogêneas. Assim, quando se analisa os relatos da atuação profissional do professor Guido e se tenta compreender como suas lembranças sobre tal período se apresentam tão díspares em relação aos seus contemporâneos de formação profissional, uma possibilidade de interpretação é que outras experiências, talvez na política, teriam impactado sua forma de pensar a ambiência educacional e, conseqüentemente, suas aulas de Educação Física. Transformando-se, assim, em uma experiência ainda mais singular.

Neste aspecto, é difícil fazer algum tipo de generalização sobre como teriam sido as aulas de Educação Física neste período [décadas de 1950,1960,1970]. A pluralidade de experiências singulares impossibilita qualquer exercício neste sentido. Sinteticamente, pode-se pensar em certa predominância de práticas esportivas nas aulas, a hegemonia de uma dada forma de organização das aulas, uma diferença no currículo masculino para o feminino e do domínio da Recreação no segmento de 1ª a 4ª série. Sem, no entanto, esquecer da experiência de dois professores que teriam contrariado toda essa predominância.

As memórias destes/as professores/as de Educação Física que atuaram em Belo Horizonte, principalmente na década de 1970, em contraste com as memórias de professores/as da cidade de Curitiba, analisadas por Marcus Tabor de Oliveira (2003), na mesma temporalidade, permite perceber algumas aproximações, e também distanciamentos. Assim, enquanto o autor percebe que “*muitos professores desenvolviam o seu trabalho sem necessariamente preocupar-se com qualquer ingerência oficial*” (OLIVEIRA, 2003, p.447), identificar-se-ia uma ambiência semelhante em Belo Horizonte, não fosse o registro do professor Guido de que suas aulas teriam sido fiscalizadas por agentes do governo militar, apontando um dado constrangimento oficial, interferindo, inclusive, em seu trabalho docente. Especula-se que esta vigilância teria acontecido em virtude das características políticas de tal

professor. Sua participação em movimentos sociais poderia ter contribuído, em alguma medida, para a existência de tal vigilância. Mas, independentemente de qualquer característica pessoal, uma dada ingerência oficial teria, sim, preocupado os/as professores/as que trabalhavam nestas instituições. Aliás, as memórias do professor Guido sobre sua intervenção pedagógica distanciam-se em grande medida das memórias de professores/as entrevistados/as por Marcus Taborda de Oliveira (2003). Mesmo aquelas que anunciaram intervenções muito distintas de seus colegas.

O autor aponta que “[...] os depoimentos dos professores [demonstram] que a sua prática era absolutamente sincrética, incapaz, portanto de ser reduzida a qualquer matriz metodológica” (OLIVEIRA, 2003, p.448), e indica que este sincretismo teria confirmado a tese de uma predominância, nas aulas de Educação Física, da ideia da Escola como celeiro de atletas e seletora de talentos esportivos. “Entretanto, o ideário oficial não se realizou em sua plenitude, por uma simples questão: a experiência singular dos professores é impossível de ser reduzida a prescrições de qualquer natureza” (OLIVEIRA, 2003, p.448). Observa-se, aqui, que existe uma aproximação desse entendimento nas análises das memórias de professores/as que atuaram em Belo Horizonte. Ainda assim, podemos identificar nas reminiscências mineiras aspectos que matizam essa afirmação. O primeiro é que a experiência singular dos/as professores/as, apontada como fator impeditivo da realização plena de um ideário, teria sido influenciada não só pelas condições materiais e estruturais mas, também, e talvez principalmente, pelos interesses diversos de alunos/as. Tal diversidade teria contribuído para que as aulas de Educação Física fossem também momentos de se aprender técnicas esportivas, fazer ginástica, aprender a dançar (para as turmas femininas) e no caso das alunas da professora Elisabete, não fazer nada, pois as aulas poderiam atrapalhar os encontros afetivos, marcados para depois delas. Os objetivos das aulas seriam também diversos como a promoção da saúde, a educação de valores, dentre outros. Insistimos, aqui, em diferenciar a Escola das aulas de Educação Física. Ou seja, especula-se que, nas escolas onde atuaram os professores Januário, Reginaldo e Wilson, a ideia de adotar os códigos do esporte profissional teria se materializado em um momento fora das aulas de Educação Física, ou seja, nas equipes. Segundo estes/as professores/as, era impossível “treinar” nas aulas. Era possível, sim, observar durante as aulas quem tinha mais condições de participar das equipes. Acredita-se que este é um matiz importante pois, a partir dele, permite-se pensar que a parcela de professores/as de Educação Física que teria se aproximado do ideário oficial não teria sido somente selecionadores de talentos e/ou técnicos esportivos. Embora alguns teriam tentado ser, eles/as também teriam que ser mais do que isto, pois, as condições e as próprias histórias

de vida os impeliram a introduzir o esporte nas aulas também como meio, e não somente como fim.

Estes destaques reforçam ainda mais o entendimento de Marcus Tabor da Oliveira (2003) sobre as análises históricas esquemáticas:

Toda e qualquer tentativa nesse sentido esquemático tende a esbarrar naquilo que a realidade tem de mais fugidio, de mais imponderável: a singularidade dos indivíduos que a constroem cotidianamente. Qualquer tentativa de interpretação histórica sobre o desenvolvimento das práticas escolares – de Educação Física ou não – não pode mais negligenciar a formação, os interesses, as motivações, enfim, a história de vida dos professores, para muito além do desenvolvimento da sua atuação docente. Alguns indícios permitem confirmar que muito daquilo que foi experimentado ao longo da vida pelos professores acabou por configurar compreensões e formas do seu trabalho docente. É possível afirmar que o que estava em jogo era apenas o cumprimento da lei ou de programa de qualquer natureza? (OLIVEIRA, 2003, p. 449).

Os indícios encontrados nesta investigação nos permitem afirmar que o que estava em jogo nas intervenções pedagógicas daqueles professores/as eram: a sobrevivência particular e profissional, os desejos de cada professor, suas concepções de vida, enfim, suas idiosincrasias. Mas isso se encontrava em estreita relação com a Lei e as políticas do governo militar. Assim, cada professor/a produziu, ao seu modo e ao seu tempo, uma dada intervenção pedagógica que, para uns, se aproximava e, para outros, se distanciava da política federal. Emblemáticas teriam sido as intervenções pedagógicas do professor Guido que, em meio a uma ambiência esportivizada, militarista, sexista, desejou fazer das aulas de Educação Física uma festa, um “*encuentro entre os sexos*”.

Sobre as memórias de intervenção pedagógica de professores/as espanhóis destaca-se a da professora **Aracenia Laez Daldone** que relata que em 1951, foi fazer um curso de um ano em Educação Física, organizado pela Secção Feminina, na escola de “Santa Tereza”, em sistema de internato. Durante este curso ela teve contato com várias disciplinas esportivas, tais como: Basquete, Handebol, Voleibol, Ginástica Sueca, Ritmo e Ballet. Em novembro de 1952, ela começou a ministrar aulas para o ensino primário, só para as meninas. Em suas lembranças a professora relata que as condições estruturais de trabalho eram bem simples e os materiais também não eram fartos. Nos primeiros dez anos não havia ginásio e então no inverno rigoroso daquele país, as aulas de Educação Física eram em salas de aula e algumas vezes faziam esportes de inverno. Nestas aulas em sala eram ministradas aulas de jogos e de Ritmo. Nas outras estações ela teria ministrado aulas de esportes e de Ginástica, nas quadras esportivas existentes na escola. Relata esta professora que havia vários campeonatos esportivos e de Ginástica para as meninas. Todos organizados pela Secção Feminina. Este órgão do Governo Franquista organizava também muitos acampamentos de

verão e festivais de dança. Quando o ginásio foi construído, as duas quadras que existiam viraram um espaço só. Aí ela teve que combinar com o companheiro que dava aula para os meninos. Então, ela tinha que revezar o ginásio. Quando estava sem o ginásio ela levava a turma para a sala e trabalhava aulas teóricas de esportes, jogos e Ritmo. Segundo ela não havia um planejamento predeterminado. As aulas eram ministradas de acordo com cada turma.

O professor *Herminio Fernandez* relata que sua formação profissional foi influenciada pelo seu desejo infantil de ser professor, o que o motivou a ingressar no curso de magistério. Quando começou a trabalhar na escola, ele se dedicava a promover atividades para os meninos. E nesta intervenção ele reparou que gostava muito das aulas de Educação Física. Então, ele decidiu fazer, em 1966, o curso de verão de Educação Física oferecido pela Academia Rosa Antonio (Escuela del Movimiento/ Frente da Juventude), para atuar no curso primário (maestros de primeira enseñanza). E só fez por que foi um curso oferecido na cidade de Palencia. Depois que já estava trabalhando com a Educação Física, ou seja, em fins da década de 70 fez o curso à distancia de licenciatura oferecido pelo INEF (Madrid) para atualizar os profissionais que tinham feito cursos de verão. Suas memórias relatam um currículo esportivizado, diferenciado por gênero, pedagogizado e com uma concepção de Educação Física atualizada, diferente da primeira formação, quando a prática esportiva era incentivada para constituição de um espírito nacional. Nesta segunda etapa a ideia teria sido a formação global do cidadão. Sobre as influências do Regime Franquista em sua formação ele relata que quando jovens eles não se inteiravam muito sobre a política, estava com “los ojos vendados”. Sobre as bibliografias presentes neste curso, ele se recorda de um livro que se transformou em uma referência que foi “Atletismo aplicado à Educação Física”. Eram poucas as bibliografias espanholas, a maioria era estrangeira. E tais bibliografias eram bem diversificadas, havia texto que incentivava as atividades na natureza, acampamentos, outros, expressão corporal e também danças populares. Segundo ele, muitos conteúdos eram impossíveis de fazer com os meninos.

Sobre sua experiência profissional, Herminio relata que trabalhou como professor de Educação Física em escola pública, como auxiliar da Federação de Voleibol e durante dez anos como coordenador provincial de todos os programas de Educação Física. Uma espécie de avaliador das propostas pedagógicas para a área, na província de Palencia. Esta função pública foi criada em fins da década de 80, fruto de um movimento que tentava equilibrar a importância desta disciplina com as demais. Segundo o professor até a década de 90 a

Educação Física era considerada uma “maria” – expressão utilizada para denominar algo que não existia. Dos anos 70 até os anos 90 implementou-se um plano chamado de “Plano de Extensão da Educação Física” para dotar todos os centros públicos de ensino com professores/as especialistas em Educação Física. Como eram poucos os professores com titulação para tanto, foram criados cursos para capacitar e titular as pessoas leigas que atuavam na área. Segundo este professor este plano teria sido criado em função da precariedade da situação desta área. Ele relata que até os anos 90, os poucos professores especialistas de Educação Física que existiam em Palencia, teriam ministrado suas aulas seguindo um planejamento próprio, mas que eram dotados de distintas práticas corporais e com alguma metodologia de ensino. Já as escolas que não possuíam estes professores os horários de Educação Física eram para que os alunos se divertissem a vontade e quando muito uma professora que gostava de alguma prática corporal como Jogos ou Dança faziam com eles/as (alunos/as).

As condições de infraestrutura e materiais, teriam sido precárias, principalmente na década de 70. Os materiais melhoraram quando o Plano de Extensão da Educação Física começou a funcionar. Os conteúdos eram trabalhados por temporadas e teriam sido os quatro esportes coletivos básicos, atividades na natureza, natação (em instalações do município) no verão, jogos (populares e pre-deportivos) no inverno e, para as meninas, aulas de Dança e expressão corporal. Seriam três encontros semanais. Havia distintas formas de organização da aula. Ora era em grupos, ora era para turma toda. As aulas em grupos funcionavam com uma pequena explicação inicial, dividia-se a turma em grupos de quatro, depois cada grupo ia para uma parte da quadra e fazia a atividade que estava proposta, que poderia ser rebote de Basquete, em outra sessão, arremesso a cesta, em outra estação, dribble e defesa e assim por diante. Depois de dez minutos em cada estação, os grupos alternavam nas atividades. E uma parte final para avaliar as aulas. As avaliações eram realizadas por aula e também ao final de cada bloco de conteúdo. Anotava-se em uma ficha individual observações dos empenhos e das posturas de cada um/a nas aulas.

Segundo suas reminiscências, as aulas teriam sido muito tranquilas sem problemas de disciplinas por parte dos/as alunos/as, todos/as gostavam e se sentiam a contento. É claro que, uma vez ou outra, um jovem alterava-se um pouco, mas com uma pequena conversa e um momento de descanso já estava tudo resolvido. O que dificultava mesmo eram as condições de trabalho.

A professora *Mariangela Fernandez* relata que quando formou no ensino médio com habilitação de magistério ela foi atuar em um centro que cuidava de meninas com problemas físicos e mentais, e neste centro havia dois cursos de verão – Educação Física e Terapêutica. Como já praticava esporte na escola, ela iniciou, em 1969, o curso de formação em Educação Física de dois meses. Este curso lhe proporcionou a habilitação para ministrar aulas de Educação Física no ensino básico. Sobre a influência do Regime Franquista ela relata que nunca teria visto nada de anormal. Talvez por que ninguém deixou transparecer os problemas políticos daquele período. Ela fez o curso de licenciatura à distancia oferecido pelo INEF, junto com seu marido. Mariangela reforça as reminiscências de Herminio, pois eles trabalharam na mesma escola durante quase toda a carreira profissional. Ela acrescenta que, para as mulheres, havia autores como Henrique Mon e Jorge Luiz Hernandez Vasquez, que indicavam atividades coordenativas e atividades rítmicas com música para as aulas de Educação Física. Mas de resto, a organização das aulas, os conteúdos, os objetivos teriam sido bem similares.

O conjunto de fontes até o momento investigado neste trabalho, em contraste com histórias de professores/as de Educação Física que atuaram em Belo Horizonte, na mesma temporalidade, nos permite pensar em alguns pontos de aproximação, como por exemplo: a precariedade das condições estruturais e materiais para ministrar aulas de Educação Física, que é recorrente em ambas as cidades, bem como, o baixo reconhecimento social desta disciplina. A quantidade de pessoas leigas atuando na profissão também é comum em ambos testemunhos. Parece que diferença é que em 1970, em Belo Horizonte, o movimento de profissionalização dos/as professores/as já estava em processo mais adiantado do que em Palência.

Importante destacar que as políticas governamentais de ambos os países, utilizaram do fenômeno esportivo para galgar e/ou expandir prestígio e legitimidade para governar. Curioso que ambos elaboraram, em tempos muito próximos – Espanha/1967, Brasil/1971), políticas de incentivo à prática esportiva, com argumentos muito similares e utilizando estratégias de divulgação muito parecida. Esta circunstância incita a questionar se os agentes do DED/MEC responsáveis pela política brasileira para a área, teria se inspirado de alguma forma na política espanhola de incentivo à prática esportiva, potencializando o movimento de esportivização de práticas sociais.

Em relação às diferenças o que se pode observar é que o movimento de esportivização do social na cidade espanhola teria ocorrido, muito mais via escola, do que por iniciativas sociais, tais como clubes e/ou associações. Ao contrário do que teria ocorrido em Belo Horizonte, onde a Escola teria se envolvido neste movimento de forma secundária. Os/as professores/as de Palencia lembraram que os primeiros contatos com o esporte teriam ocorrido na escola, mais especificamente nas equipes esportivas escolares. Em termos de temporalidade, as práticas esportivas teriam acontecido também por volta das décadas de 1950 e 1960, porém com menos intensidade do que na cidade brasileira. Existem aí indícios de que a sociedade de Palencia estaria menos esportivizada do que a de Belo Horizonte. Entretanto, a Escola em Palencia estaria mais envolvida no movimento de esportivização do social do que em Belo Horizonte. Assim, o processo de esportivização do social teria ocorrido em Palencia, sob os significados construídos no interior da instituição escolar, o que teria diferenciado a forma de vivenciar e pensar o esporte nesta cidade.

Diferenças à parte, as fontes nos permitem pensar que o movimento de esportivização do social foi um fenômeno internacional, que em meados do século XX, influenciou os modos e costumes de países desenvolvidos e em desenvolvimento. Com algumas resistências de cunho cultural e/ou de condições de vida, a prática esportiva foi, neste período se entranhando nos hábitos cotidianos. Acredita-se que a linha de pesquisa, aqui ensaiada e por enquanto incipiente, de contrastar diferentes movimentos culturais de apropriação e usos do fenômeno esportivo no mundo, pode contribuir na compreensão deste movimento internacional de esportivizações de práticas sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Motivado pelas tensões vividas no exercício da profissão docente no tempo presente, tomei como objeto de investigação as memórias de professores/as de Educação Física sobre os momentos de formação e intervenção pedagógica, na cidade de Belo Horizonte. A pesquisa vislumbrou perceber indícios de desenvolvimento da área, em uma temporalidade (meados do século XX) marcada por intensas mudanças políticas e econômicas. Ao eleger memórias de professores apostou-se em uma perspectiva de pesquisa que se aproximasse de experiências humanas, procurando observar e problematizar vestígios da relação entre histórias de vida de professores de Educação Física, tradição profissional e ambiência política da área.

A colônia de professores entrevistada vivenciou uma ambiência social marcada, por exemplo, pelo Pós-II Guerra Mundial. Alguns formaram-se antes do início da Ditadura Militar (1964) e outros, durante o Regime Militar. Em escala internacional, a temporalidade é marcada também pelo conflito entre duas potências – EUA e a então URSS –, a chamada Guerra Fria.

O movimento de enraizamento social do fenômeno esportivo em Belo Horizonte e no Brasil vem sendo investigado por vários autores que, utilizando documentos diversos, tem percebido uma pluralidade de apropriações e usos. Neste trabalho situação similar foi observada.

Os testemunhos de professores/as permitiram perceber que as relações entre escola, culturas e política estiveram entrelaçadas com suas histórias de vida. Eles e elas relataram seu envolvimento com esportes. De fato, os contatos com práticas esportivas deram-se de variados modos em suas vivências de infância e de juventude (alguns nos anos 40, outros, nos anos 50), podendo-se dizer que houve algo semelhante ao que Norbert Elias chamou de uma “*esportização das distrações*”. Talvez fosse o caso aqui de dizer de uma *esportização* dos tempos sociais que dedicavam aos divertimentos. O esporte estava na rua, no rio, na praça; o esporte estava nos clubes, e em escala menor, mas crescente, o esporte estava em suas escolas – estava na capital e também nas cidades do interior (Moeda, São João Del Rey, Caratinga, Nova Lima).. Enfim, como resumiu de modo muito significativo uma professora: “*o esporte está no sangue*”.

É a esta intensa presença que está-se chamando de um movimento de *esportivização do social*,³³ quer dizer, de um crescente enraizamento social do esporte, já desde a passagem do século XIX para o XX, e que foi percebido também nas memórias destes professores/as, nas cidades que habitaram (pequenas ou grandes). Os seus distintos contatos com o esporte aparecem como decisivos no momento em que realizam a escolha de ter como campo profissional a Educação Física. Ao longo de suas graduações, e também após, o esporte permaneceu como uma referência de destaque em suas carreiras profissionais – e marca sua experiência docente.

Mesmo sendo o esporte – com os seus códigos – uma prática social em afirmação naquele momento, observa-se que ele não anulou a realização de outras práticas corporais, e mesmo a adesão a ele comportou uma pluralidade de entendimentos sobre o seu lugar na vida de cada um. Esta pluralidade teria relação direta com a formação familiar e profissional, em que percebem-se motivações de diferentes naturezas para a prática esportiva: influências médicas, sociabilidade familiar, construção de valores, prazer pessoal, dentre outros.

Outro aspecto desta pluralidade de entendimentos foi a ambiência social e política de cada centro urbano. Houve cidades em que a iniciativa política para a construção de praças de esportes, a organização de torneios esportivos, a constituição de clubes sociais foi mais acentuada do que em outras, influenciando, desta forma a construção de representações diversas da prática esportiva.

Estes vestígios permitem especular que este movimento de *esportivização do social* não foi unívoco, homogêneo, sem tensões. Ao contrário, nota-se a existência de diferentes *esportivizações* de (e nas) práticas sociais.

Parece que a formação profissional teria seguido caminho semelhante. Porém, com interferências ainda mais singulares, em virtude, talvez, de uma necessidade de afirmação social da área e do corpo docente constituído no curso de Educação Física frequentado por eles. Suas lembranças evidenciam que a década de 50 foi marcada por um número acentuado de pessoas sem a formação profissional atuando como professor de Educação Física. Uma das razões é que Minas Gerais somente teve seu primeiro curso superior em Educação Física a partir de 1952 (treze anos após a promulgação do Decreto-Lei 1.212/39 que criou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da então Universidade

³³ Esta expressão está inspirada em Luciano Mendes de Faria Filho, que em seus estudos tem feito referências a um paulatino movimento de “escolarização do social”, na passagem do Séc. XIX para o XX.

do Brasil). Ademais, as condições salariais e estruturais de funcionamento deste curso em Belo Horizonte foram marcadas, segundo os relatos, por condições precárias pelo menos até final da década de 60, quando passou a pertencer à UFMG. As aulas práticas eram ministradas em espaços emprestados e os atrasos de pagamento de salário não eram raros.

É possível extrair dos depoimentos que durante quase duas décadas o único curso superior de Educação Física em Minas Gerais fora marcado pela precariedade de condições salariais e estruturais, pela empiria nas aulas, por um currículo diferenciado por gênero, por relações hierárquicas, de ordem e disciplina, por cobranças de desempenho técnico, pela crescente *esportivização* de aulas práticas, e por poucas referências ou discussões com os estudantes sobre a situação política do país.

A apropriação destas circunstâncias foi diversa. Alguns alunos/as consideraram normal, outros/as, apresentaram uma atitude de aceitação indignada e, em menor escala, uma resistência silenciosa.

As memórias destes professores trazem vestígios de uma ambiência formativa em que a prática esportiva esteve presente sob um discurso plural. O esporte aparece tratado de forma abstrata, como algo “bom” por si só, e com os mais diversos entendimentos: era considerado necessário para promover a saúde, evitando doenças (uma ‘medicina preventiva’); também para a construção de valores humanos de respeito, de honestidade e de cordialidade; e ainda para um prazer pessoal de ser reconhecido pelo trabalho bem feito.

Mergulhados e influenciados por esta ambiência profissional, os/as professores/as aqui trazidos enfrentaram em suas experiências docentes desafios ainda mais diversos, como condições de trabalho, relação com os/as alunos/as, relação com os pares e ambiência política. Em condições precárias de material e de espaço, o exercício profissional aparece cercado de voluntarismo, de criatividade e de improvisações, que impuseram dificuldades para a realização de aulas que estes docentes desejavam (ou foram formados para) ministrar. Encontram-se também os que atuaram em condições de trabalho que consideraram boas, e nas quais observou-se a elaboração de um currículo e a condução de um ensino esportivizado, generificado, com relações hierarquizadas, orientadas por princípios de ordem e disciplina, e por comportamentos de cunho machista. Uma ambiência semelhante à que eles teriam vivenciado no momento de formação profissional.

Ao participar da organização e realização dos JEB's (Jogos Escolares do Brasil), evento promovido pelo DED/MEC, alguns professores incentivaram as iniciativas do governo militar. Outros relatam a divulgação e distribuição entre seus alunos da revista de História em Quadrinhos DEDINHO, publicada por aquele órgão, dizendo que as revistas tiveram uma boa repercussão, em virtude de sua peculiar e sedutora forma de contar histórias.

Alguns professores se fizeram 'técnicos de esportes' na escola, treinando equipes escolares para disputas de torneios internos e externos. As aulas de Educação Física destes docentes foram usadas também como lugar para observar e selecionar os/as alunos/as considerados aptos e em condições de compor equipes, com treinamentos específicos após o turno de aulas. Sua competência profissional era então avaliada pela capacidade de ganhar torneios e/ou de fazer atletas. Iniciativas que tomam a escola como lugar de formar atletas – ou como um “celeiro de atletas”, como ficou conhecido esse movimento (ainda que pareça ter existido mais no plano do discurso que nas práticas).

As circunstâncias que envolviam as aulas de Educação Física (como o grande número de alunos por turma, os diversos interesses, as discrepâncias técnicas), teriam impelido estes professores a serem algo mais que meros 'treinadores esportivos'. Os indícios apontam que o que vem sendo chamado de movimento de *esportivização da Educação Física* nas escolas carece de ser matizado. Um matiz possível é perceber que as aulas de Educação Física não sofreram a mesma colonização esportiva que as equipes escolares. Observa-se que nas aulas existia ainda uma convivência do esporte com outros conteúdos, como a Ginástica; no caso das mulheres, havia ainda iniciativas como o Festival de Dança, que tomava o tempo de quase um semestre. Além disso, no segmento de 1ª a 4ª séries as aulas eram organizadas como recreação infantil. São situações como estas que possibilitam pensar em um movimento no plural, ou seja, em *esportivizações* da Educação Física.

Na trilha de Walter Benjamin (1987), que aponta a experiência humana como única, instigou-se pensar que na aparência do igual existe o diverso. A vivência pode ser igual, mas a experiência é singular (BENJAMIM, 1987). E diversa e única foi a experiência profissional do professor Guido Agenor, em companhia da professora Eustáquia Salvadora de Sousa. Mesmo vivenciando uma mesma ambiência social e política, as memórias deste professor permitem especular que teria existido outra forma de pensar e agir na Educação Física. E, paradoxalmente, essa Educação Física diferenciada teria ocorrido justamente nos “Ginásios Polivalentes”, um projeto educacional do governo militar em parceria com os EUA

(acordos MEC/USAID), que previa, dentre outras coisas, um incentivo maior ao ensino técnico. Entretanto, muito distante do que seus mentores planejaram, nas aulas de Educação Física o professor Guido Agenor teria privilegiado a reivindicação de direitos femininos, a pluralidade de conteúdos, o rompimento de uma tradição da Educação Física de ordem e de disciplina, para então incentivar o “encontro”, a “festa”, como ele mesmo disse. Enfrentando o poderio dos atestados médicos e também a ingerência oficial de fiscalizações do governo militar, que por vezes constrangeu o seu trabalho docente, a experiência profissional do professor Guido revestiu-se de alguma singularidade e astúcia.

Estas memórias permitem pensar que o que tem sido chamado de *escolarização do esporte* também é caso para tratar no plural, ou seja, considerar as possibilidades de variadas *escolarizações do esporte*. Foram distintas as formas com que cada professor apropriou do fenômeno esportivo nas aulas. Mesmo reconhecendo a desproporcionalidade destas formas de apropriação, interessa para a história não apagar a maneira como o professor Guido Agenor fez uso do esporte. Ou seja, como lugar de reivindicação de direitos e como forma de convívio e sociabilidade entre homens e mulheres.

Na temporalidade aqui tratada, as experiências humanas (formação e atuação profissional) destes docentes impõem limites para generalizações. A pluralidade de experiências singulares dificulta esquematizações simplistas. Sinteticamente, pode-se pensar uma dada predominância de práticas esportivas nas aulas, uma hegemonia de uma dada forma de organização das aulas, de uma diferença no currículo masculino em relação ao feminino, e do predomínio da recreação no segmento de 1ª a 4ª série. No entanto, sem esquecer-se da experiência docente do professor Guido Agenor que teria praticado outros modos de receber alunos e alunas, e com eles organizar uma Educação Física com outras características.

Ao observar o conjunto das memórias e contrastando os momentos de formação com o de atuação docente foi possível perceber continuidades e rupturas nas histórias de vida de cada professor. Destaca-se a forte influência que a formação familiar teria exercido na intervenção pedagógica, mesmo depois de ter vivenciado a formação profissional. É possível perceber também possibilidades que a formação profissional ofereceu no sentido de proceder algumas rupturas no desenvolvimento de história de vida, como a participação em Diretório Acadêmico. Novamente, o professor Guido é o caso exemplar. Apesar de vivenciar o esporte em sua adolescência, no momento de sua formação profissional em contato com organizações

políticas, ele teria alterado sua forma de pensar a Educação Física, o que lhe impeliu a agir de forma distinta no seu fazer profissional.

Em outros termos, as reminiscências destes professores indicam que independente das circunstâncias em que a área encontrava-se – se era de afirmação ou não, se estava sob intensa influência de um fenômeno internacional conhecido como esporte, se a formação era precária ou não, se o governo militar inaugurou ou não o movimento de inserção do esporte na escola, etc. – eles agiram pressionados por outras preocupações, como por exemplo, suas representações sociais na família, seus desejos próprios de ganhos profissionais, suas necessidades de sustentação familiar, por vontade de ajudar outras pessoas, pelas condições de trabalhos, dentre outras. Suas aflições eram mais próximas da realidade, mais encarnadas, não diretamente dependentes das questões que envolviam a área em escala nacional e internacional. Para grande maioria destes professores/as, se o fenômeno esportivo lhes oferecia alguma vantagem profissional, isso não parecia incômodo, ao contrário, era sinal de reconhecimento. Participar de iniciativas do DED – um departamento do MEC, sob governo Militar, não teria significado ser a favor desta forma de governar.

Um entendimento que parece possível extrair dos depoimentos é o de que o governo militar não inaugurou nenhum movimento, seja de *esportivização do social*, seja de *escolarização do esporte*, ou ainda, de *esportivização da Educação Física*, como anunciado pretensamente por seus agentes em suas políticas (como identifiquei em pesquisa para o mestrado: PINTO, 2003). Estes movimentos já se encontravam em franca afirmação social, já na primeira metade do séc. XX, senão antes. O regime militar astutamente se aproveitou das circunstâncias para potencializar, intensificar e expandir o fenômeno esportivo. E certamente, fez isso à sua maneira. Em outras palavras, o esporte, já como valor social reconhecido, poderia ser útil aos diversos propósitos do governo militar. No entanto, aí também o diverso: “a política quando chega no professor, não vai ser do jeito deles. Vai ser do jeito do professor”, disse um deles. E o jeito de cada professor/a, revestido de suas experiências humanas singulares e únicas, produziu distintas *esportivizações do social*, diversas *escolarizações do esporte* e, ainda, diversas *esportivizações da Educação Física*.

Em termos de disciplina escolar, as memórias aqui mobilizadas possibilitam compreender que a Educação Física foi uma disciplina que dispôs de certa dose de autonomia pedagógica, uma vez que alguns conteúdos – esportivos ou não – teriam sido experimentados, como a Dança, a Ginástica Acrobática e a Ginástica Rítmica, alguns mesmo antes de serem

transmitidos no curso superior (como foi o caso do Futebol de Salão). Nos depoimentos, os/as alunos/as aparecem como um dos principais entraves de tais experimentações (CHERVEL, 1990). Ou seja, se eles/as se interessassem pelas sugestões pedagógicas oferecidas pelo professorado, grande parte do caminho já teria sido percorrida. Caso contrário, necessitaria de certa imposição/sedução, o que poderia resultar em conflitos, tensões. O fato de a prática esportiva já se encontrar em crescente afirmação social ajuda a compreender porque ela foi, por parte dos discentes, um conteúdo de fácil adesão nos tempos e espaços da escola.

Todavia, não se pode esquecer que esta autonomia teve também seus limites, impostos não apenas pelo alunado, como pelo regime político, e ainda pelas relações profissionais estabelecidas internamente. Parece então que a economia interna desta disciplina teria que passar principalmente pelo crivo de alunos/as, e também pelas relações de poder estabelecidas no interior da instituição escolar.

Esses aspectos reforçam a argumentação que aponta a dificuldade da Educação Física de se afirmar profissionalmente sem a aprovação tácita do *status quo*. Em diálogo com parte da bibliografia crítica dos anos 90 (anunciada na apresentação), principalmente aquela que utilizou-se da história para sustentar seus posicionamentos, observa-se que as matizes necessárias estão sendo apresentadas com o desenrolar das pesquisas históricas na área, que após anos de expansão, apresentam-se enriquecidas por outros aportes teóricos, investigando diversos documentos e conseqüentemente encontrando outros vestígios. Percebe-se que os apontamentos das denominadas teorias críticas, apresentadas principalmente na década de 90, foram baseadas no arcabouço teórico disponível à época, agora mais ampliado. Atribuir historicidade às produções teóricas de cada tempo é de fato imprescindível.

Acredita-se que a narrativa histórica elaborada a partir das fontes orais, aqui construída, contribui para o movimento historiográfico da área, à medida que procurou aproximar-se dos protagonistas para ouvir suas versões, considerar suas experiências (ou a memória delas), procurando compreender as circunstâncias de formação e de ação de professores/as de Educação Física de Belo Horizonte, em meados do século XX. Essa aproximação do que teriam pensado e realizado possibilitou alargar conhecimentos sobre as razões do seu agir pedagógico, as influências culturais e políticas da localidade e também naquela temporalidade. Esse movimento exigiu matizar alguns consensos da área e também estabelecer contrastes, por exemplo, entre as memórias de professores de Educação Física de Belo Horizonte, aqui apresentadas, e as memórias de professores de Curitiba, estudadas por

Marcus Aurélio Taborda de Oliveira (2003). Outros trabalhos com as fontes e temporalidade semelhantes, realizadas em outras cidades, em muito contribuiriam para a constituição de um campo de pesquisa que permitiria estabelecer aproximações e distanciamentos entre as proposições debatidas em cada investigação.

A pesquisa realizada instiga a necessidade de continuar a procura por vozes de outros/as professores/as. Foi difícil optar por não entrevistar, por exemplo, a professora Eustáquia Salvadora de Sousa (pois desde o projeto considerava-se importante sua presença na banca examinadora, por sua condição de pesquisadora e por ter uma experiência de formação e atuação naquela temporalidade. Além disso, há também o entendimento de que a experiência desta professora deve ser objeto de pesquisa exclusiva).

Persiste o desejo e a importância de investigar as memórias de alunos/as sobre as aulas de Educação Física, o que complementaria talvez o ciclo do processo ensino-aprendizagem. Essa é possibilidade para futura investigação.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ALBERTI, Verena. *Ouvir contar: textos em história oral*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2004.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social In: Leach, Edmund et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BELTRAMI, Dalva Marim. *A Educação Física no âmbito da Política Educacional no Brasil pós-64*. 1992. Dissertação (Mestrado em História da Educação) – Programa de Estudos Pós-Graduados em história e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I, Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987a.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II, Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. v 1, p. 222-232.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas escolares: história e pesquisa. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de; RANZI, Serlei Maria Fischer (orgs.). *História das disciplinas escolares no Brasil: contribuições para o debate*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.p.9-38.

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, Ltda. 1979.

BETTI, Mauro. *Educação Física e sociedade*. São Paulo: Movimento,1991.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2002.

BRACHT, Valter. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____, Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução. Vitória: CED-UFES, 1997.

_____, Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz. Ijuí: Unijuí, 1999.

BRITO, Vera Lúcia F. Alves. Regulação do trabalho e da remuneração. In: *I Congresso Ibero-Brasileiro de Política e Administração da Educação*, 2010, Elvas- Portugal. (Série Cadernos ANPAE, n. 9-I CD Rom, 2010.

CAMPOS, Marcos Antonio de Almeida. *Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CARVALHO, Marília Pinto de. Gênero na análise sociológica do trabalho docente: um palco de imagens. In: PEIXOTO, Ana Maria Casasanta; PASSOS, Mauro (Orgs.). *A escola e seus atores: educação e profissão docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005, p.89-114.

CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.

CASTRO, Celso. *In corpore sano – os militares e a introdução da Educação Física no Brasil*. Antropolítica, 1997.

CATANI, Denice Bárbara e BASTOS, Maria Helena Camara (Org.). 1997. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

CHARTIER, Annie-Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, vol.26, n. 2, pp. 157-168, jul/dez. 2000

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Editora Difel, 1988.

_____. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.5, n.11, jan./abril, 1991 p.173-191.

_____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: EUB, 1994.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação*, Porto Alegre, 1990.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Emilia Viotti. Globalização e reforma universitária: a sobrevivência do MEC-Usaid. In: BARBOSA, Raquel Lazzari Leite (org.). *Trajetórias e perspectivas da formação de educadores*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 35 a 42.

DUNNING, Eric. As ligações sociais e a violência no desporto. In: ELIAS, N. & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Trad. de M. M. A. Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 327-354.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Trad. de M. M. A. Silva. Lisboa: DIFEL. (edição original: 1985), 1992. 421p.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, v2,1993.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa: espaço, escola e currículo. In: FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín (Orgs.). *Currículo, Espaço e Subjetividade: arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

DA COSTA, Lamartine. *Diagnóstico de Educação Física-Desportos no Brasil*. DED-MEC, 1971.

DE CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

FAGEN, Richard R. *Política e comunicação*. Universidade de Stanford. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; SOUZA, Rosa Fátima. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana

(org.). *Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*. São Paulo: Mercado das Letras, 2006, p.21-57.

FARIA FILHO, L. M. Os desafios da pesquisa em história: reflexões a partir de uma trajetória pessoal. In: RODRIGUES, M. A. (Org.) *Coletânea IV Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

FARIA JUNIOR, Alfredo Gomes de. *Introdução à Didática de Educação Física*. DEF-MEC, 1969.

FERREIRA BITTENCOURT Jr, Nilton ; BURNIER, Suzana Lanna. Os ginásios polivalentes da década de 70: uma experiência inovadora de educação profissional. In: *Encontro de Estudos e Pesquisas em História, Trabalho e Educação*, 2007, Campinas SP. Grupo de Estudos e Pesquisas "História , Sociedade e Educação no Brasil, 2007.

FERREIRA NETO, Amarílio. *A pedagogia no exército e na escola*. Aracruz: FACHA, 1999.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, Genealogy, History. Bouchard D. F. (ed.). *Language, Counter-Memory, Practice*. New York, Cornell University Press, 1980.

GERMANO, José Wellington. *Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 2000.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

GIROUX, Henry A. e SIMON, Roger. Cultura popular e pedagogia crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, A. Flávio e SILVA, T. Tadeu da (orgs). *Currículo, Cultura e Sociedade*. São Paulo: Cortez, 2002, p.93-124.

GOODSON, Ivor. Tornando-se uma matéria acadêmica: padrões de explicação e evolução. *Teoria e Educação*, n.2, p.230-254. Porto Alegre: 1990.

GOODSON, Ivor. *Currículo: teoria e história*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GÓMEZ, Angel Pérez. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, Antonio (coord.). *Os professores e a sua formação*. Portugal: Dom Quixote, 1995, p.93-114.

GOELLNER, Silvana Vilodre. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher da Revista Educação Physica*. 1999. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

GOELLNER, Silvana Vilodre. O método francês e militarização da educação física na escola brasileira. In: FERRREIRA NETO (Org.). *Pesquisa histórica na educação física brasileira*. Vitória: CEFD/UFES, 1996, p.123-143.

GUIRALDELLI JR., Paulo. *Educação Física progressista*. São Paulo: Loyola, 1988.

HAGEMEYER, Rafael Rosa. Ibiúna, 1968: A Encruzilhada do Movimento Estudantil. História. *Questões e Debates*, Curitiba, v. 13, n. 25, p. 200-218, 1998.

HALBWACHS, Maurice. *La mémoire collective*. Paris, Presses Universitaires de France, 1950.

HÉBRARD, Jean. A escolarização dos saberes elementares na época moderna. *Teoria e Educação*. Porto Alegre: n.2, p.65-110, 1990.

JOUTARD, Philippe. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTYI, Verena. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

JULIA, Dominique. Disciplinas Escolares: objetivos, ensino e apropriação. In: LOPES, Alice Casimiro, MACEDO, Elizabeth (orgs.). *Disciplinas e Integração Curricular: História e Políticas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n.1, p. 9-44. 2001.

KANITZ JR., R. M. *Escola de Educação Física de Minas Gerais (1950-1958): o começo de uma história*. Monografia. Belo Horizonte: UFMG/ EEFETO, 2003, 107p.

KONDER, Leandro. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. São Paulo: Campus, 1988.

KRAMER, Sonia. *Por entre as pedras: arma e sonho na escola*. São Paulo: Ática, 1993.

LAHIRE, Bernard. *Homem Plural: os determinantes da ação*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In MEHY, José Carlos Sebe Bom (org). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996, p.33-47.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LEYDESDORFF, Selma. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Os conteúdos escolares e sua dimensão crítico-social. *Revista da Associação Nacional de Educação*, n.11, 1986, p.5-13.

LIMA, Lenir Miguel de. *Os militares, populismo e suas influências na Educação Física em Goiás*, 1992. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Goiás.

LINHALES, Meily Assbú. *A trajetória política de esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos*. 1996. Tese (Mestrado em Ciências Políticas) – Faculdade de Filosofia e Ciências Políticas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

_____, Meily Assbú. *A escola e o esporte: uma história de práticas culturais*. São Paulo: Cortez, 2009.

LOYOLA, Holanda. *Pequenos Esportes*. São Paulo: Cia. Brasil Editora, s/data.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. *Quando a Lei é a regra: um estudo da legislação da Educação Física escolar brasileira*. Vitória: UFES-CEFED, 1994.

MARCUSE, Herbert. *Eros and civilization: A Philosophical Inquiry into Freud*. Boston, Beacon Press, 1955.

MARIZ DE OLIVEIRA, José Guilmar et al. *Educação Física e o ensino de 1º grau*. São Paulo: EDUSP, 1988.

MATOS, A. T. A. *Escola de Educação Física de Minas Gerais: investigando a formação de professoras para a Educação Física Infantil (1952-1969)*. Monografia. Belo Horizonte:UFMG/EEFFTO, 2003, 107p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. História Oral: um locus disciplinar federativo. In MEHY, José Carlos Sebe Bom (Org). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996, p.48-55.

NEISSER, Ulric e WINOGRAD, E. (eds). *Remembering Reconsidered: Ecological and Traditional Approaches to the Study of Memory*. Cambridge, Cambridge University Press, 1988.

NOVOA, Antônio. A imprensa de educação e de ensino. In: CATANI, Denice Bárbara e BASTOS, Maria Helena Camara (Org). 1997. *Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

NUNES, Clarice & CARVALHO, Marta M.C. de, Historiografia da educação e fontes. *Cadernos Anped*, Porto Alegre: ANPED, n. 5, set. 1993.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. *Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968- 1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

PINTO, Joécio & SILVEIRA, Guilherme. Educação física na perspectiva da Cultura Corporal: uma proposta pedagógica. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, v. 22, n. 3, maio 2001.

PINTO, Joelcio Fernandes. *Representações de Esporte e Educação Física na Ditadura Militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho (1968 a 1974)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PINTO, Joelcio Fernandes; XAVIER, Maria do Carmo. Olhares sobre a prática e o ensino dos Esportes em Minas Gerais (1940 - 1980). In: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior. (Org.). *Histórias e Memórias do Esporte em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011, v. 1, p. 100-120.

SANTOS, Myriam Sepúlveda dos. O Pesadelo da Amnésia Coletiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.23, n.8, p.16-32. 1993

SILVA, Giovanna Camila da. *A partir da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937): movimentos para a escolarização da Educação Física no Estado*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 1999. Belo Horizonte, Autêntica.

SOARES, Carmem Lúcia. *Educação física escolar: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOUSA, E. S. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra. A história do ensino da Educação Física em Belo Horizonte (1897-1994)*. Tese. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1994, 265p.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de, VAGO, Tarcísio Mauro. *Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Cultura, 1997.

SOUZA, Rita de Cássia. *Sujeitos da educação e práticas disciplinares: uma leitura das reformas educacionais mineiras a partir da Revista do Ensino (1925-1930)*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. *Revista Brasileira de Educação*, 2000, n.13, p.5-24.

_____. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2005.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. História oral e contemporaneidade. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. São Paulo, n. 05, junho de 2002.

THOMSON, Alistair. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

VAGO, Tarcisio Mauro. O esporte na escola e o esporte da escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente – Um diálogo com Valter Bracht. *Revista Movimento*, Porto Alegre, n. 5, dez. 1996.

_____. Rumos da educação física escolar: o que foi, o que é, o que poderia ser. In: II ENCONTRO FLUMINENSE DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR. Niterói: UFF, 1997.

_____. *Cultura escolar, cultivo de corpos*: Educação Physica e Gymnastica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906 – 1920). Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VIEIRA, Patrícia Lins. *A produção do saber docente perante as tensões do cotidiano escolar*. Dissertação (Mestrado em Educação). Belo Horizonte: UFMG, 2002.

VINÃO FRAGO, Antonio & ESCOLANO, Agustim. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A. 1998.

VOLDMAN, Danièle. A Invenção do Depoimento Oral. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. 5 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2002.

FONTES CONSULTADAS

CAGIGAL, José Maria. *Hombres y deporte*. Ediciones Taurus, Madrid. 1957.

_____. *Deporte, pedagogía y humanismo*. Comité Olímpico Español, Madrid. 1966.

_____. *Deporte, pulso de nuestro tiempo*. Editora Nacional, colección Cultura y Deporte, Madrid. 1972.

_____. *El deporte en la sociedad actual*. Editora Nacional, Madrid, 1975.

_____. *Deporte y agresión*. Planeta, colección Difusión cultural, número 9, Barcelona. 1976.

_____. *Las Escuelas de Educación Física en el Mundo*. Instituto Nacional de Educación Física, Madrid, 1977.

ANEXOS

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO

Pesquisa: Memórias de professores/as de Educação Física em meados do século XX:
esportivizações da Escola, escolarizações do Esporte.

Pesquisador: Joelcio Fernandes Pinto

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Primeiro momento – Experiências anteriores à entrada no curso de formação

Natural de onde? Tipo de família? Como classificaria sua educação (familiar e educacional)? Como era a escola básica? Como eram as aulas de EF no ensino básico? O que motivou a fazer Educação Física? Quais são suas memórias a respeito da ditadura neste momento?

Segundo Momento – Formação profissional

Instituição em que fez a graduação? Organização do currículo? Como eram os/as professores/as? Quais as Disciplinas que se destacaram? Quais eram as concepções de EF transmitidas por tais professores/as? Que livros (textos) foram indicados para leitura? Quais as memórias do regime militar neste momento? Guardou algum material (caderno de anotações, cópias de textos, etc) deste período?

Terceiro Momento – Exercício profissional

Quais as instituições que você trabalhou? Quais eram as condições de infra estrutura? Para qual faixa etária você ministrou aulas? Quais eram os objetivos das aulas? Quais os materiais utilizados? Qual era a frequência das aulas de EF? Como era a organização básica das aulas? Quais os conteúdos ensinados? Como era a questão disciplinar? Quais eram as metodologias utilizadas? Utilizava algum tipo de avaliação? Como eram as relações com os colegas de disciplina? Como eram as relações com os colegas de outras disciplinas? Como era a questão salarial? Quais os eventos criados e organizados por você e/ou pela equipe? Quais as memórias do regime militar neste momento? Guardou algum material (planos de aula, organização de eventos, etc) deste período?

ANEXO 2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Caro(a) colaborador(a),

O programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais vem, por meio deste, convidá-lo/a à participar da pesquisa intitulada “*Memórias de professores/as de Educação Física em meados do século XX: esportivizações da Escola, escolarizações do Esporte*” de autoria do pesquisador Joelcio Fernandes Pinto, aluno de doutorado desta instituição.

Tal pesquisa tem como objetivo central investigar memórias de professores/as de Educação Física que atuaram em Belo Horizonte, em meados do século XX, sobre formação e intervenção pedagógica. Como metodologia de investigação serão adotados os procedimentos história oral, que consiste, dentre outros, gravar entrevistas formuladas com questões relativas ao tema. Sua participação na pesquisa tem o caráter voluntário e é assegurada sua recusa em participar a qualquer momento da pesquisa, desde que devidamente comunicado ao pesquisador.

A entrevista acontecerá em dia e local que melhor lhe convier, podendo acontecer em sua residência ou em salas desta instituição. Se por ventura a participação nas entrevistas incorrer em algum gasto com transporte e alimentação, o mesmo deverá ser comunicado ao pesquisador que deverá fazer o devido ressarcimento. Os dados construídos por meio das entrevistas só serão divulgados com o seu consentimento, bem como a sua identificação no texto da pesquisa. Caso seja de seu interesse, a entrevista pode ser acompanhada por algum parente próximo.

Este termo tem por finalidade garantir que a sua participação nesta pesquisa transcorra com o maior respeito e dignidade. Assim, fica assegurado o direito a quaisquer esclarecimentos que não foram contemplados neste termo. Para tanto, utilize os contatos abaixo relacionados.

ATENCIOSAMENTE,

PROF. DR. TARCISIO MAURO VAGO - ORIENTADOR

Prof. Ms. Joelcio Fernandes Pinto – Rua Eurita, 288, Santa Tereza, BH, MG. CEP 31010-210–
2526.30.86/8834.21.26

COEP – Av. Antonio Carlos, 6627, Unidade Administrativa II – 2º andar – sala 2005 – Campus
Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP 31270-901. Tel.3409-4592. coep@prpq.ufmg.br

ANEXO 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO - PROGRAMA DE POS-GRADUAÇÃO

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS

SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, _____

_____ domiciliado (a) e residente na cidade de _____ – Minas Gerais, declaro, ceder ao Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à pesquisa “*Memórias de professores/as de Educação Física em meados do século XX: esportivizações da Escola, escolarizações do Esporte*”.

O Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

Belo Horizonte, de de .

Assinatura do depoente

